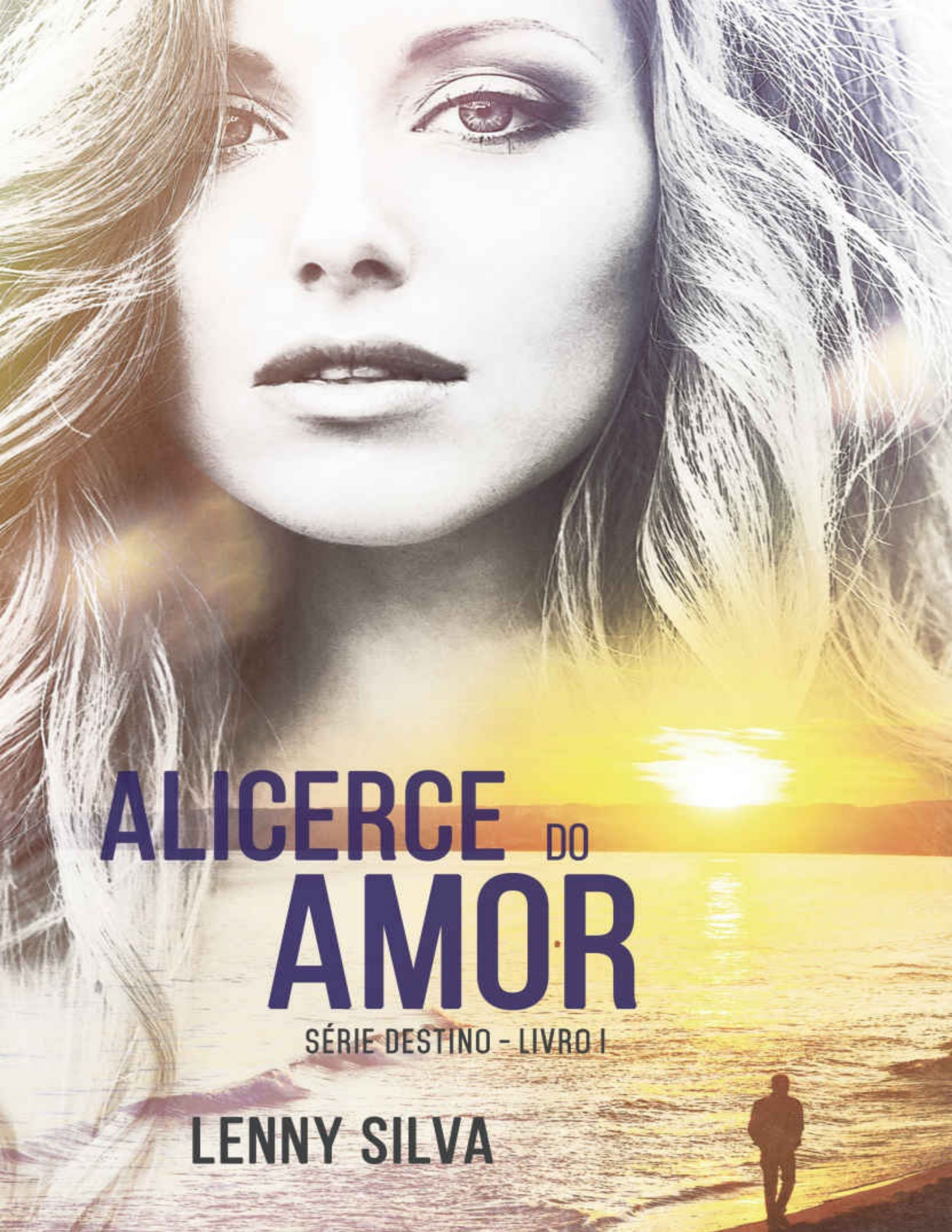




ALICERCE DO AMOR

SÉRIE DESTINO - LIVRO I

LENNY SILVA



ALICERCE DO AMOR

SÉRIE DESTINO - LIVRO I

LENNY SILVA

Copyright © 2015 Lenny Silva

Capa: Dri K.K.

Revisão e Copidesque: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

2ª. edição – 2018

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão do autor e/ou editor.



SUMÁRIO

Agradecimentos

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Epílogo

Bônus

Biografia

Obras



AGRADECIMENTOS

O sonho de uma tarde de domingo foi colocado em palavras. E durante nove meses, Dan, Nelly, a Pequena Luz e os demais personagens habitaram constantemente os meus pensamentos. E eu agradeço por isso, porque eles me fizeram acreditar e também me deram forças para prosseguir até o fim.

Primeiramente, eu agradeço a Deus, que é meu firmamento, meu alicerce.

À minha família. Ao meu querido esposo e meus filhos amados, que sentiam a minha ausência quando me trancava no quarto para colocar meus sentimentos no papel, mas no fim de cada capítulo sorriam e vibravam. *Alicerce do amor* não foi um sonho sonhado sozinho. Tanto a minha família como os meus amigos viveram isso comigo. E isso inclui todos os leitores que o receberam, com todo o seu amor e carinho.

Todos sofreram e choraram com a dor de Nelly, viveram o amor de Dan e sua Preciosa, se arrepiaram com a sensibilidade de Luísa, riram das palhaçadas de Lipe e até mesmo os que inicialmente odiaram o Lucas, depois passaram a amá-lo e a querer o seu bem.

Alicerce era para ser um livro único, mas Dan e Nelly me deram mais esse presente. Junto com Lucas, Samuel e Nathan vieram Enrico, Levi, Felipe e

Carla. E eles estarão presentes em todos esses novos sonhos e terão os seus próprios também.

Ainda tenho muito que agradecer:

À Gisele Souza e à Carla Fernanda. Vocês são incríveis! São amigas, irmãs que o coração escolheu. Sem vocês duas, nada disso teria acontecido. Obrigada por ouvir cada um dos meus delírios e me incentivar dizendo para que tentasse e arriscasse, minhas amigas-irmãs. Amo vocês! Obrigada, Gi, por dar nome ao meu sonho: *Alicerce do Amor*. E obrigada a você, Carlinha, que revisou e trabalhou com enorme carinho cada capítulo com suas mãos de fada.

Deixo meus eternos agradecimentos a quem esteve presente comigo desde o início, quando Dan e Nelly ainda eram apenas um sonho lindo em minha cabeça. Obrigada pelo incentivo, por serem meu suporte, meu porto seguro, por cada palavra de carinho, que me levaram a colocar a insegurança de lado e prosseguir até o momento de colocar o fim na história deles. Vocês que o levaram à realidade e fizeram e ainda fazem parte dela. E sempre serão inesquecíveis em minha vida. Cada um de vocês está gravado no coração.

Obrigada imenso para as minhas betas. Só posso dizer que meu amor por vocês é incondicional. Obrigada por receberem minhas palavras sempre com o coração repleto de carinho. Amo vocês!

E não podia faltar os agradecimentos a quem me fez sorrir e até mesmo chorar com suas demonstrações de carinho e amor, seja *inbox*, em comentários no *Wattpad*, nos grupos, ou no meu perfil: meus queridos leitores.

Citar o nome de todos é um pouco difícil, mas quero que todas as meninas e meninos do grupo *Delírios da Lenny Silva* no *Facebook* e *Preciosas da Lenny* no *WhatsApp*, recebam todo o meu amor, carinho e agradecimento. Vocês são únicos e sou muito agraciada em tê-los fazendo parte dos meus dias.

Alicerce do Amor só me trouxe alegrias. E a maior delas foi o que o meu coração encontrou em meio a tantas palavras que saíram dele. Amigos que seguraram minhas mãos, passando tranquilidade e confiança; que acreditaram em mim e neste sonho; que incluíram em suas orações; que levaram seu carinho por Dan e Nelly até mesmo para seus próprios livros; que dedicaram seu tempo precioso para estar ao meu lado, propagando esse amor incondicional dos dois. Minha enorme gratidão a vocês, amigos autores, amigos leitores, amigos do coração, da alma.

Ter a oportunidade de contar um pouco mais destes personagens foi incrível. Foi como fechar os olhos e deixar o coração transbordar de amor por eles e ver nitidamente o futuro de cada um. Foi maravilhoso, lindo demais.

Bem, eles estão de volta. Para aqueles que os conhecem vão poder matar a saudade. E para os que virão a conhecê-los, eu só desejo que o amor de Emanuelly e Daniel te encante, te faça suspirar, te traga doces emoções e proporcione a vocês uma boa e intensa leitura.

Bem-vindos à Rio Doce. ≡

Eu não sei dizer adeus. Então, que chegue logo novas histórias com seus amores, sorrisos, amizades e sonhos. Espero que Dan e Nelly consigam passar coisas boas para todos. Eles são amor, destino, amizade,

companheirismo, família, fé, perdão e o alicerce um do outro.

Mais uma vez, muito obrigada. Vocês são especiais e essenciais. E tem morada garantida em meu coração.

Beijos carinhosos.

Lenny Silva.



PRÓLOGO

Nelly

ERA UMA VEZ... COMO ODEIO essas palavras! Eu tive uma infância feliz numa família bem estruturada. Bem, pelo menos era o que achava. Até que, um dia, voltando da escola, descobri algo que mudou a minha vida para sempre.

Era um dia especial, porque faria minha primeira apresentação de dança para pais e alunos.

Desde os três anos de idade, eu aprendi a amar a dança. A partir daí, ela passou a fazer parte da minha vida como uma poesia em movimento.

Amanda, minha professora, sempre cobrou minha máxima dedicação a cada dia de ensaio. Por isso, eu me dediquei com afinco àquela coreografia, porque veria o orgulho nos olhos dos meus pais e isso não tinha preço.

Mas não foi bem isso o que aconteceu.

As cadeiras reservadas para a minha mãe e a família de minha professora ficaram vazias durante a minha apresentação.

De todas as formas, meu pai tentou entrar em contato com minha mãe e

não conseguiu. Prestes a começar minha apresentação, ele me disse:

— Nelly, minha preciosa, dance para ela. Onde ela estiver, eu sei que você estará em seus pensamentos.

E foi o que fiz. Fechei os meus olhos, ouvi a melodia e falei com o meu corpo. Eu dancei para minha mãe e para Amanda: minhas inspirações.

No fim, recebi aplausos dos meus amigos, dos pais ali presentes e de professores da escola. Mas o que eu mais queria era estar nos braços de minha mãe e ouvir as palavras doces de minha professora, já que foram elas que me proporcionaram isso.

E não precisei falar uma palavra sequer. Papai abraçou a mim e a Gabriela, minha irmã mais velha, e nos levou para o carro. Eu queria chegar o mais depressa possível em casa e contar todos os detalhes do meu dia quase perfeito para a mamãe.

Porém, foi nesse momento que tudo desmoronou.

Antes de irmos para casa, papai precisava passar em sua empresa para assinar alguns papéis. Ele estacionou em frente ao seu escritório.

Eu adorava aquele lugar. Um dia, ainda iria dirigir uma de suas carretas. Gabi ficou no carro enquanto eu acompanhei papai.

Não era um escritório tão grande. Só tinha cinco ambientes: a recepção onde dona Lídia, sua secretária, trabalhava; e logo atrás havia duas portas que levavam ao escritório de papai e ao de tio Marcos, o seu sócio; e, em seguida,

a um banheiro e à cozinha.

Papai pediu que eu o esperasse na recepção, mas cinco minutos depois, ouvi barulhos vindos da cozinha.

Naquele momento, um sentimento ruim tomou conta de mim. Era como se algo me dissesse para ficar e obedecer às ordens de meu pai de não mexer em nada. Porém, a curiosidade foi mais forte do que eu.

Ao abrir aquela porta, eu me perdi. Enfim, tudo perdeu o sentido. E o meu próprio grito de dor ecoou em minha alma; e continua ecoando, até hoje.

— Nãããoooo. Não e não! É mentira! Por quê? Por que você fez isso?



Não tive como fugir dessa vez. Queria aproveitar que não tinha aula neste dia e visitar meus primos. Eu, Nathan e Lucas estudávamos na mesma faculdade, mas em cursos diferentes, o que nos afastou um pouco.

Amanda, minha mãe, não cansava de dizer que hoje era um dia especial para sua melhor aluna na escola de dança. Sendo filho único, eu chegava a sentir certo ciúme do modo carinhoso como falava dessa menina. Ela sentia um imenso orgulho em ver que sua aluna, de apenas três anos, nunca havia desistido das suas aulas. E seus esforços eram notados a cada ano em que ela

se dedicava à dança.

E hoje, finalmente, eu iria conhecer a agora adolescente que uma vez, a cada semana, colocava um sorriso de orgulho no rosto da minha mãe.

Minha mãe nunca soube, mas cada vez que ela pronunciava o nome de Emanuelly, eu sentia algo diferente. Como se já a conhecesse.

Meus pais estavam felizes. Mamãe pela sua aluna e papai pela sociedade com tio David. O laboratório de análises clínicas dos dois era referência em nossa cidade.

Seguíamos pela BR-101 em direção à escola de Emanuelly. O trânsito estava muito tranquilo para um sábado. E eu nunca imaginaria que aquele ponto vermelho, que ainda estava distante, levaria com ele um pedaço de mim.

Não houve tempo para nada. Eu só senti o forte impacto no carro enquanto ele rodopiava na pista, além do meu corpo sendo lançado para fora.

Sentia uma dor dilacerante. Tentava abrir os meus olhos, mas tudo doía. Minha voz falhava ao tentar chamar por meus pais. Em minha mente, eu gritava por eles, até que ouvi um estrondo tão forte que está marcado na minha alma até hoje.

Consegui abrir meus olhos. E o que vi ainda invade os meus sonhos constantemente. Aquela letra que vi naquele carro nunca será esquecida. Ali, eu perdi o meu mundo. Perdi os meus pais e a mim mesmo.



1

Nelly

OUVI GRITOS, MUITOS GRITOS... **SENTI** uma sensação de estar sufocando, como se estivesse me afogando. Tentei abrir meus olhos, mas era como se eu estivesse sendo levada para o abismo mais profundo. Estava escuro e sentia muito medo. Tentei pedir socorro e não consegui. Não vou conseguir me salvar. Ouvi um grito de dor, estridente, mas, dessa vez, consegui respirar. Dei um pulo em minha cama e percebi que o grito forte que ouvi era o meu. Vi que estava completamente molhada de suor. E, além disso, senti dois braços me abraçando e imediatamente me acalmei, pois reconheci o calor que me envolvia e me senti segura, porque eram os braços de meu pai: o meu porto seguro. Senti seus olhos em mim e ouvi sua voz suave me dizendo:

— Acho que terei que contar novamente aquela história linda que você tanto ama, Nelly. — Senti as lágrimas molharem o meu rosto e encostei-me em seu peito.

— Era uma vez...

— Não pai, sem “Era uma vez”. Você sabe.

Ele passou as mãos calejadas em meu rosto. Porém, com um toque bem

leve, limpou minhas lágrimas e continuou a sua história:

— Ok, Preciosa. Vamos lá. No dia 23 de dezembro de 1990, nasceu o meu presente de Deus. Estávamos esperando a sua chegada para meados de janeiro, mas você chegou para completar a minha vida neste dia. Eu e sua mãe decidimos que não queríamos descobrir o sexo do bebê na ultrassonografia, por isso seguramos a nossa ansiedade. Confesso que ansiava por um menininho. Mas, como muitos dizem por aí, o que viesse seria bem-vindo.

“Estávamos fazendo compras no supermercado e sua mãe parecia cansada. A fila do açougue estava enorme. Eu estava distraído, olhando as peças de carne em exposição no refrigerador, já pensando no que preparar para o Natal, quando senti duas mãos apertarem o meu braço com força. Olhei para o meu lado e vi que sua mãe estava estranha, vermelha. Ela só me olhou e disse: ‘Senti algo diferente. Acho que nosso presente chegará mais cedo’. Ao ouvir isso, eu sorri. Era como se meu mundo estivesse prestes a ficar completo. Olhei para o outro lado e vi que minha mãe estava emocionada. Dona Laura seria avó outra vez. Deixamos sua avó passando as compras no caixa e seguimos para a casa de sua tia, que era próximo do local onde estávamos. Lá, sua mãe se dirigiu ao banheiro. Ao sair, ela me olhou com carinho. E ouvi as palavras que tanto almejava: ‘Vai nascer’. Como sua irmã já estava na casa de sua tia, passamos em casa e pegamos a bolsa de sua mãe, do bebê e as lembranças. Em seguida, fomos direto para a maternidade. Não sei de onde saiu tanta força, minha filha, porque sua mãe entrou em trabalho de parto às 15h, do dia 22; e você só nasceu no dia 23, às 12h45.”

Meu pai deu uma pausa na história, e um sorriso gostoso surgiu em seus lábios. Foi um sorriso com um misto de alegria, saudade e, por fim, dor. Ele

suspirou e retomou a narrativa:

— Preciosa, eu lembrei-me de algo que há muito tempo não me vinha à mente. Sua mãe já estava sentindo dores há quase 20 horas, quando o médico desistiu de um parto normal e pediu para que a enfermeira preparasse Sara para uma cesariana. O médico sorriu e disse que tudo daria certo, e que logo nos encontraria no centro cirúrgico, pois só iria almoçar rapidinho. Olhar para o rosto de Sara naquele instante foi engraçado. Tive que conter o riso e ver minha esposa quase se lançar em cima do doutor e bater nele. Imagina uma mulher com dores de praticamente minuto em minuto e sem comer o dia inteiro?

Nós dois caímos na gargalhada. Ainda em meio a risos, a porta de meu quarto foi aberta. E uma criatura descabelada e linda se aconchegou ao meu lado, me abraçando: Gabriela. Minha irmã, meu refúgio. Então, papai prosseguiu sua história:

— Você sempre teve um ótimo pulmão, Nelly. Ouvir seu choro ao nascer me trouxe o sentimento de finalmente estar realizado. E ao ouvir que era mais uma menina, eu vi o medo nos olhos de sua mãe. Tranquilei-a somente com um olhar e sorriso sem medidas. Ao te receber nos braços e abrir aquele pacotinho rosa, vi uma princesa branquinha, com os lábios vermelhos e que, ao envolver meu dedo indicador com bastante força nas mãos, abriu seus lindos olhos e somente uma palavra saiu de minha boca: “Preciosa”. E levo comigo esta palavra até hoje. Vocês duas são meu mundo! Gabi, você é o meu tesouro; e Nelly, a minha preciosa. Fim da história.

Depois do relato, nós três estávamos aos prantos.

Depois de nos recuperarmos, fomos obrigadas a dormir. Nem parecia que éramos duas mulheres adultas — Gabi tinha 28 anos e eu 23. Ela me pediu para dormir com ela, porque era a nossa última noite juntas. Gabriela e suas loucuras... Há quase cinco anos, ela não morava mais conosco. Amanhã será um dia especial para ela. Seu sonho de uma vida inteira se realizará, porque se casará com Nathan, seu noivo lindo. Gabi sempre dizia que ela era a mulher mais sortuda do mundo por ter encontrado sua metade, ou seja, a pessoa certa. Porém, eu pensava que Nate é que era o sortudo por tê-la. Ela era amiga, companheira, sábia, um pouco ciumenta. Mas eles se completavam. Mesmo não tendo os mesmos sonhos de Gabi, amanhã eu estarei lá e sei que minha maquiadora terá que caprichar, pois vou chorar igual a um recém-nascido.

Abracei Gabi, sentindo que ela estava preocupada, nervosa e tentei lhe passar confiança. Passei as mãos em seus cabelos inúmeras vezes e cantei baixinho em seu ouvido. Logo senti sua respiração suave e percebi que pegou no sono e acabei dormindo junto. Amanhã seria um grande dia.



Senti algo tão delicado tocando meu rosto e um grande sorriso surgiu em meus lábios, pois reconheci de quem vinha esse toque tão gostoso. Abri meus olhos e encontrei a coisa mais doce que tinha na vida: minha pequena luz. Luísa. Minha sobrinha e afilhada amada, fruto do amor sem medida de Gabi e Nate. Peguei-a em meus braços e lhe cobri de beijinhos, ao mesmo tempo que

fazia cócegas em sua barriguinha e arrancava-lhe doces gargalhadas, o que acabou despertando sua mãe, que estava dormindo ao meu lado. Em seguida, Luísa pulou para os braços de Gabi e a abraçou forte, trazendo lágrimas aos meus olhos. Será que um dia terei algo assim? Um amor incondicional? Sequei minhas lágrimas e vi novamente aqueles olhos de um azul tão puro como os de seu pai, olhando-me com cara de quem tinha algo a me dizer.

— Minha pequena luz, o que você quer?

— Tia Nelly, eu estou tão fraquinha, tão molinha. Eu quero chocolate quente e bolinho de chuva com açúcar. Você faz, tia Nelly? Por favor, por favor... Olha como eu estou fraquinha...

Olhei para Gabi, e nós duas não aguentamos. Começamos a rir tão alto, que papai veio correndo ao nosso quarto querendo saber o que estava acontecendo. E acabamos contando para ele a cena que Luísa acabara de protagonizar.

— Gabriela, minha filha, eu já disse, menos novelas mexicanas. Olha no que dá. Minha neta, a rainha do drama! E logo cedo.

Caímos novamente na gargalhada.

— Vou sentir falta disso! — disse Gabi.

— Meu Deus, Gabi! Papai tem razão. Ô, dramalhão mexicano, hein? Você mora ao lado. Afinal, Nate comprou a casa ao lado da nossa. Vocês moram juntos há quase cinco anos.

Ela deu um sorrisinho leve e me tirou da cama.

— Não brigue comigo, Nelly! Hoje é o meu dia especial. Então, tira o seu traseiro desse quarto e vai cozinhar nosso café da manhã, mulher!

— Ok, suas loucas!

Peguei a minha pequena luz nos braços e cheirei seus cabelos. Ela repetiu o meu gesto. Olhei-a nos olhos e disse que vou deixá-la fortinha. Ela fez o que mais amo. Passou o narizinho dela no meu e depois deu um beijinho no mesmo local. Disse-lhe que iria realizar seus desejos. Até mesmo porque, se eu não fizesse, coitada da minha sobrinha! Minha irmã e a cozinha eram inimigas mortais!

Deixei Gabi e Luísa no quarto e saí com papai para iniciar mais um dia com a família que era o meu mundo.



2

Nelly

FUI PARA A COZINHA, QUE ERA um dos meus refúgios. Sempre amei cozinhar. Mas sentia uma pontada no peito, como se as batidas do coração me faltassem ao chegar aqui. Porque, muito do que cozinhei, foi ela quem me ensinou. E, mesmo lembrando-me de muita coisa com pesar, ela ainda parece tão presente em minha vida, porque eu via em seus olhos o orgulho que sentia de passar suas técnicas, suas receitas de família, pois era algo que ela realmente amava. Tratava um simples café da manhã — como esse bolinho de chuva que vou preparar para a minha pequena luz —, como se fosse algo que um dos mais renomados *chefs* do mundo estivesse cozinhando.

Estou me lembrando de Sara, minha mãe. Um nome doce, tão lindo, mas que me abalou profundamente. Ela destruiu meus alicerces. Minha fé na vida e no amor. Ah, o amor...

Ver o amor de Gabi e Nate, e o fruto tão perfeito que foi concebido, levou-me a questionar se um dia terei um pouquinho disto. E se sou merecedora. Será que existia o que tantas pessoas falavam e que também eram mostrados nas histórias que Sara me contava ainda pequena sobre os contos de fadas? Queria para mim também um felizes para sempre.

Devaneando, senti uma lágrima solitária rolar por meu rosto. Recolhi

rápido, pois ouvi passos e um dos sons mais lindos do mundo, porque irradiava felicidade.

Com os ingredientes na bancada, virei-me e vi Nathan com Luísa em um braço enquanto com o outro envolvia a cintura de Gabriela.

Deus foi generoso com minha irmã. Nathan era um homem lindo, alto, loiro, forte, olhos de um azul tão profundo, herança genética que passou lindamente para Luísa. E sem contar que ele foi o meu abrigo seguro quando mais precisei. Nathan me estendeu a mão. E já se passaram oito anos quando conheci o rapaz bonito, que se tornaria meu melhor amigo e meu cunhado.

Foi o meu novo vizinho da frente que me socorreu no momento mais difícil de minha vida. Nathan foi de uma generosidade grandiosa com alguém que nunca tinha visto. Caráter este que foi moldado com muito carinho pelos seus pais, que amo como se fossem meus tios, e é assim que os chamo: tio Davi e tia Ester.

Tio Davi era um excelente médico hematologista, que, ao chegar à nossa cidade, Rio Doce, no interior do Espírito Santo, montou um laboratório de análises clínicas e se dedicou com afinco nesse negócio, nunca deixando de clinicar. Já tia Ester era uma *designer* de interiores, mas se afastou da profissão para se dedicar aos filhos: Nathan e Lucas.

Lucas, o caçula, estava com 28 anos; e Nathan, o primogênito, com 30. Lucas era formado em administração de empresas e também administrava o Laboratório Central Rio Doce, pertencente ao pai. Tio Davi apostou todas as suas fichas em Luísa para seguir seus passos e se tornar uma grande médica, mas sempre deixou explícito seu orgulho pelos filhos. Nate era um excelente

bioquímico. Tinha um amor tão louco e grande por sua profissão, que era impressionante como contagiava todos ao seu redor.

Saí de meus pensamentos e voltei para a cozinha quando fui erguida do chão por um Nate muito feliz, o que me levou também a sorrir, pois sei o quanto ele lutou por este dia.

Nós, as mulheres Silva, éramos complicadas em relação ao amor, porque Nathan esperou por um sim de Gabriela por quase seis anos. Ficou arrasado quando fez inúmeras tentativas, mas Gabi sempre conseguia enrolar o coitado. Até mesmo quando descobriram a gravidez. Ou melhor, ele descobriu, pois ele próprio fez o exame. Nunca vi um homem tão feliz ao ver um positivo em um teste de gravidez.

Naquele dia, o orgulho estava estampado na face de Nate; e ele deu um susto enorme em Gabi, porque ela tinha medo da reação de papai quando ele descobrisse. Porém, papai nos surpreendeu quando derramou lágrimas de alegria e, como se quisesse demonstrar o seu amor incondicional às filhas, em um forte abraço, ele disse: “Eu estarei sempre com vocês, contem sempre comigo para tudo”.

Nunca me esqueci disso e sabia que podia contar com ele para o que precisasse, porque papai estaria sempre ali com seus braços fortes para me amparar.

Com a massa pronta, comecei a fritar os bolinhos e preparei o chocolate quente de Luísa, ou melhor, de todos, pois já estavam reunidos à mesa esperando os bolinhos com açúcar e canela. Tia Rachel também se reuniu a nós. Amava a minha tia com loucura, porque ela era o meu exemplo de mãe.

Tão diferente de Sara, sua própria irmã. Sempre esteve presente em todos os momentos importantes de minha vida. Mesmo não tendo filhos, nos transmitiu um amor maternal sem igual. E posso até estar enganada, mas eu achava que ela nutria vários sentimentos por papai, entre eles: o amor.

Coloquei a travessa com os bolinhos na mesa e servi o chocolate quente a todos, mas não vi a minha pequena Luísa. Nesse momento, fui erguida novamente no ar e reconheci os braços e um cheiro masculino. Lucas me girou e tentou me roubar um beijo, mas consegui desviar a tempo e o beijo foi no meu rosto. Ufa! Ele ainda não entendeu que nosso relacionamento acabou. Ou melhor, nem começou direito. Em seguida, ele sussurrou em meu ouvido:

— Um dia, você será minha, Nelly.

— Nem nos seus sonhos, Luc.

— Ah, baby! Nos meus sonhos, você é minha de todas as formas possíveis e inimagináveis.

— Cale a boca, seu pervertido! Dois anos, Lucas. Você me teve por longos dois anos e acabou.

— Me dê mais uma chance, baby. Dessa vez, eu prometo que não vou fazer merda.

— Homens! Não conseguem aceitar um não como resposta.

— Nelly, você é minha vida.

— Não, Luc. Você pensa isso, mas aquilo ali que é amor de verdade. —
Mostrei para ele Nathan e Gabi sentados à mesa, sorrindo, e abraçados.

— Nós podemos tentar, baby.

— Chega, Luc. Sem mais discussões.

Soltei-me dos seus braços e lhe dei um sorriso, pois não queria problemas no dia especial de Gabi, mas deixei que ele lesse em meus lábios quando disse:

— NÃO!

Ele fez um bico ridículo para um homem tão grande e forte. Lucas também era lindo e loiro como Nate. Porém, ele nunca me fez suspirar, nunca me fez pensar nele todos os segundos dos meus dias, não ficou sob minha pele. Apesar de que nunca senti isso, só vejo em meus romances. E, um dia, quando ouvir essa frase: “Você é minha!”, espero me perder por completo ao me encontrar nos braços deste homem. Não custa sonhar, né? Quem sabe um dia. Enquanto isso, voltarei para os meus belos romances.

Todos saboreavam o desjejum, e a mesa acabou ficando pequena para tanta gente. Tio Davi e tia Ester também se juntaram para o café, mas antes me deram beijos estalados no rosto e abraços apertados. Lucas e Nate levantaram e cederam suas cadeiras aos pais.

De repente, uma princesinha entrou na cozinha com a minha toalha de banho vermelha, enrolada na cabeça. Ela sequestrava minhas toalhas direto.

— Luísa, minha filha, de novo com a toalha da sua tia? Gabi, por favor, explique novamente para ela que seus cabelos irão crescer tão lindos como os da tia — disse Nate com um sorriso divertido.

Peguei minha pequena luz nos braços e alisei a toalha em sua cabeça.

— Tia Nelly, seus *bilelos* são tão, tão lindos. Eu quero meu *bilelo* vermelho *tumen*. Ele é igual o daquela mulher boazinha que me leva balinha na minha escola quase todo dia. Eu gosto dela. Ela parece com você.

Jesus! Perdi as forças dos meus braços e das minhas pernas. Vi de relance que Nate pegou Luísa dos meus braços enquanto eu fui amparada por Lucas. O ar me faltou, pois soube de quem Luísa falou. Só podia ser ela: Sara. Afinal, eu sou a cópia de minha mãe.

Isso não pode estar acontecendo. Ela está se aproximando de minha família. Não, não e NÃO!

Olhei para Gabi e percebi em seu rosto que ela já tinha conhecimento disso. Minha voz saiu fraca. Por isso, só consegui sussurrar:

— Não...

Lucas não sabia o que fazia comigo, só me abraçava e sussurrava palavras de conforto no meu ouvido, pedindo para voltar para ele.

Eu não sou dele. Nunca fui e nunca serei!

Isso me despertou. Saí de seus braços e segui em direção ao meu pai. Sentei em seu colo e pedi que Nate servisse o café de Luísa na sala, pois não

queria que ela visse o que eu sabia que iria acontecer em breve.

Quando Luísa saiu da cozinha, eu desabei e deixei toda a minha dor sair em soluços e lágrimas no colo do meu porto seguro, que nunca deixou de me amparar: meu pai. Seu Rafael. Meu herói.

Papai era um homem grande e forte. Ainda era um caminhoneiro em sua alma, porque isso estava em seu sangue. Porém, atualmente, administrava sua frota de carretas. Nunca discutia com papai sobre sua fixação por somente uma marca de carretas — *Scania*. Parecia até que eu estava o ouvindo falar:

— *Nelly, não existe outra como as Scanias. Ali, eu me sinto o dono do mundo.*

Verdade absoluta. Ele se sentia realizado. Pelo menos, uma vez por mês, ele pegava uma de suas carretas e viajava Nordeste afora. E quando chegava em casa estava renovado para encarar as papeladas e burocracias de sua empresa. Coisa que ele não suportava.

Por isso, eu e Gabi éramos formadas em Administração. Revezávamo-nos entre o negócio de papai — *Silva Cargas*; e a nossa floricultura, a *Floricultura Espaço Verde*, que também era outro refúgio em minha vida.

As minhas paixões são a família, os amigos, as flores, a dança e, por último, a fotografia.

Fotografar me fazia respirar vida, ou seja, através de uma bela paisagem, das lagoas maravilhosas de minha cidade, da praça das gaivotas no centro da cidade, de um casal apaixonado, dos pais com seus filhos, além de muitas

outras cenas cotidianas. Toda vez que estava atrás da lente de minha câmera ficava inspirada, eu me sentia renovada. Sou formada em Fotografia também. Fiz esse curso mais por paixão, porque não exerço a profissão. Porém, mesmo assim amo como tudo que há em mim.

E a dança me levava a outro nível. Entregava-me por completo quando dava as minhas aulas. Nunca me deixei ser guiada. Sempre guiei e ensinei o que aprendi desde pequena. Sara me colocou desde novinha em aulas de dança e Gabi fez aulas de música. O engraçado era que nos encaixávamos perfeitamente no que ela escolheu para nós.

Lembrar-me dela, dói. Eu tinha Sara como uma pedra preciosa. Algo tão lindo que você chegava a querer somente para si.

Por que, Sara? Por quê?

Quando dei por mim estava em meu quarto, em minha cama, aconchegada entre os corpos de papai e Gabi. E, em minha frente, percebi que Nate e Luísa me olhavam preocupados.



3

Daniel

OITO ANOS. FOI O TEMPO que passei longe de minha cidade natal. Fui embora com a esperança de que conseguiria arrancar essa dor que me consome a cada segundo de minha vida. Mas não consegui. Se eu dissesse que não amenizou, estaria mentindo e isso eu não faria. É algo que aprendi com meus pais e com meus tios, que cuidaram de mim com tanto amor, logo após aquele dia trágico que destruiu minha vida, até então perfeita.

Mudei-me para a capital para terminar os meus estudos. Sou publicitário. Mesmo tendo uma herança muito boa, não quis usar o dinheiro dos meus pais. Comecei por baixo e estagiei em várias produtoras enquanto ainda era um universitário. E, em um dos meus últimos estágios, fui chamado para me efetivar e me tornei um funcionário de uma empresa de médio porte, cujos clientes se baseavam principalmente nos negócios locais, entre eles: supermercados, padarias, lojas de roupas e calçados.

Trabalhei por quatro anos nessa empresa e foi ali que conheci o Samuel, meu grande amigo e hoje meu novo sócio. Ele sempre teve de tudo. Seus pais vêm de famílias com situações financeiras excelentes e Sam decidiu dar um novo rumo em sua vida ao sair de seu conforto e encarar um novo negócio comigo. Estamos montando juntos a *Criare Propaganda*, em Rio Doce, o lugar em que passei os dias mais felizes e também os mais tristes de minha

vida.

Samuel viu meu mundo desmoronar novamente quando peguei a minha noiva, Isabel, sendo fodida, isso mesmo, fodida pelo meu sócio Arthur, que era alguém que eu confiava a minha vida. Que loucura! O que um simples esquecimento de um arquivo de uma propaganda para a tevê local lhe revela.

Tinha um jantar marcado com minha noiva nesse dia, junto com alguns amigos, entre eles Samuel. Como era o meu dia de dirigir, não poderia beber nada. Sam me pediu uma carona e eu nunca negaria isso ao meu amigo, porque sabia que quando saíamos, Samuel tomava todas e perdia completamente o juízo.

Meu telefone tocou e era da tevê solicitando o arquivo com a propaganda da loja de calçados para o Dia dos Pais. E eles precisavam com urgência, pois apareceria no intervalo do jornal da manhã.

Corri para não perder o horário do jantar. Saí de meu apartamento e em duas quadras já estava em frente ao prédio do Samuel.

— Vamos nessa, Dan, que hoje eu tô facinho. Pra começar, quero uma loira e quem sabe fecho a noite com uma morena.

O disgramado ainda riu de seu comentário ridículo.

— Ahhh, Sam... Eu quero estar perto, assistindo sua rasteira, no dia em que seu coração for tomado de vez.

Tive que rir do meu próprio comentário, pois até hoje não sabia o que era

isso. Estava noivo e não amava minha mulher, porque simplesmente me conformei e aceitei o que o destino havia me reservado.

Seguimos para a produtora, que ficava no sétimo andar de um belo edifício no centro da capital.

Ao abrir a porta, escutamos alguns gritos. *Jesus!* Gritos de uma mulher enlouquecida gritando para que Arthur a fodesse mais forte.

Minhas pernas ficaram bambas quando ouvi a voz rouca de Arthur gritando o nome dela:

— Isabel. Ahhh... Bell, toma tudo. Só eu que te faço gritar. Que te faço gozar gostoso. Foda-se o idiota do Daniel! O otário é enganado há anos. Goza, Bellzinha, agora. Porraaaaa!

Foi nesse momento que invadi a sala junto com Samuel e vi a cena mais deprimente de minha vida.

Minha noiva estava debruçada sobre a minha mesa de trabalho com o corpo junto ao do meu sócio enquanto os dois transavam enlouquecidos.

Após isso, tudo acabou ali: noivado, amizade, sociedade e minha esperança de ter encontrado a felicidade.

Parece que foi ontem, mas já se passou um ano. E encaro esse fato como um grande livramento.

Nesse exato momento, eu e Sam estávamos atravessando a ponte que levava para a minha cidade. Era um sábado muito lindo e ensolarado, graças

a Deus! Hoje era o casamento do meu primo e meu irmão de alma: Nathan. Enfim, ele conseguiu fazer a turrone da Gabriela aceitar o seu pedido.

Conheci Gabriela em suas viagens para a capital, acompanhando Nate para cursar sua pós-graduação. Ele era um louco que trabalhava com sangue, urina... Enquanto eu não me cansava de querer construir coisas, montar, desmontar, exercitar minha criatividade desde pequeno, Nate se encantava com os mistérios do corpo humano. Safado, também adorava brincar de médico com as menininhas da escola.

Temos a mesma idade, mas com diferença de poucos dias em relação ao nosso nascimento. Acho que isso criou um elo ainda maior entre nós. E hoje, meu companheiro de brincadeiras, de estudos, de farras e da vida, era um pai de família e iria se casar com a sua alma gêmea.

Enfim, usei um pouco da minha herança para iniciar o meu novo negócio e comprar a minha casa. Tia Ester me disse em um de nossos telefonemas que a sua vizinha da frente estava se mudando e que tinha colocado a placa de “Vende-se!” no portão da casa. Senti na hora que ela deveria ser minha. Quem sabe ali, eu me encaixaria. Quem sabe ali, eu seria um pouco feliz.

Assim que a tia Ester me enviou as fotos, eu me encantei. Era uma casa de um perolado perfeito com janelas de madeira, pintadas de branco. Apaixonei-me pelas janelas. Se um dia fosse agraciado com o amor certo, o amor verdadeiro, queria nas tardes de outono — onde as folhas caem das árvores, e aquele vento gostoso toca seu rosto —, poder abraçar o meu amor e contemplar a vida passando do lado de fora de nosso refúgio.

Essa noite ficaria em um hotel, porque deixei tudo aos cuidados da tia

Ester. Seu gosto para decorar a minha nova casa era impecável. Ela queria pagar por tudo, desde uma simples toalha de mesa até o mais fino copo de cristal. Eu disse que não precisava, mas ela era muito insistente e teimosa. Fazia-me lembrar da minha doce mãe e também sua irmã: Amanda.

Não tive argumentos contra minha tia. Ela comprou tudo e decorou, mas soube que teve ajuda da irmã de Gabriela. Eu não a conheço, mas só de ouvir o seu nome sentia algo diferente. Ela se chamava Emanuely. Era um nome que soava doce. Tinha medo do que sentia, ao ouvir tanto o seu nome ultimamente. Era algo forte. Como se ela precisasse realmente de mim.

Esse nome me perseguiu durante muitos anos. E me fazia lembrar o sorriso de alegria nos lábios de minha mãe quando falava o nome da aluna que ela *tanto* amava. Outra Emanuely em minha vida. Esperava que essa, enfim, me trouxesse coisas boas.

Enquanto passávamos pelo centro da cidade, Sam quase se jogou do carro. Ele estava tão louco com a cidade que me arrancava gargalhadas direto. O infeliz imaginava que, por ser uma cidade ao norte da capital, no "interior", não teria nada. Enganou-se, meu amigo! Rio Doce só não era a capital por se localizar muito ao norte do estado, mas era uma cidade grande e completa. E o louco ao meu lado continuava a surtar quando via as casas, os estabelecimentos, as escolas e os hospitais passarem pela janela do carro.

Assim que chegamos ao meu recomeço, estacionei em frente ao meu novo lar. Porém, só tinha uma coisa a dizer:

— Perfeito!

Enquanto descíamos do carro, parecia que tia Ester sentiu a minha presença, porque ela veio aos gritos e lágrimas me recepcionar.

Recebi um abraço gostoso. Não um abraço de tia, sabe? Mas aquele abraço de mãe. Caloroso, cheio de saudade, amor.

E logo todos se aproximaram: tio Davi. Lucas, Nate, Gabi, a pequena Luísa, que conheci ainda bebê, mas que parecia me conhecer profundamente. Seus olhinhos azuis como os do pai pareciam ler a minha alma.

Fui apresentado ao pai de Gabi, seu Rafael, que era um homem bom. E nos identificamos de imediato. Conheci dona Laura, a avó, e também sua tia Rachel, que pareciam ser excelentes pessoas.

Porém, foi nesse exato momento que a vi. Não precisava dizer quem era. Eu sabia. Meu corpo, meu coração, minha mente, minha alma a reconheceram: Emanuelly. Meu ar. Minha vida.

Ela era tão linda, tão pura! Seus cabelos ruivos iluminaram o meu mundo. Jesus! Perdi-me e me encontrei nela.

— MINHA! Minha preciosa! — Sem me conter, disse em voz alta; e Samuel, que estava ao meu lado, não entendia o que estava acontecendo. Não conseguia desviar meus olhos dos dela e vi que ele seguiu a direção do meu olhar. Sam também a viu. Meu Deus, nem fomos apresentados ainda e já sentia um ciúme doentio! Meu amigo deu seu sorrisinho de predador. Não iria aguentar.

— Não, Sam, não. Ela não. — Senti meu rosto aquecer devido ao

sentimento de posse que tomou conta de mim.

— Credooo, Dan! Que é isso? Nunca te vi assim. Nem quando você estava noivo daquele ser intragável.

— Eu não sei explicar, Sam. Não sei... Só sei te dizer que essa pequena preciosa será minha, só minha e de mais ninguém.

Uma lembrança de muitos anos passou por meus pensamentos. Meu pai, o homem mais realizado que conheci, sempre me dizia:

— *Lembre-se, filho: você só será completo quando encontrar o seu encaixe perfeito. Você saberá, você sentirá que será ela. No momento que a olhar pela primeira vez, saberá que são um só, e fará de tudo para tê-la. Não a deixe escapar, Daniel. Não perca o seu tudo.*

Meu Deus! Eu encontrei, pai. Encontrei o meu encaixe perfeito. E ela não me escapará.



4

Nelly

SENTI MINHA PULSAÇÃO VOLTANDO AO normal. Enfim, consegui respirar melhor. Olhei para as pessoas que mais amava no mundo, porque elas sempre me traziam calma e paz.

Odiava quando isso acontecia comigo. Essas vertigens eram terríveis. Foram raras as vezes que desmaiei, mas em todas elas o motivo era Sara. Minha própria mãe me tornava uma pessoa frágil, somente em ouvir uma lembrança dela ou até mesmo o seu nome. E, mais uma vez, papai deve ter me socorrido e me carregado para o meu quarto, porque sempre que ficava nervosa, tinha uma queda de pressão. Tinha que ser Sara. Sempre Sara! Desde que abalou meu mundo, ele nunca mais foi o mesmo. Mas hoje ela não me afetaria. Hoje era o dia de Gabi.

Minha pequena luz pulou do colo de seu pai para o meu. Encarou-me com o olhar mais puro e sincero que um dia já vi. Ela parecia enxergar em mim o que estava praticamente escondido em minha alma.

— Tia Nell, tá pertinho de acabar.

— Acabar o quê, Luísa? E por que está me chamando de Nell? É tia Nelly, meu amor.

Luísa colocou suas mãozinhas delicadas em meu peito, bem em cima de meu coração. *Oh, meu Deus!* O seu toque me arrepiou.

— Ele tá chegando, tia Nell. E vai curar o dodói que tá aqui. Igual papai faz comigo, quando caio e machuco o joelhinho. Vai passar, tia Nell. Ela me disse quando eu *tava* sonhando. Era ele que te chamava assim.

Meu Deus, o que deu nessa menina? Quem é ele? Que bendito sonho foi esse?

Olhei para papai, Nate e Gabi, que pareciam estar mais perdidos que eu. Em seguida, eu recebi um abraço forte e quentinho de Luísa, que disse baixinho no meu ouvido:

— Ele é tão bonito.

Depois disso, foi como se ela se esquecesse de tudo que me disse e voltasse ao seu natural, me pedindo o seu café da manhã que ainda não havia tomado.

Porém, não pude sair do quarto até Nate aferir minha pressão, que já estava normalizada. Ou seja, baixa como sempre para o meu normal: dez por oito.

Nate dizia que eu era a tranquilidade em pessoa. Meu amigo estava totalmente enganado. Ele nunca imaginaria o que existia dentro de mim: a dor que me corrói, o medo, a insegurança. Enfim, um turbilhão de sentimentos.

Após o café, corri para a nossa floricultura. A equipe de decoração do casamento precisava com urgência das flores para decorar a igreja e a festa. Era engraçado. Trabalhávamos com tantos tipos de flores. Das mais singelas às mais extravagantes. E Gabriela foi objetiva em sua escolha. Ela queria rosas vermelhas e lisiantos brancos. Deixou-me à vontade na escolha das folhagens. E para cada mesa havia um copo de leite branco. A sua flor preferida, que também seriam as flores de seu buquê de noiva. Bem, nisso éramos diferentes, pois as tulipas eram donas do meu coração.

Retirei todas as flores do *freezer* e entreguei à equipe. Era uma coisa a menos para me preocupar no dia, antes de ir fazer as compras no supermercado.

Podia até estar enganada, mas achava que Nate iria receber boas notícias em breve. Da última vez que vi Gabi lambendo os lábios, pedindo-me para fazer moqueca capixaba para ela, alguns meses depois Luísa nasceu. Estacionei em frente ao supermercado e corri para pegar um robalo na sessão de peixes, que era uma exigência da noiva.

Será que serei tão surtada assim se um dia eu me casar?

Talvez não, porque acreditava que esse dia nunca chegaria.

Conferi a lista de compras — peixe, tomate, cebola, temperos — e vi que estava tudo ok. Segui para o caixa rápido de dez volumes. Meu tempo hoje era todo cronometrado. Passei minhas compras e, quando estavam sendo embaladas, eu encontrei mais uma inspiração para mim: uma moça tão linda de olhar sofrido, porém, bondoso e sincero.

— A moça está de carro ou será entrega?

Saí do meu devaneio quando ouvi a sua voz suave. Segurei o braço da jovem morena e a levei em um canto afastado.

— Qual o seu nome?

Ela estava assustada, acanhada, mas me respondeu:

— Me chamo Rebeca, senhora. Por quê?

— Rebeca, um lindo nome. Hoje está sendo um dia corrido para mim. É o casamento da minha irmã mais velha e eu sou a madrinha. Além disso, ainda tenho que cozinhar o almoço, ir para o salão. Enfim, o dia está uma loucura. Por favor, eu vou deixar o meu número de telefone com você. Entre em contato comigo. Por favor, Rebeca. Eu quero fotografá-la.

Vi quando ela arregalou os olhos e corou. Ela pegou o cartão e agradeceu:

— Obrigada.

Vi-a voltar à sua função de empacotadora. Rebeca era uma moça tão linda. E sentia que teria um futuro brilhante, por isso eu queria ajudá-la.

Guardei as compras no banco de trás do carro e segui pelas ruas da cidade. Hoje o dia estava muito bonito. Sempre disse que Gabi merecia e teria seu dia perfeito. E dava graças a Deus por isso. Ela esperou muito por isso, mas torturou o pobre do Nate enquanto pôde. Eu a entendia, pois tínhamos o mesmo medo. Porém, Nate demonstrou de inúmeras maneiras que nada e nem ninguém poderia abalar o amor que eles construíram.

Cheguei em casa e encontrei Lucas e Nate observando Luísa brincar no quintal de nossa casa. Luísa tinha uma cozinha no quintal. Minhas colheres, xícaras e pratos eram sequestrados todos os dias por ela para brincar na areia. A mente da minha sobrinha era brilhante. Qual seria o sabor do bolo de areia de hoje?

Saí do carro, retirei minhas compras e dei de cara com um muro. Ao erguer minha cabeça me deparei com um par de olhos azuis. Lucas era grande e forte, assim como o meu cunhado. Um homem impressionante! Tia Ester caprichou em seus dois filhos. Devia olhar para eles e dizer: "Fiz um excelente trabalho".

— Deixe que eu levo para você, minha Nelly.

— Não sou sua, Lucas. Não sou. Mas fique à vontade para carregar as sacolas. Sei que você desfrutará com prazer do que irei cozinhar hoje.

— Não é ainda, Nelly. Mas já percebeu que em minha família ninguém joga pra perder? Nate que o diga! Ele domou a fera, que é a sua irmã.

Tive que sorrir. Nate realmente penou nas mãos de Gabi.

Parei em frente à minha casa e vi que mais dois pares de olhos azuis me encaravam: Nate e Luísa, que estavam brincando de areia. Esse momento tinha que ser registrado. Era perfeito. Ainda bem que sempre carregava uma câmera comigo.

Por trás da lente era notável o imenso amor que unia pai e filha. Eu sei,

porque o olhar de Luísa para Nathan era o mesmo que eu olho para o seu Rafael: admiração, carinho, um amor sem fim.

— Tia Nelly, tô *fazendo bolin* de chocolate com muito leite, de morango e de Coca-Cola.

— Uau, Pequena Luz! Você será uma excelente *chef* de cozinha. Quer ajudar a titia a cozinhar a moqueca para o nosso almoço?

— Sim, sim, sim.

— Então corre para lavar as mãozinhas.

Luísa corria como um foguete para o banheiro lavar as mãos.

— Porra, Nelly! Moqueca capixaba. Você é a dona do meu coração e do meu estômago. Vou deixar essas sacolas na cozinha, correndo. Capriche, mulher! Seu homem está morrendo de fome.

Eu não merecia isso, não!

— Cale a boca, Lucas! Eu não tenho homem nenhum. E já adianto. Sem brigas na cozinha. A ova do peixe é de Nathan. Sem brigas. Por favor, Lucas!

— Veremos, minha linda!



Enquanto Luísa se divertiu picando a alface com suas mãozinhas fofas, eu preparei o peixe, o arroz e nunca poderia faltar o famoso pirão.

Coloquei tudo à mesa, que novamente era pequena para tanta gente. Eu amava isso.

— Devolve a ova do peixe, Lucas, agora!

— Não, Nathan!

— Nelly fez para mim.

— Não, eu peguei primeiro!

— Agora, Lucas! Eu não quero bater no meu irmão mais novo. Um olho roxo no meu casamento não seria legal nas fotos.

— Chegaaaaa, os dois! Entrega agora o prato para o Nathan, Lucas! Ou eu não responderei por mim. Meu Deus! Meus filhos. Um de 30 e um de 28 anos. São dois moleques. Cresçam, meninos!

Ver tia Ester brigar com os dois marmanjos era hilário. Estava tentando conter o riso, mas fracassei. Lucas entregou o prato para o Nathan e se sentou ao meu lado. Dei um beijo no rosto do derrotado. E o disgramado agora se

sentia vitorioso.

Gabriela comia como se sua vida dependesse daquilo. Comia com prazer. Acho que serei tia de novo, realmente. E ela nem se tocou.

Tia Ester soltou o garfo que estava levando à boca em seu prato fazendo um grande barulho.

— Ele chegou, Davi. Esperei tanto por isso. Meu menino está em casa de novo.

Todos se levantaram.

O primo de Nathan e Lucas chegaria hoje. Ajudei tia Ester a decorar a casa, que era ao lado da minha. Fiquei com um pouquinho de inveja desse rapaz que vai morar ali. Era apaixonada por esta casa. As janelas brancas de madeira eram lindas. Debrucei-me várias vezes ali enquanto decorávamos, perdida em pensamentos.

Tia Ester saiu correndo, gritando e chorando o nome do sobrinho: Daniel. Esse nome me dava arrepios, além da sensação de mil borboletas voando no meu estômago.

Fui a última a deixar a casa. Porém, minha pequena luz saiu dos braços de Nathan e correu para mim. Peguei-a em meu colo.

— É ele, tia Nell. A cura do dodói!

Oh, meu Deus!

Senti uma vertigem. Desci Luísa do meu colo e segurei em sua mão enquanto atravessávamos a rua para a casa de tia Ester. E, nesse exato momento, eu o vi. O arrepio e a tontura voltaram. Oh, meu Deus! Mais olhos azuis. Perdi-me e me encontrei nele. Nunca senti isso. É forte. É ele. Luísa estava certa. É ele. O Daniel.



5

Nelly

ESTAVA ME SENTINDO DENTRO DE um filme onde tudo para ao seu redor.

Enquanto eu atravessava a rua no modo automático, não conseguia desviar meus olhos dele. Ele era tão lindo com seus cabelos loiros e a barba cerrada. Que homem! Estava hipnotizada.

Cheguei em frente à casa de tia Ester e um braço forte me agarrou pela cintura e me conduziu em direção a ele.

— Primo, essa você ainda não conhece. É a Emanuelly. Minha Nelly. Em breve, ela será minha mulher.

Senti meu rosto esquentar. Não acreditei que Lucas disse isso, e me soltei bruscamente de seu aperto.

— Lucas, chega! Eu já disse mil vezes. Nunca serei sua! Entenda, por favor.

Ergui minha cabeça. *Caramba, ele é alto!* E percebi que Daniel se divertia com isso e parecia ter apreciado minha resposta.

Oh, meu Deus! Em seguida, ele me estendia sua mão.

— Muito prazer, Nell. Eu me chamo Daniel. E sou primo desse abusado ao seu lado.

Luísa! Senhor, a minha pequena luz estava certa. Perdi novamente as forças nas pernas, e fiquei tonta. Não esperava por isso. Ele veio em meu socorro. Senti suas mãos em meus braços enquanto ele me puxava ao seu encontro, evitando assim que eu caísse. E disse suave no meu ouvido:

— Você está bem, Preciosa? Por favor, Nell, fala comigo.

— Mas que merda, Nelly! De novo? Gabriela que está grávida e você que está tendo vertigens — disse Nate, muito preocupado.

— Você está louco, Nathan! De onde tirou isso? Quem te disse que eu estou grávida? Só pode ter sonhado com isso.

— Ah, baby. Eu tenho certeza absoluta. Sou um puta de um bastardo sortudo. Vou casar com a mulher da minha vida. Sou pai de uma princesa. E, dessa vez, foi certo. Tenho certeza de que fiz um menino. Em breve, Miguel estará chegando para alegrar ainda mais as nossas vidas.

— Quem precisa de socorro agora sou eu, gente. Papai, Nelly, socorro! Ai, Jesus! Como você sabe disso, Nathan? O que você aprontou?

— Baby, lembra-se dos seus exames de rotina que a ginecologista pediu? Pedi a sua primeira urina do dia. E não perdi tempo. Eu sou O cara. Fiz mais um filho na minha mulher. — Ele mostrou o exame positivo com os olhos

brilhando para mim. — Desde ontem que eu estou sabendo, mas queria contar depois que meu anel estivesse em seu dedo.

Enquanto Nate e Gabi nos davam a notícia mais perfeita do dia, eu ainda estava nos braços dele. Eu não queria sair daqui. Sentia-me tão segura. Sentia-me em casa. No lugar certo. Mas me forçava a olhar para ele e dizer que estava bem.

Com muito custo, eu e Daniel nos afastamos. E vi todos loucos com a notícia de que, mais uma vez, nossa família estava crescendo.

Enquanto isso, eu era apresentada ao sócio e amigo de Nathan. Ele era sexy e muito gato. Mas não mexia em nada comigo, porque ele tinha cara de safado. Desses tipos eu queria distância. Já chegava a perseguição do Lucas, que era outro safado. Dizia que me queria, mas não perdia a chance quando passava uma garota bonita e lhe dava uma piscadinha.

Vi que Ester chorava, porque seria avó de novo, enquanto abraçava Nathan e Gabi. Em seguida, eles retornaram para junto de Daniel e o levaram para sua casa. Mesmo os seguindo, eu sentia os olhos dele me queimando, enxergando a minha alma, o meu interior, ou seja, a verdadeira Nelly. Agora eu estava perdida, porque não sabia lidar com isso.

Voltei meus olhos para Gabi, que me encarava com o olhar de quem sabia tudo que aconteceu aqui. Fui ao encontro dela e a abracei.

— Você me fez tia de novo, Gabriela. Você está trazendo mais alegria para a minha vida. Vou mimar muito o Miguel.

— Obrigada, mana. Mas não pense que me escapará, quero saber de tudo. Todos perceberam o que aconteceu aqui. Foi quente! E eu me empolguei. Nathan está lascado hoje! Vou atacar ele com força e colocar a culpa nos hormônios.

Minha irmã era realmente louca e perversa também. Gargalhamos juntas.

— Só tome muito cuidado, Nelly. Lucas também percebeu e eu nunca vi essa reação de ciúmes e raiva no meu cunhado. Cuidado, por favor!

— Não aconteceu nada, Gabriela. Só outra leve queda de pressão. O dia está muito corrido e ainda temos que ir para o salão de beleza.

— Sei, mana, sei. Sua queda de pressão tem nome e uma bunda muito gostosa.

— Coitado do Nathan, você vai acabar com ele hoje. Ah, e eu já desconfiava que você estava grávida. Robalo, né? Lembra? Cinco anos atrás, você teve o mesmo desejo. E *tava* comendo hoje com um olho no próprio prato e o outro na panela, vendo se sobrava moqueca para repetir o prato. Cuidado, Gabi! Vai sair rolando. Vai ficar gorda e sabe que seu marido também é muito gostoso.

Saí correndo e só escutei Gabriela gritando para que eu me escondesse, porque se ela me pegasse, a varinha da goiabeira iria queimar na minha bunda.



Antes de seguirmos para o salão, levei Nate e Gabi na academia para repassarmos a dança dos noivos e dos padrinhos.

Dançando, Gabriela era de uma desenvoltura perfeita. Impressionante como Nate aprendeu todos os passos. Tudo foi muito rápido.

Gabi demorou tanto para escolher uma música, mas em compensação eles me surpreenderam dançando. Tempo perfeito nos passos, além de uma sincronia impecável. Tudo será lindo e também muito sensual.

Liguei meu celular no som da academia e a música começou. Para uma dançarina ouvir uma música assim era contagiante. Era só fechar os olhos e deixar que seu corpo fosse guiado pelo ritmo.

Nate envolveu a cintura de Gabi com suas mãos e iniciou a dança. A troca de olhares entre eles era intensa. Possuíam dois corpos em sintonia perfeita. No meio da música, Nate parou de dançar e Gabriela abaixou a cabeça e riu baixinho.

— Por que parou, Nathan? Eu precisava acertar esse passo com vocês. É nesse momento que seus quadris se encontram e Gabi tem que ter segurança em você para não cair quando for segurá-la em sua nuca e incliná-la.

— Cacete, Nelly! Não dá.

— Por que, Nate? Você fez o mesmo passo comigo essa semana e foi tudo bem.

— Caramba, Nelly, você é minha irmã! Gabi é minha vida. E com ela olhando para mim desse jeito, querendo me devorar... e eu dançando com o zíper da calça quase estourando, não dá. Ela está sexy pra caralho!

Gabriela gargalhou do pobre coitado e saiu correndo para o banheiro.

Também pudera, a coitada da minha irmã quase se molhou de tanto rir.

E eu fiz de tudo para não rir também, o que era quase impossível, mas consegui.

— E por que estou sozinho com vocês aqui? Cadê o meu irmão?

— Eu pedi para que o Lucas não viesse. Realmente, vocês são irmãos! Você tendo com problemas com seu amigo aí embaixo; e o cachorro do Lucas apalpando a minha bunda em todos os ensaios. Estou sem paciência com ele hoje.

— Me ensinou direitinho, o safado. Orgulho do meu irmão.

— Engraçadinho você. Enquanto Gabi não volta do banheiro, você ensaia comigo?

— Nelly ainda não dá, sabe? Tá desconfortável para o meu amigo aqui.

— Nathan, é só você se lembrar da cara do papai quando ameaçou as suas bolas se fizesse a sua filha mais velha sofrer há seis meses, quando você

pediu a Gabi em casamento.

— Mas que porra, Nelly! Isso é brochante! Sinto arrepios até hoje de lembrar isso. Eu nunca a magoaria. Então, minhas bolas estão seguras.

Foi minha vez de rir, agora.

— Essa é a intenção, cunhado. Vamos acertar isso logo e rápido. Sua esposa tem que ficar linda para você, hoje.

— Ela é linda. Só vai ficar melhor do que já é. E ainda me deixar maluco no casamento. Eu estou lascado!

Os olhos de Nathan brilhavam muito ao falar de Gabriela. Neles estava refletido o verdadeiro amor. Todos deveriam viver algo assim, pelo menos uma vez na vida.

Eu gostaria de viver isso. Mesmo sentindo muito medo. Medo de me decepcionar. Medo de nunca encontrar alguém que me completasse, que se tornasse o ar que eu respiro... e a minha razão de viver.



6

Daniel

ESTOU DE VOLTA À MINHA terra e me sentindo vivo novamente, porque os olhos dessa menina-mulher me trouxeram luz. Isso mesmo! Nelly me deu uma vida nova nos poucos minutos em que esteve junto a mim.

Fui praticamente arrastado para dentro da casa de tia Ester. Ouvir dela que finalmente podia dormir tranquila por ter todos os seus bebês em casa chegava a soar engraçado, porque éramos dois homens com trinta anos e um com vinte e oito.

Ao chegar à sua cozinha, deparei-me com um banquete contendo tudo que amava: arroz fresquinho, lasanha à bolonhesa e a maionese que só ela sabia fazer e que nunca contou seu segredo.

Tio Davi nos fazia companhia, enquanto eu e Sam devorávamos com muito gosto todas as delícias que tia Ester preparou. Matei as saudades agora da sobremesa, porque estava saboreando a minha predileta: torta de bombom.

— Hmmmmm... — Eu e Sam gememos em uníssono.

— Tia, tem algo diferente na sobremesa. Ela está perfeita, como minha mãe fazia. Não me leve a mal, tia. As suas sempre foram maravilhosas, mas

essa tem o toque da minha mãe.

Minha tia sorriu.

— Como você descobriu, querido? Dessa vez, não fui eu que preparei.

— Quem foi, tia Ester? — perguntei ansioso por sua resposta. Mas, intimamente, eu já sabia quem era. Fechei os olhos ao provar mais um pedaço. E gemi só de imaginar o que poderia fazer com esse doce e com minha preciosa em minha cama.

— Emanuelly, querido. Foi ela que preparou com suas mãos de fada. Na cozinha, Nelly é uma verdadeira artista, como em tudo o que faz.

Vi um brilho diferente nos olhos de minha tia ao me falar dela. Ela não era boba e percebeu o clima entre nós.

— Sabe, querido, sempre sonhei em ter Nelly como minha nora. Mas vejo que terei uma linda sobrinha ruiva na família. E Dan, não se faça de inocente, porque todos viram vocês dois juntos e era quase palpável o romance no ar.

Minha tia deu um tapinha em meu ombro e só disse ter pena de mim com o seu Rafael. Dei-lhe um sorriso e não respondi nada. Nem eu sabia o que estava acontecendo dentro de mim, porque havia um turbilhão de sentimentos. E, nesse momento, seu Rafael era a minha menor preocupação. Mas que ela seria minha, disso eu não tinha dúvida.

Deixei meus pensamentos de lado e vi que o safado do Sam já ganhou meus tios de vez. Ele deu o seu maldito sorrisinho torto para a minha tia e ela

se derreteu. Não mereço ver isso.

Ouvi uma música e me levantei seguindo o som que me envolvia cada vez mais, fazendo-me recordar novamente da minha mãe. Ela era uma excelente dançarina. E ensinava por prazer.

Cheguei à sala e vi que Luísa estava segurando um tablet e seus olhinhos estavam fixos na tela.

Aproximei-me e o que vi trouxe à tona o ciúme. Lucas e Nelly estavam dançando sensualmente enquanto Nate e Gabi os observavam. *Meu Deus, ela sabe mexer!*

E maldita seja essa roupa que ela estava usando! Parecia que foi costurada no corpo dela. Ela vestia uma blusa preta que moldava sua cintura fina e uma calça jeans que realçava ainda mais o seu bumbum durinho. O que seria de mim quando tivesse essa mulher? Ela já me deixava duro sem ao menos estar perto dela.

O vídeo continuava a rodar e nesse momento senti meus dentes rangendo e meu punho apertando, porque vi o desgraçado do Lucas apalpando a bunda da minha preciosa e se esfregando nela. Mas o que aliviava a minha raiva era ver que ela não estava apreciando nem um pouco a atitude dele.

— A minha dinda é linda, não é, tio Dan? — A voz doce de Luísa me trouxe de volta à realidade.

— O que você perguntou, pequena?

— Eu disse que a minha dinda é linda demais, não é, tio Dan?

— Ela é a perfeição, Luísa. A perfeição! Você me empresta só um minuto o seu tablet, pequena?

— Pode pegar, tio. E assista bastante ao vídeo. Você vai *precisar*. Tia Nelly dança muito.

Assim que me entregou o tablet, ela me observava enquanto eu copiava o arquivo para o meu celular. Só queria descobrir como ela sabia que eu pretendia aprender a coreografia. Essa menina era especial. E ela já intuía que essa dança de hoje seria minha e de sua madrinha.

Devolvi o tablet para Luísa e vi o Lucas entrando na sala, que me olhou carrancudo, mas disfarçou rapidamente.

— Vamos, Pequena Luz. Sua mãe e sua dinda estão te esperando no salão de beleza. Eu vou levar você e a vovó para a tarde de princesas.

Luísa pulou de alegria e segurou nas mãos do tio. Lucas acenou com a cabeça e os dois saíram juntos com tia Ester.

Despedi-me de tio Davi e junto com Sam seguimos para o hotel que reservamos para o fim de semana. Só estaria na casa nova na segunda pela manhã.

Chegando ao hotel, Sam foi direto para a sua suíte e eu para o meu chalé à beira da lagoa. Preferi a tranquilidade de um chalé ao vai e vem de pessoas no hotel. E ainda irei reencontrar meu grande amigo de infância, que fez um

excelente trabalho nas terras de seu pai ao construir esse hotel: Levi. Não o vejo há oito anos e vamos trabalhar juntos. A publicidade do hotel está nas mãos da minha agência. Agora vou passar a tarde assistindo Emanuelly dançando e já prevejo muitos banhos frios até a hora do casamento de Nate.



Sáímos da academia direto para o salão de tia Rachel, que foi fechado esta tarde somente para a nossa família.

Tia Rachel começou sua magia por vovó Laura seguida por tia Ester, Luísa e, por último, começou a trabalhar em Gabi.

Gabriela estava perfeita. Seus longos cabelos cor de mel foram moldados por cima de seu ombro direito com vários cachos. A maquiagem leve em tons de rosa deixou minha irmã como uma princesa dos contos de fadas que leio para a pequena luz.

Mesmo cercada de amor por todos os lados, eu sabia que Gabriela estava sofrendo, porque o seu dia não estava completo. Pois eu achava que toda noiva queria dividir o seu dia especial com sua mãe. E Sara tirou isso de nós. Somos muito amadas. E tia Rachel tentou preencher esse vazio em nossas vidas, por isso ela está tornando esta tarde maravilhosa.

Enquanto titia escovava meus cabelos, eu observava pelo espelho à minha

frente a fotografia tentando registrar o momento em que Gabi colocava seu vestido, sapato e acessórios. Porém, percebi que Gabriela estava travada. Não conseguia se concentrar e as fotos deviam estar saindo horríveis.

— Tia, me dê só um minuto. Volto logo para que você possa terminar de me arrumar.

— Graças a Deus, Nelly! Pensei que só eu estava vendo isso. Vá e converse com Gabriela.

Aproximei-me da fotografia e pedi sua câmera emprestada enquanto explicava que também sou fotógrafa, pois sei o ciúme e cuidado que sentimos de nossas câmeras, e lhe pedi um instante a sós com Gabriela.

Levei Gabi para um quarto decorado no salão de tia Rachel, próprio para fotos de noivas. Tranquei a porta. E foi só o tempo de virar o meu corpo para ela se lançar em mim e me abraçar apertado, chorando e deixando sair toda dor e amargura, além de toda a mágoa por tudo o que Sara nos tirou neste dia.

Ela precisava disto. E sabia que só eu poderia lhe proporcionar isso, pois partilhávamos deste mesmo sentimento.

— Dói, Nelly. Dói demais! Era para ela estar aqui comigo. Conosco. E ela arrancou isso de mim. Por que, Nelly? Por quê?

— Gabriela, hoje é o seu dia perfeito. Você sonhou com isso. Demorou tanto tempo para se decidir e finalmente esse dia chegou. E hoje você foi novamente agraciada, pois será mãe outra vez. E se o coração de pai de Nate estiver certo, Miguel chegará em breve.

Gabriela deu-me um pequeno sorriso.

— Eu gostei do nome. Também sinto que será um menino.

— Eu também amei. Significa enviado por Deus.

Enquanto as lágrimas rolavam pelo rosto de minha irmã, eu continuei:

— Gabi... Somente eu, você e papai sabemos a dor que passamos até hoje. Mas nunca esqueci o que vovó Laura nos ensinou. Os planos de Deus são perfeitos! Tia Rachel nos dá seu amor incondicional. Mesmo não tendo filhos, ela transmitiu todo o seu amor para nós duas. Em meio a todos os nossos problemas houve também alegrias através de Nathan e sua família, a nossa loja, a nossa Pequena Luz. Enfim, hoje é dia de agradecer, Gabriela. Dia de agradecer o amor sem medidas de Nathan, o presente que são seus filhos, papai, vovó, titia, além do fato de você ter a melhor irmã do mundo.

Abraçamo-nos e senti-a relaxar em meus braços.

— Obrigada por tudo, Nelly. Por ser a melhor irmã do mundo. Mesmo sendo a mais nova, você sempre tem as palavras certas para mim.

— Ok. Agora chega! Vou chamar titia para retocar sua maquiagem e vou registrar esse momento. Quero essa foto na sala lá de casa e gostarei de saber que fui eu quem capturei a sua alegria, o seu lindo sorriso. Ah, e eu sei que sou a melhor.

— Você é uma abusada, Nelly! Mimamos você demais.

Abri a porta do quarto e chamei tia Rachel, que envolveu Gabi em um

abraço quente e deu-lhe um beijo leve em sua testa. Assim que ela retocou a maquiagem, eu comecei a sessão de fotos.

Todos participaram. E ficou difícil escolher somente uma foto para a sala lá de casa, pois a foto de Luísa beijando a barriga de Gabriela ficou incrível.

Devolvi a câmera para a fotógrafa e pedi que tirasse uma última foto: minha e de minha irmã. Tomei as mãos de Gabriela nas minhas e nos olhamos nos olhos. Senti uma única lágrima rolar por minha face. Descrever esse momento é simples: amor puro e verdadeiro.



7

Nelly

QUANDO AINDA SONHAVA COM PRÍNCIPES e princesas, finais felizes, amor verdadeiro e alma gêmea... cheguei a sonhar com vestido branco, música, dança, festa e bolo. Porém, tudo foi arrancado de mim de uma forma cruel, que me fechei para o amor.

Eu decidi não viver isso novamente. O medo sempre me consumiu. Meus sonhos estavam enterrados tão profundamente em mim, que estive chocada comigo mesma por me imaginar vivendo um dia como esse que Gabi está vivendo.

Acho que surpreenderia meu pai se ele soubesse que sempre sonhei em chegar à igreja com uma de suas *Scanias*. Imaginei o sorriso e o orgulho que ele sentiria ao me buscar no salão, com um dos caminhões que nos sustentou durante toda a minha vida.

Foi somente um encontro. Porém, eu voltei a sentir e passei acreditar que também poderia ser feliz, amar e ser amada.

Foram os malditos olhos azuis do Daniel que me fizeram sonhar outra vez.

Gabi sempre falava que quando se casasse, queria chegar à igreja com

aqueles carrões chiques e bonitos. Eu, como uma boa e única madrinha, realizei seu sonho e agora estávamos aqui na porta do salão com Gabriela dando gritinhos como se fosse uma criança quando ganhava o seu doce preferido.

Gabi não queria casar-se de branco, por isso optou por um lindo vestido de noiva pérola. Era simples, mas ele deixou minha irmã ainda mais linda.

Minha pequena luz estava radiante com um vestidinho pérola em azul e com uma coroa de flores na cabeça.

Era engraçado ver que a dama de honra seria sua própria filha e que minha irmã entrará no templo para se casar a três. Além de entrar de braços dados com papai, estará levando dentro de si outra herança, outro presente de Deus. Isso só deu mais beleza a este dia especial. Com certeza, sua gravidez só trouxe mais leveza a ela. Isso desviou um pouco seus pensamentos acerca da ausência de Sara.

Eu acompanhei Gabi e Luísa na limusine em direção ao templo. Assim que chegamos, saí do veículo e ajudei as duas a arrumarem os seus vestidos. Gabriela escolheu o meu e disse que queria me ver brilhar de vermelho. Imaginou uma ruiva de vermelho? Com certeza, era bem chamativo!

Nesse momento, os olhos de meu pai estavam cheios de lágrimas, porque sua filha mais velha estava se casando. Ele estava muito orgulhoso disso, mas nunca falou para Nathan. Porém, para mim, dizia que o genro era um bom rapaz e faria sua menina muito feliz.

Nathan já fazia Gabriela muito feliz. Eles moravam juntos há cinco anos,

mas para o papai era agora que Gabi estava realmente saindo de casa.

Meu pai foi criado em um lar evangélico. Hoje, ele estava um pouco afastado, assim como eu e Gabi. Até isso Sara destruiu, o que abalou as nossas certezas e estremeceu a nossa fé.

Hoje, Gabriela estará se casando na pequena igreja que o tio Gabriel, o irmão de papai, era pastor. Ele pediu, ou melhor, exigiu que fosse ele a celebrar essa união. Como ele mesmo disse: “Esta união estava escrita por Deus e ele estaria ali para abençoá-los”.

Depois de entregar Gabi ao papai e endireitar Luísa à sua frente, eu virei meus olhos para a entrada do templo e vi que ali só se encontravam pessoas queridas, familiares e amigos.

Ouvi uma risada alta e minha atenção foi direcionada para este som. Deparei-me com os olhos azuis de Daniel e enrubesci. Mas não deu nem tempo de cumprimentar tanto ele como Samuel, que ainda continuava a rir da cara do amigo, pois fui envolvida na cintura por braços fortes e senti a respiração de Lucas nos meus cabelos.

O seu cheiro me envolveu. Afinal, foram dois anos juntos. Eu tentei, eu juro que realmente tentei amá-lo. Mas ele não era o homem certo, aquele que me tirava o fôlego e cujos pensamentos são somente dele. Sei que eu sou a única culpada por perdê-lo. Eu não consegui ser sua por inteiro. E decidi deixá-lo livre para encontrar alguém que o amasse de verdade, mas até hoje ele não aceitou a minha decisão.

E agora, eu estava aqui de braço dado com o homem que me amava, mas

meu coração e meu corpo ansiavam por outro. Ansiavam por ele, por olhos azuis... por Daniel.

Os convidados foram conduzidos para dentro do templo.

Eu vi que Nathan estava tão lindo no altar e o seu imenso sorriso já dizia o quanto esse dia era perfeito e especial.

Logo em seguida, eu e Luc entrávamos somente ao som de um violino em direção ao altar; porém, no meio do caminho, eu senti minha pele se arrepiando enquanto ouvia sua voz rouca no meu ouvido:

— Baby, eu sou um filho da puta sortudo! Tenho a mulher mais gostosa deste casamento nos meus braços. Você está linda, minha vida!

Oh, meu Deus! Por que ele tinha que ser tão lindo?

— Não diga isso, Lucas! A mulher mais linda da noite é minha irmã. Ela está deslumbrante!

— Oh não, baby. Meu pau diz outra coisa. Apenas sinta! — Lucas segurou minha mão e, discretamente, a guiou para o seu pau.

— Jesus, Luc! Solta minha mão. Eu já te senti. Toma vergonha nessa cara e dê um jeito de abaixar essa coisa. Você está na igreja, caramba!

Rindo muito, ele me respondeu:

— Missão totalmente impossível, baby. Só você tem o poder para isso.

Ele soltou a minha mão e tomamos nosso lugar ao lado do altar.

Eu não o amava, mas mesmo assim Lucas era um homem forte e lindo. O que sentia quando estava com ele era somente segurança, proteção.

Enquanto eu me posicionava à esquerda de Nate e Luc à direita, todos ficaram de pé ao ouvir a marcha nupcial. Eu disse que não iria chorar, mas não consegui. Gabi estava tão linda e feliz que me emocionou. E não estava sozinha nessa, pois papai, tio Davi e tia Ester me acompanhavam nas lágrimas.

Papai entregou o seu tesouro a Nathan e ao abraçá-lo sussurrou algo em seu ouvido. Nate sorriu e assentiu. E logo após colocou o braço de Gabi no seu, dando um leve beijo em sua testa.

Em seguida, tio Gabriel deu início ao culto.

Eu já estava tremendo de tão nervosa, porque estava chegando o momento em que iria cantar a música que Gabi pediu. Seria a sua declaração de amor ao Nate.

Respirei fundo quando ouvi meu nome ser chamado por titio. Ergui minha cabeça e dei alguns passos à frente quando recebi o microfone em minhas mãos.

Encontrei o olhar de Gabi e Nate enquanto ouvia as primeiras notas de *Que bom que você chegou*, de Bruna Karla. E, em seguida, me entreguei por inteiro, cantando este louvor.

Enquanto ouvia a parte instrumental, vi que Nate abraçou Gabi. O amor deles era tão puro e sincero. Por isso eu os amava tanto! Era difícil voltar a cantar devido às lágrimas que rolavam pela minha face. Fechei meus olhos e só me deixei levar transmitindo todos os meus sentimentos através dessa letra, que era tão profunda, e que mostrava o quanto Gabi se sentia amada.

Quando abri meus olhos, eu o procurei e quando o encontrei comecei a cantar para ele. E orei a Deus para que Daniel fosse aquele que arrancaria essa dor que me consumia diariamente e me amasse incondicionalmente.



Era um casamento pequeno, mas do jeito que Nathan me disse e como a sua amada Gabriela pediu. Apenas com a presença de familiares, amigos mais próximos e funcionários do meu tio, do pai de Gabriela e da floricultura das meninas. Mas tudo era de muito bom gosto e agradável. Não sei o porquê, mas percebi a delicadeza de Emanuelly em cada detalhe deste casamento, mesmo tendo a conhecido há poucas horas.

— Porra, Dan! Olha a bundinha daquela delícia de vermelho. Pecado puro! Oh, meu Deus! Gostosa pra caramba!

Segui na direção que o tarado do Samuel me indicou. E foi como se nós sentíssemos a presença um do outro. E vi a coisa mais linda que um dia meus olhos puderam enxergar: era ela. A minha menina. Minha preciosa.

Eu odiei o que estava sentindo. Parecia um louco obsessivo. Mas não tinha como segurar.

— Sam, se você tem amor aos dentes que carrega dentro de sua boca, nunca mais repita isso! Esqueço que você é meu amigo e te dou uma noite no hospital e semanas no dentista para acertar esses seus dentes brancos.

O safado riu. E riu muito alto, o que acabou chamando a atenção de todos ao nosso redor e da minha menina também. Ela estava ficando corada e tão vermelhinha como seus cabelos e seu belo vestido.

Vi a minha preciosa entregar o buquê de Gabi para a sua tia Rachel e se dirigir um pouco à frente e segurar um microfone em suas mãos. Ela inspirou profundamente e soltou o ar. Ninguém precisou me dizer que estava muito tensa. Eu sentia.

Assim que fez um leve sinal com sua cabeça, uma melodia perfeita começou a soar dentro do templo. E o som mais suave, doce e angelical que um dia sequer sonhei ouvir, invadiu a minha alma.

Nelly estava cantando.

Vários sentimentos me envolviam nesse momento. Fechei meus olhos e somente ouvi a minha menina cantar.

Sentia meu coração pulsar tão forte, que chegava a doer. Se fosse só isso a pulsar, seria ótimo, mas vi que teria sérios problemas quando tentasse me levantar desse banco com essa barraca armada entre as pernas.

— Porra!

— Que isso, Dan? Respeito, porque você está na casa de Deus!

— Sam, eu não sei se ela é um anjo ou uma feiticeira. Ela me enlouquece! Você não iria querer saber o que se passa por minha mente nesse exato momento. Tudo que eu queria fazer com ela. Jesus, isso é muito louco!

Sem perceber, me toquei de leve. E me senti duro como uma rocha.

— Ahhh, para com essa merda, Daniel! Eu não mereço ver isso. Tira a mão dessa coisa. Que nojo! Respeito, Dan, respeito! Já te disse onde estamos.

— Ok, seu bastardo, parei! E você, pare de olhar para o meu pau. Isso, sim, é estranho.

O filho da mãe do Samuel me tirou dos devaneios nada decentes. Percebi que ele ainda estava fazendo uma cara horrorosa, enquanto se contorcia com nojo. Com isso acabei rindo e saí dessa situação incômoda.

Será que iria ser sempre assim? Era só ela respirar, que eu já a queria para mim, só para mim! Tudo estava acontecendo tão rápido.

Ela continuava a cantar tão lindo enquanto as lágrimas desciam de seus olhos cor de mel. Ela cantava com seu amor transbordando por Gabi e Nathan. E quando estava no final da canção, ela me procurou. Nossos olhares se encontraram e senti de novo. Minha alma conhecia a dela, assim como a dela conhecia a minha. Éramos um encaixe perfeito.

Esta era a parte que odiava, porque a via perto de meu primo Lucas.

Precisava me controlar para não dar nenhum vexame aqui. Mas, em breve, deixaria bem claro para o Lucas a quem Emanuelly pertencia: só a mim!



8

Nelly

LOGO APÓS CANTAR A MÚSICA de Gabi e Nate, eu retornei para o meu lugar ao lado de Luc.

Tio Gabriel tomou a palavra e disse que era chegada a hora da troca de alianças. Uma linda melodia instrumental se iniciou e minha pequena luz entrou no templo carregando em suas mãos uma almofada azul com pérola contendo as alianças de seus pais.

Hoje pela manhã, Nathan me mostrou as alianças. As duas eram grossas, em ouro amarelo, e na parte interna estavam gravados os seus nomes e a data de hoje. Na aliança de Gabi tinha cravejado duas pedrinhas de brilhantes, além de um espaço para serem colocadas mais pedras. Agora eu entendia o significado delas. Seus dois tesouros: seus filhos amados.

Os dois recitaram os votos tradicionais de casamento guiados por tio Gabriel. Minha irmã estava emocionada, tentando ao máximo conter suas lágrimas. Mas quando Nate pediu o microfone e abriu, mais uma vez, seu coração a mulher amada, Gabi se entregou à emoção.

— Minha princesa Gabriela, há oito anos meus pais nos avisaram que estaríamos mudando de bairro. Foi um ano de dor, de sofrimento e de perdas.

Mas, ao chegar ao nosso novo lar, eu encontrei uma pequena ruivinha linda, sentada na calçada em frente à minha nova casa e me identifiquei no mesmo instante com ela. Podia ver nela o mesmo que estava sentindo. E hoje ela é a irmã que nunca tive. E ela me apresentou a luz da minha vida.

Eu nunca esquecerei este dia. A família de Nathan chegou no momento que pensei não ter mais sentido em existir. Mas, mesmo em meio ao seu próprio inferno, eles nunca me faltaram. E Nate e Luc se tornaram mais do que amigos. Tornaram-se parte de mim.

— Obrigado, Nelly. Mesmo em meio ao desespero que estava passando naquele momento, você me apresentou à minha vida. Minha Gabriela, eu encontrei o meu grande e verdadeiro amor que veio, enfim, sarar as minhas dores e curar as minhas feridas, aquecer a minha alma e trazer conforto ao meu coração. Não há como expressar em mais palavras, Gabi, um amor tão lindo, puro e sincero como o nosso. Eu te amo. Para todo o sempre.

Gabi inspirou e disse quase em um sussurro:

— Eu te amo, meu Nate. Para todo o sempre.

Titio pegou as alianças das mãos de Luísa e pediu ao casal que se ajoelhasse e fez uma oração abençoando as alianças e os noivos e logo após os apresentou a todos como casados.

Ao som de *Que bom que você chegou*, os noivos saíram do templo seguidos por Luísa, papai e tia Rachel, Davi e Ester, por mim e Lucas.

Tio Gabriel dispensou toda a congregação dizendo que os noivos

receberiam os cumprimentos no local da festa.



Assim que chegamos ao cerimonial, o local estava do jeito que pedi a equipe, que o ornamentou: simples e acolhedor.

Uma banda já estava posicionada do lado esquerdo do salão. E a pedido de Gabriela só seriam tocadas músicas instrumentais no início da festa. Ela não queria que nada atrapalhasse a interação dos convidados.

Os doces nunca poderiam faltar, porque eu, Gabi e Luísa éramos loucas por eles. Na entrada da festa havia três grandes mesas de docinhos, entre eles: bem-casados, trufas e o grande bolo de casamento.

Dentro do salão havia uma mesa de frios, outra de doces caseiros e mais uma que papai não abriu mão, que era o cantinho da roça, com direito a um porco inteiro assado, torresmo, linguiça e muitas outras coisas.

Os convidados se espalharam pelo salão, mas tínhamos nossa mesa reservada — a mesa dos familiares: tio Davi e tia Ester se acomodaram ali juntamente com vovó, papai, tia Rachel e tio Gabriel. Lucas se manteve ao meu lado a cada instante como um grande cão de guarda.

Sentia-me sufocada por Lucas e me levantei para tomar um pouco de ar do lado de fora do salão. Porém, ao me virar, dei de cara com uma parede de

músculos e levei minhas mãos de encontro a ela para evitar um tombo. Santo Cristo! O toque dele era quente em meu braço e na minha cintura. Tão pouco tempo e já o reconhecia. Meu corpo reagiu a Daniel em segundos. Eu o queria e isso me apavorava, pois, no fundo, sabia que não seria só sexo. Seria intenso, ardente e profundo. E eu não estava preparada para isso. Eu era uma mulher quebrada demais para viver algo como o amor.

Senti a cadeira ao meu lado ranger no chão e me senti puxada dos braços de Daniel.

— Dan, mantenha o máximo de distância possível da minha mulher! — disse Lucas destilando raiva em suas palavras.

Eu girei em seus braços e disse pausadamente:

— Me. Solta. Agora. Eu não sou de ninguém há um bom tempo. E você é a última pessoa que poderia dizer isso. Eu te dei dois anos de minha vida e recebi um belo e famoso par de chifres. Chefe e secretária. Ridículo, Lucas!

— Nelly, baby, não fale assim. E os nossos encontros depois disso, princesa? Foram excepcionais! — O safado disse isso com um sorriso vitorioso nos lábios. Essas palavras eram para irritar o seu primo. Lucas não me enganava.

— Sexo, Luc. Você simplesmente me fodeu. Foda sem sentido e sem amor. E eu cansei disso. Deixe-me sozinha. Só se aproxime na nossa dança com Gabi e Nate. Eu vou sair agora e não me siga.

Dei dois passos e, mais uma vez, o toque quente envolveu meu braço. Eu

nem precisei olhar para trás. Daniel se aproximou, mas me desvencilhei de sua mão.

— Fica, Preciosa. Esse dia também é especial para você. Fica.

— Agora não, Daniel. Não dá. Eu preciso ficar só por alguns minutos. Eu estou confusa demais. Eu volto logo.

Mesmo a contragosto, ele me deixou ir. E em silêncio, eu agradeci a sua compreensão, porque de impulsivo já bastava Luc.



Segui para fora do cerimonial. O jardim estava tão lindo e calmo. Minha mente de fotógrafa já estava a mil, pensando em diversas fotos para Nate e Gabi nesse lugar inspirador.

Encontrei um banquinho no centro deste jardim. Respirar o perfume das flores sempre me trouxe paz. E era disso que precisava neste momento. Havia tantas coisas invadindo meus pensamentos: os preparativos do casamento, Luc, Sara e agora Daniel. Só de estar perto dele foi incrível. O seu toque me dominou por inteiro. Eu imagino como serão os seus beijos, as suas carícias. Era tudo tão perturbador. Minha vida estava dando diversos giros em um só dia. Precisava extravasar, tirar todo esse nervoso e *stress* do meu sistema. E não existia nada melhor do que dançar. Por isso, levantei-me, respirei fundo, endireitei a coluna, ergui a cabeça e senti uma leve brisa tocar a minha pele.

Não sei por que, mas senti que minha vida ia mudar de vez a partir de agora.

Quando entrei no salão, a festa já estava em andamento. Os noivos circulavam entre os convidados recebendo os cumprimentos, as comidas e bebidas estavam sendo repostas em todas as mesas enquanto a música tocava deixando o ambiente muito aconchegante. Era gratificante ver que tudo que Gabi sonhou estava acontecendo com tamanha perfeição.

Na mesa dos familiares, a alegria reinava entre os convidados. Mas percebi que meu pai estava inquieto. Mesmo com este olhar de preocupação, ele era tão lindo e forte. Orava a Deus para que ele encontrasse novamente a felicidade, mesmo me dizendo praticamente todos os dias que já era feliz. Vi ele se levantar e seguir em minha direção.

— Emanuelly, o que está acontecendo?

— Pai, nome completo, não! Parece que está brigando comigo.

— Você fugiu da festa, minha filha, e não sei para que serve esses benditos celulares, sendo que você e sua irmã nunca atendem. Isso é irritante!

Sorrindo, envolvi meu pai em um abraço apertado, e ele me correspondeu na mesma intensidade.

— Nada, pai. Só precisava de ar puro.

— Minha bebê, você nunca me engana. Eu sei que seus pensamentos e sentimentos estão uma tremenda confusão. Mas se dê uma oportunidade, Nelly. Se permita ser feliz. Ao menos tente esquecer tudo que aconteceu no

passado, e entenda que existe o amor, que existe a paixão. Se permita viver, minha menina. E quando isso acontecer só me conte o nome do felizardo, mesmo que eu já imagine quem será, conte os outros detalhes para a sua irmã. Meu pobre coração não merece saber dessas coisas.

Uma lágrima rolou por minha face.

— Ok, papai.

Ele depositou um beijo na minha testa, enxugou meu rosto e me deu sua mão para retornarmos à nossa mesa. Sua mão já estava suando porque a dança de pai e filha já estava se aproximando.

Luc puxou a cadeira para mim. Sentei-me entre ele e Daniel. Nada poderia ser mais constrangedor que isso.

— Você está bem, Preciosa?

Mas que merda! Ele tinha que ter essa voz rouca e sexy que invade e toma o meu corpo todinho?

— Eu estou bem, Daniel. Nesse momento, só estou preocupada com a dança do meu pai com Gabriela, a dos noivos e dos padrinhos.

— Não se preocupe, Emanuelly. Tudo dará certo.

Ele sorriu e piscou para Luísa, como se estivessem cientes de alguma coisa que eu não sabia. Oh, meu Deus! Ele é tão lindo e até já encantou a minha pequena luz.

Os noivos se aproximaram de nossa mesa.

— Nelly, meus pés estão querendo inchar. Eu estou com muita fome. Aquela fotógrafa está me irritando. E eu quero tirar esse vestido.

— Nelly, vamos para a dança de Gabi com o pai e a dança dos noivos, por favor? Uma Gabriela em seu estado normal já é explosiva, agora imagina desse jeito! — pediu Nathan.

Gabriela lançou um olhar mortal para Nathan.

— Repita, Nathan. Ou melhor, não repita. Caso contrário, o sofá da sala te espera, seu infeliz!

— Eu disse... Explosiva. E toda minha!

— Certo. Sem brigas. Vocês acabaram de se casar e eu não quero ver minha sobrinha traumatizada com as suas loucuras.

Assim que anunciei a valsa dos pais com os filhos, papai embalou Gabriela em seus braços e iniciou a valsa. Tia Ester fez o mesmo com Nathan. Era um momento lindo, que eu não me contive e pedi a câmera da fotógrafa emprestada novamente. Gabriela viu e acenou com a cabeça em aprovação. E eu consegui capturar esse momento mágico em que pais orgulhosos dos filhos que criaram, dançavam e mostravam para todos a felicidade que estavam sentindo.

Logo depois houve uma troca de casais: papai dançava com tia Ester, tio Davi com Gabi e tia Rachel com Nate. Esse foi um gesto lindo de Gabriela

para com a titia, que dedicou cada segundo de sua vida a nós duas.

Quase no final da música veio a última troca de pares e os noivos se encontraram. A foto ficou perfeita e ia para os meus arquivos. Um dia farei uma exposição com as fotos da minha vida.

Tio Davi e tia Ester, papai e tia Rachel continuavam a dançar. Pelas lentes da câmera, eu consegui enxergar coisas que nem todos podiam ver. E o que vi encheu o meu peito de alegria. Meu pai olhava minha tia com intensidade e ela retribuiu com o mesmo sentimento. Havia tantas palavras ditas em apenas uma troca de olhares. Eu esperava que meu pai seguisse o seu próprio conselho e se desse uma chance.

Lucas se aproximou. Já estava pronto para a nossa dança. Tive que reconhecer: dançando, eu e Luc tínhamos uma incrível sintonia. Porém, senti meu vestido sendo puxado. Olhei para baixo e vi minha pequena luz muito triste.

— Tia Nelly, eu estou com muita fominha. Eu quero *minguiça*.

— Minha linda... você quer linguiça agora?

— Eu quero *minguiça*, tia Nelly. *Minguiça*.

— Ok, minha princesa, você terá a sua *minguiça* para jantar.

E agora? Olhei para o Luc sem saber o que fazer. Estava quase na hora da nossa apresentação.

— Baby, sobe e anuncie a dança que vou procurar alguém para

providenciar a *minguiça* para a Luísa.

Ele piscou para mim e quando estava saindo, eu disse:

— Não demore, Luc. Não podemos decepcionar a Gabi logo agora.

Subi no palco e anunciei a dança dos noivos e dos padrinhos.

— Boa noite novamente. Teremos mais um momento especial nesta noite. A dança dos noivos. Eles ensaiaram bastante e Nathan conseguiu não acabar com os pés da minha irmã durante os ensaios.

Quando disse isso, todos caíram na gargalhada. E Nathan parecia uma criança me mostrando a língua. Ele era um menino grande.

— Brincadeiras à parte. Apreciem. A dança dos noivos e padrinhos com a música *Mágico*.

Enquanto a música rolava, Lucas ainda não tinha voltado e Gabriela estava ficando nervosa. Mesmo tendo ensaiado bastante, eles se baseavam em Luc e em mim em certos passos da dança.

Não havia outro jeito. Pedi calma a Gabriela e me aproximei da pista de dança. Fechei meus olhos e só ouvi as batidas da música quente e sexy. E deixei ela me envolver. Meu corpo começou a se mexer na coreografia que tanto ensaiamos.

“... *Tudo é natural*
Tudo é suavi

Tudo é mágico
Tudo é natural
Tudo é suavi
Tudo é mágico... ”

Inesperadamente, senti duas mãos envolverem minha cintura. E me aproximei de seu corpo. Senti um arrepio como pequenos choques elétricos. Não precisei abrir meus olhos para saber quem era. Daniel já era o dono... e o mestre do meu corpo.

Dei o primeiro passo para comandar a dança. E ele me parou. Aproximou-se do meu ouvido e inspirou o cheiro dos meus cabelos. Em seguida, somente uma palavra que saiu dos seus lábios, me manteve sob seu comando por completo.

— MINHA!

Pela primeira vez em minha vida, deixei-me ser guiada.

Levei meus braços ao seu pescoço. Nossos quadris se moviam em uma sintonia perfeita enquanto estava sensível ao toque de suas mãos em minhas costas nuas, que me deixava arrepiada. Minha boca se abriu como se estivesse em busca de ar e seus olhos focaram em meus lábios. Não enxerguei mais ninguém ao meu redor. Éramos somente nós dois. Daniel me apertou ainda mais em seus braços. Uma de suas pernas se encaixou entre as minhas e pude sentir o quanto ele também me queria. Era isso. Eu o queria para mim.

Ele me guiava com maestria. Meu Deus... ele sabia se mexer, ele sabia dançar. Uma de suas mãos ia para a minha nuca enquanto a outra se manteve em minhas costas. Ele me inclinou em um passo de dança. Meu mundo parou novamente enquanto seus olhos azuis enxergaram a minha alma. Ele sabia que eu o queria. Ele sabia que isso era tão certo e que nós éramos destinados um para o outro.

Fechei meus olhos novamente e entreguei tudo de mim nesse finalzinho de dança. Nem percebi o final da música. Só voltei à Terra ao ouvir a voz que já estava gravada na minha alma.

— Abra os olhos, Preciosa. Olhe para mim. Eu preciso ver você.

Ouvi muitos aplausos e assobios. Abri meus olhos no susto e vi que quem deu um show fomos eu e Daniel. Olhei ao redor e vi todos boquiabertos. Papai, Nathan e Lucas não escondiam o quanto estavam abalados.

Afastei-me de Daniel quando um furacão veio para cima de mim: minha irmã.

— Mana, isso foi quente! Isso foi sensual pra cacete! Merda! Eu sou uma grávida com hormônios em ebulição e você me presenteia com isso. Só vou jogar o buquê e estou fugindo com o lindo do meu esposo. Isso acendeu o inferno em mim e em Nathan. Ele está duro igual os ferros que papai carrega nas carretas. Jesuuuuus...

Oh, meu Deus! Eu tinha que sair daqui. Odiava ser o centro das atenções.

Olhei novamente ao redor e vi algo que destruiu a minha noite tão linda.

Ela estava orgulhosa. Orgulhosa de mim. Eu podia sentir isso. Ela viu o que tanto quis quando éramos pequenas. Eu aprendi e aperfeiçoei, e levei comigo até hoje: a dança era um pedaço de mim.

Nojo foi o que senti ao olhar para ela. Gabriela sabia que ela estaria aqui. Sua fisionomia a entregou, porque nós não conseguíamos mentir uma para outra.

— Não fuja, Nelly! Você não sabe de nada. Eu tentei te preservar. Mas ela precisa da gente. Ela precisa de você, Nelly!

Eu não conseguia permanecer no mesmo ambiente que Sara. Por isso, para não fazer nenhum escândalo, me retirei lentamente. Porém, antes de prosseguir, sussurrei um “me desculpe” para o Daniel na pista de dança.

Só tive tempo de pegar minha bolsa e fugir, porém, dessa vez, sem lágrimas. Mas a dor que dilacerava a minha alma era profunda. Machucava demais. Eu precisava do meu refúgio. Eu precisava dele... do meu amigo: Levi.



9

Daniel

MALDITO LUCAS! POR CULPA DELE, ela se afastou.

Aproximei-me dele com cautela para não fazer escândalo no casamento de Nate. Minha voz estava baixa, grave e, pela primeira vez, eu exalava ódio pelo meu primo:

— Você sempre foi como um irmão para mim. Eu espero que eu só precise dizer isto uma única vez: esqueça a Emanuelly! Você não soube dar valor quando a teve para si. Não teria feito tantas merdas, se a amasse de verdade. Você não a merece! Se afaste. Ela é minha! E você não é nenhum menino bobo para não ter percebido isso.

Eu sabia que Lucas não desistiria fácil.

— Nunca, Dan! Nelly é um mistério que ninguém nunca desvendou. E não será você a conseguir este feito. Eu vou lutar. E se você pensa que sua preocupação é só comigo, sinto te informar que está completamente errado. Como eu gostaria de ver a sua cara ao descobrir isso.

Desgraçado! Mas que merda era essa que ele estava falando?

Lucas retornou para a nossa mesa, e Samuel veio em minha direção.

— Mas que inferno, Dan! Sua tia já notou o clima ruim entre você e Lucas. O louco aqui sou eu, porra! Coloca a cabeça no lugar, se você realmente quer conquistar a Moranguinho ali.

— Moranguinho o cacete, Samuel! Realmente, você não tem amor à sua vida, seu imbecil!

— Morango com creme de leite. Gostosa demais!

Eu segui o olhar do infeliz do Samuel e vi a minha preciosa de volta ao salão, junto com o seu Rafael.

— Samuel, você lembra-se do Dr. Paulo? Ele fez um excelente trabalho no seu nariz. Porém, eu vejo que, em breve, ele será quebrado de novo se não parar de olhar para a minha menina. Babaca!

O bastardo começou a rir da minha cara.

— Meu amigo, o meu prazer é ver que você está tão louco pela menina a ponto de realmente querer me dar uma surra. E minhas provocações contigo serão eternas.

— Que homem dos infernos você é, Sam! Você não presta! E o seu dia chegará. E eu lhe darei o troco com imenso prazer.

Enquanto voltávamos para a nossa mesa e nos acomodávamos, percebi que Emanuelly estava constrangida e preocupada. Ela estava sentada entre mim e Lucas. Perguntei se estava tudo bem, porém ela me respondeu que

estava preocupada com as danças da noite.

A tranquilizei, porque ela era perfeita dançando e me lembrava da leveza de minha mãe.

Olhei para frente e percebi que ganhei uma pequena aliada na disputa para o coração de Emanuelly. Não fazia a mínima ideia do que Luísa iria aprontar. Mas sabia que, em breve, teria que lhe agradecer por isso.

A dança dos pais foi emocionante. Sei que nunca vivenciarei isto. Espero um dia ter meus filhos para viver este momento.

Vi a pequena Luísa passar como um raio em direção a Emanuelly. E, após alguns minutos, ela saiu levando seu tio Lucas pelas mãos. E, ao passar por mim, piscou um de seus lindos olhinhos. Nesse instante, eu entendi que tinha um anjinho ao meu lado, apoiando-me.

A música para a dança dos noivos começou. Nate e Gabi se sentiam inseguros em dançar sem Nelly e Lucas.

Minha preciosa se aproximou da pista de dança e começou a se mexer no ritmo da música. O corpo dela era divino. E eu precisava tocá-la.

Aproximei-me e a envolvi pela cintura pequena com meus braços. E, porra, o safado do Samuel tinha razão! Ela cheirava a morangos.

Nelly tentou me guiar na dança, mas eu a segurei. Ao me aproximar do seu ouvido e dizer que ela era minha, senti que ela se entregou.

Iniciei a nossa dança. Seus braços rodearam meu pescoço e seu cheiro

doce penetrou meu corpo.

Toquei sua pele nua nas costas. Ela era puro desejo e paixão. Estava ofegante, buscava por ar. Minha perna se encaixou entre as suas e ela sentiu o quanto mexia comigo. Como eu gostaria de estar a sós com ela, tocar cada parte de seu corpo e ouvir seus gemidos!

Nossos quadris se tocavam cada vez mais. E era a tortura mais doce que já senti.

Eu queria que ela me olhasse, que soubesse que já tomou posse de todo o meu ser e que eu necessitava dela. Minha voz quase falhou ao pedir a ela que abrisse seus lindos olhos. E, em seguida, tudo aconteceu muito rápido.

A nossa dança terminou e Emanuely se assustou com os aplausos dos convidados. Porém, ela se afastou quando a louca da Gabriela se jogou em cima dela. Sua irmã disse algo que não consegui entender devido às conversas altas ao nosso redor.

Ainda assustada, ela se afastou de Gabriela porque algo chamou sua atenção no canto do salão. Vi que seu semblante era de dor e de nojo.

A mulher que Nelly observava era sua cópia. Porém, anos mais velha. Ainda muito bonita, mas triste, oprimida, sem brilho nenhum.

Minha menina me pediu desculpas e fugiu outra vez. Não consegui entender a situação. Só ouvia os comentários de alguns convidados à medida que voltava para a minha mesa, e constatei que a mulher, até então desconhecida para mim, era a mãe da minha preciosa.



Peguei meu violão e sentei na varanda do meu chalé. Era um sábado gostoso e fresco. Eu só tinha que agradecer por morar em um cantinho do paraíso.

Herdei essas terras à beira da lagoa de meu pai. e construí um lindo hotel e também alguns chalés. Mas o meu era especial, afinal era o meu lar. Ele foi decorado por quem habitava os meus pensamentos: Gisele. Sentia falta da minha princesa. Não gostava de imaginar os seus dias durante esses cinco anos que passaram: pensar que alguém a tocou, a amou, ou pior, se ela o amou... Mas, em breve, ela estará de volta e nada, nem ninguém, me fará desistir dela, mais uma vez.

Comecei a dedilhar a canção especial da minha amiga. Nelly foi o meu alicerce nestes últimos anos. E em vários momentos nos entregamos a uma louca paixão, que acabava sempre na minha cama.

Sempre soube que seu coração nunca foi meu, como o meu nunca foi dela, mas sempre estarei aqui para protegê-la... até o dia em que ela encontrará quem a complete.

Cantei baixinho a sua canção com meus pensamentos nela. Nossos momentos juntos estarão guardados em meu coração, assim como o dia que a fiz minha, que a tornei mulher. Ali, eu a amei como se deve amar uma

mulher; suave, porém intenso. Fiz de tudo para lhe dar prazer e consegui. Seus gemidos eram melodias para mim. No seu ápice, ela sussurrou meu nome. Foi um prazer indescritível.

Mas nunca consegui curá-la. Algo perturbava a minha amiga. Ela nunca revelou o que aconteceu para feri-la tão profundamente.

Ouvi passos vindos em minha direção. E parei de tocar enquanto continuei segurando o meu violão.

— Quem é?

— Sou eu, Lê. Continue a tocar. Sua voz me acalma.

Minha menina ruiva estava quebrada. Fechei os olhos e cantei para amenizar a sua dor:

Eu acredito que posso voar!
Eu acredito que eu posso tocar o céu
Penso nisto dia e noite
Abrir minhas asas e voar
Eu acredito que eu posso elevar-me
Eu me vejo passando por aquela porta aberta
Eu acredito que posso voar!

Nelly sentou ao meu lado e encostou sua cabeça em meus ombros. Seu cheiro era inebriante e me envolvia. Amava esses momentos: somente eu e ela.

Depois de cantar o último refrão, coloquei meu violão ao lado e abri meus braços para receber a minha ruiva. Ela sentou em meu colo e se aconchegou em meu peito.

— Me abrace, Levi. Chegou o momento de abrir o meu coração. Preciso de você. Vou te contar o dia mais terrível de minha vida.

Abracei-a apertado e seja o que for que ela ia me contar, eu estaria aqui para ampará-la.

Ouvi passos próximos ao chalé. Não deu nem tempo de perguntar quem estava chegando, porque meu amigo veio para cima de mim aos gritos, deixando-me sem entender nada do que estava acontecendo.

— Solta ela, Levi! PORRA!

Nelly deu um salto do meu colo com o grito de Daniel.

Coloquei-a no chão e me levantei para enfrentar um Dan visivelmente alterado.



10

Nelly

MINHAS MÃOS E MINHAS PERNAS tremiam, porque lembrar que Sara estava se aproximando novamente de minha família abalava todas as minhas estruturas. E manter firme a direção estava cada vez mais complicado. Passei pelo hotel e segui em direção à casa de Levi. Lê construiu um chalé tão lindo, e a decoração de cada ambiente que a Gi idealizou era impressionante.

Quando ela chegar a Rio Doce irá se surpreender ao constatar que seu primeiro projeto de decoração foi para a casa dele.

Estacionei meu carro. Porém, assim que saí, retirei meus sapatos e senti o calor da areia da lagoa. Sempre me senti bem neste local, afastado de tudo.

Aqui eu podia esquecer por algum tempo os problemas de trabalho, família, amores e Sara. Olhar aquelas águas me trazia paz.

A cada passo que eu dava, podia ouvir uma melodia conhecida, que era a minha música. Levi só a tocava quando estava pensando em mim. Seria tudo tão fácil se nos amássemos de verdade.

Lembrei-me das palavras de minha avó Laura quando tive a minha primeira paixão de adolescente.

— Não é a sua razão que escolhe, Nelly. É o seu coração que dirá quem será o seu dono. E quando ele assim determinar, será eterno.

Guardo todas as palavras de sabedoria porque são preciosas.

Aproximei-me da varanda e me identifiquei para Levi pedindo que continuasse a cantar. Em vários momentos, nesses últimos oito anos de amizade, sua voz me deu consolo.

Sentei ao seu lado e apoiei minha cabeça em seu ombro. E continuei a ouvir sua voz tão suave falando ao meu coração. E ali, naquele momento, decidi que havia chegado a hora de abrir a minha alma para alguém.

Lê encerrou a canção e me abriu seus braços fortes. Sentei-me em seu colo, aconcheguei-me em seus braços e lhe disse que contaria sobre o dia que mudou minha vida, até que um grito me fez pular de susto do seu colo.

— Solta ela, Levi! PORRA!

Levi me colocou no chão e nós dois ficamos sem entender nada.

Daniel tinha os punhos cerrados. Seu corpo tremia enquanto olhava Levi com raiva. Seria ciúmes? Impossível!

— Eu estou perdida aqui no meio dos dois. Vocês se conhecem?

— Sim — responderam em uníssono.

— Certo. Eu vou entrar, Lê. E estarei te esperando.

— Você pode até entrar, Emanuelly, mas quem vai te encontrar serei eu e não Levi.

— Entra, baby. Eu vou conversar com o idiota do meu amigo Daniel e daqui a pouco te encontro.

Levi me abraçou e me deu um beijo leve nos lábios. Merda! Eu não senti absolutamente nada.

Mentira. Senti sim. Meu rosto esquentou. Porém, o calor que emanava do meu corpo não era por Levi. Maldito Daniel! Eu senti vergonha de estar nos braços de outro em sua frente. E meu corpo era um traidor! Eram os beijos de Dan que necessitava.

Soltei-me dos braços de Levi e caminhei trêmula para a casa dele. A porta já estava aberta. Entrei e a fechei. Recostei-me e escorreguei pela porta. Era de mim que os dois falariam. E eu precisava ouvir isso.



Daniel

— Agora somos só nós dois, velho amigo.

— Sim, seu louco! Quem você pensa que é para invadir a minha casa desse jeito? Mas que inferno, Daniel! E se eu estivesse tendo um bom momento com a Nelly?

Eu nem pensei, porque avancei em segundos em Levi.

— Suas mãos nunca mais encostarão nela. Entendido, Levi?

— Me solta, merda! Mantenha a calma, imbecil! E de onde você conhece a minha menina?

— Sua menina, o cacete! Ela é MINHA, Levi! Só minha! E vai saber disso ainda hoje.

— Senta aí para conversarmos, Daniel. Mas primeiro me conte de onde você a conhece.

Puxei uma cadeira e respirei profundamente, tentando me acalmar.

— Eu a conheci hoje, Levi. Mas parece que a conheço por toda a minha vida. Eu necessito dela. Eu tive um dia como nunca tive nos meus 30 anos de vida. Meus pensamentos foram somente para ela. Pareço um adolescente. Mas que porra!

— Uau! Nunca imaginei presenciar isso.

— Sem zoeira você também. Já chega o bastardo do Samuel.

— Sam já chegou também?

— Sim, e está hospedado aqui.

— Meu Deus, tenho que alertar os funcionários que tem um doido no meu hotel!

— Sem gracinhas, Levi! Vamos voltar ao nosso assunto. Qual o relacionamento de vocês?

— Se você está me perguntando se eu já beijei aquela boca vermelha e deliciosa, eu te respondo que sim. E muito. Se você está me perguntando se minhas mãos já tocaram cada maldita parte daquele corpo quente e sexy, também te respondo que sim. E, porra, Daniel, ela é única! Se eu já fiz amor com ela? Sim. Uma única vez. A sua primeira vez. Eu me entreguei por inteiro a ela. Nas outras, eu a fodi até ela não ter noção de onde se encontrava e não sentir mais suas pernas. E saiba, Daniel, que não há prazer maior no mundo do que estar dentro de Emanuelly.

Ah, porra, isso dói demais! Agora eu entendo o que Lucas disse. Estava surpreso.

— Mas, seu imbecil, se você quer saber se neste momento eu vou fazer isso, te digo que não! Agora ela precisa de mim. Ela precisa conversar comigo. Necessita de carinho, consolo e compreensão. E isso, você não pode lhe dar ainda. E saiba, meu amigo, você é um idiota! Se controle para não perder algo tão precioso! Nelly é especial. E só vocês ainda não enxergaram que, em apenas um dia que se conhecem, já pertencem um ao outro. E se você a magoar, eu não respondo por mim. Não adianta se esconder, pois eu vou te achar e não será bonito. Então, cuide dela, a ame de verdade com tudo que há em você, pois ela não merece menos que isso. Você está avisado!

— Não encoste nela, Levi. Eu estou no chalé ao lado. Me chame quando terminar essa conversa.

— Vou te deixar digerindo as minhas palavras, amigo, e vou ao encontro

da minha menina. Por hoje, ela ainda é minha. E dói demais vê-la partir, mas ela merece alguém que a ame por inteiro. E esse alguém não sou eu.

— Ela não é sua, PORRA! Eu sou essa pessoa. Eu já a quero mais que a mim mesmo. Some da minha frente, Levi! Eu te dou uma hora e venho buscar a minha preciosa. Corra!

Vi meu amigo andando em direção à porta de sua casa. E a cada passo que ele dava era como se estivesse pisando em mim. Machucava demais saber que ela estava precisando dele.

Quando ia me virar para ir embora, a porta de Levi se abriu com muita força e minha preciosa saiu correndo. Senti o ar sumir dos meus pulmões quando ela passou por Levi e veio em minha direção.

Instintivamente, abri os braços e Emanuelly se jogou em mim. Oh, meu Deus! Aqui era o lugar dela.

— Eu ouvi tudo. E, por favor, não ameace o meu amigo. Eu sinto medo, Daniel. Eu te conheço há um dia e você já se tornou a minha razão de existir. Eu preciso de você. E isso me assusta.

— Minha doce menina, eu também sinto medo. Porém, deixe-me cuidar de você, estar ao seu lado, amar você. Você me completa, Preciosa.

Uma lágrima solitária rolou pela face delicada da minha menina. Ela se aconchegou ainda mais em mim e ficou nas pontas dos pés.

— Me beija, Daniel. Eu preciso sentir você e ter certeza...

Não a deixei completar a frase. Toquei seus lábios tão suavemente e pedi licença com minha língua para invadir a sua boca. Senti sua respiração quente e um toque suave em minhas mãos. Entrelacei nossos dedos. Em seguida, ela abriu seus lábios e aprofundei o beijo. Sua língua era tão quente e macia, tão deliciosamente doce. Nossas bocas se encaixavam com perfeição. Eu não podia sentir outra coisa, se não fosse ela. Fui explorando cada canto de sua boca e ela a minha, até sermos interrompidos por um maldito pigarro de Levi.

Afastamo-nos. Nossas respirações estavam ofegantes. Depois de prová-la, eu não conseguiria mais ficar longe e puxei-a novamente para mim.

— Você é minha, Emanuelly. Nasceu para mim.

— Eu tenho certeza agora, Dan. Você é o meu lar, meu alicerce e o meu porto seguro. Me espere um pouco. Eu preciso de Levi neste momento.

Sinto sua relutância, porque ela também não quer se afastar. Dou um selinho em seus lábios e encaro Levi.

— Uma hora, amigo. Ou eu derrubo a sua porta!

Vejo-a se afastando com Levi enquanto eu tinha que ir para o meu chalé com um incômodo gigante nas calças.

Minha menina parou em frente à casa dele e a vi sussurrar algo em seu ouvido. Isso me matou. Ela era minha, droga!

Levi sorriu e se despediu de Emanuelly com um beijo na face. Meus punhos se apertaram na hora.

Nelly correu em minha direção e se jogou novamente em meus braços.

— Você, Daniel. Eu escolho você. Eu preciso de você e espero que você também me escolha, mesmo quebrada desse jeito. Em breve, eu abrirei meu coração e será só para você. Assim você descobrirá a dor que dilacera a minha alma. Mas, hoje, eu só quero que me abrace.

— Minha menina preciosa. Sempre escolherei você. Agora vamos para o meu chalé. Antes de abraçá-la, eu preciso de mais uma dança.

Tomei-a em meus braços e a beijei. Ela era a minha menina ferida. E eu faria de tudo para curar a sua dor.



11

Nelly

MEU CORPO CLAMAVA POR DESCANSO. Foi um dia exaustivo, de muita correria, mas no fim deu tudo certo. Ou quase tudo. Gabriela ainda me devia algumas explicações. Sara não devia estar ali.

Porém, pelo menos algo de bom, ela me trouxe nesta noite. Eu decidi viver. Eu escolhi recomeçar e dar a chance de finalmente me sentir completa. E agora estou aqui, nos braços do homem que meu coração escolheu. E é para ele que devo abrir a minha alma. Não será agora. Hoje, eu só queria ser abraçada, sentir o seu corpo junto ao meu e ter uma noite tranquila de sono.

Ele é forte. Oh, meu Deus! Enquanto estava sendo levada para o seu chalé, deixei minhas mãos passearem por seus braços. Mesmo ainda em seu terno, podia sentir os músculos bem trabalhados. E não aguentei. Um pequeno gemido escapou de meus lábios.

— O que foi, Preciosa? Está sentindo alguma coisa? Acabamos de chegar ao meu chalé.

— Sim. Eu sinto. Você é forte, Daniel! E eu sou tão pequena perto de você.

Daniel abriu a porta e nos guiou para dentro do chalé, que, por sinal, era o meu chalé. Ali, geralmente ficava fechado. Levi só o abria exclusivamente para os seus amigos. E, em vários momentos difíceis de minha vida, esse foi um dos meus refúgios.

Fui colocada no chão da sala. E ao ser abaixada pude sentir o quanto ele me queria. Ele aproximou nossos corpos e seus olhos azuis, que enxergavam a verdadeira Emanuelly, encaravam-me dizendo tudo que eu necessitava ouvir. Eu também fui escolhida.

— Minha menina. Você não é pequena. Sente isso? Nós nos encaixamos perfeitamente. E eu soube disso no momento em que coloquei meus olhos em você. Agora, você me deve uma dança.

Daniel depositou um leve beijo em meus lábios e se afastou. Retirou o seu paletó e a gravata e, em seguida, abriu os primeiros botões de sua camisa. Pegou o celular e selecionou uma canção. E nas primeiras notas, a reconheci. E lembranças de um tempo perfeito vieram imediatamente à minha mente.

Senti-o se aproximando por trás. Sua mão tomou a minha e delicadamente ele me girou. Ficamos frente a frente.

— Dance comigo, Nell.

— Me guie.

Só ele me chamava assim. E eu já amava isso. Porém, percebi que era somente nos momentos em que estávamos sozinhos.

Fui levada por ele. Fechei meus olhos e deixei a canção preencher a minha alma. Mas meu corpo pedia por mais. Pedia para se libertar e deixar a dança fluir. E, mais uma vez, eu percebi que fiz a melhor escolha. Daniel sabia do que eu precisava. Ele se aproximou e sussurrou em meu ouvido:

— Agora dance para mim, Preciosa.

Senti a primeira lágrima quente rolar por minha face. Ele se afastou e eu me entreguei aos movimentos enquanto lembrava-me de Amanda. Essa era uma de suas músicas favoritas, entre tantos ensaios e muita dedicação. A saudade que sentia dela machucava demais.

Cada passo me lembrava de seu sorriso, das suas palavras de incentivo, das suas correções, de seus doces olhos azuis. Fui transportada a um tempo em que não conhecia angústias ou dores. Eu sentia tanta falta dela.

Enquanto mais lágrimas molhavam o meu rosto, abri meus olhos e me deparei com outros olhos azuis, que me olhavam com paixão e admiração. E foi para ele que terminei a minha dança.

Daniel se levantou do sofá e veio em minha direção, depois envolveu minha cintura com as mãos.

— Tão linda a minha menina!

Sua voz me tirava o fôlego. Seu cheiro me embriagava. O toque de seus dedos no contorno de meus lábios era suave, e depois passearam por todo meu rosto. Ele me observava como se quisesse gravar cada detalhe meu em sua memória.

Eu precisava senti-lo. Aproximei meus lábios dos seus e o beijei. Foi um beijo lento e delicado, que envolvia muitos sentimentos, entre eles algo que nunca senti: amor.

Ao término do nosso beijo, fui novamente erguida em seus braços.

— Uau! Você realmente gosta de me ter em seus braços, não é?

— Sim. Esse é o lugar certo onde você sempre vai estar de hoje em diante. Mas agora, Preciosa, eu irei te deixar na porta do banheiro da minha suíte e vou para o outro quarto tomar um banho. Pois seria muita maldade com a minha pessoa se estivéssemos juntos, nus e molhados. Antes de ter você por completo e te fazer somente minha, eu preciso fazer algo que prometi ao meu pai. Então, não demore. Estarei te esperando na cama.

— Que promessa, Daniel?

— Amanhã você já saberá, pequena. Mas antes de seu banho, me responda uma pergunta.

— Pode falar.

— O que você sussurrou para o Levi?

Eu ri baixinho.

— Não ria, Preciosa, eu preciso saber.

— Que eu havia encontrado a felicidade. E eu a escolhi. Eu escolhi você!

Com um sorriso nos lábios, Daniel me deu um leve beijo e se despediu dizendo que me escolheu no momento em que ouviu meu nome pela primeira vez.

Tomei um banho quente e relaxante, mas não sabia o que vestir. Ao sair do boxe encontrei uma camisa branca. Não resisti e a aproximei de meu rosto. *Hummm... cheiro de Daniel.* Enfie-me nela e segui para o quarto. Ele já me esperava na cama. Tão lindo! Subi e me acomodei em seus braços. Seus dedos subiam e desciam por meus cabelos e só senti um beijo doce em meus lábios e descansei. E, enfim, tive um sono sem sonhos ruins.



Ao abrir meus olhos, logo percebi que não estava no meu quarto. Estava no meu chalé onde Levi sempre me acolhia nos momentos mais difíceis de minha vida.

Mas, dessa vez, não foram os braços de Levi que me acolheram e me aconchegaram durante toda a noite. Foram os de Daniel. Oh, meu Deus! Eu dormi nos braços dele, sentindo-me segura e no lugar certo.

Passei a mão sobre o lençol ao meu lado e já estava frio. Onde estaria Daniel?

Levantei e fui ao banheiro. Logo após, dirigi-me à sala e a cozinha, mas estavam vazias. Fui ao outro quarto e nada de encontrar Daniel. Ao retornar à

sala, ouvi a porta da frente se abrir. E Santo Cristo! Eu sabia que meus olhos estavam arregalados e minha face com toda certeza estava vermelha como os meus cabelos. Daniel estava somente de roupa de banho. E caramba, era branca! Meus olhos passearam completamente por seu corpo todo molhado. Ao erguer minha cabeça, pude ver um leve sorriso torto em seus lábios. Jesus, que vergonha! Ele sabia que eu estava devorando-o só no olhar. Abaixei o meu rosto um pouco e pousei meu olhar em seu peito. Ah, eu queria lambar aquela gota d'água escorrendo lentamente de seu peito para seu abdômen totalmente definido. Sem perceber, passei minha língua por meus lábios e ouvi um gemido.

— Nelly... Preciosa, não me olhe assim. Eu te quero tanto, pequena. Dormir ao seu lado foi a tortura mais doce que passei nesses meus trinta anos de vida. Venha. Tome o seu café. Eu preciso me encontrar com o seu pai urgentemente.

Meu pai? Ai. Meu. Deus!

— Que horas, Daniel?

— Onze horas da manhã, Preciosa.

— Sou uma mulher morta. Eu preciso correr. Domingo. Almoço em família, Daniel. É sagrado.

Ele sorriu e pediu que eu me acalmasse e tomasse, pelo menos, uma xícara de café. Coitado, ele não conhecia o meu pai!

Saí correndo para o quarto e fui em direção ao banheiro. Vesti-me com as

mesmas roupas e o sapato do casamento, e lembrei que minha bolsa estava no chalé de Levi. Merda!

Quando voltei para a sala, Daniel estava sentado na bancada da cozinha e sorria do meu desespero. Enquanto segurava uma xícara de café com uma das mãos com a outra, ele segurava a minha bolsa.

Aproximei-me dele e peguei minha bolsa. Subi em um banquinho e consegui ter altura para lhe dar um beijo. Seria somente um beijo leve, mas suas mãos me tomaram pela cintura e ele aprofundou o beijo. Tínhamos fome e necessidade um do outro. Tudo era intenso demais. Buscávamos ar ao nos separarmos.

Eu precisava me afastar, senão em pouco tempo teria um batalhão atrás de mim: papai, Gabi... Oh, Deus, ninguém suporta uma Gabriela com fome!

— Você e café são a combinação perfeita. Mesmo não querendo, eu preciso ir. Lembre Levi do almoço de hoje e leve Samuel também. Teremos um almoço de domingo especial pelo casamento de Nate e Gabi.

— Ok, Preciosa. Daqui a pouco estaremos lá.

Quando já estava na porta, lembrei-me de algo.

— Gosta de torta de bombom, Dan?

— Minha preferida.

— Deixei duas prontas para hoje. A maior eu servirei no almoço. Mas a menor é só nossa. Você e ela. Outra combinação perfeita.

— Ah, PORRA!

Fui embora sorrindo, ao som do seu gemido.



Dessa vez, dirigir foi tranquilo. A BR-101 estava praticamente vazia. Fiz o caminho de volta para casa em menos de trinta minutos.

Estacionei meu carro em frente à garagem. E já podia ouvir várias vozes. Como isso alegrava minha alma! Ali, dentro da minha casa, estavam alguns dos meus bens mais preciosos.

Nem precisei usar a minha chave, porque a porta já estava aberta. Segui o som das vozes e elas me levaram direto para o quintal.

Santo Cristo! Alguns pares de olhos se viraram e me olharam de maneiras diferentes.

Decifrar cada um era fácil. Tio Gabriel estava perdido na situação. Pelo sorriso nos lábios de vovó, tia Rachel, Ester, Davi, Nathan e Gabi, eles tinham certeza absoluta de onde passei a noite. Lucas tinha muita dor em seu olhar. Eu nunca quis que meu amigo sofresse e esperava que em breve ele pudesse ter uma nova história em sua vida. E que esta tivesse um lindo final feliz.

Papai, como sempre, estava na churrasqueira. Aproximei-me dele e beijei sua face.

— Você está feliz, minha menina. E isso me faz feliz. Deixa-me te abraçar agora.

Que alívio! Neste momento receber o carinho do meu pai, e sem nenhuma cobrança, demonstrava, mais uma vez, o amor sem medidas de seu Rafael por sua família. Afinal, o seu maior prazer era nos ver felizes.

Minha pequena ruivinha predileta me tirou dos braços do meu pai, pedindo colo. Assim que a peguei em meus braços, Luísa perguntou baixinho em meu ouvido:

— Onde está o tio Dan?

Respondi sussurrando em seu ouvido também:

— Ele chegará em breve, Pequena Luz.

— A moça bonita me disse pra você não ter medo. Ela disse que nunca te deixou sozinha. E que, hoje, você vai saber o quanto ela sempre te amou. Agora pode me descer, tia Nelly, eu vou *bincar* de Barbie.

Desci a minha pequena luz e olhei para os meus braços. Acho que não tinha um pelo sequer que não estivesse arrepiado. Luísa estava tão serena como se nada tivesse acontecido enquanto eu era a ansiedade em pessoa.



12

Nelly

ESSE NÃO SERIA MAIS UM domingo como os outros. Gabi e Nate estavam, enfim, casados; e minha vida começando a fazer sentido com a chegada de Daniel. A família de Levi também participaria do nosso almoço. E, hoje, eu mataria a saudade imensa desses amigos tão queridos. Afinal, Enrico, Felipe e Carlinha, os irmãos de Lê, me receberam há oito anos em suas vidas com muito amor e carinho.

Já estava quase chegando na escada e virei em direção à sala. Gabriela estava bastante concentrada, lendo um livro. Aproximei-me ao ver um sorriso estampado em seu rosto e um suspiro saindo de seus lábios. Que bendito livro faria isso com Gabi?!

Sentei-me no braço da poltrona e a minha curiosidade foi maior que qualquer coisa. Não resisti e levantei um pouquinho a capa para saber o porquê de Gabriela estar tão interessada em ler. Ela não tinha o hábito da leitura. Ao contrário de mim.

— GABRIELA, este livro é meu! Você entrou no meu quarto e mexeu nas minhas coisas? Isso é feio, Gabi! Me devolve o meu Dr. Garanhão agora.

— Não.

— Agora, Gabriela! Eu tenho paixão por esse livro, caramba! Olha o autógrafo. Tá vendo? Leia-o.

— Para a minha querida amiga Nelly.

— Viu? É meu! Devolve ele, Gabriela!

— Nelly, eu sou uma grávida com hormônios explosivos. Se você não quiser apanhar agora, sobe já para o seu banho. E tem uma cena aqui que eu preciso reler. Vou colocar em prática com o meu Nate.

— Jesus! Como diz a Pequena Luz: *bléca!* Eu não preciso visualizar você e o Nate, Gabi. Não mesmo! É o tempo de um banho e eu quero o meu Dr. Garanhão de volta.

Deixei Gabriela e subi para o meu quarto. Retirei os meus sapatos, o que foi um alívio imediato, o meu vestido e o coloquei no saco plástico para levar na segunda-feira à lavanderia, tirei a minha calcinha e já estava pronta para o meu banho. Peguei meu tablet e selecionei minha *playlist*. A música suave abafou um pouco as risadas dos amores da minha vida.

Enquanto a água quente me relaxava, mil pensamentos permeavam a minha mente. Porém, o que mais incomodava, como sempre, era a Sara. Queria resolver isso, porque precisava de paz para reconstruir a minha vida. E só deixarei passar alguns dias para conversar com Gabi, pois ela me deve explicações sobre Sara.

Depois de tomar o meu banho, desliguei o tablet, mas o som de várias vozes invadiu o meu quarto, entre elas, duas especiais: a de Daniel e de

minha amiga Carla.

Invadi meu guarda-roupa em busca da minha *legging* vermelha e nada de encontrá-la. Só poderia ter sido a Gabi de novo!

Por Deus, ela agora era uma mulher casada! Tinha sua própria casa, mas continuava sequestrando as minhas coisas.

Enrolei-me na toalha e segui em direção à escada, dando um belo de um grito:

— GABRIELA, onde está minha *legging* vermelha? Me entrega agora. Ela não cabe mais em você. Vão esti...

Nem consegui completar a frase porque Gabriela retrucou:

— Se terminar a frase, considere-se uma mulher morta, Emanuely! Você vai ver rapidinho qual parte do seu corpo lindo será esticado. E gordo é aquela sua bola de pelos que anda pela casa, sua abusada!

Jesus! Eu não conseguia responder e nem me mexer. Meus pés tinham quase criado raiz em frente à escada, porque seis homens lindos me encaravam: Dan, Nate, Luc, Levi, Enrico e Felipe.

Consegui me mexer ao ouvir a voz de Lipe:

— Que bela recepção, Moranguinho. Como você está gostosa!

Daniel imediatamente deu um tapa na nuca de Felipe.

— Mas que merda é essa, Dan? Oito anos sem te ver e recebo um tapa, tá louco?

— Ela... — Daniel apontou para mim — é toda minha. Então, respeito, seu moleque!

— Ok. Eu estou perdido aqui.

— De onde você conhece a Pimentinha? — Enrico perguntou.

Levi passou o braço no ombro do irmão e disse que essa era uma longa história e que ele iria contar todos os detalhes mais tarde.

Gabi se aproximou sorrateiramente e puxou Nate pela orelha.

— Nathan, nem o sofá você merece hoje! Tira os olhos das pernas da minha irmãzinha, senão a varanda te receberá com prazer a noite toda.

— Tá doendo, Gabriela! Chega! Você sabe que só enxergo você.

— Sei. Outro abusado, meu Deus!

— Tia Nelly, olha que lindo os meus *bilelos*.

Achei a minha *legging* nos cabelos de Luísa. E caí na gargalhada junto com todos. Luísa ficou vermelhinha de vergonha.

— É *mutto* feio rir da Pequena Luz, viu?

— Vem com a tia Nelly, minha princesa. Vamos arrumar seus lindos

cabelos.

Luísa subiu as escadas e consegui resgatar a minha *legging*.

— Aguarde a tia Nelly só um pouquinho, princesa. Vou me vestir e cuidar de você.

Vesti a minha *legging* e uma regata branca para suportar o imenso calor de hoje. Ajeitei meus cabelos em um coque frouxo e passei um batom claro e meu inseparável perfume.

Em Luísa fiz a mesma coisa com seus cabelos. E usei uma tiara vermelha para a franja não cair em seus olhinhos.

— Nós estamos lindas, dinda. O tio Dan vai chorar, mas não o atrapalhe. Ele precisará disso.

Senti outro arrepio. A minha sobrinha era um mistério que somente Deus seria capaz de revelar. Peguei a sua mãozinha delicada e descemos as escadas para nos juntarmos aos demais.

Os cheiros maravilhosos que vinham da cozinha fizeram tanto o meu estômago quanto o da Pequena Luz roncar. A casa estava praticamente vazia. Todos já deviam estar no quintal saboreando o churrasco delicioso que papai preparou.

Nós duas praticamente corremos para a cozinha com o intuito de beliscar as delícias de vovó Laura. E lá, a encontramos junto com tia Ester terminando de preparar o almoço.

— Precisa de ajuda, vovó?

— Oh não, minha menina. Pode se juntar às crianças lá fora. Eu e Ester logo iremos para lá também.

Beijei-a no rosto.

— Vó, a única criança da casa é essa princesa linda aqui do meu lado. Lá fora tem um monte de marmanjo de vinte e tantos anos.

E Luísa começou a falar com a boca cheia de bolo:

— Por pouco tempo, dinda. Logo, logo eles irão chegar trazendo muita alegria. Ah... tia Nelly, eles são tão lindos!

— Eles quem, Luísa?

— Pequena Luz *num* pode contar. Moça do olho azul disse que é surpresa.
— E Luísa saiu correndo em direção ao quintal falando que ia dar lanchinho para as bonecas, porque elas estavam famintas.

— Tia Ester, eu juro que não entendo isso. As coisas que Luísa fala me deixam arrepiada. É algo tão forte e intenso.

— Não tente entender, querida. Somente peço que abra sempre o seu coração e creia com todas as suas forças.

— Ok. Eu prometo fazer isso.

— Certo, querida. Agora abra a geladeira que encontrará uma surpresa.

— O que vocês aprontaram?

— Nós não. Ele.

Abri a geladeira e dei de cara com um bolo enorme.

— Oh, meu Deus! Não me diga que é bolo de leite ninho com chocolate branco?

— Sim, querida. Agora vá lá fora e agradeça ao meu lindo e apaixonado sobrinho por isso.

Corri para o quintal e vi que os meninos estavam em uma roda conversando e rindo bastante. Em um impulso, joguei-me nos braços de Daniel e enlacei minhas pernas em sua cintura. Ele me rodopiou, sorrindo.

— Como você soube?

— Soube o quê, Preciosa?

— Da minha paixão por aquele bolo.

— Ah, sim. Eu tenho uma linda e pequena cúmplice.

Olhei para baixo e vi Daniel piscar e Luísa acenar em resposta a ele.

— Bela dupla de conspiradores que eu arrumei! Amanhã vou ter que dançar dobrado para perder as inúmeras calorias de hoje.

— Preciosa, isso eu não perco por nada. Você, linda, sexy, suada e

dançando somente comigo na plateia. Prometo, pelo menos, um desses bolos por semana.

— EMANUELLY, desce agora do colo desse menino bonito e vem me dar um abraço!

— Jesus! Me desce agora, Daniel, senão a louca não vai parar de gritar.

Desci e, ao olhar para minha doce amiga, senti logo meus olhos marejados. E vi o mesmo sentimento nela.

— Você está aqui.

— Sim, Moranguinho. Quero meu abraço. Agora.

Lancei-me nos braços de Carlinha. Fiquei quase um ano sem vê-la, e ali eu deixei as lágrimas descerem.

— Você me fez falta. Não faça mais isso, Carla! Quantas vezes precisei de nossas noites de meninas. De assistir filmes antigos e chorar como duas meninas bobas, mas felizes. De se empanturrar de pipoca com guaraná e bastante chocolate.

— Eu sei, Moranguinho. Mas ele precisava de mim. E ainda precisa. Felipe e eu estamos fazendo de tudo para ajudá-lo a se reerguer. É tão difícil ver o seu próprio irmão mergulhado em tamanha tristeza, Nelly. Peço todos os dias a Deus para trazer vida a Enrico. Mas, pelo menos, nas festas de fim de ano, nós mataremos um pouco dessa saudade, amiga. Depois, eu voltarei com eles para a Itália.

— Quase um ano, Carla. Esse dia será difícil para ele. Ele perdeu tudo, ali.

— Sim. E ele precisará de todos nós.

— E estaremos aqui por ele.

Abracei minha amiga ainda mais forte. Mesmo com a distância, nosso laço de amizade nunca foi quebrado.

— As mulheres da minha vida. Minha irmã e minha Moranguinho. Vou repetir, Nelly, você está gostosa demais!

— Felipe, eu não quero te enterrar, meu irmão. Então, por favor, menos! Daniel está fulminando você com o olhar. — Felipe caiu na gargalhada.

— Oh, mas eu adoro isso! E achei meu parceiro de crime. — Felipe apontou na direção dos meninos. — Aquele cara ali, Samuel.

— Opa! Quem é o delícia, amiga?

— Menos, Carla! Eu não estou preparado para ver minha irmãzinha caçula flertando na minha frente.

— Ok, ok. Já chega os dois! Vou dar um abraço em Enrico e vamos almoçar. E você, amiga, cuidado! Sam é safado.

Deixei os dois ainda discutindo e me aproximei de Enrico.

— Oi, Pimentinha. — Ele segurou e me ergueu nos braços, girando-me.
— Você está linda e feliz. Fico contente de vê-la assim. E você fez uma

excelente escolha. Ele é um grande cara. E sei que vai cuidar de você e te amar muito.

— Obrigada. Mas... e você, meu amigo? Vejo que ainda não está bem.

— Dói, Pimentinha. Machuca demais. Ver tudo ser arrancado de mim no momento que me tornaria completo. Está sendo um ano triste e difícil. Mas eu decidi viver. E Lipe e Carlinha estão sendo fundamentais em minha vida.

— Sua família é perfeita, Rico.

— Ainda não. Somos incompletos. Levi deixou partir o seu bem mais precioso, eu perdi os meus e Lipe e Carla ainda não encontraram os seus.

— Rico, vocês ainda terão os seus finais felizes.

— Deus te ouça, Nelly!

Beijei o rosto lindo, porém triste do meu amigo, enquanto suplicava a Deus que olhasse por ele.

— Crianças, venham todos para as mesas e se sirvam. Comam bastante. Façam uma velha senhora feliz e não deixem sobrar nada.

Após a oração de agradecimento de tio Gabriel, houve uma invasão nas bandejas de vovó e tia Ester. Ainda bem que papai serviu a carne já cortada, porque cortar com uma mão só seria realmente difícil. Daniel entrelaçou nossos dedos e assim eles permaneceram o almoço inteiro.

Vi quando os olhos de Gabriela brilharam com malícia. A safada ia

aprontar! Vi quando ela sussurrou algo no ouvido de Nate. Meu cunhado arregalou seus olhos azuis, surpreso. E depois deu um belo de um sorriso torto e safado.

— JESUS, Gabi! Você já terminou?

— Sim.

— Obrigado, cunhada. Benditos livros os seus. No dia que você encontrar essa autora... Deixa eu conferir o nome dela. — Nate pegou o meu livro do colo de Gabriela e olhou a capa. — Isso. Gisele Souza. Agradeça a ela por mim. E diz que sou seu fã número um. Agora, levanta, Gabriela, eu tenho que achar o meu jaleco com urgência. — Nate carregou Gabi no colo e saiu às pressas para casa, gritando para alguém olhar a sua filha.

Ninguém entendeu nada do que tinha acontecido e olhavam para mim em busca de explicação. Segurei meu livro e apontei.

— Culpa dele aqui. Não queiram saber. Visualizar a cena com o Dr. Garanhão é divino, mas com Gabi e Nate não dá.

— Oh, mas eu quero ler isso, amiga. Por que essas coisas não chegam à Itália?

— Chegam, sim. Deve estar chegando lá em breve. Comprei e enviei para você. Mas, por enquanto, divirta-se e se apaixone pelo meu. Mas me devolva perfeito, se não quiser apanhar.

— Sim, senhorita!

Vovó e tia Ester voltaram da cozinha com minha torta de bombom. E serviram a todos, que, pelo visto, aprovaram.

— Tá diferente, Nelly. Muito mais gostosa. Me lembra uma que provei na minha infância.

— Ia dizer a mesma coisa, mano. Parece a torta da mãe de Daniel. Simplesmente perfeita!

— Sim, Levi e Enrico. Uau, vocês têm um belo paladar! Eu usei a receita da mãe de Dan que tia Ester me deu essa semana.

— Maravilhosa, Preciosa. Me fez ter saudades boas de minha mãe.

Uma ruivinha de cabelos bagunçados se enfiou entre mim e Daniel.

— Dança *pá* mim, dinda?

— Agora, Pequena Luz?

— Sim. A moça bonita de olho azul falou no sonho da Pequena Luz pra você dançar após o *papá*.

— Ok, princesa. Qual música você quer que a tia Nelly dance?

— Aquela que toda vez faz a dinda chorar. Ela é tão linda.

— Certo, Luísa. Mas sua mãe não está aqui para tocar.

— Eu toco, pequena. Um pedido de Luísa é uma ordem.

— *Obigada*, tio Levi.

— Vamos lá, então. Na sala. Para o piano.

Tia Rachel e vovó ficaram organizando a bagunça e papai, tio Gabriel e tio Davi preferiram conversar na varanda tomando cafezinho.

A sala ficou pequena para tantas pessoas. Luc e Felipe afastaram um pouco os sofás e Levi se acomodou no piano.

— É aquela, pequena?

— Sim, Levi. A música que me marcou. Para vocês que não sabem ainda, eu tive uma pessoa muito importante na minha vida. Ela foi um verdadeiro presente de Deus, mas hoje não está mais entre nós. Porém, deixou-me uma grande herança: a sua dança. E essa era a música que ela mais amava.

Levi tocou as primeiras notas da canção e eu fechei meus olhos, me transportando para um mundo onde tudo fazia sentido. Em minha mente fluíam imagens da Amanda me ensinando essa coreografia. A cada passo que eu dava aqui, eu via o seu sorriso, a sua satisfação e o seu prazer em me ensinar. A saudade dela era um sentimento constante nos meus dias. A voz suave de Levi me guiou também para o dia que me apresentei no colégio.

*Você foi meus olhos quando não podia ver
Você viu o melhor que estava em mim
Me levantou quando não podia alcançar
Você me deu fé porque você acreditou
Eu sou tudo que sou*

Porque você me amou

Fui tirada de meus sonhos quando ouvi um soluço de dor. Ainda dançando, abri meus olhos e vi o homem que em pouco tempo estava começando a amar de joelhos no chão de minha sala, aos prantos.

Olhei ao redor e ninguém ia em seu auxílio. Era como se todos estivessem entendendo o motivo de seu choro.

Quando ia interromper a dança, senti uma brisa suave tocar minha pele e a pequena luz me dizia para continuar. Continuei, mas o som de choro de Daniel e a frase que ele repetia sem cessar invadiam a minha alma:

— É ela. É ela. Sempre foi ela.

Eu não conseguia mais me concentrar em meus passos, porque a sua angústia já me atingia e, mesmo sem saber o motivo, eu também chorava. Porém, aguentei firme até ouvir a última nota da música ser tocada por Levi. Ao terminar a coreografia, vi que Lucas erguia Daniel e o levava até o sofá.

Quando ia me aproximar, tia Ester se ajoelhou na frente dele e acariciou sua face.

— É ela, não é, tia Ester? Me diz, por favor. Ela é a mesma Emanuelly da minha mãe. Fala, tia. Você já sabia? — Enquanto ele perguntava desesperado, tia Ester chorava.

— Sim, meu menino. É ela. E eu já sabia. Porém, vou lhe explicar tudo

em breve.

Daniel passava as mãos em seus cabelos diversas vezes. Mas agora ele não chorava mais, porque um pequeno sorriso surgia de seus lábios. Ele ergueu seu rosto aos céus, como se estivesse fazendo uma oração, e logo após se aproximou de mim. Com o dorso de sua mão, tocava minha face e ao mesmo tempo me olhava com admiração.

— Era pra ser, Preciosa. Você sempre foi minha. Eu nunca disse uma palavra sequer para ela, mas ela sabia. Todas as vezes que ela mencionava o seu nome, eu sentia aqui dentro que você foi feita para mim. O seu nome invadiu meus sonhos por oito anos. Eu sempre tentava ver o seu rosto e não conseguia. Oh, meu Deus, você é ainda mais linda do que ela falava! Ela trouxe você para mim, Nelly. Você é minha!

— O que está acontecendo aqui, Daniel? Me explique isso, por favor. Quem é ela?

— Deixa-me te abraçar, Emanuelly. O som do seu nome nos meus lábios sempre foi tão perfeito. E agora, finalmente, eu a tenho em meus braços. — Daniel respirou profundamente e disse o que nunca eu sonhei ouvir em minha vida: — Ela, Nelly, é Amanda, a minha querida mãe. A sua professora de dança, que te trouxe para mim.

— Santo Cristo, é mentira!

Senti o ar sumir de meus pulmões e tudo ao meu redor foi escurecendo. E, antes de apagar, eu só me lembrei dos olhos azuis de Amanda. Os mesmos do meu Daniel.



13

Nelly

NOVAMENTE OUÇO OS GRITOS, MUITOS gritos... E sinto uma sensação de estar sufocando, me afogando. Forcei a abrir meus olhos, mas estava muito escuro e sentia muito medo, porque tudo era muito profundo. Tentei pedir socorro e não conseguia. Dessa vez, não conseguiria me salvar. Mas algo diferente aconteceu. Um raio de luz muito forte invadiu as águas. Agarrei-me a isto e me impulsionei para cima. Mesmo cansada e buscando todas as minhas forças, não sairia dali viva. Ia perder meus sentidos logo, mas duas mãozinhas tão delicadas agarraram meus pulsos. Elas eram tão pequenas. Como poderiam ter tanta força? Eu não sei explicar. Só sei que elas foram em meu socorro. Ao sair daquela água escura só pude ver uma marca em cada mão: uma pequena estrela. E logo depois comecei a tossir. Ouvi mais gritos de dor estridentes e consegui respirar... Eram os meus próprios gritos. Senti dois braços me envolverem e de imediato me acalmei, pois reconhecia esse calor que me envolvia e me senti segura. Não eram os braços de meu pai, mas sim os braços dele: do meu Daniel. Oh, meu Deus! Ele me encontrou. Sonhei tanto em conhecê-lo, mas perdi Amanda e com ela a minha esperança. Porém, hoje aprendi a não questionar mais os planos de Deus. Dan está aqui comigo. E preciso fazer essa angústia ir embora. Com muita dificuldade, olhei ao meu redor e só encontrei quem amava com amor incondicional e era para ele que contaria agora meu mais profundo segredo.

— Oi, minha preciosa. Você voltou para mim. Nunca mais me deixe assim. Vê-la agonizando foi como se eu estivesse sendo torturado.

Respirei profundamente e passei minha mão no rosto de Daniel. Ele era real. Meu amor de infância. Aquele a quem eu idealizei na minha mente de criança existia: o meu príncipe encantado.

— Oi, Daniel. Eu espero nunca mais passar por isso. Dói tanto! Mas você está aqui. Diz pra mim que não é mentira. Diz. Você é o meu Daniel que tanto sonhei? Eu esperei por você há oito anos. Era para ser um dia perfeito. Mas foi o dia que perdi tudo. Amanda, Daniel? Você tem os olhos dela.

— Calma, minha menina. Respira fundo. Primeiro, deixe Nate aferir sua pressão. Todos estão muito preocupados.

— Ok.

— Sai pra lá, Daniel. Deixa-me olhar a minha cunhada.

— Ei, amigo! Fica calmo aí também!

— Imbecil! Não foi você que foi interrompido quando estava só de jaleco e...

— Cale a boca Nathan e cuida da minha irmã!

— Viu, amigo? Isso é o que te aguarda. Elas são irmãs, caramba!

— Nate, sem gracinhas! Anda logo com isso, porque eu preciso contar algo para todos, senão vou deixar você comer a comida de Gabriela a semana

inteira.

— Santo Cristo, Nelly! Aí já é castigo. Vamos aferir essa pressão logo.

Ameaçar Nate com a comida de Gabriela sempre foi a minha melhor arma contra ele. Meu Deus! Aí estão duas coisas que se odeiam: Gabi e a cozinha.

— Está tudo certo, Nelly. Não nos dê outro susto destes. Dessa vez foi pior. Você demorou a voltar.

A preocupação nos olhos de Nate e de todos os meus amigos levou-me às lágrimas. Como eu pude ter sido tão cega por tantos anos? Eu era tão amada e querida quanto eu os amava.

Papai se ajoelhou em minha frente e com seus dedos calejados secou as minhas lágrimas.

— Chegou a hora, não é, minha filha?

— Sim, papai. Eu preciso tirar isso de mim. O senhor me entende, não é? Eu posso contar sobre aquele dia?

Papai me puxou para seus braços fortes.

— Graças a Deus, meu bebê. Eu orei tanto para que este dia chegasse. Hoje, você dará o primeiro passo ao abrir o seu coração. Mas ainda estarei em minhas orações, suplicando a Deus para que você um dia consiga liberar perdão.

— Obrigada por tudo, pai. E por ter respeitado o meu tempo. Mesmo

sendo tão longo.

— Sempre, minha filha. Conte comigo sempre.

Vi quando Daniel se levantou do sofá e se aproximou de mim e de papai. Ele parecia ansioso.

— Senhor Rafael, meu pai veio de uma família muito tradicional e me fez prometer que no dia que eu encontrasse a pessoa certa, o meu encaixe perfeito, a primeira coisa que faria era conversar com os pais dela. Pois, se para mim ela é especial porque foi criada com todo o amor do mundo por seus pais, imagine para vocês.

Ai. Meu. Deus! Odiava ser o centro das atenções. E todos estavam olhando para mim neste momento.

— Eu sei que para o senhor pode ser muito recente, afinal eu conheci a sua filha um dia atrás. Mas a minha história com Emanuely já tem mais de vinte anos. Antes de completar dez anos, minha mãe recebeu uma aluna em sua turma e se encantou por ela. Cheguei até a sentir certo ciúme da garotinha que trazia os mais lindos sorrisos aos lábios de minha mãe. E o nome dessa menina passou a ser gravado em meu coração. Meu coração sempre acelerava ao ouvir mamãe falar de seus avanços, ano a ano, na dança. Deixei isso guardado no fundo do meu ser por achar que era coisa de criança, uma besteira, mas não era, senhor Rafael. A sua filha foi feita para mim. Arrependo-me tanto de não tê-la encontrado antes. Seria tão fácil ir a uma de suas aulas e apreciar seus movimentos e conhecer tão pura beleza. Mas quis Deus que isso não acontecesse. Demorou tanto, mas eu a encontrei e não vou deixá-la escapar. Eu já perdi as duas pessoas que mais amei em um único dia.

E não posso ficar sem Emanuelly em minha vida. E nesse momento, quero cumprir a promessa que fiz ao meu pai: pedir primeiro a mão de sua filha em namoro e muito em breve em casamento.

— Não. Você não está fazendo isso, primo! Isso é ridículo!

Nem prestei atenção, só fui perceber quando Nate estava quase rolando no chão de tanto rir. E Gabriela deu um tapa na sua nuca.

— Não ria, Nathan! Isso foi tão lindo. Eu estava chorando e você quebrou o encanto do momento. Se tivesse feito isso com a gente, não teria suas bolas ameaçadas por papai quando me pediu em casamento e quase feito xixi nas calças.

Todos caíram na gargalhada.

— Vixe, papai! A mamãe tá *blaba*. Corre logo. Se ela pegar o meu chinelinho da Barbie, ela vai bater no seu bumbum. E dói, viu?

— Papai vai fugir agora, minha Pequena Luz. Pode deixar. E não me lembra desse dia, Gabriela. Eu prometi te fazer feliz e minhas preciosas bolas estão superseguras. Agora pode continuar, primo. Por favor.

— Ok, Nate. E então, senhor Rafael... o que me diz?

— Obrigado, menino. Eu conheci a sua mãe e ela fez um excelente trabalho em sua criação. E sei que onde eles estiverem, estão orgulhosos de você. E sim, eu aprovo o seu relacionamento com a minha menina. Mas não pense que vai se livrar da mesma ameaça que fiz a Nathan. Se fizer minha

bebê sofrer, eu corto suas bolas fora.

— Somos dois, senhor Rafael! — Levi falou com um olhar zombeteiro.

— Três — Enrico grunhiu.

— Quatro. — Felipe sorriu maliciosamente.

— Cinco. Ai de você se fizer minha irmãzinha sofrer, ou não respondo por mim. Papai conhece ótimos cirurgiões para cuidar do seu rostinho, primo. É só um aviso! — Nathan ameaçou e fechou a cara.

— Seis. E não serão só suas bolas arrancadas, se fizer Nelly sofrer. Se considere um homem morto! — disse Lucas.

Daniel sorriu.

— Obrigado pelo carinho de todos com Emanuelly, mas eu cuido do que é meu. E ela é minha! O meu bem mais precioso. Então, acho que, como o Nate, eu estou seguro também.

Samuel se aproximou de Daniel e deu três tapinhas em suas costas.

— Cara, você está fodido!

— Oh não, amigo. Eu estou é feliz, como há muitos anos não estive.

Papai me perguntou se eu aceitava o pedido de Daniel. Minha voz ainda não saía. Eu só consegui afirmar com a cabeça. E fui agarrada pela cintura e recebi o meu primeiro beijo como namorada do homem dos meus sonhos de

menina.



Assim que chegou o momento de abrir meu coração, eu disse:

— Bom, agora eu queria conversar com todos vocês. Nessa sala estão as pessoas mais importantes da minha vida. Aqui só estão faltando os pais de Levi e Gisele, mas eu não posso esperar mais. Por favor, quero que todos se acomodem, porque eu vou contar um pouco de minha vida.

— Sente aqui, minha preciosa. Me deixe te abraçar.

Daniel estava sentado no sofá vermelho que tanto amava. Sentei ao seu lado, mas fui levantada e colocada em seu colo. Ele já sabia que para mim é difícil falar do passado.

— Não sei como iniciar. Reviver aquilo tudo dói muito.

— Tome o seu tempo, minha filha.

Encarei meu lindo pai e dele tirei coragem para começar.

— Sempre tive de tudo na vida. Pais carinhosos; uma irmã mais velha, linda e louca; minha avó paterna, que sempre me mimou muito; tios, primos. Enfim, uma família linda e estruturada. Fomos criados em um lar evangélico.

E até os meus quinze anos almejei encontrar o amor verdadeiro e ter um casamento perfeito como o dos meus pais.

“Antes de ser um empresário, meu pai foi um caminhoneiro. Mesmo que ele diga que ainda é um caminhoneiro, hoje a empresa toma muito do seu tempo. Então, desde pequena, tivemos mais a presença de mamãe em nossas vidas. Sara me trouxe tantas coisas boas e sempre me inspirei nela em tudo que fiz na vida. Minha paixão pela dança veio dela. Ela sempre sonhou em ter uma filha bailarina. E eu me empenhei ao máximo para que seu sonho se tornasse realidade. Tudo que cozinhou foi ela que me ensinou. As flores são outra paixão de Sara que carreguei comigo.”

“Ela tentava de todas as formas possíveis amenizar a ausência de papai em nossas vidas. Mesmo que ele não estivesse presente, nós mantínhamos a tradição de irmos para a sorveteria todas as tardes de domingo. Aos sábados, mamãe preparava nosso almoço e vários lanches; e depois seguíamos para uma das mais de vinte lagoas da nossa cidade. Era tão divertido. Nossas boias eram feitas da câmara de ar dos pneus da carreta. Sara trazia leveza aos nossos dias. Eu sinto tanta falta dela. Ela não podia ter feito isso comigo.”

— Calma, minha preciosa. Vai ser doloroso falar disso. Como disse o seu pai, leve o tempo que precisar. Não tenha pressa.

— Tudo bem, Daniel. Eu preciso continuar.

— Certo.

— Agora não riam de mim. Mas era sagrado todo fim de ano assistirmos a programação da tevê. Eu e Gabi sonhávamos em ser as Paquitas da Xuxa.

Felipe começou a rir.

— Mas que merda, Lipe! Não ria.

— Desculpe, Moranguinho. Tive pensamentos nada decentes com você agora, só de bota das Paquitas.

— Cale a boca, seu merda! É da minha menina que você está falando!

— Desculpa, senhor Rafael!

— Ei, nós não éramos as únicas loucas pelas Paquitas, viu?

— Você acha que sei das botas por culpa de quem, Moranguinho?

— Carlinha! — respondemos juntos e rimos.

— Ok. Eu estou aqui, sabia? E adorava mesmo. Um dia ainda realizo esse sonho de me vestir de Paqueta e dançar, mas agora para um homem bem delícia.

— Amiga... Sem mais detalhes, por favor!

— Continue, minha neta. Sua avó está revivendo momentos lindos através do seu relato.

Assenti para a minha avó e continuei:

— Era perfeito. O tapete grande da sala cheio de almofadas. Uma bacia de batatas fritas, guaraná e muito chocolate.

“Sara dizia que dezembro era especial por ser o mês que eu nasci. Era tanta alegria, risos. Se papai estivesse em casa também faria parte de toda essa bagunça. A única tristeza era ter que escolher entre o Natal e o Ano Novo para o papai passar em casa. Uma viagem era feita por papai e outra pelo seu amigo e sócio, Marcos. Amava os presentes que papai e tio Marcos traziam a cada viagem: eram desde um simples refrigerante a uma boneca, bolsa e roupas. Era maravilhoso saber que se lembravam de mim e de Gabi.”

“Com três aninhos, eu conheci a minha inspiração. Tia Amanda trouxe brilho e luz para o meu pequeno mundo. Uma vez por semana que colocava a minha roupinha de bailarina, eu era transportada para um mundo em que tudo era cor-de-rosa, como a cor que mais amava. Cada passo e coreografia que aprendia, com o passar dos anos era um degrau a mais alcançado na carreira que tinha escolhido seguir.”

“Com quinze anos, eu faria uma apresentação solo na escola. Tia Amanda se dedicou tanto a me ensinar a coreografia. Ela não aceitava menos que a perfeição. Seus lindos olhos azuis brilhavam com orgulho ao ver o resultado de tantos ensaios. E foi neste dia que perdi tudo. Elas foram arrancadas de mim. E só me restou o vazio. Eu ia conhecer o filho da tia Amanda neste dia. Ela sempre dizia que nós dois éramos a sua vida. O nome desse menino me perseguiu por oito anos: Daniel. O mesmo nome do homem que está trazendo vida ao meu mundo. Parece brincadeira, mas eu falava com a tia Amanda que iria me casar com o filho dela. E estou me apaixonando por ele”, falei isso olhando nos olhos de Daniel.

— E eu por você, minha preciosa.

Segurei a mão de Dan, respirei profundamente e continuei a lembrar e

relatar o dia que me transformou.

— Nesse dia, eu estava tão feliz. Eu iria dançar para as pessoas que mais amava nessa vida. Tia Rachel arrumou meus cabelos e me maquiou. Gabriela e papai sempre estavam ao meu lado. Sara tinha saído para se arrumar em outro salão. Lembro como se fosse hoje. Papai discutiu com ela por isso. Naquele momento, cheguei a me questionar o porquê dela se deslocar para outro lugar para se arrumar, se tia Rachel estava ali, na nossa casa, e sempre foi uma cabeleireira e maquiadora de mão cheia. Mas minha felicidade era tão grande que logo tinha me esquecido disto.

“Seguimos para o colégio. Eu contava os segundos para vê-los ali na plateia. Reservei os melhores lugares para eles. Minha família e a de Amanda. Os minutos passavam e nenhum sinal deles. Já sentia as lágrimas teimosas querendo descer. Minha professora da escola já estava prestes a anunciar a minha dança, e eu busquei meu pai em desespero. Papai tentou de todas as formas entrar em contato com a minha mãe e não conseguiu, mas me pediu que desse o meu melhor, que me entregasse à canção, fechasse meus olhos e dançasse para eles. E eu fiz.”

“Não esqueço a música que dancei, até os dias de hoje: *Because You Loved Me*, de Celine Dion. A mesma que dancei agora há pouco para vocês. Quando terminei o meu solo e abri meus olhos, vi que ali fiz minha melhor apresentação. Porém, minha vontade de ir embora era tão grande, que papai a realizou.”

“Mas, maldita a hora que papai precisou passar na empresa. Foi ali que vi tudo ruir. Sara destruiu tudo o que ela tinha me ensinado nos meus quinze anos de vida. No instante que meu pai entrou em seu escritório... Oh, meu

Deus! Como isso dói!”

— Me abrace, Daniel.

— Se acalme, minha menina. Eu ainda não sei o que aconteceu, mas posso sentir o quanto isso te machuca. Leve o tempo que precisar para continuar sua história.

— Não. Tem que ser agora. No instante que papai entrou em seu escritório, comecei a ouvir barulhos e gemidos vindos da cozinha. E como desobedeci à ordem de meu pai de não sair da recepção, vi aquela cena desprezível dos dois: de minha mãe e tio Marcos. Era tão repugnante. Senti vergonha. Pela primeira vez na minha vida, eu senti nojo da minha mãe.

“Sara estava nua e gemia o nome de Marcos. Dizia que o amava. Ele, somente a ele. Marcos investia com tanta força na minha mãe e a chamava de sua vadia, que fiquei sem reação. Era tão insuportável vê-los naquele estado. Ela debruçada na mesa da cozinha e ele em cima dela. A minha mãe, a minha rainha, em quem me espelhei, a pessoa que sonhei ser quando eu crescesse, era tudo uma grande mentira. Ela era desprezível, asquerosa.”

“Ali, ela matou meus sonhos de um dia ter uma família como a nossa. De ser uma boa mãe, como um dia pensei que ela havia sido. Além do meu pai, ela traiu as suas próprias filhas. Não suportando mais, eu deixei escapar um grito, um grito de mágoa e de dor, que tirou os dois daquele momento sórdido e que trouxe o meu pai para aquela cena desagradável. E nos olhos dele, eu pude ver tristeza e a dor ainda mais profunda que a minha. Era uma dor antiga, porque ele sabia de tudo aquilo. Meu querido pai tentou nos preservar, mas falhou.”

“Contar isso para vocês, meus amigos, dói tanto como naquele 8 de novembro de 2006. Mas o que mais me machuca, fere e esmaga a minha alma até hoje foi olhar no canto daquele cômodo e ver todas as coisas de minha mãe. Ela escolheu o Marcos em vez de sua família. Ela nos abandonou, sem dó e sem compaixão nenhuma. A imagem daquele dia está registrada em mim. Além de tudo havia sangue. Marcos estava ferido, machucado superficialmente, o que me causou ainda mais náuseas. Sem dizer uma palavra sequer, papai me tirou dali. Mas antes vi uma lágrima solitária rolar dos olhos de Sara. E ali, todos os meus fundamentos, a minha base, desmoronaram. Eu me perdi. Mas, hoje, ao abrir meu coração para vocês, eu decidi viver. Eu escolhi recomeçar ao seu lado, Daniel. E orarei a Deus sem cessar para que você não destrua nunca o que vamos começar a construir juntos.”

— Nunca, Preciosa! Farei de tudo para fazer você feliz a cada instante.

Levi se aproximou e se ajoelhou em minha frente.

— Oh, ruiva, agora eu entendo a sua dor! O porquê de nunca se entregar por completo. E agradeço por confiar em todos nós, ao nos entregar um pedacinho de você. E fico grato a Deus por sua decisão. Você fez a melhor escolha. Mesmo que seja o filho da puta do meu amigo e não a mim.

Mesmo em meio às lágrimas, tive que sorrir.

— Você sempre será parte de mim, Lê. Meu amigo, meu porto seguro em momentos tão difíceis. Mas sou obrigada a dizer que meu coração escolheu Daniel para habitar ali. Sua alma gêmea não sou eu e nós dois sabemos disso. Recomece também, meu amigo. Faça Gisele feliz.

Recebi o carinho e compreensão de todos e ouvi meu pai emocionado me dizer o quanto se orgulhava de mim.

Eu estava esgotada, cansada. Aninhei-me nos braços de Daniel e antes de fechar os meus olhos, eu ouvi sua voz gostosa e rouca:

— Descansa, minha preciosa. Quem vai cuidar de você de agora em diante sou eu. Vamos dar início à nossa história.

Daniel deu os primeiros passos para nos tirar dali, mas fomos interrompidos por tia Ester:

— Não vá ainda. Eu preciso lhe explicar tudo, Daniel.

— Isso mesmo, tio Dan. A moça do olho azul falou que você *precisa* ouvir a vovó. E tia Nelly, ela disse que sabia que seria sua melhor *apresentação*. Ela disse que sente orgulho da dinda.

— Estão vendo isso, Daniel e Nelly? Isso que todos questionam que Luísa tem é precioso. Minha irmã Amanda era agraciada com isto. Sentem-se de novo, porque quem vai contar a história agora sou eu.

Daniel me colocou no chão.

— Mas como, tia? Eu nunca soube disso.

— Eu contarei tudo, querido.

— Ok, tia, me dê somente um minuto.

Daniel pegou minha mão e me levou para a varanda de casa. Passou a mão em meus cabelos, aproximou-se e os cheirou. Encostou de leve seus lábios nos meus em um beijo suave.

— Agora eu posso te fazer minha por completo, Preciosa. A minha casa já está pronta e as chaves já estão em minhas mãos. Essa noite, eu te farei minha mulher e nada nem ninguém poderá tirar você de mim.

— Eu espero ansiosa por isso, Dan. Só me lembre antes de irmos para a sua casa, de pegar a minha torta de bombom e o recheio de chocolate. Tenho certeza de que, assim como o Dr. Garanhão do meu livro, você com chocolate deve ser perfeito.

Voltei para a sala ao som de um “PORRA!” e um gemido de Daniel. Sorri, porque minha noite seria incrível!



14

Daniel

RESPIREI PROFUNDAMENTE, BUSCANDO ACALMAR OS ânimos do meu amigo aqui embaixo, e segui novamente para a sala onde Emanuely, minha tia, família e amigos me esperavam.

— Sente-se, querido. Vamos conversar agora.

— Ok, tia Ester.

Sentei-me ao lado de minha preciosa e pedi:

— Me dê a sua mão, Emanuely. Eu sei que precisarei muito de você nesse momento.

Ela somente assentiu e me estendeu sua mão. Sei que ouvir sobre a minha mãe também será difícil para ela. O sentimento entre as duas não era algo comum. Era maternal, completo e sem medidas. Único.

— Me dá *colin*, tio Dan. Pequena luz também quer cuidar de você.

Com minha mão livre, ergui Luísa e a coloquei em meu colo. E ali, senti-me preparado para escutar tia Ester, que tinha em seu semblante um misto de

dor e saudade.

— Daniel, todos aqui já presenciaram momentos que muitos consideram até estranhos e diferentes com Luísa. Peço a todos que nunca questionem isso. É um dom maravilhoso que pensei que nunca mais ia presenciar em minha vida. Eu sou cinco anos mais velha que Amanda. Quando ela nasceu, mamãe dizia que eu fazia a minha irmã de boneca. Queria brincar com ela o tempo todo. Ela era tão linda com seus olhos azuis tão intensos, a pele branquinha e suas bochechas rosadas, que encantava a todos. Eu sempre quis protegê-la de tudo. E, por fim, descobri que era ela que zelava por mim.

“Fomos criadas em um lar evangélico. E todas as noites a minha bonequinha, era assim que a chamava, dobrava seus joelhos e clamava a Deus por todos de nossa família e seus amiguinhos. Não me lembro se foi com três ou quatro anos, que ela acordou no meio da noite e correu para o quarto de nossos pais. Assustei-me e fui junto para saber o que estava acontecendo. Ela tentava acordar papai e não conseguia. Então, ajudei-a. Ainda sonolento, papai percebeu o desespero de Amanda, e perguntou o que a deixou naquele estado. Ela o olhou tão intensamente, que isto ficou gravado em minha memória até hoje, e pediu que ele se abaixasse. Papai se ajoelhou e ela passou as mãos em seu rosto, e disse que o homem bonito de asas pediu para ele não viajar. Papai olhou para ela e disse que precisava, pois era um seminário da igreja e ele não poderia faltar. Ela disse que o moço pediu que lhe dissesse uma única palavra se ele se recusasse a obedecer. E essa palavra salvou o meu pai.”

— Que palavra é essa, tia? Pelo amor de Deus, fala logo! — disse, apertando a mão de Nelly e abraçando Luísa fortemente.

— Livramento, Daniel. Foi a palavra que salvou o seu avô. Meu pai era para ter partido naquele dia junto com dois membros de nossa igreja, mas o dom de Amanda o salvou. Deus mostrou e, ao obedecer, papai se livrou de um terrível acidente. E assim passaram-se os anos, querido. Constantemente seus sonhos nos traziam conforto, paz, alegrias e grandes livramentos. Até que um dia, em sua adolescência, ela passou a sonhar com uma linda menina de cabelos vermelhos, vestida de bailarina e que dançava para ela.

— Oh, meu Deus! Mas como? Isso é impossível, tia.

— Se você está questionando se a menina dos sonhos de Amanda era a Nelly... então, não é impossível, querido. Era ela.

Emanuelly se assustou com a revelação de titia.

— Meu Deus, Ester! Mas eu nem era nascida. Isso é muita loucura.

— Não questione, querida. Apenas creia. Quem segurava seus bracinhos e lhe ensinava a rodopiar era o mesmo anjo dos sonhos de Amanda. Foi ele que levou a minha irmã a dançar, dizendo que a criança que ele estava ensinando os primeiros passos necessitaria muito dela. Disse também que a missão de Amanda era cuidar e amar a garotinha ruiva, e assim ela o fez.

“Matriculou-se em um curso de dança e sempre conciliou seus estudos com suas aulas dança. Foi para a faculdade e se formou com honras em Administração, seguindo assim os passos de papai, mas nunca deixou a música morrer dentro dela. Realizou seu sonho ao ser presenteada em seu casamento com uma grande área aberta próxima a nossa casa. Nossos pais queriam sempre ver o sorriso doce nos lábios de Amanda, por isso a

presentearam. Ali, ela e seu esposo construíram o seu estúdio de dança. O mesmo que Nelly aprendeu a dançar e foi muito amada por sua mãe, Daniel.”

Minha menina começou a falar do estúdio de dança. E era evidente o imensurável amor de Emanuely, porque mamãe deixou sua paixão pela música e pela dança acesa no coração de Nelly.

— Eu amo aquele lugar. Não há um dia sequer que entre ali e possa esquecer o sorriso amoroso de Amanda ao me receber. Seu Jonas, que adquiriu a escola de dança, também é um homem carinhoso com todos, mas sinto que não tem a magia de Amanda, que ao ouvir uma bela canção, a deixava penetrar em sua alma e transmitia a beleza em seus pés.

Luísa saiu de meu colo e abraçou Nelly dizendo:

— Dinda, a moça bonita disse pra você aguardar. E mandou te dizer uma palavrinha.

Tia Ester era a única na sala que nunca se surpreendeu com as palavras de Luísa. Ela apontou para a neta e se emocionou ao falar sobre o dom de mamãe e da pequena luz.

— Estão vendo? É disso que eu falo. A sensibilidade de Amanda passou para Luísa. Mas, assim como meu pai, eu peço para que todos guardem esse segredo. Muitos não entendem e julgam até como loucura, mas é real. Agora diga, minha princesa, o que a moça bonita disse pra tia Nelly?

— Vovó, ela disse que é surpresa. A palavrinha é SURPRESA. E que só você sabe, mas ainda não é a hora da tia Nelly descobrir.

Vejo minha tia sorrir para a sua neta.

— Obrigada, minha princesa. A moça bonita tem razão. Ainda não é a hora. E tia Nelly receberá um lindo presente.

Aproveitei esse instante de pequeno silêncio na sala e observei todos ao redor. Seus olhares transmitiam sensações muito diferentes. Alguns estavam assustados, outros impressionados e até mesmo emocionados. Mas quem capturou minha atenção foi Lucas. Tudo o que foi dito aqui mexeu demais com ele. Eu só espero que ele não culpe a minha mãe de nada.

— Mãe, você sabia quem era ela quando nós nos mudamos. A mudança não foi feita para amenizar as saudades de tia Amanda. Foi por causa de Nelly. — Lucas não perguntava, ele afirmava. E eu consegui ver a dor em seu semblante ao olhar para a minha preciosa. A vida dele mudou por causa dela, porque ele a teve e a perdeu.

— Sim, Luc. Eu sabia. Sete dias antes do acidente, Amanda teve um sonho com o anjo. Eu sempre imaginei esse ser como um anjo majestoso, mas ela nunca se referiu a ele assim. Sempre o chamou de moço bonito de asas. Ela me procurou um dia, após este sonho, e contou algo que me fez perder o chão. Ela me disse que ela e Arthur iriam partir. Porém, não sabia o dia nem a hora. Só disse que me amava e me suplicou para que cuidasse de seus bens mais preciosos: Daniel e Emanuely. Que nunca interferisse no destino, pois um dia eles iriam se encontrar. Mas pediu que eu sempre estivesse por perto, protegendo-os. E eu jurei que faria isto até o fim dos meus dias. E ela me disse que seriam vários dias, que eu viveria muito. Mesmo em meio a minha dor de saber que a perderia, ela me fez sorrir. E logo após o enterro dos dois, Daniel disse que não aguentaria mais viver

nessa cidade que tinha lhe tirado tudo. E logo se mudou para a capital para continuar seus estudos. Mesmo à distância, eu fiz de tudo para mantê-lo em segurança. Uma semana após o enterro, eu aproveitei a mudança de Daniel e comecei a cumprir minha promessa. Visitei a escola de dança e vi a menina dos sonhos de Amanda expressando a dor de perder quem amava em sua dança.

Tia Ester se aproximou de Nelly e segurou delicadamente suas mãos, dizendo:

— Você me fez chorar aquele dia, Emanuelly. Eu não sabia o porquê de suas lágrimas. Agora eu a entendo. Você chorava por Amanda e Sara. Mesmo sem saber o real motivo, naquele instante, há oito anos, eu decidi cuidar de você. Conversei com minha família e disse que seria difícil viver naquela casa e acordar todos os dias olhando para a residência ao lado e não poder dar um bom-dia para a minha irmã. Consegui o endereço de Emanuelly. E como todos decidiram se mudar, ofereci um bom dinheiro na casa que moro hoje e nos mudamos. A casa de Amanda também foi vendida. E seu dinheiro aplicado. Foi com ele que comprei a sua nova residência, Daniel. Espero que seja muito feliz ali.

— Obrigado, mãe. Aqui eu encontrei a felicidade. Mesmo não interferindo no destino de Daniel, você ajudou a traçar o meu. Não sei o que seria de mim sem Gabriela, Luísa e Miguel, que chegará em breve. Eles são meus presentes de Deus — agradeceu Nathan.

— Nate, eu te amo. E agradeço a Ester por trazer você para mim. Mas, querido, não sabemos se será um menino. Então, não crie tantas expectativas — disse Gabriela.

Luísa se aconchegou nos braços de Gabriela, que estava sentada em uma poltrona, e acariciou delicadamente a sua barriga.

— Olá, Miguel! Você será um menino muito lindo, igual o namorado da minha Barbie.

— Eu disse, Gabi. Miguel. Não tem erro.

Gabriela teve que ceder. Não conseguiria nunca confrontar a própria filha.

— Você é um sortudo, meu irmão! Eu tive a felicidade nas mãos e a deixei escapar. Eu só perdi.

Apertei meus punhos ao ver Lucas dizendo isso, e olhando para a minha menina. Só me acalmei e decidi não revidar quando ela sussurrou em meu ouvido que nunca foi realmente dele.

Luísa deixou os braços de Gabi e foi em direção aos de Lucas. Porém, seu semblante era sério, já não era a menina sapeca de horas atrás.

— Tio Luc, você ainda não perdeu nada. A tia Nelly é dele. — Luísa apontou para mim. — Mas você vai perder tudo. E vai demorar um *tantão* pra achar de volta. — Ela tocou o peito de Lucas. — Mas, tio Luc, é só procurar aqui. Não ligue pra escuridão. Tá tudo escondido, bem guardadinho. Você vai encontrar. — Depois que saltou dos braços de Luc, disse que ia colocar a coroa de pedras na sua Barbie linda. E saiu da sala. Eu já amava essa menina especial com loucura.

— Continuando. Essa é um pouco da história de Amanda. Ela sonhou,

viveu e amou intensamente. E me pediu para cuidar de vocês. E o seu sonho está se realizando. As pessoas que ela mais amou em vida se conheceram e estão começando a sua própria história. E eu não me arrependo um instante sequer dos meus dias de ter mudado não só a minha vida como a de minha família por completo, porque fiz a melhor escolha. Ver Nate, Lucas e Daniel felizes é a minha missão. Estarei sempre aqui para vocês, meus meninos! Agora me abracem, que eu quero um pedaço daquele bolo delicioso que está na geladeira. E pelos olhos arregalados de Sam e Lipe, vi que eles também querem.

— Falou tudo, dona Ester. Eu sou um menino em fase de crescimento ainda. Preciso me alimentar.

— Cale a boca, Felipe! Menininho de vinte e quatro anos. Essa sua barriga não tem fundo, Pietro que o diga. Nossa conta no café dele é astronômica. Suas idas pela manhã são sagradas no estabelecimento de Pietro. Ainda acho que tem uma mulher gostosa envolvida nisso. Falando nele, deu até saudades. Tem que conhecê-lo, amiga. Ele é um italiano quente demais. Deixa euzinha aqui babando por ele. — Carla abanava o rosto com as duas mãos como se realmente estivesse com calor ao falar do tal italiano. E tinha um sorriso malicioso no rosto.

— Dona Laura, leva esses loucos para a cozinha, por favor. E encha eles de bolo, só assim ficam quietos. Eu trouxe dois. O menor é só da minha preciosa. E Carla, bom saber sobre esse Pietro. Quando for visitar vocês, eu mantereí minha menina distante desse café.

Eu passei a mão em sua cintura por trás e aproximei nossos corpos. Tenho certeza de que olhava de cara fechada para Carlinha. Ri baixinho, imaginando

sua expressão.

Os loucos saíram rindo para a cozinha e nós três demos o tão esperado abraço em tia Ester.

Logo nos juntamos aos demais e saboreamos o delicioso bolo que comprei para a minha menina. Ela tinha razão de amá-lo tanto. Era divino!



Nosso dia foi bastante exaustivo. Ouvir tantas coisas sobre minha mãe trouxe a saudade batendo mais forte em meu peito. E minha única vontade agora era de pegar a Emanuely e levá-la para casa. E fazê-la minha por completo. Por isso me aproximei, abraçando-a por trás e beijei seu pescoço.

— Vamos para a minha casa agora. Eu preciso de você.

Senti-a estremecer em meus braços e ainda com um pedaço de bolo na boca, gemeu e assentiu. Tirei o prato de suas mãos e me despedi de todos. Quase xinguei Levi, Enrico, Felipe e Samuel. Pela cara de safados, eles sabiam que minha noite seria excepcional!

Por outro lado, Lucas poderia me matar num piscar de olhos. Esperava que um dia ele entendesse que entre mim e Nelly havia paixão e amor, e não um simples caso qualquer.

Quando estávamos quase chegando à porta da casa do senhor Rafael, Nelly pediu que eu a esperasse.

Poucos minutos depois, ela retornou com uma pequena forma de vidro em uma mão e na outra um frasco com um líquido escuro.

— Agora podemos ir. Eu, você, torta de bombom e recheio de chocolate.

— Santo Cristo, mulher! Já pra minha casa.



15

Daniel

EU PRATICAMENTE ARRASTEI EMANUELLY PARA minha casa. Era estranho pensar nessa casa como minha. Quando tia Ester me entregou as chaves hoje cedo e pude olhar cada cômodo, percebi que era o nosso lar. Em cada lugar, cada espaço, tinha o toque de Nelly. Desde o lindo sofá vermelho até a grande cama em meu quarto. Tudo me lembrava dela. E, em breve, esse local seria nosso. Eu esperei muitos anos por ela. E pretendia o mais rápido possível formar a nossa linda família.

Encontrar a chave do portão foi uma tarefa realmente difícil. Olhando minha preciosa com a torta de bombom e a calda de chocolate em mãos, a minha cabeça de cima se recusava a pensar.

Vendo meu desespero, ela me entregou a bandeja de sobremesa e tomou as chaves de minha mão, sorrindo. E, então, facilmente encontrou a chave do portão e o abriu. E entramos.

Esperava que Gabriela tenha tido tempo de organizar a minha surpresa. Hoje, queria adorar cada parte do lindo corpo de Nelly.

Minha menina abriu a porta e me desejou boas-vindas ao meu novo lar. Agradei com um beijo em seus doces lábios. Se ela ao menos imaginasse

que, em um futuro bem próximo, eu direi isso para ela. Podia até parecer ultrapassado, mas entrarei com Nelly vestida de noiva carregando-a em meus braços por essa porta, isso era uma certeza absoluta em nossas vidas.

O brilho no olhar de minha menina, passeando por cada cantinho da casa, não tinha preço. Vi que fechou seus olhos e inspirou o ar. Eu sabia o que ela estava sentindo: cheiro de casa nova, de começo e de querer fazer com que tudo desse certo. Enfim, iniciar uma nova vida.

Tirei o pote com a calda de suas mãos e coloquei junto com a torta em cima da bancada da cozinha.

Emanuelly seguiu em direção à janela e a abriu. Debruçou-se na janela e passou a observar a vida fluindo do lado de fora da casa.

Minha tia escolheu recomeçar a vida em um lugar perfeito, perto da menina que habitou meus sonhos nos últimos anos. E, além de tudo isso, era um bairro tranquilo, seguro e, pelo visto, com uma vizinhança agradável. Tinha que lembrar-me de agradecer e muito a tia Ester por comprar a casa e decorá-la com tão grande amor junto de minha preciosa.

Aproximei-me e enlacei a pequena cintura de Nelly. Ela encostou sua cabeça em meu ombro e pude sentir o doce cheiro de morangos. Oh, Deus, além de ser linda, ela ainda cheirava divinamente!

Girei Emanuelly e a ergui em meus braços e suas pernas logo rodearam meus quadris. Meu corpo ansiava pelo dela, como se quisesse marcá-la. Sentia-me como um animal selvagem querendo marcar sua fêmea para que todos ao redor soubessem que ela era minha.

Minha menina já estava envolvida pela paixão. Seus olhos semicerrados e seu sorriso malicioso eram pura luxúria.

Eu precisava dela. Desci meus lábios para seu pescoço e fui mordiscando seguindo até seus lábios e pedindo passagem para um beijo quente e necessitado. Nelly gemeu ainda mais em minha boca, quando girei meus quadris em seu centro e ela pôde sentir o quanto eu estava excitado.

— Deixe-me te fazer minha, Preciosa?

— Eu já sou sua há muito tempo. Só demorou para nos encontrarmos, Daniel. E eu preciso tanto de você, que chega a doer. Me ame, por favor.

— Não precisa dizer duas vezes, minha menina. — Ainda com Nelly nos braços, segui para o meu quarto. Mas parei diante da porta fechada e a coloquei no chão. — Preciosa, agora você fechará seus olhos e só os abrirá quando eu pedir. Eu preciso que você apenas sinta neste momento.

— Ok. Me guie.

Nelly seguiu minha instrução. Segurei uma de suas mãos e com a mão livre abri a porta do quarto. Nossa, Gabriela conseguiu!

— Respire fundo, minha linda. E espere aqui.

Coloquei meu celular em cima da mesa ao lado da cama e selecionei a música *I Thousand Years*.

Nelly respirou profundamente e, pelo sorriso em seus lábios, ela descobriu a minha surpresa.

— Oh, meu Deus! Eu conheço esse cheiro. Como você descobriu, Dan? São as minhas prediletas. Que cor você escolheu?

— Branco. Há lisiantos brancos espalhados por todo o quarto.

— Me deixe ver?

— Agora não. Eu já disse. Você só precisa sentir neste momento, mas dance comigo primeiro. E, pequena, essa música é nossa. Eu te procurei. Te esperei por muito tempo.

Nelly se encaixou em meus braços e me deixou guiá-la numa dança suave e sensual.

*“O tempo todo eu acreditei que te encontraria
O tempo trouxe o seu coração ao meu
Eu te amei por mil anos
Eu te amarei por mais mil”*

— Os nossos corações, enfim, se encontraram, Nelly. E eu quero poder te amar eternamente.

— Finalmente, Dan.

Emanuelly suspirava e tremia enquanto minhas mãos desenhavam o contorno de seus lábios.

— Eu vou te colocar em frente à cama e vou te despir, minha linda.

Posso?

— Não pode. Deve, Daniel!

Levei Nelly próximo à cama.

— Como você soube que sou apaixonada por lisiantos?

— Pedi a Gabriela para me falar das coisas que te fazem feliz. E, entre elas, estavam as flores. Ela me disse que todos os dias, ao abrir a floricultura, você sorri. As flores te fazem bem, te trazem leveza, tranquilidade e te deixam à vontade. E é assim que eu quero você nessa tarde. Totalmente entregue pra mim.

— Meu Deus, Daniel! Eu quero você agora! Eu nunca senti isso na vida. Meu corpo clama pelo seu, como se você fosse a parte que falta para completá-lo.

— Sim, Preciosa. É isso! Somos metades. O encaixe perfeito em tudo. Agora erga seus braços para mim.

Assim que Emanuelly ergueu seus braços, segurei a barra de sua regata e a retirei delicadamente enquanto ia acariciando sua pele suave deslizando minhas mãos pelo seu corpo. Porém, quase surtei ao me deparar com seus deliciosos seios nus.

— Você está sem sutiã, pequena? Não faça mais isso. Somente se for para mim. Aqueles bastardos podiam estar olhando pra você. E isso tudo aqui é meu. Somente meu.

Emanuelly corou e arfou em meus braços ao sentir meus lábios em seus seios. Eu era como um homem faminto, necessitado. Mordisquei levemente enquanto circulava os mamilos intumescidos com a minha língua e seus gemidos eram como a mais bela melodia.

Abaixei e retirei sua *legging* junto com a calcinha vermelha de renda. Tomei-a em meus braços e a deposei no centro de minha cama. E, em seguida, me levantei.

— Não abra os olhos, pequena. Deixe-me gravar esse momento em minha mente e coração. Você é tão linda, Nell. Seus cabelos de fogo espalhados no lençol branco juntamente com essas pétalas de flores brancas é a visão da perfeição.

Retirei rapidamente minhas roupas, ficando somente com minha *boxer* branca. E peguei um lindo lisianto em minha mão e subi na cama, colocando-me ao lado da minha menina.

— Agora, Nell, eu vou te adorar com essa flor. Em cada parte do seu delicioso corpo que ela tocar, sinta como se fosse meus lábios quentes a te beijar, te envolver e até mesmo te morder. Sinta como se fosse minha mão apertando e beliscando seus mamilos, moldando sua cintura, passeando por suas curvas...

Toquei o seu rosto com a flor delicada. Passei por suas bochechas, seu queixo e cheguei aos seus lábios.

— Nell, minha preciosa, pela primeira vez em minha vida, sinto inveja de uma flor. Queria que fossem meus lábios a tocar os seus. — A respiração de

minha menina se alterou e ela se contorceu sob as pétalas. Desci a flor para o seu pescoço e ali descobri ser uma área sensível para ela. — Aqui. Sinta minha língua deslizando sob seu pescoço suave, Nelly.

Jesus! Um gemido alto escapou por entre os lábios de Emanuely, deixando-me ainda mais excitado e ansioso para possuí-la.

Desci a rosa por seus seios e circulei o mamilo direito e logo após o esquerdo.

— Não para, por favor. Oh, meu Deus! Dan, eu quero você.

— Não vou parar nunca. Mas aqui flor nenhuma vai tocar. Isso é meu.

Deixei a flor ao lado na cama e com ela ainda de olhos fechados, desci meu dedo até seu clitóris e ali iniciei movimentos suaves e circulares.

Nelly logo ofegava e arqueava seu corpo enquanto eu a sentia trêmula.

— Ah, pequena, você está tão pronta e molhada pra mim!

Meus dedos deslizaram na direção de sua abertura e novamente me senti um animal, debruçado sobre a minha menina e grunhi em seus lábios. Beijei-a duro e profundo.

— Merda, Nelly! Sinto-me agora como um adolescente. Não vou durar nada dentro de você. Vai ser forte, duro e rápido.

— Eu só quero você. Agora.

Deslizei um dedo dentro e fora dela e acrescentei outro. No seu semblante só podia ver o mais puro prazer.

Ela soltou outro gemido e me vi sorrindo contra sua boca, já sensível de meus beijos.

Ergui-me sobre ela e retirei minha *boxer*.

— Você tem certeza absoluta disso, pequena? Se me disser sim, a partir de agora você será só minha.

— Santo Cristo, Daniel! Sim — ela sussurrou, respirando irregularmente.

Inclinei-me sobre ela e me encaixei em sua entrada, entrando nela devagar.

— Apertada. Ah, porra! Incrivelmente apertada. — Em seguida, enterrei-me profundamente na minha preciosa.

— Mexa-se, Daniel. Eu preciso...

— Precisa do quê, Nell?

— Eu preciso que você se mova, me foda e me faça gozar.

— Caralho!

Comecei a me mover dentro e fora de minha preciosa. Lentamente, nossos quadris foram se encontrando enquanto Nell gemia o meu nome. Com uma das mãos, toquei o seu clitóris já inchado e esfreguei em círculos deixando-a

ainda mais molhada.

— Você está perto, pequena? Diga que sim, por favor.

— Oh, Deus! Sim. E eu não vou me quebrar, Daniel. Me foda!

— Foda-se!

Arremeti nela mais forte e rápido, girando os quadris, em estocadas longas e precisas.

— Você me aperta como um punho forte. Vem pra mim, pequena. E abra seus olhos para que eu veja seu prazer.

Nelly enterrou o rosto em meu pescoço e gritando meu nome se entregou ao prazer. E eu acompanhei-a. Com mais três estocadas, gozei tão forte como nunca aconteceu em minha vida.

— Emanuelly. Eu sabia.

Minha menina ainda estava tentando acalmar sua respiração.

— O que você sabia, Daniel?

— Que seria o encaixe perfeito.

— Oh sim, amor. Além de perfeito e completo.

— Repete.

— Repetir o quê, Dan?

— Amor.

Saí de dentro dela, rolei para o seu lado na cama e a vi cobrir seu belo rosto com as mãos.

— Eu nunca disse isso pra ninguém. Me perdoa.

— Perdoar o quê, Preciosa? Te fazer minha e ouvir que sou o seu amor é o que faltava em minha vida. Não peça perdão por isso. Deixe-me te abraçar. Agora descanse. Não me esqueci da torta de bombom e da calda de chocolate. Quero te lambuzar em breve.

Ela me deu um sorriso safado e se aconchegou em meus braços. E logo caímos no sono.



Acordar de um cochilo ouvindo a respiração suave do meu amor fez com que me sentisse a mulher mais sortuda do planeta.

Bem... Ele não se encontrava totalmente dormindo. O sorriso em seus lábios indicava que Daniel estava tendo um sonho bom. E a julgar pela tenda armada no lençol, era um maldito de um sonho bom e quente.

Desvencilhei-me dos seus braços lentamente para não acordá-lo. E segui para a cozinha. E lá encontrei o que precisava. A torta de bombom e a calda de chocolate. A torta já estava derretendo, no ponto certo que precisava. Procurei nos armários e encontrei uma pequena taça de sobremesa. Despejei um pouco da torta e voltei para o quarto com tudo que precisava.

Dessa vez quem iria brincar seria eu. Puxei lentamente o lençol que o cobria. Uau! Ele era bem-dotado! Jesus, como coube dentro de mim?!

Enfiei dois dedos na torta de bombom e comecei a lambuzar o seu membro que endurecia ainda mais a cada toque meu. Daniel resmungou em seu sono e quase acordou. Despejei um pouco da calda de chocolate. O recheio ainda estava um pouco gelado, o que o fez despertar assustado. Mas sua expressão suavizou-se ao me olhar nua em sua frente com um pedaço de bombom nas mãos.

— O que é isso, pequena?

— Isso... — apontei para o seu membro todo coberto de doce. — é o melhor picolé de todos os tempos. E eu... vou provar dele agora.

— PORRA, mulher!

Sem vacilar, eu tomei o membro de Daniel em minha boca. Enquanto o bombeava com uma mão e com a outra passava um pedaço de bombom em seu peito, eu também fazia movimentos circulares com minha língua na cabeça rosada. Seu sabor junto aos doces era espetacular. Eu tinha certeza de que seria a combinação perfeita.

Daniel sussurrava meu nome e apertava fortemente o lençol branco.

Lambendo e o chupando cada vez mais fundo, eu ouvia sua respiração alta e seus gemidos.

Suas mãos alcançaram meus cabelos e o enrolaram movimentando minha cabeça em um vai e vem suave, alcançando um ritmo perfeito.

Passei a mover mais rápido a minha boca e a massageá-lo.

Senti-o endurecer e sabia que estava muito perto de gozar.

— Pequena, eu não aguento mais! Se você não parar agora, eu vou ejacular na sua boca.

Levantei meu olhar para Daniel e sorri ainda com seu pau em meus lábios. Isso o fez endurecer ainda mais, como se isso fosse possível e voltei a provocá-lo.

Eu queria tudo dele.

— Oh Deus, Nell! Eu vou gozar.

Seu corpo enrijeceu e o senti estremecer, sua respiração alterou e ele começou a gozar.

Isso era algo que nunca havia feito na vida. Era só nosso. Seu gosto tocou minha língua e tomei tudo que ele tinha. O lambi até deixá-lo limpo. Soltei-o de meus lábios e me ergui sobre ele. Em seu rosto podia contemplar prazer e satisfação, e isso me tornou ainda mais completa. Ele era meu. Totalmente

meu!

— Bom, acho que precisamos de um banho.

Ele sorriu lindamente.

— Sim, Preciosa, e no banheiro isso terá troco.

Foi simplesmente o banho mais demorado que já tomei na minha vida. Assim que saímos do banheiro, Daniel me emprestou uma camisa preta de botão que chegava quase aos meus joelhos.

Pelo vidro da janela do quarto, via que a noite já havia chegado.

— Enquanto você se veste, amor, eu vou à cozinha preparar algo rápido para o nosso jantar.

— Ok, Preciosa.

Daniel estava sexy só de toalha branca com as gotas d'água ainda escorrendo por seus braços torneados.

— Pare de me olhar assim e de morder esses lábios vermelhos. Ou eu te jogo novamente nessa cama e não jantaremos tão cedo.

Nesse instante, a campainha começou a tocar insistentemente.

— Pode deixar que eu atendo. Você só de toalha não atende mesmo essa porta!

— Sim, senhora. — O safado ainda riu de mim.

Segui em direção à porta de entrada. E ao abrir encontrei dois pares de olhos azuis suplicando por socorro. Eu já conhecia esses olhares.

— Que cor é o código?

— Roxo, Nelly. Socorro!

— Dinda, mamãe tá com a panela na mão.

— Na minha cozinha ou na sua, Nathan?

— Na sua.

— Jesus! Se ela encostou em algo, eu vou bater na bunda dela. Só um minuto que eu vou avisar Daniel e iremos salvar a minha cozinha.

Corri em direção ao quarto, mas ao chegar ao corredor dei de cara com uma parede de músculos.

— Opa! Calma aí, Preciosa. Por que a pressa?

— Eu preciso correr pra casa. Gabriela inventou de cozinhar, Daniel. Da última vez, a panela de pressão com feijão explodiu por toda a minha cozinha. Nathan e Luísa já estão me esperando lá fora. Preciso salvar minha cozinha e a louca da minha irmã. Ela e a cozinha se odeiam! Nosso jantar será lá. Pelo visto, Nate e a Pequena Luz estão famintos.

Daniel quase se dobrou no chão de tanto rir.

— Não ria. Isso é uma missão de resgate. Me encontre lá em casa.

Dei um selinho em seus lábios e encontrei Nate e Luísa na porta.

— Vou correr com Luísa. Encoste a porta e venha me ajudar com a surtada da sua esposa.

— Se você preparar algo gostoso para matar minha fome, eu ajudo com todo prazer.

— Com toda certeza. Vamos!

Peguei Luísa em meu colo e disparei para casa.



A porta da cozinha estava aberta. Coloquei a Pequena Luz no chão e inspirei profundamente. Bom... nenhum cheiro de queimado. Gabriela já ia acender a boca do fogão quando eu gritei:

— PARE AGORA!

Gabi se assustou e deu um pulo.

— Mas que palhaçada é essa, Nelly? Quer me matar de susto? Eu sou uma mulher grávida, caramba!

— Oh, eu sei disso. E por isso mesmo gritei. Por amor ao coitado do meu sobrinho, não queira causar nenhum mal a ele comendo sua comida.

— Filha da mãe! Depois desse susto todo é sua obrigação fazer algo gostoso para jantarmos.

— Sim, senhora abusada! Vai para a sala e coloca o DVD da Pequena Luz. Esqueceu que hoje é domingo? Dia do cinema em casa. Pede para ela escolher o filme. Seu marido e Daniel já devem estar chegando. Leve todos para a sala e aguardem lá. Vou levar a pipoca de Luísa e preparar nosso jantar.

Gabi seguiu para a porta e lá encontrou Nate e Daniel e os conduziu para a sala. Preparei a pipoca de Luísa e não me surpreendi ao ver o filme que eles estavam assistindo. *Barbie, a princesa e a pop star*. Eu tive que rir. Os homens não podiam sair da sala. Luísa estava deitada com sua cabeça no colo de Daniel e os pés no de Nate.

Preparei um macarrão ao alho e óleo e molho à bolonhesa. Servi a todos e, com certeza, até o final dessa gestação minha irmã estará rolando porque repetiu quase três vezes.

Foi um domingo especial cercado pela família e muito amor. Faltava pouco para me sentir realizada. E precisava de coragem para procurar Sara, mas acreditava que ia conseguir.

Após o jantar seguimos novamente para a sala e me sentei ao lado do meu homem encostando minha cabeça em seu peito. Lembrei-me de que na segunda tinha a primeira sessão de fotos de Rebeca, a moça linda que conheci

no caixa do supermercado. E ainda tinha que ligar para o Thiago ser meu modelo e pedir a ajuda de Paulo, o fotógrafo.

Daniel começou a alisar meus cabelos com a mão e logo adormeci, sabendo que seria uma semana surpreendente e cheia de alegrias, porque seria o meu aniversário.



16

Nelly

Ouvia sussurros e gemidos. Conhecia essa voz. Precisava socorrê-lo. Ele dizia que um ponto vermelho se aproximava. Oh, meu Deus! Daniel começou a gritar. Seus pais. O meu amor estava ferido. Por que só eu o ouvia? Eu necessitava encontrá-lo. Letra escura. Que bendita letra seria essa? Esse sonho não era meu. Eu não queria despertar. Precisava cuidar de Daniel.

Sentia braços me apertarem, ouvia gemidos de dor e algo sobre uma maldita letra. Oh, Deus, eu não queria acordar, ainda estava com muito sono. Mas, ao sentir o toque daquela pequena mãozinha tão conhecida e a sua voz doce me chamando, logo despertei. E os braços me apertando não eram de um sonho. Eram do Daniel, que dormiu comigo.

— Dinda, a moça bonita pediu pra você acordar o tio Dan. Ela disse que sofre ao ver ele com dor.

— Quando ela te falou isso, minha Pequena Luz?

— Pequena Luz *tava* dormindo e sonhava com um monte de *pesentinho* de Natal, aí a moça bonita apareceu perto da árvore e disse isso.

Os gemidos de Daniel continuavam e ele falava sobre um ponto vermelho

e uma letra que trouxe dor para ele e levou seus pais.

Consegui me desvencilhar de seus braços. Virei-me e comecei a sussurrar seu nome, acariciando seu rosto e, aos poucos, ele foi acordando.

Jesus, como eu amo esses olhos azuis!

— Bom dia, Preciosa. Eu sonhei de novo, não foi?

— Bom dia, amor. Vem aqui. Deixe-me te abraçar. E sim, você estava sonhando e gemia de dor, falando sobre uma letra.

Daniel se aconchegou em meus braços enquanto eu acariciava seus cabelos.

— Maldita letra! Eu não consigo vê-la direito. Sonho há oito anos com ela. E tudo fica sempre nublado.

— São sonhos constantes, Daniel?

— Não eram. Depois que tomei a decisão de voltar para Rio Doce, eles se tornaram mais frequentes. Sonho sempre com o acidente que levou meus pais. E eu sei que essa letra estava no carro que os matou. Mas não consigo vê-la.

— Oi, tio Daniel.

— Oi, princesa. Eu não tinha visto você aqui. Me dê um beijo de bom-dia. Venha aqui.

Luísa deu a volta na cama, sentou-se ao lado de Daniel e deu um beijo cheio de carinho no meu namorado.

— Tio Dan, a moça bonita disse que você vai enxergar tudinho em breve. Mas ela pediu que você escute o que vem daqui. — Luísa levou sua mãozinha pequena até o peito de Daniel. — E não o que vem daqui. — Ela retirou a mãozinha de cima do peito dele e tocou a cabeça dele. — Ela disse que o que vem daqui vai trazer mais dodói pra você.

— Essa moça bonita é muito inteligente, Luísa.

— Ela é sim. E tem os olhos lindos iguais aos seus, tio Dan.

Meu coração ficou apertado ao ver uma lágrima rolar pela face de Daniel. Levei minha mão ao seu rosto e recolhi sua lágrima de dor e saudade. Ele levou minha mão ao seu peito e a depositou ali.

— Você pode fazer um favor pro tio Dan, Luísa?

— Pequena Luz gosta de ajudar. *Faz* favor pro tio Dan, sim.

— Diga pra moça bonita que eu a amo e que sinto saudades dela. E a agradeça por me trazer o amor da minha vida.

— Digo sim. Mas não esquece, tio Dan. Escuta o que vem daqui. — Luísa tocou minha mão em cima do peito de Dan. — Pequena Luz vai descer. Papai vai pintar minhas unhas. Mamãe *num* pode. Ela faz *bléca* quando pego o esmalte.

— Nelly, isso eu não quero perder!

Nós dois já estávamos rindo, imaginando a cara de Nathan pintando as unhas de Luísa.

— Nem eu. Vou me arrumar e descer para preparar o nosso café da manhã. Gabi deve estar morrendo de fome.

— Vou passar em casa e tomar um banho. Tenho que passar no hotel de Levi e buscar Samuel. Quer descer com o tio Dan, Luísa?

— SIM. Tio Dan faz cavalinho?

— Com todo prazer, princesa! Sobe aqui nas costas do tio.

Luísa subiu nas costas de Daniel e já vibrava devido à altura dele. Porém, ele me deu um selinho antes de sair.

— *Bléca!* Papai disse que *num* pode dar beijo antes de 30 aninhos. Ele disse que é nojento. *Bléca!*

— Oh Deus, minha Pequena Luz! Seu pai é louco! Desce com tio Dan. E promete não ouvir as maluquices do seu pai. Se depender dele, você envelhece solteira.

— *Pometo.*

— Ok. Agora vão. Vou tomar um banho, me arrumar e fazer panquecas.

— Corre, tio! Desce logo! *Quelo* pegar a calda de chocolate antes de papai. CORRE!

Daniel saiu rindo e correndo com Luísa enquanto eu fui para o meu banho.



Assim que tomei um banho gostoso, eu vesti meu biquíni verde. Não resistiria ir à lagoa na propriedade de Levi para a sessão de fotos.

Coloquei um vestido fresquinho por cima, uma rasteirinha e caprichei no filtro solar. O dia estava lindo e ensolarado. As fotos de Rebeca ficariam maravilhosas.

Desci e a cena que encontrei me fez rir muito.

Gabriela fingia estar com ânsia de vômito por causa do esmalte e Nathan tentava não pintar a mão de Luísa todinha.

Aproximei-me de Gabriela. E ela estava com suas mãos na boca. Mas a safada não estava vomitando. Ela estava rindo do pobre do meu cunhado. Puxei Gabriela pelo braço em direção à cozinha.

— Gabi, isso é muita maldade sua! Você não está passando mal coisa nenhuma. Que palhaçada é essa com Nathan?

— Isso é por ele não cumprir com suas obrigações durante essa madrugada. Eu precisava dele. E ele me deixou literalmente na mão. Fui

salva pelos meus dedinhos mágicos.

— JESUS, Gabriela! Você só pensa nisso agora? Sexo?

— Não me culpe, Nelly. Culpe os malditos hormônios da gravidez. E você nem precisou deles para usar e abusar do meu cunhadinho novo. Ele chegou ontem muito sorridente aqui em casa.

— Me recuso a falar disso com você.

— Ok. Depois a safada sou eu!

— Quieta, Gabriela! Vamos para a sala socorrer seu marido.

Voltamos no mesmo instante que Daniel. Oh, Deus! Fui erguida em seus braços e recebi um beijo delicioso do meu homem.

— Já estava com saudades, Preciosa.

— Eu também, amor.

A cara de nojo de Nathan e Luísa nos fez gargalhar.

— Cara, isso é meloso! Não faz mais isso na frente da minha filha. Ela não merece ver você agarrando a dinda dela.

— Cale a boca, Nate! Você me beija na frente de Luísa.

— Eu sou o pai dela, caramba! Eu posso!

— Santo Cristo, meu marido é louco! Você acha que Luísa nunca vai beijar ninguém?

— Até os trinta anos, não. Nós temos um acordo.

— Acordo de papai foi *quebado*. A dinda disse que você é doido! Falou pra Pequena Luz não escutar as maluquices de papai.

— Que merda é essa, Nelly? Um dia, vocês terão filhos e o tio Nate vai ensinar algumas coisinhas para eles.

— Nem pense nisso, Nathan. Lembre-se sempre de que posso parar de cozinhar para você. E posso parar agora mesmo. E teremos panquecas no café da manhã.

— Isso não se faz, Emanuelly! Eu sou o cunhado que você mais ama. E chantagem com panqueca é cruel demais. Parei! Vou ser bonzinho com os futuros sobrinhos.

— Você é meu único cunhado, seu abusado!

— Eu sei. Por isso você me ama!

— Chega de embromação, Nathan. Termina de pintar as unhas de nossa filha.

Nate continuou tentando pintar as unhas de Luísa. E eu me afastei um pouquinho para falar com Gabriela.

— Gabi, fala a verdade para ele. Se você não falar agora, eu falo.

— Se contar para ele que eu não estou enjoada, eu mostro agora suas fotos de adolescente com aparelho nos dentes para o Daniel.

— Santo Cristo, você e Nate são loucos e se merecem!

— Eu sei. Por isso me casei com ele!

— Vou lá socorrer a minha afilhada.

Voltei para a sala e encontrei Daniel fazendo de tudo para não rir de Nathan.

— Se você rir de mim, primo, eu vou contar para a Nelly dos seus sonhos pervertidos com ela quando ainda era adolescente.

Caminhei até Daniel e fiquei na ponta dos pés e sussurrei em seu ouvido:

— Você sonhava comigo, amor?

Não houve tempo de Daniel responder, porque a pergunta de Luísa pegou a todos nós de surpresa:

— Papai, o que é *pevetido*?

Não houve quem não gargalhasse com os olhos arregalados de Nathan.

— É, minha filha. Lembra do acordo do beijo? Pois é. Papai te conta o que é isso quando você fizer trinta anos.

A carinha de Luísa concordando com as maluquices do pai me fez sorrir

ainda mais. Minha família alegrava meus dias.

— Oh Deus, Nate! Deixa eu acertar a bagunça que você fez na mão da minha sobrinha antes de fazer o café da manhã. Qual cor você quer pintar, princesa?

— Papai *tava* usando o rosinha. Mas na escola a tia disse que o Papai Noel tá quase chegando. Então, eu *quelo* pintar de azul-clarinho da cor do vestido da *pincesa* azul. A unha da Pequena Luz vai ficar linda igual a *pincesa* azul que vai ganhar de Natal.

— Vamos lá, princesa. Vou te deixar ainda mais linda para receber o Papai Noel.

— Oba!

Terminei as unhas de Luísa e preparei o nosso café da manhã. A briga pela calda de chocolate não podia faltar. E, como sempre, a vencedora foi a Pequena Luz.

Deixei Gabi cuidando das louças, peguei minhas câmeras e me despedi de Daniel, que ficou de me encontrar mais tarde na lagoa de Levi. Ele tinha algo urgente para comprar no shopping.

Entrei em meu carro e antes de seguir pela BR-101, liguei para Rebeca, Thiago e Paulo para me encontrarem na lagoa. O trânsito estava supertranquilo e em menos de meia hora cheguei ao meu refúgio. Estacionei próximo ao chalé de Levi e, sem perder tempo algum, tirei minhas sandálias e vestido e corri para a água.

A certeza de ter que procurar Sara o mais rápido possível crescia em meu peito. Mas a cada mergulho, eu me desligava mais do que ainda afligia o meu coração. E me sentia pronta e concentrada para a sessão de fotos de Rebeca. Não sabia o porquê ainda, mas sabia que deveria cuidar dessa menina.

Como havia esquecido o protetor solar, logo saí da água. Ouvi alguns passos e logo uma voz conhecida e safada, que me trouxe um sorriso aos lábios. Oh Deus, que família era essa? Meus amigos eram lindos. Tia Ana caprichou. Levi, Enrico e Felipe eram maravilhosos, mas foram os olhos azuis do meu loiro que roubaram o meu coração. Porém, os morenos lindos eram os melhores amigos que Deus me deu!

— Gostosa, Moranguinho! Acho que vou passar mais uma temporada fora. Só para chegar e encontrar você ainda mais deliciosa!

Levi deu um tapa na cabeça de Lipe, o fazendo tropeçar.

— Respeito, Felipe! Quer perder a porra dos dentes? Sorte sua que Dan ainda não está aqui!

— Engano seu, meu amigo Levi, eu estou aqui e ouvi tudo que esse bastardo disse da minha mulher. Por um lado, concordo com ele. Ela é gostosa, mas é MINHA! Então, tire a porra dos olhos dela, seu infeliz!

— Sim senhor, menino bonito. Mas não retiro o que eu disse. A Moranguinho é gostosa!

Felipe saiu correndo quando Daniel ameaçou cortar o seu brinquedo fora.

— Ei, ruiva! Tem uma morena linda procurando por você lá no meu chalé. Eu acho bom irmos rápido para lá. Quase tive que arrastar Felipe comigo. Essa foi uma das poucas vezes que vi meu irmão sem fala, mas deixei outro maluco lá: Samuel.

— Santo Cristo! É Rebeca. Coitada! Ela é uma garota tímida. Encontro vocês lá.

— Ela é linda, Pimentinha. Você só precisa moldá-la. Será uma linda modelo.

— Obrigada, Rico. Eu quero ajudar essa moça. Agora preciso correr e encontrar Rebeca antes que Lipe ou Sam a ataquem como dois animais no cio. Encontro vocês lá, meninos!

Saí correndo, mas ouvi a advertência de Daniel:

— Coloca o vestido em cima da porra desse biquíni.

Cheguei no chalé, e encontrei Felipe bastante nervoso na cozinha. Tinha um copo de água em cima da pia e adicionava algumas colheres de açúcar.

— Moranguinho, ela começou a chorar e não parou mais. Se acalmou um pouco quando Samuel a abraçou. Leva essa água para ela.

Peguei o copo e segui em direção à varanda, onde Lipe disse que eles se encontravam. Rebeca estava encolhida no colo de Samuel, tremendo e chorando muito. E ao seu lado havia várias malas. Ajoelhei-me em frente a eles e encostei-me à perna de Rebeca, que se assustou com meu toque. Mas

ao ver que era eu, saltou do colo de Samuel e se jogou em meus braços ainda chorando.

— Dona Emanuelly, a senhora está aqui?

Acariciei os cabelos de Rebeca.

— Me chame de Nelly, por favor. Nós temos quase a mesma idade. Por que está chorando, querida? Alguém te feriu?

— Eu fui receber meu salário hoje e na saída do supermercado aquele homem...

Rebeca soluçava muito.

— Eu preciso que você fale para que eu possa te ajudar, querida.

— Ele me achou. Tocou em mim. Disse que eu era dele, mas nunca fui. Eu preciso fugir de novo.

— Quem é ele, Rebeca?

— Eu não quero falar dele agora, dona Emanuelly.

— Nelly, querida. Só Nelly. Então, me conte por que todas essas malas estão aqui?

— Eu pedi as contas no supermercado e estou indo embora.

— Você tem pra onde ir?

— Não, senhora.

Daniel, Levi e Enrico chegaram junto com Lipe.

— O que está acontecendo aqui, Preciosa?

— Eu ainda não entendi direito, amor. Mas essa é a Rebeca. A moça que conheci no supermercado no dia do casamento de Nathan. Alguém está perseguindo-a e ela não tem para onde ir.

— Ela vai ficar comigo. Eu vou cuidar dela — Samuel falou com os olhos fixos em Rebeca. — Levi prepara um quarto para ela e coloque em minha conta. E quando minha casa estiver pronta, ela vem comigo também. Ninguém vai fazer mal algum a essa menina.

Nós olhávamos assustados para Samuel, mas Daniel estava apavorado.

— Oh, Deus! O dia chegou.

— Que merda de dia é esse, Daniel? Não está vendo que o negócio aqui é sério para você ficar de gracinhas aí?

— Não, meu amigo. Chegou o dia que alguém tocou em seu coração. E Jesus, isso não vai prestar!

Samuel se apavorou quando as palavras de Daniel fizeram sentido para ele.

— Oh, não! De jeito nenhum! Comigo não.

— Foi rápido, Sam. Aconteceu. Eu não posso te atentar tanto. Também sou um homem apaixonado. Mas eu tenho o bastardo do Felipe para chamar a sua futura garota de deliciosa.

Com cara de menino atentado, Felipe deu dois tapinhas nas costas de Sam.

— Santo Cristo! Isso é praga sua, Dan! Eu preciso pensar. Vou sair um pouco. Leve-a para o quarto, Nelly. Não a deixe fugir. Faça com que ela se acalme. E mantenha o Felipe longe dela, caso ele queira permanecer vivo.

Rebeca estava atordoada com a atitude de Samuel porque ele era um homem que acabara de conhecer.

Samuel seguiu em direção à lagoa.

— Daniel, dá para me explicar o que está acontecendo com o Sam?

— Preciosa, ele se encantou pela sua amiga. Nunca vi o Samuel desse jeito.

— Jesus, isso realmente não vai prestar! Vamos, Rebeca. Levi vai providenciar um quarto para você. E não se assuste com o Samuel. Se eu te contasse a minha história até aqui, aí sim você surtaria. Tá vendo aquele loiro ali? — Apontei na direção de Daniel. — Eu espero por ele desde que eu tinha três aninhos, mas o conheci sábado. E hoje ele já é meu namorado e, se depender de mim, será meu para todo o sempre. Agora vamos, que eu vou cuidar de você! Caso você se acalme, ainda hoje faremos nossa sessão de fotos. E preciso ligar para o Thiago e o Paulo avisando do adiamento das fotos.

— Me passe seu telefone, Preciosa, que eu aviso.

— Ok, mas não surte se eles me chamarem de apelidos carinhosos quando atenderem. Até ontem, eu não tinha um namorado ciumento.

— Ninguém mandou namorar mulher gostosa, menino bonito. Tá fodido!

— Levi... Rico... Eu ainda mato o irmão de vocês. Sumam com ele daqui!

Pelo menos o comentário de Lipe surtiu uma coisa: arrancou um pequeno sorriso de Rebeca.

— Infeliz, ajuda o Rico a pegar as malas da moça, enquanto preparo o quarto dela.

Passei meu telefone para o Daniel e segui os meninos em direção ao hotel, mas não sem antes ouvi-lo soltar um sonoro MERDA ao fazer as ligações.



17

Nelly

SEGUIMOS PARA O HOTEL E rapidamente Levi conseguiu um quarto para Rebeca.

Pedi aos meninos que nos deixassem a sós para que ela pudesse descansar um pouco e também se alimentar. Pelo visto, ainda não havia tomado o café da manhã.

Levi ficou de providenciar.

— Rebeca, vou ajeitar suas coisas aqui perto da cama. Enquanto isso, se quiser usar o banheiro ou até mesmo descansar um pouco até o seu café chegar, fique à vontade.

— Obrigada, Emanuelly. Se a senhora soubesse que nem os meus próprios familiares tiveram tanto carinho e amor por mim... A sua família e o homem que é o dono do seu coração são pessoas de muita sorte.

— Emanuelly, Rebeca. Somente isso. E a sortuda sou eu. Eles são o meu mundo. Ainda vou te apresentar Luísa, minha sobrinha e afilhada. Eu a chamo de minha pequena luz. Ela alegra cada segundo de meus dias.

— Sua sobrinha deve ser realmente uma menina muito especial.

— Muito. Agora vá! Logo o seu café estará subindo e se bem conheço os meus amigos e o meu namorado, todos virão juntos.

Rebeca seguiu para o banheiro e deixou suas malas ao lado da cama. Acomodei-me no sofá e em poucos minutos bateram na porta.

— Abra, Moranguinho! Sou eu.

— Eu, quem?

Sabia que viria alguma piadinha de Felipe. Ele não deixava passar nada.

— O mais gostoso da família De Angeli e o que você mais ama!

Abri a porta e o encarei. Felipe sorria de um jeito sem-vergonha.

— Mentira! A mais gostosa e quem eu mais amo é a moça linda que está atrás de vocês, tentando me dar um susto. Mas se ela não sabe, o cheiro dela sempre chega aqui antes de tudo.

Carla batia nas costas dos três homens gigantes à sua frente para tentar se aproximar.

— Isso é injusto! Vou trocar meu perfume. Abram espaço, seus marmanjos! Quero abraçar minha amiga e conhecer a moça que tirou o fôlego de todos vocês.

Carla saiu empurrando todos e me deu um abraço muito apertado.

— Onde está a moça, Nelly?

— Terminando de tomar banho. Entrem todos. Lipe, deixe o café dela ali, na mesinha ao lado da cama.

— Sim, Moranguinho. Já te falei hoje que você está muito gostosa?

— Repete isso e ganha um olho roxo!

— Isso é uma merda! Você tinha que chegar agora, né, menino bonito? Estraga-prazeres!

Dan me suspendeu em seus braços e enlacei sua cintura com minhas pernas, e ele me beijou suavemente.

— Preciosa, eu ainda vou bater nesse moleque!

Sorri, e com um movimento vindo do canto do quarto, Daniel me colocou no chão.

Antes de me virar percebi que todos ficaram em silêncio e isso realmente era muito raro de acontecer, especialmente com Felipe. Mas logo vi o motivo: Rebeca estava deslumbrante em um vestido longo verde, da cor de seus belos olhos.

Carla segurou uma das mãos de Rebeca e a rodopiou, mostrando a todos a beleza única e exótica da linda morena.

— Amiga, ela é maravilhosa! Será uma linda modelo. E se o seu namorado for um homem inteligente, ele estará com o contrato de

exclusividade nas mãos para ela assinar e ser modelo de sua nova agência.

— Ah, mas eu sou um homem muito inteligente, Carlinha. E tenho um sócio louco, porém brilhante também. E ele me pediu para propor um trabalho para Rebeca.

Rebeca se assustou e deu dois passos para trás, encostando-se à parede.

— Trabalho? Para mim? Oh, meu Deus!

— Sim, menina. Nós estamos abrindo uma agência de propaganda e necessitamos com urgência de uma secretária. Eu e Sam já percebemos que você é uma boa moça. E quando suas fotos estiverem prontas, queremos você para nossas propagandas também.

Rebeca me procurou com o olhar em busca de qual resposta dar a Daniel.

— Aceite, Rebeca. Você está desempregada e não pode parar sua faculdade. E ali estará segura. Ninguém tocará em você. Eu vou remarcar suas fotos para depois do Natal. Assim você terá um tempo para descansar e estar bem e concentrada para a nossa sessão de fotos.

— Obrigada, dona Emanuely. A senhora é um presente de Deus em minha vida.

— Não tem o que me agradecer, querida. É só me enxergar como uma nova amiga, que só quer o seu bem. Nós iremos descer. E você, tome o seu café e descanse. Estaremos na lagoa. Eu não posso perder um dia lindo como este. Vou aproveitar a presença de Paulo e fotografar meus amigos.

Consegui tirar todos do quarto de Rebeca e descemos. Passei no meu carro e peguei minhas câmeras. De longe, já avistei Paulo e sua câmera. Meu amigo era um belo homem.

Acelerei meus passos e, tentando fazer o mínimo de barulho, aproximei-me dele sussurrando em seu ouvido:

— Linda a mulher na água. O homem que a tem é um grande felizardo.

— Eu sei, Red. Sou um filho da puta de um sortudo! Olha como ela é perfeita!

— Eu também sei. Afinal de contas quem te apresentou a lindona ali fui eu.

— Vai me jogar na cara isso de novo? Ainda vou te apresentar o homem da sua vida.

— Não precisa, amigo. Eu já o encontrei.

— Ei, isso é novo! O que está me escondendo?

— Olha ali, aquele homem gostoso vindo em minha direção.

— Red, eu sou um fotógrafo. Sei apreciar as belezas. E os cinco que estão vindo ali são homens bonitos, inclusive tem um ali que eu conheço de longa data. Segura minha câmera, por favor.

Paulo me entregou sua câmera e andou em direção ao meu homem e os dois, sorrindo, deram um abraço carregado de cumplicidade e saudade.

Corri em direção aos dois.

— Seu idiota! Se você sabia que era eu, por que tanta ignorância no celular?!

— Você atendeu a ligação da minha mulher falando: “Alô, Red delícia”. Até aí eu não sabia que era você, seu imbecil! Mas valeu cada grosseria que eu te disse só para ver essa sua cara agora. E não ria de mim. Eu disse que não me envolveria com ninguém nunca mais. Mas ela é a mulher que esperei a vida toda.

— Você está de sacanagem comigo, né? Ela é a sua Emanuely?

— Sim, amigo. E nos encontramos há apenas dois dias.

— Ok. Eu preciso de um tempinho para digerir isso. Ewellyn não vai acreditar.

— Onde ela está?

— Ali na água, com o Diego.

— Você fez um menino bonito, meu amigo. Agora me deixe te apresentar oficialmente a minha mulher. — Daniel me puxou pela cintura. — Paulo essa é Emanuely, a minha vida. Nelly, esse é Paulo, meu velho amigo. Moramos juntos um tempo, logo depois que me mudei para a capital há oito anos. Um dia lhe conto nossa história.

— Oh, meu Deus! Mais uma pessoa que nos liga de forma extraordinária. Estava escrito, amor. Nós tínhamos que nos encontrar. Eu conheço o Paulo há

uns seis anos. O contratei para as fotos de fim de ano da apresentação da escola de dança. E ele se encantou pela minha amiga. Tornou-se meu aluno por causa dela. Dança muito bem.

— Eu não quero ver isso. Você não encosta nela, seu idiota!

— Vai ter que aprender a controlar os ciúmes, meu amigo. Todos percebem pelo brilho nos olhos de Nelly que ela só enxerga você. Mas se ameaçar aquele menininho bonito correndo ali, eu entorto seu nariz!

Olhamos na direção que Paulo apontava e Diego corria gritando meu nome. Chegou com os braços esticados, pedindo colo e com falta de ar. Peguei-o e abracei forte, dando vários beijos na sua bochecha.

— Tia Nelly, a Pequena Luz veio com você? Eu gosto de *bincar* com ela. Ela vai casar comigo quando a gente for *gande*. E quem é esse *homi gande* do seu lado?

— Oi, meu pequeno príncipe. Luísa não veio. E o homem bonito e grande aqui do meu lado é o Daniel. Namorado da tia Nelly.

Daniel estendeu a mão para o Diego e, muito receoso, ele aceitou o aperto.

— Olá, Diego, eu sou amigo dos seus pais e quando for grande também vou casar. E será com a ruiva que está com você no colo.

Diego balançou a cabecinha de um lado para o outro. Olhava para mim e logo depois para Daniel.

— Eu posso comer bolo de casamento? Dá o primeiro pedaço *pa* pequena

luz e *po* pequeno *píncipe*, tia Nelly? *Maisi* você já é *gande*, Daniel. Então, vai ter casamento logo. OBA! Papai, leva eu *pa* comer bolo e docinho?

Diego nos arrancou gargalhadas.

— Paulo, além de bonito, ele é curioso e esperto. Tenho dó de Nathan. Esse é um forte concorrente para o coração de Luísa. Meu primo está lascado! Mas se depender de mim, pequeno príncipe, o casamento será o mais rápido possível.

— Jesus! Ainda bem que Ewellyn chegou. Ainda não estou pronta para esse papo de casamento. Vamos tirar fotos.

— Veremos, Preciosa. Não pense que fugirá de mim.

Daniel e Ewellyn se abraçaram e ela ficou de me contar algumas histórias dele e de Paulo na capital.

Sentados à beira da lagoa, Levi já estava tocando seu violão com Enrico, Felipe, Carla e Samuel sentados ao redor. Enquanto os outros seguiam em direção a eles, eu e Paulo escolhíamos a melhor câmera para as fotos de hoje.

— Qual você vai usar?

— Estou indecisa. Eu trouxe cinco: Rebs, Sabrina, Elisa, Gabryela e Vivi.

— Eu ainda não entendo o porquê de dar nomes para as câmeras.

— Homens... Todos iguais. Vou te dar um exemplo.

Fui atrás de Paulo e o coloquei em direção a Daniel. Peguei Sabrina e posicionei em frente ao seu rosto. O que você vê?

— Daniel em pé ao lado da roda de amigos.

— Viu? Sabrina está pronta para registrar o instante que um homem lindo e gostoso está se distraindo com seus amigos. Agora você entende? Minhas câmeras só capturam momentos especiais e coisas lindas, assim como as mulheres cujos nomes peguei nos livros que li.

Esta é Rebs ou Rebeca, que é a dona do coração de Caio Telles em *No limite de seu desejo*. Esta é Sabrina que conquistou Lucas delicioso em *Impulso*. Esta é Elisa sortuda, que teve Rafa e Marcos no *Em busca do verdadeiro*. E esta outra é Gabryela, que ouviu seu coração e foi feliz com o lindo do Brian em *Amores de cetim*. E, por fim, a minha mais nova câmera: Vivi, que arrebatou o coração de Romão em *Minhas para proteger*. Oh, Deus! Romão falava muitos MINHAS ali.

— Meu Deus! Você é complicada. Tenho dó do Dan.

— Não sou nada. Nem vou dizer os nomes do meu celular e do meu tablet.

— Guarda para você, por favor. Vamos às nossas fotos.

Saí rindo com Rebs em minha mão e Paulo com Sabrina. Amava as minhas câmeras com loucura.

Registramos vários momentos lindos: Ewellyn com Diego fazendo um

castelinho na areia; Levi cantando; todos rindo de Felipe desafinando muito, tentando cantar junto; Carla se esforçando para me acompanhar em alguns passos de dança; Enrico e Samuel perdidos em pensamentos. E a que mais amei foi uma foto que Paulo tirou de mim e Daniel, sentados à beira da lagoa. Naquele momento, ele me abraçou e sussurrou próximo aos meus lábios que em muitos anos nunca estive tão feliz como estava ali.

Foi uma manhã especial.

Próximo ao meio-dia, vovó Laura telefonou avisando que o almoço estava pronto e exigiu a presença de todos.

Antes de seguirmos para casa, passei no quarto de Rebeca e perguntei se queria ir conosco. Ela preferiu ficar. Samuel ficou para lhe fazer companhia.

Chegamos em casa e havia alguns carros na frente. Minha família sempre foi conhecida por seus exageros. Seria uma semana inteira de festas pelo casamento de Gabi.

Novamente as grandes mesas estavam postas no quintal. A Pequena Luz já estava na piscina. Minha sobrinha era uma menina esperta. Diego correu para lhe fazer companhia. Isso já indicava água voando por todos os lados.

Gabriela estava esticada na espreguiçadeira com mais um de meus livros nas mãos. Pelo sorriso safado da minha irmã lendo, Nathan teria uma noite longa com ela. Vovó, tia Rachel e tia Ester estavam terminando de colocar os pratos nas mesas. Papai e tio Davi estavam na churrasqueira, ainda insistindo para que Nate aprendesse a fazer churrasco. Não vi nem sinal de Lucas por aqui. Isso me deixou preocupada. Luc nunca perdia uma de nossas reuniões

de família e amigos. Quando ia perguntar a tia Ester por ele, dois braços grandes me abraçaram por trás e me giraram várias vezes.

— Oi, pequena ruiva! Dá um abraço no tio. Já soube que não posso mais te chamar de nora.

— Oi, tio Lorenzo. Saudade de você. Onde está a tia Ana?

— Estou aqui, Moranguinho. Um pouquinho triste porque não vou ter mais você na família. Mas, por outro lado, você fez uma bela escolha. E sei que será muito feliz.

Daniel se aproximou e me aconcheguei em seus braços. Já estávamos cercados pelos De Angeli. E Santo Cristo! Que família era essa? Um era mais lindo que o outro.

— Ainda dá tempo, mãe. É só ela largar o menino bonito ali e ficar com o menino gostoso aqui.

— Me segura, Preciosa, que hoje ele não me escapa! Vai apanhar.

Tio Lorenzo se colocou na frente de Felipe.

— Levi, Rico, segurem o Lipe!

— NÃO! Por favor, pai. Sua mão é pesada, porra!

— Vai tomar duas, agora.

Levi segurou Lipe de um lado e Enrico do outro.

— Me soltem, seus idiotas! Ainda dá tempo de correr.

— Vai tomar três, Felipe!

— Na nuca, pai? Vai doer. Vou ficar com dor de cabeça.

— É bom para você aprender a não falar besteira. Ele está firme, meninos?

— Sim, senhor! — Levi e Rico responderam ao mesmo tempo.

Tio Lorenzo deu três tapas na nuca de Felipe. Um seguido do outro.

— Oh, Deus, isso dói! Me soltem, filhos da...

— Se completar a frase, quem vai te bater sou eu. E acerto as partes que você mais ama.

— Ah, merda! Até você, mãe? Você tem que me amar, caramba! Sou o seu caçula. Mereço mais amor que os idiotas ali.

— Fuja agora, Felipe Martins De Angeli. A próxima a te bater serei eu. Vou deixar minhas unhas marcadas em você.

— Jesus, Carlinha! Vou embora. Preciso de Paracetamol e uma mulher gostosa. Queria Nelly, mas ela está com o menino bonito ali. Isso é muita injustiça!

Daniel grunhiu e o safado do Felipe saiu correndo, rindo.

Vovó Laura chamou todos para se sentar porque o almoço já estava servido. Quando ia tomar meu lugar ao lado de Daniel, Gabriela chegou com o meu celular nas mãos.

— Sr. Cavendish estava tocando.

— Quem é o Sr. Cavendish, Preciosa?

— Meu celular.

— Oh, Deus! Se eu perguntar o porquê do nome, eu vou me irritar e atrapalhar o almoço, né?

Sorri e dei um beijo em sua face.

— Com certeza. Depois eu te explico. Vou retornar a ligação agora.

Afastei-me um pouco, e olhei a última chamada no celular. Número desconhecido. Resolvi retornar, pois poderia ser algo importante.

Um minuto depois, retornei à mesa.

— Aconteceu alguma coisa, Preciosa? Você está assustada.

— Sim. Estão me esperando do lado de fora da casa. E o homem disse que era algo importante e de meu interesse.

— Você conhece a pessoa que ligou?

— Não.

— Então, você não vai sozinha.

Levi levantou e se colocou ao lado de Daniel.

— Mas não vai mesmo!

— Ok, seus ogros! Acompanhem-me.

Antes mesmo de dar três passos, a minha pequena luz correu e se jogou toda molhada de seu banho de piscina nas minhas pernas.

— Dinda, eles já chegaram, né? A moça bonita me disse que eles vinham te *pocurar* hoje. Ela pediu para você não se assustar. Eles também vão te ajudar a curar o seu dodói. Você pediu ao Papai do Céu pra tirar toda a dor da sua alma. Então, tia Nelly, a moça bonita disse que, ao abrir a porta de casa, você terá que abrir seu coração também. Agora eu vou *bincar* com meu *namolado* na piscina de novo. Diego é tão lindo, né, tia?

Abaixei-me e dei um beijo estalado na bochecha rosada de Luísa.

— Obrigada, minha princesa. Realmente tia Nelly precisa encontrar a paz completa.

Luísa saiu correndo enquanto Nate gritava para Gabriela ficar de olho em Luísa, porque ele não estava preparado para lidar com os namorados de sua filha pelo menos até ela completar 30 anos.

Caminhei em direção à sala, seguida por Dan, Levi, Rico, Lipe e Nate.

Respirei fundo e abri a porta da casa, deparando-me com dois homens

grandes, lindos e que me olhavam com muita curiosidade.

— Eu sabia, JP. Ela é bela como a *mama* dela. Uma *principessa*.

— Quem é você?

— Eu me chamo Giulio, Emanuely. Sou um médico do Hospital Central de Rio Doce.

Um barulho atrás de mim chamou a atenção do Dr. Giulio.

— *Meravigliosa!*

Carla não conseguiu dizer uma palavra.

— Quem é você, *bella donna*?

— Deus, me dê poder! Além de lindo, fala italiano. — Carlinha suspirava ao meu lado, agora.

— Comporte-se, Carla, se não quiser tomar um corretivo. Te deixo sem celular e computador.

— Cale a boca, Felipe! Vai cuidar da sua dor de cabeça.

— Vou embora, sou um incompreendido.

O doutor Giulio deu um sorriso lindo para a Carla e olhou para o homem ao seu lado, que me olhava incessantemente.

Percebendo que o homem não deixava de me encarar, Daniel enlaçou minha cintura e me abraçou protetoramente.

— E você, quem é?

— Eu esperei muitos anos para te conhecer, menina. Eu me chamo João Pedro. Mas todos me chamam de JP. A descrição que Sara deu da filha foi perfeita. Vocês duas se parecem. Mãe e filha lindas.

Daniel rangeu os dentes atrás de mim e apertou mais a minha cintura.

— De onde você conhece Sara e o que você é dela?

— Eu a conheço há muitos anos. Tem certeza de que quer saber assim tão rápido o que Sara é minha?

— Sim. Por favor, só responda.

— Sara é minha mãe, Emanuely.

— Oh, meu Deus!



18

Nelly

TUDO PAROU AO MEU REDOR quando ouvi aquela frase:

— Sara é minha mãe, Emanuelly.

Eu não conseguia me mexer. Somente sentia os braços de Daniel me amparando. Meus olhos fixaram-se naquele homem estranho. Procurava nele algo que me lembrasse Sara, ou até mesmo eu e Gabriela, mas não encontrava nada. O nome dele repetia-se sem cessar em minha mente: “JP”.

Ele era um homem muito bonito. Moreno, alto, de ombros largos e forte. Do mesmo jeito que eu o olhava, ele me encarava também, avaliando-me. Mas seu olhar era estranho, como se ele nutrisse algo ruim por mim, o que de imediato me causou arrepios. E me fez aconchegar ainda mais em meu namorado. Se isso fosse possível.

Saí do meu devaneio quando a louca da minha irmã saiu empurrando todos atrás de mim, exigindo que lhe dessem licença. Mas que grávida abusada!

— Nelly, o que está acontecendo aqui fora? Papai já está preocupado com a demora de vocês.

Vi no instante que Gabriela olhou para frente e viu os dois estranhos. E, mais uma vez, tive a certeza de que Gabi me escondia algo.

— Doutor Giulio. JP. O que fazem aqui?

O homem lindo que falou italiano se aproximou de Gabriela segurando sua mão e lhe dando um leve beijo. Nate já queria avançar, mas foi contido por Levi.

— Olá, Gabriela. Nós viemos conversar com a Emanuely sobre aquele assunto.

— Eu não acredito. Oh, merda! Vocês não falaram nada, né?

O rapaz moreno que disse se chamar JP deu um pequeno sorriso para Gabriela.

— Ainda não, Gabriela. Eu só me apresentei para a pequena Nelly.

Gabriela bateu o pé no chão e saiu praticamente marchando em sua direção. E, ao se aproximar, bateu suas mãos no peito dele.

— Você falou para a MINHA irmã a mesma coisa que me disse quando nos conhecemos?

— Mas é lógico. Veja a expressão dela? É a mesma que você fez. Realmente, vocês duas são irmãs — JP lhe respondeu ainda com um pequeno sorriso nos lábios.

Podia ver o ódio emanando de Gabriela. Ela fechou seus punhos e seu

corpo estava todo enrijecido. Dali não sairia coisa boa. Gabi olhou para trás e sorriu zombeteira para Nate.

— Ei, querido. Você lembra-se do nosso primeiro aniversário de namoro?

— Santo Cristo, Gabriela! Não me esquecerei nunca daquele dia na minha vida.

— Eu agradeço por isso, marido. Mas agora eu preciso de sua aprovação. Eu posso fazer com esse cara o mesmo que fiz com você anos atrás?

Nate começou a gargalhar.

— Gabi, vou apreciar demais isso. Manda ver, minha grávida louca!

— Nunca mais me chame de louca, Nathan, senão não será só ele que vai receber isso. Você também será premiado.

Em seguida, Gabriela voltou a olhar para JP, que, pelo visto, não entendia nada do que Gabi e Nate estavam dizendo.

— Olá, irmãozinho. Agora somos eu e você.

Eu sabia que viria alguma merda. Gabriela era pequena, mas muito forte. Ela deu um passo para trás e colocou toda a sua força em uma única perna e deu um chute certo nas partes baixas de JP, que caiu de joelhos urrando de dor.

— Isso é para você aprender, seu idiota! Não mexa com a minha irmã e com ninguém da minha família. Esse assunto é meu e não de vocês dois.

Gabriela agora avançava para o lado do Dr. Giulio, que erguia os braços em sinal de rendição.

— Acalme-se, doutor. Por enquanto, eu não vou bater no senhor. Como está a minha mãe?

— Estável, mas ela precisa de sua irmã. Não houve melhora no quadro de Sara. E ela não quer mais lutar.

— Ok, doutor. Eu prometo que levarei Nelly o mais rápido possível para encontrar a nossa mãe. Ela ficará bem durante essas festas de fim de ano?

— Sim. Ela está em casa e tanto eu quanto JP estamos atentos a todos os seus movimentos. Mas seja rápida, Gabriela. A sua irmã pode ser a única chance de Sara.

Gabi se voltou para mim e tenho certeza de que reparou em meu semblante confuso. Neste momento quem não entendia nada era eu.

— Comece a explicar, Gabriela. Agora! Primeiramente, ele é nosso irmão?

— Não.

— Graças a Deus! Não fui com a cara dele.

Mesmo urrando de dor ainda no chão, o infeliz me respondeu:

— Nem eu com a sua, ruiva mimada.

Os meninos, que estavam atrás de mim, já queriam partir para cima de JP.

— Não preciso que ninguém me defenda. Só de saber que meu sangue não corre nas veias desse idiota, já me dou por satisfeita. Continue, Gabriela.

— Ok. O idiota não é nosso irmão. Ele é filho somente do tio Marcos. Mas nesses últimos oito anos conviveu diariamente com Sara e a considera sua mãe.

Voltei a olhar para JP, que, com a ajuda do Dr. Giulio, já se erguia do chão.

— Realmente você a ama, não é?

— Muito. Sara é minha única referência materna. Fui criado por minha avó, mas nunca recebi dela o que Sara me proporciona. Amor incondicional, carinho, atenção e respeito. Sara é a mãe que nunca tive.

— Nossa! Ela é uma mãe para você. Pena que isso tudo que você disse ela arrancou de mim.

— Garota mimada, não sabe de nada! Inclusive, dos dias e das noites que Sara passou aos prantos por não poder sequer se aproximar de suas meninas. De como eu me sentia um inútil ao me recostar na porta do lado de fora de seu quarto, enquanto meu pai viajava, e ouvir suas orações pedindo clamor a Deus para que lhe concedesse apenas mais uma chance de ter as suas filhas de volta. Em cada aniversário de vocês, ela se aproximava escondido para poder ao menos olhar cada uma. Cada maldita carta que ela escreveu esses anos detalhando os seus dias longe de suas princesas. Cada feriado, festas de

fim de ano em que suas lágrimas de saudades eram derramadas. E tudo isso porque as duas pessoas que ela mais ama nessa vida não entenderam que ela foi atrás de sua felicidade. Que, de certa forma ou não, tentou fazer suas filhas não sofrerem tanto. Vocês duas são a razão de Sara, mesmo em meio a toda dor que está passando em sua luta para viver. Ela precisa de vocês.

— Oh, meu Deus! Isso é muita coisa.

Senti minhas pernas fraquejarem enquanto duas mãos me socorreram enquanto meu corpo pendia para frente. Ergui minha cabeça e dei de cara com o olhar preocupado do Dr. Giulio.

— Estás bem, *bella*?

Nate saiu empurrando todos até chegar no doutor.

— Tira as mãos da minha cunhada, doutorzinho de merda!

— Er... Nathan. Não seria eu que tinha que dizer isso?

— Então agiliza, seu idiota! Vai deixar sua mulher nos braços de outro homem? E pensar que ainda é meu primo. Meu Deus!

Dan pigarreou atrás de mim.

— Doutor, pode deixar que cuido dela.

Daniel me ajudou a ficar de pé. E voltei novamente minha atenção para João Pedro.

— Sara está bem?

Gabriela saiu empurrando todos de novo.

— Chega JP. Já disse que é assunto meu e de minha irmã. Amanhã é aniversário de Nelly, logo depois Natal e fim de ano. Passando isso tudo, nós entraremos em contato. E o senhor, Dr. Giulio, cuide bem de minha mãe, por favor.

Não aguentava ficar mais um segundo ali.

— Daniel me leve para dentro de casa, por favor.

— Venha, Preciosa.

Parei ao ouvir novamente a voz de JP:

— Isso não termina aqui, Emanuely. Nós vamos embora, mas nos veremos em breve. E eu sei que em suas orações você pede a Deus para tirar todo esse sentimento ruim de dentro de você. E sabe por que eu sei disso? Ela me ensinou a orar, a confiar e entregar todos os meus problemas a Ele, assim como fez com vocês duas. Então peça. Saiba perdoar para encontrar a paz. Não privem mais a mãe de vocês de ter um pouco de amor. Só o meu e o de meu pai não está sendo o suficiente. Agora vamos embora, doutor. Não posso deixá-la sozinha por muito tempo. Meu pai está viajando.

O Dr. Giulio voltou-se para Carla e deu um breve aceno de cabeça.

— Até mais, *bella*. Espero encontrá-la novamente um dia.

— Oh, Deus! Eu também espero por isso. E que seja em breve.

Ele sorriu e, junto com João Pedro, foi embora. Enquanto isso, Felipe olhava para os dois com cara de poucos amigos.

— Cara, eu não gostei desses dois. Eles conseguiram ser mais irritantes do que eu.

Levi, Enrico e Carla responderam em uníssono:

— IMPOSSÍVEL!

— Já disse. Sou incompreendido, caramba!

Em meio a tanta confusão não pude deixar de sorrir junto com os demais.

Entramos e todos se dirigiram ao quintal para continuar o almoço. Não consegui chegar à mesa junto deles. Papai me parou antes, segurando-me pelos braços.

— Você está bem, minha menina?

Minha mente estava dando mil voltas com tudo o que aquele estranho tinha acabado de me dizer, e eu não conseguia olhar nos olhos do meu pai. Papai levou uma de suas mãos ao meu queixo e ergueu minha cabeça.

— Olhe para mim, Nelly, e me responda. Você está bem?

Respirei profundamente e encarei meu amado pai. A sua preocupação estava estampada em seu rosto, o que me trouxe algumas lágrimas.

— Não, papai. As coisas estão acontecendo ao meu redor e vocês pensam que eu sou como as bonequinhas de porcelana que ainda tenho em meu quarto. Achem que vou quebrar facilmente. Papai, amanhã eu completo 24 anos. A sua menina cresceu e pode aguentar algumas verdades. Acabei de ouvir algumas, que só estão me fazendo refletir e reconhecer o quanto também errei na minha vida.

Meu pai me puxou para um abraço muito apertado.

— Graças a Deus! Eu sei que você cresceu, Preciosa. Mas sempre será a minha princesinha. O que vem pela frente não será fácil para ninguém, Nelly. Por isso busque a Deus em suas orações. Peça forças para prosseguir. E saiba que você e Gabi nunca estarão sozinhas. Tem a mim, Nate, Luísa, Daniel e todas essas pessoas reunidas aqui, que as amam com um amor grandioso.

— Obrigada, pai. Gabi não quer me contar o que está acontecendo. Disse que só depois das festas. E sei que dela não sai nada, nem chantageando com comida. É pior que mula empacada. Só sei que tem a ver com Sara.

— Decisão sábia de Gabi. É melhor assim. E Nelly, não é Sara. É sua mãe.

— Obrigada, pai. Preciso fazer meu coração lembrar isso.

— Faça.

Papai deu um beijo na minha testa e voltou para a sua churrasqueira. E eu voltei para a mesa e me sentei ao lado do meu namorado, que em pouco tempo já está passando a me conhecer muito bem. Daniel segurou uma de

minhas mãos e a apertou fortemente, mostrando ali que estava comigo para tudo.

Fizemos o nosso feriado particular nessa segunda. O mundo todo estava trabalhando do lado de fora dos portões da casa e aqui dentro havia muita alegria, comida, piscina, brincadeiras e bagunças.

Tentei enterrar dentro de mim as palavras de JP, mas elas voltavam constantemente para me atormentar.

Esperava que amanhã fosse um dia melhor. Sei que ela não ia aparecer, mas só de saber que, mesmo escondida ela estaria me vendo, com certeza faria o meu aniversário um dia quase perfeito.



Dormi e acordei envolvida pelos amores da minha vida: Daniel e Pequena Luz.

Ainda era cedo e fiz de tudo para sair da cama sem acordá-los. Fui ao banheiro rapidamente e desci direto para a cozinha. A casa ainda estava no mais absoluto silêncio.

Abri a geladeira e, como todos os anos no meu aniversário, vovó tinha deixado meu bolo delicioso pronto: de chocolate com morangos.

Retirei e o coloquei em cima da bancada. Peguei dois pratos e coloquei neles um pedaço bem generoso do bolo. Coloquei uma colher em cada um e, enquanto esperava meu convidado, comecei a preparar o café da manhã da casa e a separar as coisas para o almoço.

Não podia faltar o bolinho de chuva e o chocolate quente de Luísa, pão fresco, café preto, frutas, suco, e misto para todos.

Ouvi passos e internamente dei graças a Deus que ele não esqueceu. Esse era nosso ritual.

— Pensei que não viria mais.

— Não podia perder o nosso último encontro de aniversário juntos.

Ao som da voz de Lucas, virei-me e encontrei seus olhos azuis tristes na entrada da cozinha.

— Não é porque estou namorando que será o último, Luc. Você foi, é e sempre será o meu grande amigo. Vou sim, construir novos momentos e memórias com Daniel, mas as nossas, nada e nem ninguém irá apagar. Venha aqui e me dê os parabéns. Agora.

Luc deu o sorriso que tanto amava e caminhou em minha direção. Ergueu-me em seus braços, me abraçando apertado. Sabia que para ele era o final de um ciclo, por isso estava triste. Após o nosso abraço, Luc me colocou no chão.

— Não abandone a mim e nem a sua família, Luc. Precisamos de seus

sorrisos, de sua alegria.

— Não abandonarei, baby. É que isso machuca. Quando terminamos e você e Levi se aproximaram, eu sabia que não era pra valer. Mas com Daniel seus olhos brilham. Seu corpo e sua alma clamam por ele. É tão real e profundo. Mas vai passar. Vou melhorar.

— Vai sim, Luc. E você vai encontrá-la. Aquela moça que mexeu tanto com você. Lembro-me como se fosse hoje, quando bateu aqui na porta de madrugada completamente bêbado. Não sei como chegou inteiro em casa. Nunca mais faça aquilo. Dirigir naquele estado lamentável!

— Baby, não me lembro claramente dela. Mas o que não esqueço eram os cabelos vermelhos como os seus e ela tinha o seu cheiro também. Isso eu nunca esquecerei. Nem mesmo o nome dela eu me recordo.

— Você a chamava de Rubi. Repetia esse nome sem cessar. É impossível ela ter o meu cheiro. Meu perfume só duas pessoas fazem uso dele. Eu e minha prima. Pedimos para fabricá-lo. Cheira a morangos. E você nunca encontraria Adriana numa boate fazendo *striptease*.

— Vamos esquecer isso, Nelly. Quero meu café da manhã, mulher. Me alimente, por favor.

— Sim, senhor. Homem abusado!

Coloquei os dois pratos em cima da mesa e em um silêncio confortável nos deliciávamos com o bolo de vovó.

Luc começou a falar com a boca ainda cheia de bolo:

— Me passa o suco, baby. E eu já estou sentindo o cheiro. O almoço de aniversário de sempre?

— Sim. Arroz, escabeche de tilápia com molho de camarão e pirão. E de sobremesa teremos merengue de morango.

— Oh, Deus! Isso é um pecado em forma de comida, Nelly! Não se faz isso com o estômago de um homem. Sortudo do caramba esse meu primo. Vai comer bem a vida inteira. Ao contrário do pobre coitado do meu irmão, que não morreu envenenado ainda, por milagre.

— Eu ouvi isso, cunhado. Seu infeliz! Repete que eu te dou na cara!

Gabriela já entrou na cozinha como um furacão e foi direto para os sanduíches e os bolinhos. Eu e Lucas rimos baixinho porque hoje, pelo visto, ela estava mais louca que o normal.

Logo Nate nos fez companhia.

— Comida. Graças a Deus! Não sei se sobrevivo até o fim dessa semana de lua de mel. Se Gabi não estivesse grávida, juro que tinha feito quíntuplos nela.

Lucas fez cara de nojo ao olhar para Nate.

— Eca, Nathan! Menos informação, por favor. Não atrapalhe meu café, porra!

— Certo, idiota! Me passa um pedaço desse bolo. Está com uma cara ótima. É o bolo de aniversário da vovó, Nelly?

— Sim. Está na geladeira, Nate. Sirva-se.

Enquanto Nate se servia, Daniel chegou à cozinha com Luísa no colo.

— Desce a Pequena Luz, tio Dan. Rapidinho. Mamãe já *tá* comendo meus bolinhos. Isso é feio, viu? *Pimeiro* as crianças, mamãe! E dinda fez *pa* mim.

— Isso que é feio, Luísa. Não te ensinei isso. Tem que aprender a dividir o pão. Quando você crescer, mamãe te ensina o que não se deve dividir.

Olhei para Gabi e caímos na gargalhada. Respondemos juntas o conselho que vovó sempre deu para mulheres da família:

— Aprendam a dividir o pão. Homem, NUNCA!

A cozinha ficou pequena para tantas pessoas que chegaram, mas tive que sair correndo com Luísa para o banheiro. Quase no fim do seu café da manhã, ela foi tentar resgatar a bacia de bolinhos das mãos de Gabi, que virou toda em cima da minha pequena luz, que estava coberta de açúcar e canela, o que também sobrou para Gabriela.

Subi e iniciei o banho de Luísa e aproveitei para tomar um também. Deixei Luísa limpa e cheirosa. Enrolei-a numa toalha e eu em outra. E paramos em frente à pia.

— Hora dos dentinhos, Pequena Luz.

Luísa abriu a boca e passei o fio dental. Quando estava escovando os dentinhos inferiores, soltei um grito estridente. Um dentinho dela caiu direto em minha mão.

— SOCORRO! Oh, meu Deus! SOCORRO!

O pior foram os gritos que vinham de fora. Meu quarto foi invadido por todos os meus amigos. Ainda bem que quem entrou no banheiro foi Daniel. Eu não estava muito apresentável.

Daniel riu da minha cara e do meu escândalo juntamente com Luísa.

— Não riam, isso é sangue, gente. Leva a pequena luz para Nate, Daniel. O dentinho ao lado também está mole. Graças a Deus que aconteceu comigo! Se fosse Gabriela, o escândalo seria mil vezes pior.

— Ok, Preciosa. Vou expulsar todos do quarto. Só eu posso ver você de toalha.

Daniel me deu um leve beijo nos lábios e saiu levando Luísa no colo enrolada na imensa toalha vermelha.

Saí do banheiro e me arrumei. Ainda tinha que terminar meu almoço.

Como a porta do quarto estava só encostada, logo Daniel retornou e me abraçou, cobrindo-me de beijos.

— Feche os olhos, Preciosa. Vou te dar o meu primeiro presente de aniversário.

Fechei meus olhos e esperei. Logo senti Daniel colocando algo em meu pescoço. E segurando o meu braço, guiou-me pelo meu quarto.

— Pode abrir, pequena.

Abri meus olhos e o que vi quando olhei no espelho à minha frente me trouxe lágrimas.

— Isso era dela, Daniel. De Amanda. Santo Cristo! É tão perfeito!

— E agora é todo seu. Abra.

Abri e agora, sim, as lágrimas rolavam sem parar.

— Oh, Deus! Que perfeito!



19

Nelly

— **É LINDO, NÃO É, PRECIOSA?**

Olhar aquelas duas fotos no relicário de Amanda fez mais lágrimas descerem por minha face.

— Somos nós dois. É tão maravilhoso. — Daniel apontou para o espelho. — Veja. Eu e você juntos. Todos os anos ela trocava as nossas fotos, ou seja, desde que você entrou na escola de dança. Eu não sabia disso até a manhã do dia de sua morte. E por oito anos não olhei este colar. Até o dia que encontrei você. Naquela manhã, ela me entregou este colar e me disse que eu saberia a hora certa de lhe entregar. Eu não havia entendido. E ela me pediu para guardar o relicário e esperar. E hoje eu soube. Esse dia é especial. Ela esperava o ano todo e trocava a minha foto no dia do meu aniversário e a sua no seu. A minha está aqui e a sua também. Gabriela me deu. Agora troque, Preciosa.

Daniel me ajudou, pois minhas mãos não paravam de tremer.

— Maravilhoso. Foi o melhor presente que já recebi. Todos os dias ao olhar para ele me lembrarei de alguém que me amou incondicionalmente.

— Isso é a mais pura verdade, Nelly. Ela sentia por nós um amor imensurável. Mamãe nos amava com todo o seu ser.

Fechei o relicário no meu pescoço e me virei, abraçando Daniel.

— Obrigada. Não tenho palavras para expressar a minha alegria nesse momento.

— Não precisa, Preciosa. Seus olhos nunca mentem. E nesse momento expressam todos os seus sentimentos. O mais puro amor por minha mãe e por mim.

Dei um tapa no braço de Daniel.

— Oh, Deus, que homem convencido!

— Sou realista. Agora me beije.

E o beijei com todo o amor que ele sabia que eu sentia por ele. Ainda nos braços de Daniel, sussurrei em seu ouvido:

— Eu preciso descer, mas não quero. Preciso terminar o nosso almoço. Eu quero você, amor.

— Eu também, Preciosa. Mas teremos uma noite especial. Mande preparar o nosso chulé. A noite será só nossa.

— Espero ansiosamente. Agora vamos. Tenho muitos peixes à minha espera.

Assim que descemos, já encontramos a cozinha cheia. Eles ainda desfrutavam do café da manhã. Ainda bem que aprendi com vovó Laura a sempre preparar comida a mais. Nunca se sabia quando receberíamos visitas. No meu caso, eu sabia, porque era todos os dias, e eu amava tudo isso.

Coloquei todos para fora da cozinha e tiveram que encarar uma sessão de *Disney Channel* com Luísa. E por incrível que pareça eu ouvia gargalhadas vindas da sala enquanto cozinhava. Durante os preparativos do almoço, recebia visitas. Daniel aparecia para roubar beijos e Levi, Rico, Lipe e Nate para tentar provar o que eu estava fazendo. Tive que dar vários tapas nas mãos deles e gritar por papai para retirá-los da cozinha.

Como todos os anos, meu almoço de aniversário foi especial com os familiares e amigos reunidos. Sentia sempre a falta de Adriana, mas tinha que entendê-la. Onde o seu pai estivesse, ela não estaria. Sabia que essa guerra era deles, mas entendia o sofrimento de minha prima: ela foi rejeitada. Tio Gabriel não imaginava o quanto a fez sofrer. Mas hoje, pelo menos, eu receberia o meu abraço de aniversário dela. Titio não participaria da festa na lagoa de Levi. Precisávamos de nossa sessão menininhas, urgente! Com filme para fazer chorar, pizza, guaraná e muito brigadeiro para colocarmos as nossas conversas em dia.

Após a sobremesa despedimo-nos de todos e resolvi descansar um pouco. Daniel foi se encontrar com Sam para resolver alguns assuntos da produtora e eu fiquei com Luísa. Trocamos as roupinhas de todas as suas Barbies e depois subimos para o quarto e tiramos um cochilo gostoso. Quando acordamos já eram cinco horas da tarde e eu precisava me apressar para tomar banho e me arrumar. Peguei minha sobrinha no colo e segui para a casa de Gabriela.

Assim que toquei a campainha, aguardei. Logo uma Gabriela bem descabelada abriu a porta. Entrei e coloquei Luísa no chão da sala.

— Vou *po* meu *quato*, dinda. Ficar bem bonita *po* seu *vesário*.

— Vá, minha princesa. Será a mais linda dessa noite.

Gabriela acompanhou Luísa.

Quando estava indo embora, ouvi um gemido. Olhei para o sofá atrás de mim e encontrei Nate deitado só de bermuda com a barriga para baixo e a cabeça enterrada na almofada.

— Nate?

— Hum...

— Você está bem?

— Preciso de água e comida, Nelly. Gabi está acabando comigo. Deus, me dê poder.

Não aguentei e ri muito do meu cunhado.

— Não ria, Emanuelly. Eu preciso respirar. Imagina se tivéssemos viajado em lua de mel? Oh, Deus, eu não sobreviveria! Ela está insaciável.

— Eu creio, cunhado. Pelo que vovó nos disse é mal de família.

— Santo Cristo! Meu primo vai passar por isso também? Coitado!

— Acho que ele vai gostar. E vai agradecer aos meus hormônios malucos.

— Ei. Espera aí. Eu também agradeço, mas espera o meu companheiro se recuperar primeiro, né?

Ri de novo.

— Sem detalhes, por favor. Vamos lá, comigo. Tenho pão de mel e suco de laranja para você.

— Recheado?

— Sim, senhor. Com nozes, brigadeiro e maracujá.

— Delícia. Está esperando o quê? Vamos embora.

Deixei Nate se alimentando na cozinha de casa e subi para tomar um banho quente e me arrumar para a minha festa.

Optei por uma roupa fresca. Coloquei meu biquíni porque não resistiria a um mergulho na lagoa, e por cima dele, coloquei o vestido de renda azul que ganhei de aniversário da vovó. A cor dele me lembrava os olhos de Daniel. Calcei uma rasteirinha e me maquiei um pouco. Quando desci, já eram quase dezenove horas e papai estava impaciente.

— Nelly, por que a demora? Sabe que não precisa de tanto tempo para se arrumar. Já é tão linda, minha bebê.

Acelerei meus passos e corri para os seus braços.

— Linda igual você?

— Não, Preciosa. Muito mais. Linda igual a sua mãe.

— Obrigada, papai. Agora vamos, antes que eu comece a chorar.

— Sim, vamos logo porque ainda tenho que pegar sua avó e sua tia.

— Papai, elas moram a poucas casas daqui. Uma mora a cinco casas; e a outra, a sete.

— Assim mesmo odeio chegar atrasado.

Abri a porta e antes de fechá-la, meus pés já não estavam mais no chão e sim no ar.

— Já senti seu cheiro, amor. Sei que é você. Pode me descer agora.

Daniel me colocou no chão.

— Vai comigo de carro?

— Já estava indo com papai.

— Nelly, minha filha. Seu pai aqui já é bem grandinho. E eu não quero ver você batendo o pé de nervoso no carro daqui até a lagoa por querer estar com Daniel. Vá com o seu namorado, por favor.

Sorri e abracei meu pai.

— Obrigada, papai. Você realmente me conhece.

— Mais que a mim mesmo.

Meu pai entrou no carro e seguiu até a casa de vovó, que já estava o esperando em frente do portão.

— Vamos, Preciosa. Levi já ligou. Estão todos à nossa espera. E você está linda, princesa. Daqui a pouco entregarei meu segundo presente.

Dei um selinho em agradecimento pelo elogio e entramos no carro. Meia hora depois já estávamos na lagoa. E, meu Deus, estava linda!

Havia uma fogueira com muitas comidas e uma roda de pessoas que amava com Levi e Rico tocando violão e cantando.

Isso fez lembrar-me do que ouvi há um tempo de minha amiga Gisele. Eu não imaginava o quanto era querida. E agora estava tendo noção desse amor imenso.

Estava seguindo de mãos dadas com meu namorado onde todos estavam reunidos, mas alguém me chamou a atenção: Mariana. Minha Nana estava ajeitando alguns pratos em cima da mesa. Soltei a mão de Daniel e corri para os braços dela.

— Que saudades, Nana! Você está bem? A Gi chega amanhã mesmo?

Nana sorria, ainda comigo a abraçando.

— Calma, querida! Eu estou bem, e sim, a minha filha amada chega

finalmente amanhã.

— Graças a Deus, Nana! Gisele dará início a uma nova etapa na vida dela. Tanto profissional quanto pessoal. E espero que ela abra a porta daquele coração teimoso para o amor.

— Oh, Nelly! Esse é meu maior medo. Só não quero que minha menina sofra como eu sofri. Mas não vou impedi-los mais. Só consegui deixar tristezas no coração de Levi e Gisele. E eu os amo mais que a mim mesma. Ela é minha filha e ele o menino que ajudei a criar desde que nasceu. Ele se tornou um grande homem e, mesmo depois de tudo que fiz, não abriu mão de me ter ao seu lado. E hoje estou aqui, ajudando no hotel e ainda sendo babá de Levi.

— Me desculpe por rir disso, Nana. Mas olha ali o tamanho de Levi. Um homem enorme de 30 anos.

— Mas se pudesse teria todos os quatro juntinhos de mim: Levi, Rico, Lipe e Carlinha. Porém, admiro o que estão fazendo por Enrico. Ele precisa estar longe e colocar o coração no lugar. Mas ainda tenho esperanças de ter todos aqui reunidos um dia. Seus pais se tornarão completos de novo. Assim como eu com a minha Gisele de volta. Mas agora vá se divertir, hoje é o seu dia. Vou buscar seu presente.

— Obrigada, Nana. Depois volto para te apresentar o meu namorado.

— O menino Daniel. Eu o conheço. Já fiz muito bolo de chocolate para o café da tarde dele com os meninos. Não deixe um homem lindo esperando. Corra!

— Beijos, Nana.

— Vá.

Meus pés afundavam na areia quentinha enquanto voltava para Daniel.

— Está tudo bem com Nana?

— Sim, só está ansiosa pela chegada de Gisele.

— Graças a Deus, ela está voltando. Assim Levi mantém quilômetros de distância de você.

— Como assim? Você também sabia sobre eles?

— Desde pequenos eles se amam, Nelly.

— Jesus, eu não enxergo um palmo na minha frente! Eu sabia que alguém era a dona do coração de Levi, mas não que era ela. Soube há pouco tempo.

— A história de Levi e Gisele é longa. Um dia, eu te conto. Agora vamos comemorar.

— Vou cobrar isso, amor.

— Em breve.

Estávamos chegando à roda onde estavam todos reunidos e Carla saiu correndo em minha direção e empurrou Dan para longe de mim.

— Primeiro abraço meu e primeiro presente também. Venha comigo!

— Sim, senhora, dona Carla.

Carlinha me levou onde foi colocada uma grande caixa coberta por algumas mantas e ali havia vários presentes.

— Não saia daqui. Espere que vou achar. É impossível não encontrar algo embrulhado em vermelho. Isso. Achei.

Carlinha me entregou e ela parecia mais ansiosa do que eu para saber o que havia naquela caixa.

Comecei a desembulhar lentamente, para o desespero de minha amiga. E internamente eu gargalhava da sua reação.

— Depressa com isso, Nelly. Que nervoso! Quero saber se você vai gostar. O presente é meu, de Lipe e Rico.

Terminei de desembulhar e fiquei completamente sem palavras.

— Jesus, Moranguinho, diga alguma coisa! Rico, Lipe, corram aqui!

Vi Felipe e Enrico se aproximando.

— Pimentinha, se você não gostou do presente nós podemos trocar. Amanhã Lipe te leva na loja e pode escolher o que quiser — Enrico falava e eu não conseguia responder.

— Merda, Moranguinho, me dá logo esse negócio aqui! Vou quebrar essa

coisa toda e amanhã compramos um novo presente. — Felipe tinha um olhar desesperado na face. Devia estar pensando que detestei o meu presente. Mal sabia ele que era o que sempre sonhei em ter. Quando Lipe ia encostar as mãos no meu presente, eu gritei:

— Tira a PORRA da mão do meu Kindle! Não seja louco de encostar um dedo no meu presente. Eu arranho a sua cara bonita com a minha unha vermelha em um piscar de olhos.

Carlinha ergueu o punho para o alto, em sinal de vitória. Ela sabia que tinha acertado na escolha.

— Aleluia, ela gostou! Viu, meninos? Eu conheço a minha amiga melhor que qualquer um e com a ajuda de certa pessoa, consegui descobrir até os livros que você queria tanto ler. Estão todos aí. No seu Kindle novo. E Enrico e Lipe criaram sua conta e registraram um cartão de crédito sem limites para você poder comprar seus livros todo mês e ler à vontade.

— Não creio! Vocês têm noção do que é isso? Fazer uma coisa dessas com uma viciada em leitura? É um presente dos céus!

Era visível o carinho com que Enrico me olhava. Era amor de irmãos. Era assim que ele me via, assim como eu a todos os lindos irmãos De Angeli.

— Pois se sinta presenteada, Moranguinho. É com muito amor que entregamos isso para você. Agora veja os livros que compramos. Já está ligado, olhe.

Oh, meu Deus! Havia três livros das autoras que amava: *Momentos*, de

Gisele Souza; *Quando você voltar*, de F. P. Rozante e *Em busca do Verdadeiro*, de Babi Barreto.

Eu só consegui abraçar os três e dizer que os amava demais.

— Obrigada. Eu amei! E não sei mais como agradecer.

— Ah, mas eu sei. Uma dança para mim e outra para o Rico nessa noite. Sem falta. — Felipe sorriu descaradamente.

— Com todo prazer, Lipe! Mas nem sonhe em apalpar minha bunda, senão o menino bonito lá vai ter o imenso prazer em machucar você.

— Isso é muito injusto! Como sempre, o idiota do Daniel é o que tira o melhor da brincadeira. Merda!

Pedi a Nana para guardar com carinho o meu presente precioso e voltamos para a roda.

Levi tocava *Cuida bem dela*. Amava essa música e puxei meu namorado para dançar.

Todos se divertiam. Uns dançavam, outros comiam as delícias que Nana preparou e alguns apenas conversavam. Estava sendo uma noite muito agradável e melhor do que nos anos anteriores. Nesse, eu estava nos braços do homem pelo qual estou apaixonada.

Dancei com Lipe, mas no meio da dança ele foi arrastado pela orelha por tio Lorenzo por tentar me apalpar. Logo depois com Rico. Pude sentir a tristeza em Enrico, e perguntei se ele estava bem e ele me tranquilizou

dizendo que tudo ia passar.

Vovó pediu que eu e Paulo apresentássemos a coreografia de fim de ano da escola de dança. E ali eu me entreguei. Em cada passo depus meus sentimentos: dor por não ter Sara em mais um aniversário; saudades infinitas de Amanda; alegria por saber que era querida por tantas pessoas; gratidão por ter encontrado o homem que sempre habitou meus sonhos e senti uma paixão sem limites por ele.

Após a dança, nós encontramos Dan e Ewellyn, que estavam juntos nos observando.

— Você estava tão linda dançando, Preciosa. Eu preciso voltar para a escola de dança para ter o prazer de ter você tão em paz nos meus braços.

Abracei meu namorado e o beijei.

— Prometo que serei uma excelente professora.

— E eu seu melhor aluno.

— Duvido. Nesse quesito, eu sou o vencedor, Daniel.

— Cale a boca, Paulo! Não se esqueça de que você só tem aula na escola de dança. Eu tenho em casa. Então me aguarde. Ano que vem a dança de fim de ano será minha.

— Veremos.

— Oh, Deus! Paulo, querido, vamos antes que vocês rolem pela areia

ainda discutindo quem será o melhor. Temos que dar comida para o nosso pequeno príncipe. E saibam os dois que eu sou melhor que vocês. Deixe Daniel e Nelly namorarem em paz um pouquinho.

Bom, não tivemos tanto tempo a sós. Logo Lucas se aproximou com uma pequena caixa nas mãos.

— Boa noite. Posso entregar meu presente para a aniversariante?

— Boa noite, Lucas. Fique à vontade. Preciosa, eu vou estar ali, perto de Nate e Luísa.

— Ok, amor. Espere-me ali. Todo ano, eu e Luc temos uma dança. Logo eu te encontro.

Daniel me deu um beijo no rosto e saiu. Ele sabia que esse presente era como se fosse um ponto-final para Luc.

— Ei, baby. Pegue e abra.

Peguei a caixinha das mãos de Luc e a abri. E o presente era tão perfeito.

— Coloque para mim, Lucas. É tão lindo. Obrigada por isso. Você escolheu coisas que eu realmente amo.

Luc me presenteou com uma linda pulseira com quatro pingentes. A inicial de meu nome, uma sapatilha de dança, câmera fotográfica e uma flor.

— Fico feliz que tenha gostado, baby. Agora vamos ali que escolhi uma música para Levi tocar.

Caminhei com Lucas e Levi iniciou a canção *When I Was Your Man*, do Bruno Mars.

Encostei minha cabeça no ombro de Luc e me deixei ser levada pela música.

— Não acredito que me deixará guiar a dança. Isso é novo. Daniel só te faz bem, Nelly. Eu tenho que admitir isso.

— Sim, ele me faz ser alguém melhor.

— Me perdoe, baby, por ter sido tão imbecil e não ter valorizado o que nós tínhamos.

— Não era para ser, Luc. Nós fomos felizes com o pouco que tivemos e dessa relação tiramos algo lindo: uma amizade verdadeira e eterna.

Quase no fim da canção, Luc parou de se movimentar e me olhou.

— Seja feliz, baby. Que meu primo faça o que eu não fiz: amar você acima de tudo. — Ele me deu um beijo demorado no rosto e começou a se afastar.

— Não nos abandone, Luc. Só isso que te peço. E procure por ela. Seja feliz, meu amigo.

Luc virou-se para mim e sorriu.

— Não vai se livrar de mim nunca, baby. E farei isso sim. Rodarei essa cidade inteira atrás daquele cheiro. Rubi será minha e, dessa vez, farei o

certo.

Vi meu amigo se distanciando e ali foi o ponto-final para ele. O meu já havia sido dado há muito tempo. Esperava que, dessa vez, ele encontrasse a sua felicidade.

*Espero que ele lhe compre flores, que ele segure sua mão
Que lhe dê todas as suas horas quando tiver a chance
Que leve você a todas as festas porque eu me lembro
De quanto você amava dançar
Que faça todas as coisas que eu deveria ter feito
Quando eu era o seu homem...*

Recebi vários presentes lindos. Mas o segundo presente de Daniel foi perfeito e já recebeu até um nome: Emanuely. Uma câmera maravilhosa e vermelha. Essa só ia capturar fotos nossas. E a primeira já ia ser emoldurada. Paulo tirou uma foto nossa próxima à fogueira, que ficou espetacular.

Todos agora estavam reunidos nas mesas jantando. Quando ia colocar a primeira colher do salpicão que Nana preparou na boca, a minha pequena luz se aproximou com a cabecinha baixa.

— O que aconteceu, minha princesa?

— Tia Nelly, a Barbie da pequena luz tá com fominha.

— A Barbie da pequena luz?

— Sim. E ela quer pizza.

— Mas nós não temos pizza aqui. Quem mandou preparar a comida foi o tio Levi. Levi corre aqui, por favor!

Levi se aproximou e Luísa abriu os braços pedindo colo.

— Tio Levi, a Barbie quer pizza.

— Pizza? Mas temos tantas coisas gostosas aqui. Vamos dar um pouco de torta para ela.

— NÃO! Ela passa mal, tadinha! Só gosta de pizza e depois sorvete de chocolate.

Eu e Levi caímos na gargalhada.

— Oh, Deus! Você é realmente a filha de Gabriela. Fico louca com vocês duas. E agora, Lê?

— Nana, leva a princesa na cozinha do hotel e mande preparar uma pizza deliciosa para ela. Oh, não! Para a Barbie dela.

— Venha, pequena Luísa. Vamos alimentar a sua bonequinha linda.

Luísa deu um beijo gostoso em Levi e saiu de mãos dadas com Nana.

Quase no fim da festa, pedi ao Daniel que me acompanhasse até a lagoa. Retirei meu vestido e senti a sua respiração alterada atrás de mim.

Daniel só retirou a camisa e o calçado e entrou na água de bermuda.

Mergulhei algumas vezes e olhei o céu lindo e estrelado, e ali agradei a Deus por mais um ano de vida.

Para a minha noite ser perfeita, eu tinha que terminá-la nos braços do meu homem. Ainda na água, Daniel me pegou no colo e me beijou. Seus beijos desciam por meu pescoço me fazendo estremecer ao sentir o quanto ele me queria.

— Vamos para o chalé, Preciosa. Eu necessito estar dentro de você.

— Me deixe despedir das pessoas primeiro. Venha comigo.

— Impossível. Vai ser difícil até andar de tão duro que eu estou. Imagina seu pai vendo essa cena. Eu não me arrisco a ver a reação dele. Vou te aguardar no chalé.

Saí da água rindo e coloquei meu vestido, e lógico que Daniel agradeceu por isso. Despedi-me de todos e, quando estava quase chegando ao nosso chalé, senti que estava sendo observada. Procurei por perto e não encontrei nada. Minha pequena luz veio correndo, se jogou nos meus braços e me deu os parabéns.

— Obrigada, minha princesinha. Agora vá, volte para seus pais que já está tarde.

— Olhe *pa* árvore bonita perto da casa de tio Levi, dinda. A moça de cabelo vermelho só *precisa* ver você para ser feliz.

Luísa desceu do meu colo e voltei meu olhar para a casa de Levi e avistei Sara, minha mãe. Encaramo-nos e passamos tantas coisas através desse gesto. Mas hoje era o meu dia e meu amor me esperava. Minha conversa com Sara precisaria de muito tempo.

Logo JP veio ao encontro dela. E mesmo distante, esse momento era importante para mim, pois tive certeza de que todos os anos ela me observou. Sussurrei um “obrigada” e mesmo longe ela disse que me amava. Pude ver as lágrimas rolando pelos olhos de Sara assim como sentia as minhas.

JP a abraçou e pude vê-la indo embora mais uma vez enquanto eu ia ao encontro do meu presente. Da minha realidade. Do meu Daniel.



20

Nelly

CAMINHEI DE VOLTA A MINHA realidade. Mas, definitivamente, teria que ter este tão esperado encontro com Sara, em breve. Minha alma necessitava de paz e queria entender o lado dela também, assim como expor a minha dor.

Encontrei a porta do chalé entreaberta e mal deu tempo de empurrá-la para entrar, quando eu fui tomada pelo braço e imprensada na parede.

Daniel passava as mãos na minha nuca e respirava profundamente o cheiro de meus cabelos.

— Saudades, Preciosa.

— Mas não tem nem dez minutos que nos vimos.

Sorri da cara de inocente do meu namorado.

— Para quem sonhou durante anos em te encontrar, ficar alguns minutos distante é uma tortura.

— Faço das suas palavras as minhas.

Eu não suportava mais esperar, queria beijá-lo como nunca havia beijado e ser amada a noite inteira. Antes que me desse conta, já estava com minha boca colada a dele, eu conseguia sentir sua respiração rápida e ofegante, pela forma intensa que eu o beijava, e sua ereção crescente no meu estômago foi rapidamente notada por mim. Fui explorando cada canto de sua boca com minha língua enquanto, lentamente, ia alisando o corpo dele com o leve toque dos meus dedos.

Separamo-nos sem fôlego.

— Cama, Preciosa?

— Agora!



Acordar na véspera de Natal ao lado de seu namorado e com braços fortes envolvendo seu corpo era totalmente perfeito.

— Bom dia, amor.

— Bom dia, Preciosa.

— Podemos pular o café da manhã aqui e tomar lá em casa? Tenho certeza de que vovó já iniciou os trabalhos na cozinha e, se não chegarmos com urgência, dona Laura vai se irritar. Ela odeia ver suas comidas sendo

ignoradas. E uma italiana estressada em época de Natal é algo que não desejo para ninguém.

— Vamos sim, vovó disse que vai fazer rabanada para mim.

— Santo Cristo! Vovó te ama.

— Como assim?

— Nate só conseguiu comer rabanada após um ano junto com Gabriela. E você conseguiu em uma semana. Oh, meu Deus!

— Ela sabe que nosso destino já estava traçado, e que eu sou um bom menino.

— Ok, Sr. Convencido. Vamos logo. Também quero rabanada.

— Só deixo se prometer dormir na minha casa essa noite.

— Com todo prazer, amor. Será a melhor noite de Natal de todas.

Depois que nos arrumamos, pegamos a estrada. Em pouco tempo, já estávamos em casa. E alegramos o dia de vovó nos deliciando com seu café da manhã.

Não dava para acreditar que minha vida mudou tanto em uma semana.

Havia se passado poucos dias após o casamento de Gabi e Nate e iríamos reunir nossas famílias para mais esse dia especial.

Desde que conheci Daniel, primo do meu cunhado, durante a descoberta da gravidez de Gabi, em somente uma semana juntos, já deu para sentir que ele trouxe luz para a minha vida.

E logo hoje, minha irmã estava tendo um dia terrível com muitos enjoos e já havia vomitado horrores.

Então, as sobremesas e a minha sobrinha Luísa ficaram sob minha responsabilidade. Enquanto a vovó Laura tomava posse do fogão, aromas variados tomaram conta da nossa casa, porque o tempero dela era inigualável.

Sempre amei essa época devido aos risos, ao amor, às reuniões familiares com tios, primos, o que tornava tudo ainda mais especial. Mesmo com a ausência de minha mãe, nunca faltou a alegria do Natal em nosso lar.

Deixei vovó e tia Rachel na cozinha lidando com a comida de nossa ceia e segui para o meu quarto, onde deixei minha pequena luz ardendo em febre.

Mas, ao chegar em frente à escada, deparei-me com Luísa descendo enrolada em seu cobertor das Princesas e com o rostinho bem vermelho. Tive praticamente certeza de que a febre não baixou.

— Tia Nelly, Pequena Luz tá *de febrinha*.

Tomei-a em meus braços e, com o dorso da minha mão, senti seu corpo quente e constatei que a febre não tinha cedido.

— Luísa, tia Nelly vai medir sua temperatura. Tudo bem?

— No *bacinho* de novo, tia?

— Isso, minha princesa. Não vai doer nada. E é rapidinho.

Emburrada, ela respondeu:

— Tudo bem. Eu deixo, só porque *num fazi* dodói.

Eu amava a minha sobrinha. Mas, por que ela não puxou o gênio do pai? Ela era a cópia de minha irmã!

Subi as escadas e entrei em meu quarto. Desde que Luísa nasceu, minha vida mudou. Gabriela e Nathan deram a responsabilidade para seus irmãos de serem os padrinhos de Luísa. Então, eu e o Lucas fomos agraciados por ter a nossa pequena luz iluminando nossas vidas.

Apesar de ser filha da Gabriela, Luísa era a minha cópia. Seus cabelos vermelhos brilhantes e seus olhos azuis chamavam a atenção de longe. Ela era uma criança linda e abençoada.

Depositei-a com muito cuidado em sua cama. Sim. Como uma boa madrinha, eu fiz um cantinho só para ela em meu quarto, mesmo com seus pais morando ao nosso lado.

Coloquei o termômetro no bracinho de Luísa.

— Tá geladinho, tia Nelly.

— Vai aquecer rapidinho, minha princesa.

— *Pincesa* azul, tia. Ela é a *maisi* bonita.

— Concordo com você, Luísa. A Cinderela é a mais linda de todas.

— Eu quero outra de *pesente*. A minha tá quebrada.

— Outro presente, Luísa? Assim o Papai Noel vai ficar muito cansado de carregar tantos presentes só para uma menininha linda.

— Ele é forte, tia. Já viu o tamanho do barrigão dele?

Eu tive que rir. A mente da minha sobrinha viajava bastante. Meu celular tocou e reconheci de imediato o toque da música *I Believe I Can Fly*, do R. Kelly. Afastei-me um pouquinho de Luísa para atender ao celular.

— Oi, amor. Já está chegando?

— *Não, Preciosa, eu estou no shopping. Vim comprar o presente de Luísa. Mas estou perdido no meio de tantas lojas e de tantas crianças correndo. O shopping foi invadido por elas.*

— É normal, Daniel. Muitos já não creem na magia do Natal. Nós não tiramos isso da vida de Luísa. Por isso, você verá um bom velhinho de vermelho com um baita de um barrigão e um saco cheio de presentes aqui em casa hoje.

— *Meu Deus, e quem será o sortudo esse ano?*

Não aguentei e gargalhei.

— Sorte a sua que entrou para a família há pouco tempo e não pegou o grande sorteio da escolha de Papai Noel. Esse ano será o Lucas. Tadinho do

meu amigo.

Jesus, sério que escutei meu namorado rosnando no telefone?!

— *Bem feito para ele, Preciosa. Só assim ele manterá uma longa distância de você. Papai Noel é muito bem casado. E não vai ficar cantando a mulher dos outros. Ainda mais de seu próprio primo.*

— Ciúmes, ciúmes... Eu já lhe disse mil vezes que entre mim e Lucas não existe nada há um bom tempo. E seu coração já não bate mais acelerado por mim. Meu amigo já tem alguém que habita seus sonhos. Basta ele encontrá-la novamente para se tornar real.

— *Ok, minha menina. Mas eu liguei para saber o que eu vou comprar para a Luísa. Não faço a mínima ideia. Estou perdido no meio de tantos brinquedos.*

— Ai, meu Deus! Eu sei o que você pode comprar. A princesa azul, Dan.

— *Que bendita princesa é essa, amor?*

— Pede para a vendedora a Cinderela. Luísa acabou de me pedir uma, mas já comprei vários presentes hoje para ela.

— *Certo, Preciosa. Aguarda na linha, que eu vou pedir à vendedora.*

— Tudo bem.

Aproximei-me de Luísa quando o termômetro apitou. Retirei-o com cuidado do seu bracinho e vi que a temperatura estava alta: 39 graus. E

também percebi que tinha adormecido.

— *Amor, está na linha ainda?*

— Sim, pode falar. Mas antes me responde uma pergunta: Cinderela normal ou a que brilha?

— *A que brilha. Pequena Luz ficará encantada.*

Vi Luísa se mexer em sua cama e abrir seus lindos olhinhos azuis. Por isso, pedi ao Dan que me esperasse um pouquinho na linha.

— Tia Nelly, fala pro tio Dan cantar pra mim. Só assim o dodói vai embora.

— Cantar o quê, minha princesa?

— A minha música, tia. A mamãe dele também cantava quando ele *tava* dodói. É a música da pequena luz.

Senti minha pele se arrepiar por completo. Essa sensibilidade de Luísa era algo inexplicável.

Voltei à ligação.

— Dan, quando você estava doente sua mãe cantava alguma música? E se ela cantava, qual era?

— *Sim, Emanuelly. Cantava Minha pequena luz.*

— JESUS! — gritei e deixei meu celular cair no chão. — Oh, merda!

— Não pode falar isso, tia Nelly. Papai disse que é feio.

— Desculpa, Pequena Luz. É realmente feio. Seu pai tem toda razão. Tia Nelly não vai falar mais.

Peguei o celular do chão e tentei de todas as formas ligar o infeliz. E nada. Vou ter que me presentear no Natal. Juntei os pedaços do celular espalhados pelo chão e me lembrei da febre de Luísa.

— Luísa, tia Nelly vai ter que te dar um remedinho para baixar a febre. Ele é docinho, meu amor. Vamos tomar agora?

— Não é não, dinda. Papai diz *tumen* que é docinho, mas nunca é. É tudo *ruinho*.

— Oh não, meu amor. Tia Nelly não mente. Esse é sabor morango.

— É *ruinho*, sim. E só tomo com o tio Dan. Depois que ele cantar pra mim.

Meu Deus, que menina teimosa! É igual a mãe dela.

— Luísa, você conhece o Daniel há uma semana. Não acredito que irá trocar a sua dinda por ele.

— Eu gosto dele. E ele é tão lindo. *Num* é, tia?

— Sim, minha princesa. Ele é. E tem os olhos azuis mais lindos que já vi.

Lindos como os seus.

— Então, eu só tomo remédio *ruinho* com o tio bonito.

— Certo. Mas vamos tomar um banho morno enquanto ele não chega para ver se essa febre baixa um pouquinho.

Levei Luísa para o meu banheiro. E nem parecia que essa menina estava doente. O banho era só dela. Mas, com tantos pulos na água, acabei ficando ensopada e tomei banho também.

Sáímos do banheiro e procurei no meu armário os nossos pijamas idênticos da Barbie, que era outra paixão da minha sobrinha.

As maquiagens que Luísa fazia em cada uma com as canetas eram incríveis! Em menos de um dia, elas estavam destruídas. Gabriela ficava histérica quando ela chegava mostrando seus desenhos nas Barbies. Eu, Nate e Luc caíamos na gargalhada. E no outro dia tudo se repetia. Chegávamos os três com uma Barbie nova e de tema diferente, alegrando o dia de Luísa e deixando Gabriela ainda mais louca.

Depois de vestidas, eu acomodei Luísa na cama e liguei o DVD da *Barbie e a Escola de Princesas*, enquanto descia e preparava um leite quente com biscoitos para o seu lanche da tarde.

Na cozinha os aromas eram divinos. Tia Rachel preparou seu delicioso panetone. Vovó ficou por conta do arroz à grega com passas e nozes, seu famoso peru de Natal, o salpicão que eu tanto amava, e a maionese. Neste mesmo instante, tia Ester chegava na cozinha, junto com tio Davi e Lucas.

— Tia Ester, que cheiro maravilhoso!

— Oh Nelly, é o molho de maracujá que Davi preparou. Gabi está com desejo. E o avô bobo disse que ele ia realizar as vontades de sua nora no Natal. Vai de acompanhamento com o lombo ou o Chester que preparei.

— Delícia, tio Davi!

— Obrigado, querida. Faço tudo por um neto, ainda mais se Nathan estiver certo e realmente for o Miguel chegando. Serei o avô mais realizado desse mundo. A Luísa é uma princesa. E se for um menino, nós teremos um príncipe na família.

— Vai ter que disputar o cargo de avô mais feliz com papai, tio Davi. Ele está contando os dias para saber o sexo dessa criança.

Enquanto conversávamos, Lucas depositava duas travessas na mesa de jantar.

— Não precisa nem perguntar, baby, eu já te respondo. Chester e farofa.

Sorrindo, retruquei:

— E você também não precisa me perguntar. Eu fiz a sua *mousse* de maracujá. Está na geladeira.

— Obrigado, baby. O meu primo é um sortudo do caramba! Conquistou o seu coração. E de quebra roubou a minha cozinheira predileta. Mas a *mousse* de maracujá é só minha.

— Sim, Luc. Só sua.

Dei um beijo leve no seu rosto e subi as escadas levando um prato com biscoitos e o leite de Luísa.

Quando abri a porta, vi Gabriela ninando Luísa, que já estava num sono profundo, em seu colo. Coloquei o prato na mesinha de cabeceira e me aproximei de Gabi.

— Ela está melhor?

— Sim. Mas não queria tomar o remédio. Disse que era *ruinho*. Depois de muito conversar e prometer um passeio e um lanche no shopping, ela me deixou dar o remédio. Fez uma linda careta com nojo e deitou no meu colo, pedindo para fazer dengo nela.

— Ela é tão linda, Gabi! Tão sensível e especial, que traz luz para a vida de todos ao seu redor.

— Luísa é um presente de Deus em nossas vidas. E um dia você será uma mãe maravilhosa, minha irmã. Não há como descrever em palavras o seu cuidado, amor e carinho com Luísa. Simplesmente é um amor incondicional.

— Não me faça chorar, Gabriela. A louca com hormônios malucos aqui é você, que chora e ri ao mesmo tempo nessa gravidez. Agora me dê a pequena luz para eu colocar na cama dela, para que você possa alimentar o meu sobrinho na sua barriga e descansar mais um pouquinho.

Peguei Luísa do colo de Gabi e senti seu corpo ainda quente. A febre

ainda não tinha cedido por completo. Cobri-a com seu cobertor e deixei a janela aberta. O dia estava bem fresco e agradável.

Voltamos para a cozinha e, dessa vez, eu alimentei a minha irmã. E exigi que ela descansasse um pouco mais para desfrutar do nosso jantar de Natal em família. Gabi subiu e foi se deitar na minha cama. A casa já estava vazia, pois todos foram se aprontar para a nossa noite.

Aproveitei o silêncio e me aconcheguei no sofá da sala com meu álbum de fotos de criança. Ainda sofria com a separação de meus pais. Mas orava a Deus para que papai encontrasse um novo amor. Porém, sentia que ele estava mais próximo do que imaginávamos. Os olhos de tia Rachel, a irmã de minha mãe, brilhavam com algo a mais quando olhavam para o seu Rafael.

Desejava que o papai seguisse o próprio conselho que me deu há uma semana: “Se permita ser feliz. Ame com tudo que há em você”.

E eu estava fazendo isso pela primeira vez nos meus 24 anos de vida. Entreguei meu coração, meu ser e minha vida a Daniel. Como ele mesmo disse: “Somos um encaixe perfeito!”.

Olhando as fotos de anos atrás, um sorriso largo surgiu em meus lábios. A nossa família cresceu. Antes éramos eu, Gabi e nossos pais. Hoje, tínhamos a família de Nathan; o meu namorado Daniel; Levi, o meu amigo e confidente, e sua família; Gisele, o amor de Levi, que após cinco longos anos estudando fora estava chegando hoje para alegrar ainda mais este dia; o louco do Samuel, amigo de Dan, que tinha um coração do tamanho do mundo; titia e vovó; e minha pequena luz, o encanto de minha vida. Seria uma foto linda da noite de Natal.

Senti meus olhos pesando. Olhei em meu relógio e já eram dezoito horas. Tinha que subir, tomar um banho e começar a me arrumar, mas o cansaço do dia foi maior. E me vi caindo em um sonho com dias ainda melhores que este.

Fui despertando ao som de muitas vozes. E, em seguida, fui erguida do sofá por braços fortes. Nem precisei abrir meus olhos para saber quem era. Cada poro do meu corpo conhecia esse toque... esse cheiro.

— Oi, amor!

— Oi, Preciosa. Desculpe-me a demora. Houve um imprevisto na agência, e eu e Sam tivemos que reeditar um vídeo de um de nossos clientes. Isso porque a agência nem abriu ao público ainda. Mas já resolvemos. Vim o mais rápido que pude e encontrei uma princesa adormecida no sofá da sala.

Abri meus olhos e vi que já tinha escurecido.

— Dan, que horas são?

— Oito horas da noite, Nelly.

— JESUS! Me solta que eu tenho que tomar banho e me arrumar.

— Fica quieta! Você está no lugar certo. Nos meus braços. E todos já chegaram. Sua avó disse que começará a servir o jantar, às dez. Nós temos tempo de sobra.

— Oh, não! Não me olhe assim. Você não irá fazer nada comigo na casa do meu pai.

— Eu não fiz nada, Preciosa. Sou mais um inocente aqui.

— De inocente você não tem nada, amor.

O infeliz ainda riu da minha cara. Mas o olhar de safado permanecia em seu rosto lindo.

Fui deitada em minha cama e abraçada pelo homem que eu já amava mais que tudo nessa vida.

Nossos corpos se moldavam um ao outro com perfeição. Daniel depositava suaves beijos em meu pescoço e sussurrava palavras doces em meu ouvido.

Após a separação de meus pais, passei oito anos completamente perdida, sem sentido. E no dia do casamento de minha irmã, quem ganhou o presente fui eu.

Daniel chegou trazendo amor, amizade, carinho, dedicação e me completando como mulher. Ele foi se tornando o meu alicerce, o meu porto seguro. Estar com ele era um sonho, uma realização. Era se encaixar perfeitamente se tornando inteira. Ele era o meu grande amor.

— Pra você pode parecer cedo, Emanuelly. Faz somente uma semana que fazemos parte da vida um do outro. Mas eu preciso dizer isso. Está me sufocando. Preciso dizer...

Eu sabia o que ele ia dizer. As mesmas palavras ecoavam dentro da minha alma. E, sem ao menos perceber, as lágrimas começaram a rolar de meus

olhos.

— Eu te amo, minha preciosa. Eu disse ao meu pai antes de falecer que um dia acharia o meu complemento. E encontrei você. Se eles estivessem vivos, concordariam comigo. Você é a melhor parte de mim.

— Oh, meu Deus! Eu também amo você. Que alívio poder dizer isso. Minha vida começa e termina em você, Daniel.

Quando íamos nos beijar, fomos interrompidos por um Nathan muito sem-vergonha limpando sua garganta.

— Desculpe. Desculpe, o caramba! Vamos parando com isso, porque temos criança no recinto.

Olhamos para baixo e vimos Nate cobrindo os olhos de Luísa com suas mãos. Daniel se ergueu e me ajudou a sentar na cama.

Luísa se soltou das mãos de Nate e correu em minha direção, sentando em meu colo.

— Ele já disse, tia Nelly?

— Disse o quê, Luísa?

— Que ele ama você, lógico!

— Nathan, quando vocês chegaram deu para ouvir a nossa conversa?

— Oh, não! Nós chegamos na hora que a diversão ia começar.

— Jesus, Nate! Para com isso, ou entrego as suas diversões com a minha irmã para a família inteira também.

— Ok. Já parei! Tô quietinho. — Tive que rir do sem-vergonha do meu cunhado dizendo isso com os braços para cima em sinal de rendição.

— Luísa, como você sabia o que o tio Dan ia me dizer?

— A pequena luz sonhou um sonho tão lindo, tia Nelly. E a moça bonita disse que isso ia acontecer hoje.

— Moça bonita? A mesma moça dos olhos azuis dos outros sonhos?

Não houve tempo para resposta, porque Gabriela entrou muito afobada, quase sem fôlego, pela porta do meu quarto.

— Alguém... por favor... segure... essa menina... — Ela parou e respirou fundo. — Eu preciso dar o remédio de febre para ela. Essa bendita teima em não baixar!

Luísa deu um pulo do meu colo para os braços de Daniel.

— *Potege* eu, tio Dan. É tão *ruinho*. *Num* gosto e *num* quero. — Minha sobrinha se aconchegou mais no colo de Daniel como se ele fosse o seu próprio refúgio.

Dan fez sinal para que Gabi lhe passasse o remédio. Gabriela passou o medicamento e fez sinal erguendo seus ombros, como se dissesse: “Você pode até tentar, mas não irá conseguir”.

Meu namorado lindo, sorriu e sussurrou:

— Veremos.

Dan colocou Luísa sentada na cama e se ajoelhou no chão para tentar ficar da sua altura. O que era um pouco difícil, porque ele era muito alto.

— Luísa, vamos fazer um trato?

Ela respondeu com um gesto negativo de cabeça.

— Você vai gostar do trato do tio Dan. Vamos fazer?

— Não, o remédio é *ruinho* demais.

— Oh, eu sei disso, pequenina. Mas ele vai tirar a febre e a dorzinha no seu corpo. Como é que você vai receber o Papai Noel passando mal?

— Eu quero ver o Papai Noel, tio Dan.

— Eu te levo, se você me deixar te dar o remédio. E ainda vou cantar essa noite para você dormir. A sua música predileta.

Luísa batia palminhas e pulava de alegria enquanto falava:

— Eu sabia, eu sabia. Você vai cantar a *pequena luz* pra mim. Agora eu tomo o remédio *ruinho*. Ele é nojento, tio Dan! Muito *ruinho*!

O olhar de minha irmã foi hilário. Ela não conseguia acreditar no que estava vendo.

— Nate, traz o copo de água para a Luísa; e Gabi prepara o remédio agora.

Gabriela demorou alguns segundos para se movimentar. Abriu o remédio e colocou as gotas necessárias na colher, enquanto Nate sentava ao lado da filha com o copo de água em suas mãos.

— Vamos lá, Luísa. Abra a boca. É rapidinho.

Luísa abriu a boca, e Dan lhe deu o remédio. Mesmo engolindo rápido e tomando água, não podia faltar a careta de nojo mais linda desse universo. Dan devolveu a colher para Gabi e tomou a pequena luz em seus braços. Ela o abraçou e agradeceu.

— Não foi nada, pequena. Agora você vai ficar um pouco com seus pais, porque tio Dan tem que ir para casa se arrumar e sua tia também.

— Ok. Mas não se esquece da música da pequena luz, viu?

— Nunca. Eu não esquecerei.

Por um breve segundo, eu vi a dor nos olhos do homem que amava. E isso doeu em mim.

Despedi-me do meu namorado com um selinho e segui para o banho.

Quarenta minutos mais tarde, desci as escadas e, ao ouvir o som de muitas vozes, meu coração se alegrou.

Lucas estava uma comédia de Papai Noel. Dan, Samuel e Levi estavam

superentretidos em uma conversa enquanto minha irmã conversava com uma linda moça. As duas sorriam bastante.

A moça se virou e eu não estava acreditando no que meus olhos viam: Gisele, minha amiga que não via há cinco anos. Ela estava tão linda. Ao me olhar, vi um brilho em seus olhos como há muitos anos eu não via. E isso, eu sabia, tinha um nome: meu amigo Levi.

Nós duas corremos em direção à outra. Meu Deus, quanta saudade! Eu e Gisele compartilhamos tantos bons momentos. Minha noite de Natal estava cada vez melhor.

— Você está tão linda, amiga! Olha como você está maravilhosa! — Fiz ela dar uma voltinha e percebi que não era a única a reparar nela. Os olhos de Levi queimavam em sua direção. Oh, isso ainda ia dar o que falar!

— Segui os seus conselhos, Nelly. Matriculei-me em aulas de dança.

— E os resultados são visíveis, amiga. Está com tudo em cima.

— Obrigada. E não é só por isso, mas também por não ter me abandonado nesses cinco anos que estive estudando fora. Cada *e-mail*, ligação, mensagens e até mesmo as fotos que você enviava me fizeram manter meu foco nos estudos e ter fé que brevemente estaria de volta à minha terra.

— Agora, minha amiga, se dê o direito de ser feliz. Aproveite cada segundo de sua vida. E vamos nos juntar aos outros e iniciar nosso jantar antes que vovó tenha um ataque. — Saímos rindo, abraçadas, em direção aos demais.

A porta da casa se abriu e Lipe, Rico, Carlinha e seus pais entraram sorrindo com um grande saco vermelho repleto de presentes. Assim que me viu, Lipe veio em minha direção.

— Delícia de Mamãe Noel, Moranguinho... Você de vermelho é uma tentação!

Tio Lorenzo logo se aproximou e encarou Felipe.

— Parei, pai! Prometo. Tenho um grande amor por minhas orelhas e nuca. E já é quase Natal. Você tem que me amar.

— Comporte-se, Felipe! Sem gracinhas.

Tio Lorenzo logo se afastou. Lipe sussurrou e saiu correndo:

— Gostosa!

— Foge, seu maluco!

Mais amigos ainda chegavam. Paulo e sua família. Rebeca, que estava linda em um vestido branco e tão tímida. Logo a enturmei com Carla e Gisele.

Papai disse que tudo estava pronto e vovó estava do lado de fora já esperando por todos.

Nosso jantar estava sendo realizado no quintal da casa de papai. Mesmo sem a presença da minha mãe que, com certeza, estava com seu novo marido e “filho”, eu me senti em paz e feliz. Havia mesa farta, família, bons amigos e

o homem da minha vida.

Papai fez uma linda oração em agradecimento a Deus. E nosso jantar foi regado de sorrisos, implicância entre irmãos e primos, e amor. Muito amor.

Mas nem tudo estava perfeito. Luísa ainda estava doente. E no meu íntimo, orei a Deus para que trouxesse refrigério para a minha sobrinha, que tirasse toda a dor de seu corpo. Partia-me o coração olhar para ela no colo de Luc, tão tristonha. Ela já estava quase dormindo. Perguntei as horas para o Dan, que me disse que faltavam vinte minutos para a meia-noite. E lembrei-lhe da canção de Luísa.

Levantamo-nos e, quando ia pegar a Luísa do colo de Lucas, ouvi-a sussurrando algo em seu ouvido:

— Obrigada, tio Luc. Você foi o melhor Papai Noel do mundo, mas não conta pro papai e pra mamãe que eu sabia que era você. Será um segredo só nosso.

Vi quando os dois juntavam seus dedos mindinhos e selaram um pacto. Peguei Luísa dos braços de Luc e dei um beijo na testa do lindo Papai Noel; e, em seguida, ouvi o meu namorado falar algo baixinho atrás de mim, o que trouxe um sorriso aos meus lábios.

— MINHA!

Além de lindo, ele era todo meu!

Luísa não queria entrar em casa. Queria assistir aos fogos que papai

sempre soltava todo Natal e Ano Novo.

Então, seguimos para a varanda e nós três deitamos no grande sofá que tinha ali.

— Canta pra mim, tio Dan. A moça bonita disse que, quando você *tava* dodói, ela cantava a minha música pra você.

Amanda! Só poderia ser ela. Vi a respiração de Daniel acelerar e, com a minha mão em seu peito, senti seus batimentos cada vez mais rápidos.

— Ela estava bem, Pequena Luz? Feliz? Conta para o tio Dan.

— Tão linda, tio Dan. Ela era branquinha, com os *bilelos* amarelos e os olhinhos azuis iguais aos seus. E ela disse que te amava tanto.

Essa foi a primeira vez que vi uma lágrima rolar dos olhos do meu namorado.

— Era ela, Preciosa. A minha mãe. Só ela cantava essa canção para mim. Quantas saudades, meu Deus! — Ele abraçou Luísa apertado, como se nela fosse achar consolo para a sua dor.

Sentia-me completamente incapaz vendo minha sobrinha febril e o meu amor sofrendo com a saudade.

— Não chore, tio Dan. Ela estava tão feliz. E me disse para te lembrar que, após cantar a minha canção, você olhasse as estrelas.

Dan respirou fundo e fechou seus olhos iniciando a canção de Luísa: *Esta*

*minha pequena luz*¹

*“Esta minha pequena luz
Eu vou deixar brilhar
Esta minha pequena luz
Eu vou deixá-la brilhar, deixar brilhar...”*

Era tão maravilhoso ouvir Daniel cantando, parecia um anjo. Ele deixou nessa canção toda a sua emoção pela saudade de seus pais.

Quando Dan finalizou a canção, uma brisa tão gostosa e fresquinha veio em nossa direção tocando e, ao mesmo tempo, resfriando as nossas peles. Luísa já estava quase dormindo nos braços dele. Mas, antes de adormecer, ela disse uma única palavra enquanto olhava para o céu:

— Obrigada.

Deixei Daniel se recuperando deste momento especial em sua vida e fui atrás do Nate, para que ele pegasse Luísa do colo do Dan e a colocasse em sua caminha no meu quarto. Tenho certeza de que ela iria acordar e ir direto para a árvore de Natal atrás de seus presentes.

Retornamos e Nate carregou a pequena luz em seus braços, enquanto eu me aconcheguei junto ao meu amor para assistirmos juntos aos fogos de artifício. Porém, Nate não chegou a dar dois passos quando ouvimos a voz de Luísa:

— Tio Dan, ela disse pra você olhar as estrelas e tentar contar cada uma. E

depois multiplicar por mil. É o tanto que ela o ama. Quanto que dá isso, tio? Eu *num sabo*, não.

Dan sorriu.

— Pequena Luz, eu nunca consegui contar e nem fazer a multiplicação. São incontáveis. O amor de minha mãe era assim: incontável, indescritível e incondicional.

— Ah, tia Nelly! E ela disse que um dia vocês serão os melhores pais do mundo e aí vocês saberão o tamanho do amor dela pelo tio Dan.

— Obrigado, Luísa, por me dar nesta noite iluminada o meu melhor Natal!

— De nada, tio Dan! Amo vocês igual à moça bonita.

Emocionado, Nate seguiu com o seu tesouro para dentro de casa enquanto nós continuávamos a apreciar o colorido no céu, feito pelos fogos.

— Eu te amo, Preciosa. Tente contar as estrelas no céu e multiplique por mil. Esse é o tamanho do meu amor por você.

E nesta noite iluminada, eu recebi o beijo mais doce da minha vida e tive a certeza de que dias ainda melhores viriam. Só esperava que eu tivesse forças para, que no novo ano que se iniciaria em breve, dar mais esse passo na minha vida: resgatar o amor maternal que enterrei dentro de mim há oito anos.



21

Nelly

ERA VÉSPERA DE ANO NOVO e estávamos todos de malas prontas. Papai tinha uma grande casa na praia da Ponta, assim como a tia de Levi, o que facilitou a ida de todos para o mesmo lugar.

Como a casa de papai tinha um quintal maior, ela foi escolhida para a nossa ceia de fim de ano. Colocamos algumas cadeiras e bancos na varanda e tio Gabriel fez um pequeno culto.

Para muitas pessoas podia até parecer estranho, mas todos os anos, à meia-noite, estávamos todos de joelhos agradecendo a Deus pelo ano que passou e glorificando pela chegada do novo.

Hoje estava completando um ano que a vida de Enrico desmoronou. E desde que chegamos aqui, meu amigo não parava de beber. Tinha medo que ele pudesse fazer alguma besteira. Porém, percebi que Levi, Lipe e Carlinha caminhavam em minha direção. Seus olhares eram de preocupação, sendo que o da minha amiga beirava o desespero. A qualquer momento, ela ia chorar.

— O que está acontecendo?

— Rico sumiu, ruiva! Já procuramos por todos os lados.

— Ele estava bêbado, Levi. Hoje é um dia de muita dor para Enrico. Precisamos encontrá-lo. Vou chamar Daniel e Nate para nos ajudar.

— Moranguinho, você viu a afilhada de tia Helena?

— Vi sim, Lipe. Ela é uma moça linda, mas tão triste.

— Ela te lembrou alguém, Moranguinho?

Nesse instante, vimos que a moça passou chorando e correndo em direção à casa de Helena.

— Santo Cristo! Ela é muito parecida com a Fabiana. Enrico não pode conhecer essa moça!

— Ruiva, desde que chegamos, nós estamos de olho nela. Sabemos que ela se chama Sienna, que perdeu os pais há uma semana e veio morar com tia Helena. Fizemos de tudo para que Rico não a visse, porém acabamos perdendo os dois de vista há mais de uma hora. E agora ela aparece chorando e não sabemos por onde anda Enrico. — Levi passava a mão repetida vezes no cabelo. Meu amigo era um dos homens mais centrados e tranquilos que conhecia. E nesse momento estava beirando ao desespero, preocupado com Enrico.

— Vocês já foram ao local onde ele conheceu Fabiana? Posso até estar enganada, mas creio que Enrico está nas pedras, na praia ao lado, lembrando-se de quem ele tanto amou.

— Mas que porra, Levi! Pega o carro e vamos rápido. Tenho quase certeza de que ele fez merda! — A aflição de Felipe também era notável. Odiava ver Lipe sem seu sorriso bonito no rosto.

— Sim. Vamos agora, Felipe. E obrigado, ruiva. Vou na frente com Lipe. Chame Daniel e Nate e venham também. Leve Carla para meus pais. Chorando desse jeito, ela não vai ser de ajuda alguma.

Levei Carlinha até o tio Lorenzo e segui com Dan e Nate para encontrar os meninos. Chegando perto, já podia ver Enrico caído na areia próximo das pedras e seus irmãos fazendo de tudo para tirá-lo dali.

Nem esperei o carro estacionar direito e abri a porta, saltando dele, com Dan amaldiçoando a minha atitude.

— Porra de mulher teimosa! Esperasse eu estacionar o carro. Rico não vai sair do lugar, oras!

Saí correndo e me lancei de joelhos na frente de Enrico. Ergui seu rosto e pedi que falasse comigo. Havia tanta dor nos olhos dele. Ele dizia coisas que não faziam sentido algum.

— Oi, Pimentinha. Você viu? Ela voltou pra mim. Mas não era ela.

Passei a mão no rosto dele, enxugando um pouco de suas lágrimas.

— Quem voltou, Rico?

— A minha vida, Moranguinho. A Fabiana. Mas não era ela. O cheiro era diferente. E merda! Esse cheiro era mais gostoso! É errado, Moranguinho. Eu

não posso esquecê-los. A imagem deles está se apagando da minha mente. Isso não pode acontecer.

— Fique calmo, Rico. Daniel e Nate vão te tirar daqui agora. E vamos te levar para a minha casa. Você precisa de um banho e de uma cama para descansar. — Enquanto eles erguiam Rico, eu conversava com Levi e Lipe: — Vocês sabem que aconteceu algo aqui nesse local. Rico vai para a minha casa. Quando ele acordar, levem-no de volta para Rio Doce. Hoje, ele estava bêbado, mas se ele olhar para aquela moça na casa da tia de vocês, tudo o que Enrico fez para se recuperar neste ano, vai ser destruído!

— Obrigado, Moranguinho. Ainda bem que esta semana já estamos retornando para a Itália. Enrico se sente bem naquela ilha.

— Então, vamos. Afinal, é Ano Novo. E eu já sinto que 2015 será um ano muito intenso.

Enquanto cuidávamos de Enrico e voltávamos para nossos familiares e amigos, aproveitávamos as comidas maravilhosas, a boa música e a companhia de pessoas queridas.

E no final do outro dia retornávamos para casa, preparados e renovados para um novo ano. E com um Enrico que, pelo fato de estar bêbado, não se lembrava de absolutamente nada que acontecera no dia anterior. Somente falava de um cheiro maravilhoso de pêssegos que estava gravado nele.



Daniel

Tiramos o primeiro dia do ano para descansar. Aproveitamos a piscina na casa de seu Rafael. Assistimos mais um filme da Barbie com a Pequena Luz e, à noite, tia Ester fez um belo rodízio de pizza para todos.

Dormimos em minha casa. Amei minha preciosa intensamente. E logo a aconcheguei em meus braços e senti sua respiração ficando calma. Passei quase uma hora tocando seus cabelos e alisando seu corpo lindo até finalmente cair no sono e tê-lo invadido pelo mesmo sonho de todos esses anos: a maldita letra gravada no carro que levou meus pais de mim.

Ainda bem que Nelly dormia profundamente e não se assustou com meus gemidos. Cada noite que sonhava com o acidente era como se meu corpo sentisse a dor das feridas ao ser jogado de nosso carro e minha alma sentisse a agonia, a aflição de ver meus pais partindo em meio às chamas e não poder fazer absolutamente nada.

Mas ainda era cedo. Essa semana ainda estaríamos com nossa agência fechada ao público. Só teríamos trabalho interno.

Emanuelly estava nervosa. Ela e Paulo seriam os fotógrafos da campanha de início de ano da indústria de móveis de seu Lorenzo. E a estrela das campanhas sempre foi minha ex-noiva. Teria que receber a peste loira e meu ex-sócio na minha cidade. Quando Levi me informou da decisão de seu

Lorenzo em continuar com Isabel para suas propagandas, eu já senti que isso me traria problemas. Isabel era uma cobra peçonhenta e faria de tudo para deixar minha namorada irritada.

Ontem, antes de dormirmos, Nelly me pediu a ficha de Isabel. Achei um pouco estranho. Logo ela me entregou a ficha, e sei que estava preparando alguma coisa, pois a sua cara de menina levada, que queria aprontar, lhe entregava.

Bem, pelo menos seria um dia divertido.

Uma hora depois, minha menina acordou e se desesperou. Saiu correndo para a sua casa se arrumar, pois tinha que organizar os ambientes para a sessão de fotos.

Tomei um banho morno sozinho. Odiei isso. Minha vida nos últimos dias tem girado em torno de Emanuely. E até um banho sem ela já ficou sem graça.

Coloquei uma bermuda jeans, uma camisa polo azul de gola, com um tênis e já estava pronto. Na sala, peguei a chave do carro e da agência, a carteira e fechei a casa.

Passei na casa da minha preciosa e tomamos café da manhã junto com Nate, Gabi, Luísa e vovó Laura.

Nelly pegou suas câmeras. E decidimos ir sozinhos com meu carro. Mais tarde, Nate e suas meninas passariam na agência, pois Luísa também seria fotografada para a campanha.

Quando estava estacionando, percebi que a vaga da direita já estava ocupada. E encostados no carro estavam Isabel e Arthur. Cheguei a estremecer e Emanuelly percebeu meu olhar de nojo direcionado aos dois. E entrelaçou sua mão à minha me dizendo somente com este gesto que estava ali para mim e por mim. E que eles não tinham o direito de arruinar o meu dia.

Saí, fechei minha porta, segui para o lado do carona e abri a porta para minha menina. Ajudei-a a sair do carro e a carregar seu material de trabalho.

Com minha mão livre, segurei a dela. E agora, sim, eu estava pronto para este dia de trabalho.

Caminhamos juntos em direção à entrada da agência e ao passar por Isabel e Arthur, pedi que nos acompanhassem.

A cara de desprezo com que Isabel olhava minha menina estava me deixando irado.

— Bom dia, Daniel.

Meu Deus, até a voz dela era insuportável!

— Bom dia.

— Engraçado, Daniel, você nunca abriu a porta do carro para mim. Tampouco me ajudava a carregar qualquer coisa.

— Você está certa. Sabe por quê?

— Não.

— Porque nunca amei você!

Minha menina fez de tudo para não rir da cara de Isabel, mas falhou grandemente. Chegava a tremer de tanto que gargalhava, enquanto Isabel bufava de ódio logo atrás de nós.

Abri a agência, guiei todos para meu escritório e comecei as apresentações:

— Preciosa, estes são Isabel e Arthur.

O safado do Arthur sorria torto para a minha menina tentando chamar sua atenção. Mas ela me deu um baita de um orgulho quando nem sequer lhe dirigiu a palavra. Somente apertou sua mão.

Já a insuportável da vaca loira tentou desestabilizar minha menina com suas insinuações:

— Muito prazer. Eu sou Isabel. Fui noiva de Daniel.

Nelly me deu um sorriso lindo, virou-se para Isabel e estendeu sua mão.

— O prazer é todo meu, querida. Eu sou Emanuely, a namorada de Daniel.

— Preciosa, pode acrescentar futura noiva, esposa e mãe de meus filhos também.

Não houve tempo de Isabel falar nada, porque a sala foi invadida por muitas pessoas. E uma pequena ruivinha veio correndo com os braços abertos se jogando em cima de mim.

Peguei-a no colo e dei um beijo em seu lindo rostinho.

— Tio Dan, eu *quelo* comer canjica moreninha. Mamãe não me deu. É mais gostosa do que a branquinha.

Emanuelly ajudava Nate com as vasilhas e os produtos descartáveis, organizando tudo em cima da mesa.

— Você fez canjica e não me deu essa manhã?

— Desculpa, amor. Era surpresa. Fiz a receita de Amanda.

Ainda com Luísa no colo, dei um beijo casto nos lábios de minha menina e Luísa soltou um sonoro *bléca* por isso.

— Fominha, dinda. Dá canjica pra Pequena Luz. A moreninha.

Emanuelly encheu alguns copos e começou a servir a todos.

— Arthur, Isabel. Comam. Nosso dia de trabalho será longo. Tem vários cenários para fotos.

Luísa se aproximou e falou com Isabel:

— Ei, moça! Come a canjica moreninha. É mais gostosa.

Nelly estava aprontando. Preparou um copo cheio para Isabel, mas fechou os olhos e respirou profundamente, colocando o copo em cima da mesa e encarando Isabel.

— Se eu quisesse acabar com você, esse seria o momento ideal. Aliás, perfeito! Mas isso não foi a educação que meu pai me deu. E eu nunca deixaria seu Rafael sentir um pinga de vergonha de mim. Então, coma da branca. A outra tem amendoim e você iria passar o dia inteiro se coçando.

Isabel arregalou os olhos e aceitou o copo que Nelly oferecia.

E eu sorria igual um bobo do outro lado do escritório. E cheio de orgulho da mulher maravilhosa que Deus preparou para mim.

Após o lanche, todos se dirigiram aos ambientes montados para as fotos. Mas tive que voltar ao meu escritório e pegar o pagamento de Isabel. Faria de tudo para ser o último contrato dela com minha agência.

Quando sentei em minha cadeira para pegar na última gaveta o dinheiro de seu pagamento, senti uma mão alisar as minhas costas e um cheiro doce e enjoativo invadir o escritório: Isabel.

Levantei-me rapidamente e dei alguns passos para trás colocando um grande espaço entre nós. Mas Isabel estava determinada. Ela queria se aproximar. Porém, não chegou a dar dois passos e ouvi a voz de minha preciosa na porta do escritório:

— Se der mais um passo, eu coloco de lado por um minuto a linda educação que meu pai me deu e desço a mão em sua cara. Eu te entendo

perfeitamente. Você se deu conta de que aquele infeliz que está lá fora não se compara em nada a esse homem lindo que está aqui. Mas você perdeu, querida! Ele é meu! E não queira sentir a ira de uma ruiva e sua irmã grávida com hormônios loucos. E ainda junto de suas belas amigas.

Nelly estava na porta do escritório junto com Gabriela, Carlinha, Gisele e Rebeca. Ela segurava em suas mãos um envelope da empresa de Lorenzo. Deu alguns passos, abriu o envelope e entregou um papel a Isabel.

— Vá e nunca mais volte! Seu contrato foi cancelado. E já tenho as modelos para a campanha de Lorenzo.

— Impossível! Ele não encontraria alguém melhor que eu para essas fotos.

— Te garanto que encontrou. E a modelo é sondada por ele há anos e nunca tinha aceitado.

— Fale o nome dessa infeliz, logo! Preciso ir embora. Isso é muita humilhação!

— Está olhando para ela. Sou eu. E também Rebeca, a morena linda ali encostada à porta. E, meninas, abram espaço para essa vaca loira passar. — Nelly se aproximou e encostou seu dedo na cara de Isabel. — E nunca mais volte, porque da próxima vez sairá roxa de pancada e com a merda da mão que passou no meu homem quebrada em pedacinhos.

Isabel saiu da sala escoltada por todas as mulheres, menos minha preciosa que estava tremendo e não conseguia dar um passo sequer.

Peguei minha menina no colo e me sentei no sofá do escritório.

— Você está bem, querida?

Sua respiração estava acelerada e não parava de tremer.

— Me diz que não fiz isso, por favor? Jesus! Eu a ameacei com uma surra e de quebrar seus ossos.

Comecei a rir. E ria cada vez mais alto até ela me olhar aparentando estar com raiva. Porém, logo se juntou a mim. E ríamos da situação que Isabel se encontrou. Recuperei o fôlego e perguntei:

— Você leu sobre o amendoim na ficha dela? Confesse!

Ela agora ria descaradamente.

— Quer saber a verdade? Li. Mas não tive coragem de fazer o que pretendia. Iria adorar vê-la se coçar. Mas sou uma *lady*.

— Obrigado, pequena. Pensei que meu dia seria terrível tendo que encarar aqueles dois. Mas você tem sempre o dom de me fazer sorrir e alegrar cada minuto de meus dias. Amo você, Preciosa.

— Eu te amo mais.

Ouvimos um barulho vindo da porta do escritório. Paulo estava encostado ali e apontava em nossa direção.

— Que melação vocês dois, hein? Como diz a pequena luz e o pequeno

príncipe: *bléca!* Agora vamos. Os modelos já estão prontos.

— Idiota empatador! Levanta, Preciosa. Vamos adiantar isso logo. Quero te levar para casa o mais rápido possível.

Tínhamos três ambientes com os móveis fabricados por Lorenzo para a sessão de hoje: sala, quarto e cozinha.

Eu participei das fotos com Nelly e Luísa. Tomávamos café na cozinha como se fôssemos uma linda família brasileira. E minha decisão foi tomada ali. Muito em breve estaria pedindo minha preciosa em casamento. Você deve estar se perguntando: “Mas como, se estão há pouco tempo juntos?”. Sim. Estávamos. Porém, foram anos de espera. E não conseguia visualizar mais a minha vida sem ela. Thiago, o amigo modelo de Nelly, não pôde participar das fotos por estar viajando.

Paulo seria o parceiro de Rebeca, mas as fotos pediam um casal descontraído assistindo TV. Eles tinham que ter cumplicidade. E Rebeca não conseguia isso com Paulo. Nelly já havia parado a sessão três vezes quando Samuel gritou:

— Chega! Volte para sua câmera, Paulo. Quem vai fazer essas fotos sou eu. Vou lembrar meus tempos de modelo. E se Daniel acha que não vai me pagar por isso, está muito enganado! Quero o dinheiro na minha conta, amigo.

— Bastardo idiota! Vá se arrumar. E faça Rebeca se soltar. Quero essas fotos bem descontraídas.

— Me arrumar para quê, se já sou e estou gostoso?

— Imbecil!

Paulo e Nelly conseguiram ótimas fotos. Samuel conversava baixinho com Rebeca sentado em um sofá. Eles sorriam. Meu amigo estava lascado, pois nem imaginava que estava se apaixonando pela menina tímida e encantadora.

Passamos para as fotos no quarto. Agora era Gisele que faria essas fotos. Ela estava nervosa, porque não sabia quem seria seu parceiro.

E, mais uma vez, minha preciosa estava com cara de menina levada.

— Desculpas, Gi. Meu modelo está na capital. E essa foi uma sessão de fotos de emergência. Então, eu precisei recorrer a um amigo.

Gisele tremia ainda mais.

— Você não fez isso! Me diz que não fez!

Levi entrou no cenário, sorrindo. O safado piscava para a minha menina.

— Oh, ela fez sim, pequena! Suas fotos serão comigo. Deitados naquela cama ali. Como um perfeito casal apaixonado.

Gisele bateu um pé no chão como uma menininha malcriada.

— Você me paga, ruiva!

Nelly ergueu os braços e se declarou inocente.

— Ei, eu precisava de um menino bonito para as fotos! O meu homem é que não poderia ser. Mas se quiser trocar por Felipe, ele está aqui à sua inteira disposição. Só não reclame se for apalpada embaixo do edredom.

— Ei, Gigi. Sou um bom menino. Só que minhas mãos têm mente própria.

— Cale a boca, Felipe! Nela você não encosta um dedo. Deita logo nessa cama, Gisele. Vamos fazer essas fotos.

— Ok, irmão mais velho. Eu sempre sou o incompreendido! Vou voltar para as minhas italianas. Elas sim, me amam.

Levi se juntou a Gisele na cama e pediu que ela deitasse em seu braço. Nelly colocou uma música suave e iniciou as fotos.

— Levi... Aqui vocês são como um jovem casal. Marido e mulher aproveitando sua nova cama em uma noite de amor. Faça isso direito!

— Certo, ruiva. Deixe comigo!

Levi abraçou Gisele e a olhou nos olhos. E, enfim, a beijou como um homem necessitado. Eu sabia disso, porque era dessa forma que me sentia com a minha menina.

Nelly dava pulinhos enquanto Paulo registrava o momento. Após alguns minutos, eles deram a sessão por encerrada.

— Acabamos, Red. Mais um dia de trabalho perfeito. Vamos encerrar

com a nossa maneira de sempre?

— É pra já! Solta a música, Paulo.

Nelly tirou o calçado e começou a se mexer ao som de *Bailando*, de Enrique Iglesias e Luan Santana.

Porra! Hoje à noite, eu ia fazer minha preciosa mexer desse mesmo jeito, mas comigo em nossa cama. Ela fez sinal com o dedo me chamando para dançar. E eu fui. Colei meu corpo ao dela e dançamos até o suor escorrer.

A agência ficou pequena para tanta gente que chegou e se juntou à dança. Até nossa pequena luz bailava divinamente junto com suas inseparáveis bonecas.

Nelly não resistiu quando Gabriela entrou no meio de todos e dançava alisando sua pequena barriga de grávida e foi acompanhá-la. As duas sorriam. A ligação entre elas era forte e especial, pois eram irmãs não só de sangue, mas de alma.

Nate chegou ao meu lado e juntos admirávamos o quanto essas duas mulheres eram lindas.

— Pode falar! Somos dois homens sortudos. Elas são perfeitas, mesmo que a minha seja louca e me sugue as energias o dia inteiro por causa desses hormônios malucos e dos personagens dos livros de Nelly.

Tive que rir de Nathan. Meu primo já estava com olheiras.

— Ela está acabando com você, né?

— Sim. Se continuar desse jeito, vou ter mais vinte filhos. E não ria de mim. Descobri que isso é de família. Então, se prepare para quando Nelly engravidar.

— Vou providenciar isso logo.

— Safado!

— Eu sei. Essa qualidade é de nossa família.

— Somos fodas, Daniel!

— Sempre, Nate!

O dia só não foi tão perfeito devido à chegada inesperada de JP, que fez um sinal para Gabriela e os dois começaram a conversar. Gabriela ficou tensa. E ele não parava de encarar minha preciosa dançando. O infeliz a queria, mas nunca a teria. Essa era a minha promessa!



22

Nelly

O TEMPO PASSOU REALMENTE MUITO rápido e já estávamos no início de fevereiro. Mal tive tempo de curtir a minha amiga Gisele, porque ela viajou para tão longe. Porém, o mais importante é que estava curtindo a linda Itália ao lado de Carlinha, Felipe e Enrico.

A saudade que sentia dos meus amigos era enorme, mas a vida seguia o seu curso. Logo, eles estariam de volta. Já tinham data de retorno ao Brasil, mas não quiseram me falar. Só disseram que foi um pedido da Pequena Luz pedindo-lhes que neste dia estivessem aqui, pois a dinda dela iria precisar de todos que ela amava ao seu lado.

Juro que tinha medo dos sonhos de Luísa. Eram intensos e acabavam se tornando a mais pura realidade. Que Deus preparasse o meu coração para o que estava por vir.

A agência de Daniel e Samuel completava hoje um mês de inauguração. Rebeca assinou contrato e era a estrela das campanhas do hotel de Levi e dos móveis de Lorenzo. Além disso, tornou-se assistente de Daniel, o que achei ótimo. Era uma menina honesta e séria, porém seu coração já tinha dono, mesmo que ela não quisesse admitir. Seus olhinhos brilhavam todas as vezes que falávamos de Sam. Nunca fui uma mulher insegura, mas saber que meu

lindo namorado tinha ao seu lado uma amiga minha e que sua beleza não o afetava em nada era muito bom.

Com a inauguração da agência, eu perdi uma de minhas funcionárias da floricultura, pois o salário que Daniel ofereceu era o dobro do que eu pagava a Aline. E ela necessitava de maior estabilidade financeira porque o seu pequeno anjinho estava crescendo. E com isso vinha muitos gastos.

Aline era mãe solteira. Porém, nunca falou quem era o pai de André e sempre respeitei sua decisão, mesmo que sofresse com a curiosidade.

Daniel lhe ofereceu um excelente salário e a escola de André também ficou por conta da agência. Porém, agora quem estava comigo na floricultura era a Cíntia, que assumiu a gerência no lugar de Aline. Cindy, como a chamávamos carinhosamente, era doce e encantadora, além de estar fazendo um excelente trabalho. Como não podia estar presente todos os dias na loja, Cindy, com seu sorriso meigo, conseguia controlar as loucuras de Gabriela.

Soube por Gabriela que Sara não estava bem. Por isso, ela viajou à capital para cuidar dos problemas de saúde e retornaria essa semana. Estava chegando a hora de nosso tão esperado encontro, o que me causava ansiedade e muito nervosismo.

Mas, hoje, eu precisava de minhas amigas para uma tarde de meninas no shopping: comprar vestidos e sapatos novos, além de fazer cabelo e maquiagem maravilhosos.

Logo mais à noite, teríamos uma festinha de lançamento da campanha do hotel de Levi e um mês de inauguração da *Criare*, e eu queria deixar meu

homem orgulhoso de mim.

Estacionei em frente à agência e abri lentamente a porta de vidro e encontrei Aline muito concentrada no notebook à sua frente. Devia ser algo realmente interessante para prender tanto sua atenção.

Caminhei devagar sem fazer barulho e dei a volta em sua mesa, ficando de pé atrás dela. Vi que era a página de um perfil de uma rede social. Nela, eu vi um homem muito bonito. Passei a reparar em seus traços e percebi que ele me lembrava alguém.

Quando o reconhecimento chegou, eu tive que engolir um grito. Era ele, o pai do André. Mas eu não podia constranger a minha amiga, então, cobri os olhos de Line com as minhas mãos, que de imediato fechou o laptop.

— Nelly, eu sei que é você. Seu cheiro sempre chega na frente.

— Muito sem graça isso, Line!

— Seu cheiro é inconfundível, minha amiga. E já estava com saudades de você. Me colocou para correr da floricultura e agora só fica com a Cindy.

— Ei, ele precisava de alguém de confiança aqui. Era você ou Cíntia. E você e Gabriela juntas não ia prestar. Na primeira loucura de Gabriela era bem capaz de você fazer meu sobrinho nascer antes do tempo com um grito só.

— Gabi é maluca. Sério, Nelly! A louca discute com as clientes quando estão escolhendo suas flores. O gosto dela é impecável. Só perde para você.

Ela sabe as combinações de flores, tanto que os arranjos ficam perfeitos. Mas domar aquela louca com seus hormônios malucos, só a paciente da Cindy mesmo!

O comentário de Line me fez sorrir. Minha irmã era a louca grávida mais linda desse mundo. Contudo, quando batia o pé igual menino birrento era insuportável.

— Meu namorado lindo está na sala dele, Line?

— Sim e está nervoso com a festa de hoje. Samuel já foi expulso cinco vezes da sala dele. Na próxima, ele vai apanhar. Entre. Rebeca está na recepção do escritório de Daniel. Também está estressada.

— Misericórdia, viu? Quanto a Rebeca, o estresse dela será tratado da melhor forma.

— Conheço esse olhar, dona Emanuelly. Você está aprontando.

— Vamos às compras só com as meninas? E quanto ao meu Daniel... Ah, esse eu cuido direitinho!

Saí dando pulinhos e batendo palmas. E deixei Aline gargalhando.

Abri a porta de vidro da sala de Rebeca. E... Oh, meu Deus, que delícia de ar condicionado! Segui em direção ao sofá e senti sentindo o ar fresco e gostoso da sala, enquanto Rebeca seguia andando de um lado para o outro em cima do tapete.

— Não diga nada, dona Emanuelly. Eu só estou nervosa. Não queria

aparecer em TV e nem em *outdoors*. Mas foi preciso. Eu tenho que concluir minha faculdade e esse emprego me deu um lugar para morar. Seu Levi foi um anjo em minha vida.

Fiquei a encarando em silêncio. E ao perceber que eu não me manifestava, ela ficou ainda mais nervosa.

— Fale alguma coisa, dona Emanuelly.

— Eu vou falar sim. No momento em que você parar de me chamar de dona Emanuelly. E a mesma coisa serve para o Levi.

Ela sorriu timidamente.

— Me desculpe. Ainda não me acostumei.

— Que seja a última vez, Rebeca. E fique tranquila. Sua imagem só irá circular no norte do Estado. Não chegará em sua cidade natal. E conosco você está segura. Ninguém toca em você, querida. Curta o seu dia. Suas fotos estão lindas e a propaganda maravilhosa. Lembre-se de que seus fotógrafos são os melhores.

— Ok, dona convencida!

Ela sorriu e sentou-se em sua cadeira, aparentando estar mais calma.

— Ei, nada disso! Sou somente realista. Você e Samuel fizeram uma campanha espetacular e nós só registramos os momentos. A sintonia de vocês é algo único, minha amiga. Vou dar a você o mesmo conselho que recebi de meu pai: “Se permita ser feliz. Dê uma chance ao amor”.

Rebeca levou as duas mãos ao rosto e abaixou a cabeça na mesa à sua frente.

— Eu não sei o que é o amor, Nelly. Eu nunca recebi ou senti isso.

— Oh, meu Deus! Abra os olhos, Rebeca! Tudo o que você está recebendo de mim, Daniel, Levi e, especialmente, de Samuel é o quê?

— Pena, bondade?

— Não, menina ingênua. É amor puro e verdadeiro. Amor de amigo, amor fraternal. Mas não no caso de Sam, né?

Ela levantou a cabeça e retirou suas mãos do rosto e vi que suas bochechas estavam rosadas devido à sua timidez.

— Ele não sente nada por mim. É só um homem muito gentil.

— Certo. Realmente, Sam precisa agir logo. Daniel precisa conversar com ele.

— Vamos parar de falar disso. Meu rosto está queimando de tanta vergonha. Vou te anunciar para o senhor Daniel.

A porta ao lado se abriu.

— Não precisa anunciar, Rebeca. Eu já senti o cheiro dela.

Oh, Deus! Eu não me canso de ouvir essa voz e olhar esses lindos olhos

azuis. Porra de homem lindo!

— Mentira. Ou foi Aline, ou as câmeras que me entregaram.

Daniel me tomou pela cintura e levou uma mão até a minha nuca, puxando de leve meus cabelos e beijou-me com necessidade.

— Uau, amor! Isso tudo é saudade?

— Sim. Você não dormiu comigo esta noite — ele me respondeu, dando leves beijos no meu pescoço.

— Não tinha outro jeito. Luísa dormiu comigo. Gabi e Nate foram à capital para fazer a ultrassonografia. Não quiseram esperar mais duas semanas para fazer aqui na cidade. — Girei nos braços de Daniel e, sorrindo, falei com Rebeca: — Daniel e eu seremos padrinhos de um lindo menino, Rebeca. Miguel está chegando em breve. Luísa acertou de novo.

— Parabéns aos dois. Sei que serão os melhores padrinhos que o pequeno Miguel poderia ter. Vejo em seus olhos o quanto já o amam.

— Obrigada, minha amiga. Agora vamos. Vim sequestrar você e Aline para uma tarde de meninas.

Daniel me apertou pela cintura e cheirou o meu pescoço.

— E eu sou o último a saber que minhas funcionárias terão a tarde de folga?

— Ei, moço! Eu te pedi isso dois dias atrás e você me disse sim.

— Não lembro. Acho que estava fazendo algo bem interessante nesse momento.

Tenho certeza de que atrás de mim ele estava dando aquele sorriso safado dele.

— Não me mata de vergonha, Daniel! Rebeca está na nossa frente.

— Ei, não se intimidem por minha causa. Já estou de saída. Vou entregar alguns papéis para o Samuel.

— Parada aí, moça! Nós estamos de saída. Temos vestidos, sapatos e acessórios para comprar além de horário marcado no salão da tia Rachel.

— Não precisa se preocupar comigo, Nelly. Eu ganhei tudo isso. Samuel me presenteou.

— E você ainda tem alguma dúvida de tudo que te falei minutos atrás? Se permita, Rebeca.

— Ele só foi muito bondoso, Nelly. Presenteou a mim e a Aline. E vi que ele tem muito bom gosto.

— Isso é injusto! Sam atrapalhou toda a nossa diversão. Isso me fez lembrar de Felipe agora. Saudades deles. E Gisele, aquela amiga desnaturada, me deixou sozinha. Nem tempo de matar as saudades eu tive.

Daniel, que havia saído, voltou de seu escritório com um tablet na mão e colocou na minha frente. E ali estava a minha amiga, irmã gêmea, como costumávamos nos chamar, rindo da minha cara.

— Repete o que você disse, Emanuelly! Fala quem é a amiga desnaturada, agora. Sua sem graça! Eu sei de tudo que está acontecendo com você. E que hoje é um dia importante para todos.

Eu juro que fiz um bico igual ao da Pequena Luz.

— Mas você não está aqui. Nem Carla, Felipe e Enrico. E isso é injusto!

— Mas não esquecemos vocês uma hora sequer. Agora, abra a caixa que enviamos para Daniel.

Daniel me deu o tablet para segurar e pegou uma caixa que estava atrás da mesa de Rebeca e a abriu. E eu comecei a chorar.

Dentro da caixa tinha um vestido, que, pelo visto, caberia em mim com perfeição, sandália, bolsa e um lindo colar.

— Me diz que você não enviou isso da Itália?

— *Primeiro, limpa esse rosto. Você, de cara vermelha e inchada, não é uma visão agradável.*

— Sem graça, Gisele!

Limpei o meu rosto, enquanto minha amiga explicava sobre o meu presente perfeito.

— *Sim. Nós compramos tudo aqui. O vestido fui eu. A sandália, a Carla. A bolsa, o Felipe. Lógico que eu fui junto para escolher. E o colar teve o*

gosto impecável de Enrico. Gostou?

— E precisa perguntar, Gisele? Eu amei muito. Só vou ter que mudar meu programa com as meninas agora à tarde. Íamos fazer compras no shopping.

Carlinha apareceu atrás de Gisele na tela e me olhou com a cara fechada.

— Por que está me olhando assim?

— *Compras, Nelly? Não. De jeito nenhum! Eu e Gisele não estamos aí. O que falamos antes de viajar?*

— E dá para esquecer, Carlinha? Que eu posso até ter amigas, mas devo amar vocês muito mais.

— *É isso. Então, nada de compras! Vá para o salão da tia Rachel e fique ainda mais linda com os nossos presentes e mande fotos. Logo estaremos de volta. Precisamos ir agora. Estamos no café de Pietro e nosso pedido acabou de chegar. Beijos, Moranguinho. Vou deixar Gisele se despedir.*

— Beijos, Carlinha.

Gisele estava com cara de menina sonhadora, olhando para alguém ao seu lado.

— Ei, me dê pelo menos um tchau antes de se concentrar tanto em quem está aí ao seu lado. E já imagino quem seja.

— *Desculpa, amiga. E você já sabia que ele ia chegar hoje, né, sua cachorra? Ainda não acredito que ele deixou de estar presente na festa de*

hoje para estar aqui. Mas ainda é difícil acreditar em Levi. E o pior é que ele está ainda mais bonito.

— Pela segunda vez, hoje, vou ter que dar o mesmo conselho que papai me deu. Parece que minhas amigas tiraram o dia para serem teimosas. "Se permita ser feliz. Dê uma chance ao amor".

— *Vou pensar, Nelly. Agora, preciso ir. Beijos e aproveite muito. E não se esqueça das fotos. Amamos você!*

— Também amo vocês! Voltem logo. Tchau.

E nossa conversa foi encerrada. Coloquei o tablet no peito e senti uma lágrima descer, porque a saudade doía.

— Preciosa, sem tristezas. Leve as meninas e divirtam-se! Te quero ainda mais deliciosa esta noite.

Guardei a saudade dentro de mim e me despedi do meu namorado. Passamos na floricultura e pegamos Cíntia. Mesmo sem precisar ir às compras, passamos no shopping para um lanche gostoso e logo chegamos ao salão da tia Rachel e iniciamos nossa tarde de beleza, que foi superagradável. Fizemos unha, cabelo e maquiagem. Porém, algumas das meninas fizeram depilação. A minha estava em dia, pois fiz na semana passada. Ainda bem, porque meu vestido novo e lindo estava pedindo um truque que ia fazer Daniel surtar.

Divertimo-nos com Gabriela, que não cansava de comer e colocava a culpa em Miguel. Tadinho do meu afilhado, que ainda estava na barriga, e já

sofia com as maluquices da mãe.

Às 18h, saímos do salão. Deixei as meninas em suas casas e segui para a minha. Iria terminar de me arrumar e encontrar Daniel no local da festa.

Duas horas depois, papai já estava gritando para eu descer porque ele odiava atrasos. Desci as escadas e encontrei seu Rafael muito bem arrumado e cheiroso.

— Papai, você está lindo!

— Digo o mesmo, minha preciosa. Você é que está linda. — Me deu um beijo e um abraço apertado. — Vamos no meu carro ou no seu?

— No seu carro, pai. Na volta, eu venho com o Daniel.

— Certo. Sua tia e sua avó já foram com Nate. Estou indo nessa festa por Daniel e você. Essa viagem ao Nordeste me cansou demais. Acho que estou ficando velho.

— Nem vou responder a isso, papai. Velho? Um homem forte e lindo desses? Vamos logo, antes que comece a brigar com você por isso.

— Enrico tem razão em chamar você de Pimentinha. A minha menina se estressa fácil.

— Acho que puxei ao meu pai.

Papai e eu seguimos para o carro gargalhando.

Quando saiu do carro, assim que chegamos à agência, papai me ofereceu seu braço e chegamos à recepção. Aline estava linda e sorridente.

— Boa noite, seu Rafael. Olá, amiga. — Soltei o braço de papai e abracei a minha amiga que sussurrou em meu ouvido: — Ele já te viu nesse vestido?

— Não.

— Pagaria para ver a cara dele quando olhar pra você. Foi feito sob medida para você, Nelly. Molda o seu corpo inteiro. E vou arriscar agora. Sem calcinha?

— Com toda a certeza!

— Oh, meu Deus! Meu chefe vai te trancar na sala dele e vai te usar.

— Essa é a intenção.

— Então, entre logo, sua safada! Divirtam-se!

Papai não me esperou. Entrei sozinha. A festa seria em uma grande área que Daniel e Samuel construíram para fotos e filmagens de suas campanhas. Hoje, estava completamente diferente do ambiente que trabalhei. Havia mesas espalhadas, uma banda tocando ao fundo e garçons circulando.

De longe avistei Daniel e Samuel conversando com Lorenzo e sua esposa, que vieram representar Levi.

Não quis atrapalhar nada e me juntei a Rebeca e Aline em uma das mesas.

Daniel me viu, e de longe vi seu olhar tentando enxergar todo o meu corpo. Para facilitar, fiquei de pé e ele arregalou os olhos enquanto um sorriso safado surgiu em seus lábios.

Eu sabia que ele não podia me dar muita atenção. Precisava circular pelos convidados e eu tinha que acalmar uma Rebeca em ponto de desespero.

Daniel e Samuel subiram em um pequeno palco e convidaram Rebeca. Apresentaram sua nova contratada e começou a passar no telão o comercial e as fotos de Rebeca. Sam disse a todos que aproveitassem a noite e que agora a agência estava aberta oficialmente ao público, sendo que neste primeiro mês, o trabalho maior foi interno.

A banda começou a tocar e, enfim, tive o meu namorado só para mim.

— Dança comigo, Preciosa?

— Sim.

Seguimos para a pista de dança improvisada. Daniel colou seu corpo ao meu. Levei meus braços ao seu pescoço e ao som da banda tocando *Stuck on you*, nós dançamos.

No início da segunda música, eu praticamente fui arrastada pelos corredores da agência. Entramos no escritório de Dan e ele fechou a porta.

— Não aguentava mais ficar longe, Preciosa. Eu preciso de você agora. E ainda mais neste vestido branco. Por Deus, Nelly! Não faça mais isso. Ainda bem que o imbecil do Felipe não está aqui. Se ele te chamasse de gostosa,

dessa vez iria ser surrado!

— É, amor. Ele já chamou. As meninas pediram fotos. Eu enviei antes de vir pra cá.

— Filho da puta! Idiota! Faz só para provocar.

— Eu sei. Mas um dia ele será domado. É só aguardar.

— Vamos esquecer todos, Nelly.

— Sim, amor.

Daniel me tomou em seus braços e me colocou em sua mesa. Levou minha mão em seu membro. Oh, Deus! Ele estava duro.

— Será rápido, Nelly. Não aguentava mais andar de pau duro nessa porra dessa festa e ter que fazer cara de paisagem para todos.

Daniel abriu sua calça e começou a alisar seu membro totalmente duro, enquanto eu já estava molhada e preparada para ele.

— Pronta, Preciosa?

— Sempre.

Passou a mão por minha bunda e gemeu.

— Sem calcinha, caralho! Acabando aqui, nós vamos embora. Você não vai circular por aí sem a porra da calcinha.

Daniel passou um dedo em meu sexo e eu estremei. Meu corpo sempre clamava por ele.

— Tão molhada. E isso é para mim. Agora sinta, minha menina. Eu vou te dar puro prazer.

— Oh, meu Deus!



A campainha tocava sem parar. E eu juro que se fosse a Gabriela, ela seria xingada. Tentei tirar os braços de Daniel de cima de mim, mas ele protestou:

— Não vá. Deixa tocar. Logo eles vão embora.

— Amor, deve ser algo importante. Ninguém chamaria assim tão cedo, ainda mais depois da festa de ontem.

— Certo. Mas fique aqui. Como diz, Samuel, você está com cara de mulher que foi muito bem usada essa noite. E por mim.

— Safado!

Peguei um dos travesseiros e joguei nele, que já estava rindo, enquanto saía pela porta.

Cinco minutos depois, Daniel voltou com um olhar muito preocupado. Sentei-me na cama e esperei ele falar.

— Precisamos ir ao hospital.

— Que está acontecendo?

— Gabriela está na sala com Luísa ardendo em febre. E Nate não atende ao celular. Gabi acha que ele está no laboratório. E lá dentro o sinal é péssimo.

— Misericórdia! Minha pequena luz.

Abri o armário de Daniel onde deixei algumas peças de roupas minhas e achei um vestido longo e uma rasteirinha. Vesti correndo. Usei o banheiro rapidamente e logo estávamos a caminho do hospital.

Luísa exigiu o colo de tio Dan e eu peguei a direção do carro.

Enquanto estacionava, Daniel e Gabi já entraram para preencher a ficha de Luísa. Quando cheguei no pronto socorro, Luísa já estava sendo chamada para ser atendida.

Não gostava de hospitais. E ainda tive a ideia maluca de prestar vestibular para Enfermagem. Graças a Deus, eu desisti dessa loucura! Precisei desmaiar no teste do pezinho de Luísa para ter certeza de que tomei a decisão certa.

Quando passávamos pelo corredor, vi uma senhora de cabeça baixa, chorando muito. Aqueles cabelos eu reconheceria sempre em minha vida. E, com certeza, Gabi também. Mas a preocupação com Luísa era maior nesse

momento. Já na porta do consultório, Daniel me perguntou se eu entraria com eles.

— Entre com Gabriela. Vou tentar falar novamente com o Nate. Se eu não conseguir, atravesso a rua e vou no laboratório buscá-lo.

Daniel entrou e voltei a olhar para ela. Ela estava tão sozinha e chorando, desesperada. Queria poder deixar de lado todos os sentimentos ruins que guardei durante oito anos.

Aquela não era a minha mãe que convivi durante 15 anos de minha vida. Era uma mulher triste, solitária e, pelo visto, passando por algo muito difícil neste momento.

Não pensei. Quando vi, a primeira lágrima já rolava por meu rosto e meus pés já estavam em movimento. Parei na frente de Sara, que murmurava sem parar que não podia perdê-lo. Essa palavra não saía há muito tempo de meus lábios e foi algo libertador poder pronunciá-la.

— Mãe?

Sara ergueu seu rosto e passou a soluçar em meio às lágrimas.

— Nelly, minha bebê...

Ela ia começar a falar algo, mas eu a cortei:

— Não fale nada. Eu ainda não quero saber o que está acontecendo. Sei que é algo que está te fazendo sofrer. E o que posso te dar neste momento é apenas um abraço.

Sara abriu seus braços. E eu me lancei sem medo, de volta ao lugar que me trouxe aconchego e consolo anos atrás. Porém, neste momento não sabia quem amparava quem. Mas só tinha certeza de uma coisa: neste instante, o melhor lugar do mundo era estar dentro deste abraço.



23

Nelly

A SENSACÃO ERA DE TER viajado por longos anos e ter acabado de voltar para casa. Havia tantas recordações em um só gesto e um abraço.

Eu precisava ficar sozinha para colocar meus pensamentos em ordem. E sabia que iria doer tanto, mas tinha que me soltar desse abraço.

— A senhora vai ficar bem? Está sozinha aqui no hospital?

Sara levou suas mãos ao rosto para limpar as lágrimas.

— Eu vou ficar bem, minha filha. Marcos está comigo. E espero que não seja nada grave com o João Pedro.

Ouvir o nome daquele homem feria minha alma.

— Certo. Eu preciso achar o Nathan. Luísa está sendo atendida no consultório pediátrico.

O semblante de Sara era de maior preocupação agora.

— O que ela tem?

— Não sabemos ainda. Esteve febril durante a noite. Eu preciso realmente ir. Nate não sabe que Luísa piorou.

Sara abaixou sua cabeça enquanto eu me afastava lentamente. Pude ouvir um breve sussurro:

— Obrigada, minha menina!

E isso foi o que faltava para me fazer quebrar de vez. As lágrimas desciam sem cessar junto aos soluços que sacudiam meu corpo. Ela estava tão perto de mim e ao mesmo tempo tão longe.

Atravessei a rua correndo sem ao menos olhar para os lados. Graças a Deus, não vinha carro algum! Cheguei em frente ao laboratório que estava fechado ao público por ser sábado e toquei o interfone.

— Oi.

— Luc?

— *Baby, é você? Que voz estranha é essa?*

— Luc, Nate deve estar aí dentro. Avise que Luísa está no hospital. A febre não baixou. Dan está no consultório com Gabriela. E eu preciso ir.

— *Emanuelly, porra! Não saia da frente do laboratório. Eu já vou abrir a porta. Você está chorando, baby? Me espere!*

— Luc, somente dê o recado a Nate. Eu preciso ficar sozinha. E avise Dan que eu levei o carro dele.

Podia ouvir o desespero na voz de Lucas:

— *Nelly, não. Você não vai dirigir. Me espere. Converse comigo.*

— Eu estou bem, Luc.

Saí correndo e deixei Luc gritando pelo interfone.

Entrei no carro de Dan e fui para o lugar onde tive bons momentos em minha infância. Onde em minha mente de criança não havia maldade, traição, dor ou angústia.

Poucos minutos depois, eu estacionava na pracinha no centro da cidade. Meu Deus! Como eu já brinquei nesse lugar: nos balanços, na areia, correndo pela quadra onde os meninos jogavam futebol, dando comida para os passarinhos. Era uma época mais tranquila, onde os pais podiam passear com seus filhos sem medo de um assalto. Eles podiam sentar e ver seus tesouros brincando com tanta pureza. Sinto falta disso!

Procurei no centro da pracinha e ainda encontrei o banco que meus pais sentavam para nos observar na caixa de areia.

Sentei no banquinho e fechei meus olhos. Foi como me transportar no tempo.

Podia ouvir o som da risada escandalosa de Gabi. Ou até mesmo seus gritos quando tentava destruir meu castelo de areia. E quando conseguia, meus pais saíam deste mesmo banco, correndo para enxugar minhas lágrimas, e sentavam conosco para a construção de um novo castelo, e maior.

Abri meus olhos e passei a observar ao meu redor.

O que eu vivi na minha infância ainda existia: alguns pais ensinando e incentivando seus filhos a darem sua primeira pedalada em uma bicicleta sem rodinhas; outros segurando as mãos de suas crianças para não caírem em seus patins...

Ainda havia amor, mesmo em um mundo tão diferente, moderno e tão difícil... onde homens e mulheres tinham que trabalhar tanto para sustentar seus lares. Porém, eles estavam aqui em uma tarde de sábado trazendo alegria para seus filhos.

Fechei meus olhos novamente e deixei as lágrimas descenderem, mas, dessa vez, silenciosas, pedindo a Deus em meu coração que comigo fosse diferente. Que Daniel e eu pudéssemos lutar por nosso amor. Que, se um dia tivéssemos filhos, fizéssemos de tudo para não abalar seus alicerces.

Não vi a hora passar. Senti meu celular vibrar tantas vezes em minha bolsa, mas precisava desse tempo. Reencontrar e me aproximar de Sara me doeu muito. Doeu-me ao vê-la tão debilitada, triste. Ela mudou. Sentia falta do sorriso que iluminava seu rosto, da sua voz suave, do seu toque que me acalmava. Sentia saudades da minha mãe.

Logo, o lugar ao meu lado no banco foi ocupado. Não precisava abrir meus olhos para saber quem era. Nós duas amávamos esse lugar.

Ela tomou a minha mão na sua e se manteve em silêncio... me aguardando. Sempre amei isso em Gabriela. Ela esperava o meu tempo, mas nunca me deixava sentir só. Seu mundo podia estar desabando, mas se ela

soubesse que eu estava em apuros largava tudo e corria em meu auxílio.

— Você não devia estar aqui, Gabi.

— Eu estou no lugar certo.

— Não, Gabi. Luísa precisa de você.

— Você nunca entendeu, né, maninha? Ela precisa de nós duas. Sem a dinda dela, a minha pequena luz está incompleta. E eu não sei fazer sopinha de frango. E não é o meu colo que ela quer para assistir *Frozen*.

Tive que sorrir. Mesmo nos momentos mais difíceis, Gabi sempre trouxe um sorriso aos meus lábios.

Abri meus olhos e observei minha linda irmã. Ela era doce, porém, ao mesmo tempo, uma leoa. Deixou um pedaço de seu coração em casa para vir resgatar o outro. Em seguida, passei a mão na sua barriga.

— Miguel, você é um menino de sorte. Terá a melhor mãe do mundo!

Gabi sorriu e Miguel se mexeu em sua barriga ao sentir a mão de sua mãe o alisando.

— Não escute sua tia, meu filho. Um dia, ela será a melhor mãe do mundo. Sabe por quê? Ela sabe cozinhar e a mamãe não.

Rimos juntas, como sempre devia ser.

— Vamos para casa?

— Ainda está cedo.

— Diga isso para o seu namorado, que quase afundou o chão da minha sala, andando de um lado para o outro e fez uso de uma cartilha vasta de palavrões a cada ligação perdida que fez para você.

— Oh, Deus! Ele deve estar louco.

— Deve? Quer me fazer rir mais, Nelly? Ele rodou meia cidade atrás de você. Movimentou a família toda. A única que segurou ele em casa foi Luísa. Neste instante, ela está vendo uma maratona de desenhos infantis na *Netflix*.

— Senhor! Vamos embora. Ah, Gabi! Ela ficou bem? E o enteado dela?

Gabriela respirou profundamente antes de me responder:

— Ela viajou com o coração partido, mas foi preciso. E eu consegui uma enfermeira para JP. Cíntia está com ele. Isso acalmou o coração de Sara. Por isso, fechei a floricultura. Só voltamos após o Carnaval. Ele foi atropelado por uma moto. Estava chegando em casa para levar Sara para a capital, quebrou o pé e teve muitos arranhões.

— Ok. E por que essas viagens dela são tão importantes?

— Nelly, vamos embora! Luísa precisa de você neste momento. Depois nós conversaremos sobre isso, juntamente com o Dr. Giulio.

— Certo. Mas antes vamos passar no supermercado para comprar os ingredientes da sopa de Luísa, além de algumas coisas para o fim de semana e feriado. Tenho certeza de que sua despensa está vazia.

— Tem dúvidas, ainda?

— Nenhuma.

Levantamos e, como fazíamos desde pequenas, ela segurou minha mão e fomos para casa.



Chegando à casa de Gabi, tudo estava no mais absoluto silêncio, a não ser pelo som baixinho que vinha da TV.

Luísa estava deitada com a cabeça no colo do pai e as pernas em Daniel. Os três dormiam. E ela era o contraste no meio dos dois moços loiros, porque minha pequena luz tinha o cabelo cor de fogo.

Gabi saiu correndo e colocou a culpa em Miguel por toda hora precisar ir ao banheiro. E eu sentei em uma poltrona e continuei a observá-los. Nate foi o primeiro a despertar.

— Ei, cunhada! Se está procurando saber, qual o mais bonito, eu já falo logo: EU!

Puxei uma almofada pequena atrás de mim e joguei na cabeça dele.

— Idiota!

Desperto, Dan deu um tapa na cabeça de Nathan.

— Idiota de novo, Nathan! Vovó sempre disse que sou o mais lindo.

— Imbecil! Não precisava me bater. Vovó sempre foi puxa-saco do netinho mais velho. *Bléca!* Sou mais eu.

— Parem agora os dois! Luísa vai acordar.

Daniel passou a me observar atentamente. Olhava dentro de meus olhos e sabia que enxergava a minha alma.

— Eu estou bem, amor. Não precisa se preocupar.

— Preciosa, você falou isso para a pessoa errada. Eu acordo, durmo e sonho com você, Nelly. Você sumiu por horas e tive medo de algo ruim ter acontecido.

Nathan fez um sinal com o dedo na boca, como se estivesse provocando vômito, e Luísa acordou no colo dele.

— Ei, bebê. Fala a palavrinha que o papai adora.

— *Bléca*, papai!

— Menina esperta! Isso mesmo. *Bléca* pra vocês dois. Melosos!

— Cale a boca, Nate! Ei, minha princesa, vem aqui. Como você está?

Luísa saiu do colo de Nate e eu a peguei e aconcheguei em mim.

— Não gosto do *hopital* e nem do *homi* de roupa branca, tia Nelly. Ele furou meu bumbum e fez dodói. Faz sopinha pra Pequena Luz, dinda? — Luísa fez um bico lindo. — *Depoisi* vem assistir a Anna do *Frozen* também. Ela tem o cabelo igual ao nosso, tia Nelly.

— Minha preferida, Luísa! Vamos assistir a Anna. Vou fazer sua sopa rapidinho!

Levantei e fui em direção à cozinha, mas antes de chegar, uma mão segurou meu braço e me puxou para seu peito forte. Oh, Deus! Como esse homem me fazia bem!

— Minha preciosa, ela te fez alguma coisa?

— Não. Eu só a abracei, Daniel. Ela chorava tanto e o que eu podia oferecer ali era somente isso: um abraço. Na hora me fez tão bem, mas depois me deu um vazio tão grande. Ela me faz falta, amor.

Dan alisava meus cabelos enquanto conversava comigo:

— Eu sei, Nelly. Ela é sua mãe. Eu daria tudo para ter a minha aqui comigo. Então, não espere mais para se sentir completa. Conversem e tentem se entender.

— Farei isso. Ela viajou. E, pelo que Gabi me disse, só volta daqui uns vinte dias. E eu estarei esperando por ela.

— Está bem. Antes de ir para a cozinha, quero que você me beije.

— Com todo prazer!



Andava muito cansada ultimamente e dormindo mais do que a Gabriela. Já deixei o Daniel falando sozinho várias vezes, à noite.

Mas também pudera! Como resistir ao ser abraçada, ter seus cabelos acariciados, sentir o cheiro gostoso do seu homem e tê-lo como travesseiro? Eu não resistia! Lógico que só dormia depois de abusar dele, né? Coisa que ultimamente andava fazendo ainda mais.

Os dias estavam sendo cansativos, porque eu e Gabriela estávamos sozinhas na floricultura. Cíntia pediu seu mês de férias adiantado e desconfiava do porquê disso. E esse motivo tinha nome: João Pedro. Só esperava que ele não fizesse minha amiga sofrer.

Na escola de dança as coisas andavam calmas. O mês de fevereiro só foi aberto para funcionários. E aproveitei para ensaiar algumas coisas novas. Ewellyn e Paulo me auxiliaram. Foi bem proveitoso. E me apaixonei ainda mais pela *kizomba*. Meus alunos iam amar esse ritmo novo.

Estava perdida em pensamentos no meu quarto, quando ouvi Nate gritando:

— SOCORRO! CÓDIGO VERMELHO!

Droga, Gabriela! Que merda você fez agora?

Pulei da cama rapidamente, o que me deu uma leve tontura, mas calcei meu chinelo e desci a escada correndo, passando por papai e vovó na cozinha. Café da manhã de domingo sempre era por conta de vovó.

— Uau, ia perguntar a merda que ela fez dessa vez, mas nem preciso! Deixa-me tirar isso do seu cabelo.

Comecei a gargalhar de Nathan. Estava coberto de algo que imaginei ser pipoca doce de chocolate. Mas essa estava toda queimada.

— Não ria de mim, Nelly! Ela estava com desejo. Não quero meu filho com cara amassada igual pipoca. E quem fez a merda fui eu.

— Oh, Deus!

— Me ajuda, caramba! Ela está com pipoca doce queimada, grudada até na alma. A tampa da panela criou vida e foi parar no teto e espalhou pipoca em nós dois e na cozinha toda. E acho que o cheiro de queimado deu enjoo nela. Ela está com a cabeça no vaso colocando tudo para fora. E porra, Nelly! Eu mexo com a merda dos outros, mas não me peça para chegar perto de vômito não. Por favor, porque senão eu vomito junto.

— Não acredito nisso. Vamos lá. Você, vá para a cozinha e limpe tudo. Deixa que eu cuido de Gabriela e depois preparo uma pipoca decente para o meu sobrinho não nascer com cara de... de que mesmo?

— Cara amassada igual pipoca.

— Ok. Eu mereço! Para sua casa agora, papai do ano!



Assim que chegamos à casa de Gabi, juro que tive dó de Nathan. A cozinha estava toda melada, mas eu precisava cuidar da minha irmã.

Subi as escadas e encontrei Gabriela deitada no chão do banheiro. Abaixei-me e coloquei a mão por baixo de seus braços e ajudei-a a se levantar.

— Gabi. Você está melhor?

— Acho que sim. Não tem mais nada para sair daqui, a não ser o Miguel que falta um tempo ainda pra nascer.

— Certo. Vou abaixar a tampa do vaso e te sentar aqui. Tirar esse negócio grudento de você e te colocar no chuveiro para tomar um banho morno gostoso.

Sentei Gabriela e ela levou suas mãos ao meu rosto e me olhou nos olhos.

— Eu já disse que te amo hoje, Nelly?

— Não. Pode dizer agora mesmo.

— Eu te amo muito.

— Eu sei. Nem precisava dizer isso. Mas adoro ouvir você falar isso. Ainda mais com a voz arrastada assim — ri baixinho da minha irmã.

— Sem risadinhas, Emanuelly! Eu só preciso comer para acordar direito e me recuperar.

— Para o banho, mamãe. Logo estará livre das pipocas.

Gabriela tirou a roupa e entrou no boxe. E de lá, soltou um grito:

— Ainda quero pipoca doce. Mas sem chocolate agora.

— Abusada!

— Eu sei.

E foi tomar seu banho, rindo.

Cheguei à cozinha e encontrei Daniel terminando a limpeza com Nate.

— Ela está melhor, Nelly?

— Sim. Já está no banho. Suba e tome o seu. Vou deixar a pipoca dela pronta e ir para casa tomar café.

— Café da manhã de domingo. Delícias da vovó. Em dez minutos, eu

chego lá.

Ele subiu as escadas correndo e, antes que eu estivesse com a pipoca pronta, Nate desceu e arrastou Daniel para tomar café na minha casa.

Deixei a bacia de pipoca para Gabi e segui para casa, passando direto pelos cômodos e indo para o meu quarto. Tomei um banho rápido e desci.

Como sempre, a família e os amigos estavam reunidos. Vovó colocou em minha frente um copo de suco de manga e um prato com misto-quente.

Santo Cristo, que nojo! Empurrei o prato para longe de mim e Luc agradeceu do outro lado da mesa, já devorando o sanduíche.

Coloquei o copo de suco na boca e saltei da cadeira indo correndo para a pia colocar tudo para fora. Vi uma troca de olhares entre vovó e papai. E um sorriso tomou conta do rosto lindo de seu Rafael. Voltei para o lado de Daniel na mesa, que estava preocupado.

— Preciosa, você está bem? Já é a terceira vez essa semana que você passa mal. Marquei com Nathan para amanhã cedo os seus exames.

— Não deve ser nada. É só cansaço. Nada como tomar um bom café da manhã e tudo estará resolvido.

Vovó estava de costas preparando algo no fogão e papai no liquidificador.

— Vovó, eu estou com fome. Será que tem...

— Sim. Já está pronto.

Colocou um prato de ovos mexidos com bacon na minha frente.

— Lendo pensamentos agora, vovó?

— Não preciso, minha menina. Já vi essa cena antes.

Em seguida, ela foi na direção de Daniel e sussurrou algo em seu ouvido. Não entendi o que vovó quis dizer. Comecei a comer com vontade os ovos mexidos. *Oh, meu Pai, que delícia!*

— Será que tem suco de... — Mais uma vez, não consegui completar minha frase.

— Está pronto, minha filha. Suco de laranja. Beba à vontade!

Levantei minha cabeça e olhei ao redor. Todos estavam me encarando.

— Ei, parem de me olhar assim! Não gosto disso. Eu fico vermelha.

Daniel segurou minha mão e, ao olhar em seu rosto, vi seus olhos rasos de lágrimas, que estavam quase caindo. Passei a mão em seu rosto. E a primeira lágrima desceu.

— O que está acontecendo, gente? Por que Daniel está chorando?

Papai se aproximou de mim e me levantou da cadeira. Levou uma de suas mãos em minha barriga e acariciou o local.

— Porque, minha preciosa, essa cena aconteceu há quase 25 anos. E foi um dos dias mais felizes da minha vida. O dia que eu soube que você iria

chegar. Quando descobrimos que sua mãe estava grávida.

— Oh, meu Deus!

Minhas mãos ocuparam o lugar onde estava a de meu pai. Girei e olhei Daniel e juro que senti medo. E se ele não quisesse esse filho?

— Pode parar, Preciosa. Sei que sua cabecinha está dando mil voltas. Mas nunca pense que eu não iria querer o meu filho. Você me deu o maior presente de minha vida. — Assim que se aproximou, ele me abraçou e beijou. — Você me tornou ainda mais completo.

E a cozinha explodiu em felicitações. Tia Ester gritava dizendo que seria avó de novo. Papai estava todo orgulhoso, mas não abriu mão de me ver casada antes do bebê nascer.

Deixei todos fazendo seus inúmeros planos e puxei Daniel para a mesa de novo. Sentei em seu colo e continuei meu café.

Nunca um ovo mexido e suco de laranja foi tão gostoso. Ainda mais com o meu namorado sorrindo e sussurrando safadezas no meu ouvido. Hoje, ele ia fazer amor com a mãe de seu filho.

Porém, ainda estava sentindo o carinho que minha pequena luz fez em minha barriga me dizendo com sua voz suave que estava aqui fora esperando por eles. E se ela estiver certa, logo eles chegarão.



24

Nelly

EU PRECISAVA FAZER ISSO SOZINHA. Sabia que Daniel ficaria louco quando acordasse. Porém, até o resultado desse exame ficar pronto, cada segundo para mim seria uma tortura.

Lembro-me de quando Gabriela descobriu que estava esperando Luísa. Minha irmã só faltava pular de tanta alegria. Isso se Nate tivesse deixado. Falava que iria machucar seu filho na barriga. Eram dois loucos esperando um bebê nascer. E hoje, eles eram os pais mais amorosos que conhecia.

Cheguei a achar que nunca seria mãe e que nunca geraria um bebê. Isso sempre me levava às lágrimas. Sentia-me sem preparo algum para isso. Mas no dia em que segurei minha pequena luz no colo pela primeira vez e soube que seria sua madrinha, eu me doeí por completo. Não sei se era semelhante ao amor de mãe, mas era tão grande e puro quanto.

Consegui me soltar dos braços de Daniel sem que ele acordasse. Usei o banheiro do quarto ao lado. Oh, Deus! Ontem à noite ele me trouxe aqui. E disse que ia transformar esse quarto em um lugar encantador, que seria o cantinho dos nossos filhos. E que nós dois juntos, iríamos ter a certeza de que todas as noites eles iriam dormir e ter bons sonhos. Faríamos de tudo para vê-lo felizes.

Isso me fez tão bem. Saber que Deus preparou para mim o homem certo, o meu companheiro e que já amava tanto algo que ainda não tínhamos certeza.

Essa noite eu orei pedindo a Deus que confirmasse a minha bênção. Não sei se era um, dois ou até mesmo três. Mas se no exame que Nate iria fazer desse o tão esperado positivo, que Ele me concedesse saúde. Seria a fase mais linda de minha vida que intimamente sempre esperei realizar. Eu iria ser mãe. E que Deus me ensinasse a ser a melhor.

Tentei fazer o mínimo de barulho possível. Acho que consegui, mas teria que ser rápida. Quando passei na porta do quarto de Daniel, vi que ele ainda dormia. Porém, pelo visto, me procurava pela cama. Seu braço alisava o lado que dormi.

Peguei a chave da casa que ganhei do meu namorado dentro de minha bolsa. Abri a porta, saí e fechei rapidamente.

Caminhei em direção à casa de Nate. A porta já estava aberta. E achei estranho Luísa estar acordada tão cedo.

— Ei, minha pequena luz, por que está acordada?

Olhei em seu rostinho delicado e percebi que minha princesa tinha chorado, porque seus olhos estavam vermelhos.

Luísa saltou do sofá e correu para os meus braços. Segui para a poltrona de Nate e sentei com ela no colo.

— Que aconteceu, meu amor? Conta pra dinda.

Luísa começou a passar as mãos em meus cabelos. E depois no dela.

— A moça do cabelo vermelho, tia Nelly. Ela chorava tanto. Sentia tanta dor. Acho que o dodói dela era *gandão*. A pequena luz não conseguiu fazer ela parar de chorar. Ela falava o nome da mamãe e da dinda.

Eu sabia que era Sara. Também sonhei com ela esta noite. Achei que fosse um sonho qualquer, mas senti que ela precisava de mim. Abracei Luísa e, aos poucos, ela foi se acalmando.

— Minha pequena luz, se ela precisar de mim e da sua mamãe, nós iremos ao encontro dela. Não se preocupe, princesa. Eu vou te levar para cama agora e cantar a sua canção. Ainda está muito cedo.

Levantei-me com Luísa e subi as escadas. Assim que cheguei ao seu quarto, só hoje realmente fui reparar em quanto ele era lindo, decorado com o tema da Barbie e todas as coisas que ela tanto amava.

Coloquei minha pequena luz em sua cama e me deitei ao seu lado. E iniciei sua canção. Luísa passava suas mãos em minha barriga, até que senti que ela parou de se mover. Tinha adormecido.

Assim mesmo continuei a cantar. Agora não só para Luísa, mas para a minha esperança. Para o meu sonho. A quem eu tanto amava sem nem ter certeza de que já existia dentro de mim.

Quando percebi que Luísa já estava em um sono profundo, levantei-me. E quando olhei para a porta do quarto, lá estavam Daniel e Gabriela.

Daniel caminhou até onde eu estava e me abraçou. Senti um pouco de culpa por tê-lo deixado só esta manhã. Mas o medo era tão grande em receber um negativo neste exame, que não aguentaria vê-lo triste.

— Preciosa, não tenha medo. Eu sei que está tão insegura, mas sempre estarei ao seu lado. E se não tivermos feito um bebê lindo dessa vez, terei prazer de tentar várias vezes até conseguirmos. Mas acho que acertei de primeira.

Sorri com minha face encostada em seu peito forte.

Agora foi a vez de Gabriela se aproximar.

— Eu não tenho dúvidas, Nelly! Lembra que Ester nos disse para crermos sempre no que Luísa disser?

— Lembro. E tenho fé nisso. Só tenho medo de...

— Medo de quê, Emanuelly? De não ser uma boa mãe? Você não enxerga, Nelly? Você já é uma boa mãe. Acha que eu conseguiria cuidar de Luísa sozinha? Nunca, minha irmã! Seu amor é grandioso. Agora desça com seu homem e deixe-o segurar sua mão enquanto Nate coleta o seu sangue. E eu vou para a casa de papai tomar café. O cheiro gostoso já está aqui. E Miguel está faminto.

Daniel e eu sorrimos. Ele tomou minha mão e descemos.

Sentei na cadeira e Dan se ajoelhou ao meu lado, segurando minha mão. Fechei meus olhos e Nate fez a coleta.

— Fresca! Já foi minha cobaia inúmeras vezes na época da faculdade.

— Idiota! Eu era praticamente obrigada. Gabi saía correndo e sobrava para mim.

— Confessa que gostava.

— Lógico. Eu ganhava chocolates como pagamento. Quem não ia gostar?

Nate colocou a mão no peito como se estivesse sentindo dores.

— Feriu meus sentimentos, cunhada! Achava que era porque sou irresistível.

— Não. Era amor pelos chocolates, lógico!

— Ok, mulher. Tudo pronto. Vou embora antes que o imbecil do meu primo avance em mim igual cachorro louco! Sinta inveja mesmo, Daniel! Já estou na família há oito anos.

— Palhaço! E eu há quase três meses, mas me amam mais! Quem ganhou rabanada no Natal?

— Não me lembre dessa cena. Vovó foi injusta! Encantou-se por esses olhos azuis mais claros que os meus. Merda!

— Ei, podem ir parando os dois! Meu coração está tão acelerado pensando no meu exame e vocês discutindo. Vai para o laboratório correndo, Nathan!

— Certo. Quer que eu te ligue ou prefere que traga o resultado à tarde

para você?

— Ligue, mas somente para mim. Vovó vai preparar nosso almoço. Quero todos em casa hoje, independente do resultado do exame.

— E eu? Sou o pai das crianças. Também quero saber.

Dei um beijo gostoso em meu homem.

— E saberá. No almoço, junto com uma surpresa. Se der positivo.

— Dará, Preciosa. Eu sei. Mamãe já me disse. Ela visitou meus sonhos essa noite.

— Oh, Deus! É muita gente sonhando. Vou ficar louca com isso. Vá, Nathan, e me ligue correndo! Preciso dessa certeza para acalmar meu coração.

Nate foi trabalhar. E nós esperamos Gabriela retornar de seu café para poder ficar com Luísa, que ainda dormia.

O que consegui comer novamente foram ovos com bacon e um suco. Vovó insistiu para que comesse uma fruta e acertou na escolha: melancia. Vi quando ela e papai se olharam e sorriram.

— Foi a fruta que ela comeu durante a minha gestação, né?

— Sim, minha criança. Você e sua mãe têm os mesmos desejos. Isso facilita a vida de sua avó aqui. E alegra o meu coração. A ligação de vocês ainda é grande.

— Eu sei. E tenho que admitir que, mesmo em meio à dor, ela nunca foi quebrada.

— Fico feliz em ouvir isso, minha criança.

Terminei meu café da manhã e Daniel fez questão de me deixar na floricultura. Não queria que eu dirigisse nervosa.



Assim que estacionou em frente à floricultura, Daniel saiu para abrir minha porta.

— Obrigada, amor.

— Não agradeça, Preciosa. Você é minha. E tem que ser muito bem cuidada.

Fui encostada no carro e beijada. E... oh, Deus! Foi de perder o fôlego. E logo ao lado podia ouvir os risinhos de Cíntia.

— Uau! Isso que é uma despedida!

— Para não se esquecer de mim, Preciosa.

— Isso é impossível. Você faz parte de mim. E acho que literalmente.

Daniel deu um sorriso lindo e alisou minha barriga.

— Meus. Vocês são meus. Não estou mais sozinho neste mundo.

— E nunca estará, amor.

— Eu sei. Agora preciso ir. Samuel estava estranho ao telefone essa manhã. Aconteceu algo com a Rebeca.

— Me dê notícias, Daniel. Por favor.

— Sim. Agora receba meus beijos. — Ele me beijou, e também a minha barriga, e seguiu para a agência.

Os minutos passavam tão lentamente que me deixavam agoniada.

— Nelly, o que está te estressando tanto?

— Esperando um telefonema, Cindy. Mas pode ficar tranquila. Eu estou bem. E você e JP? Estão bem?

Cíntia abaixou seu rosto. E sua face mostrava claramente um pouco de tristeza.

— Somos apenas amigos. Ele não está pronto para amar. O passado deixou marcas profundas em João Pedro.

— Não desista, minha amiga.

— Não desistirei.

— É isso aí. Vou ao escritório garantir algumas notas e fazer os pedidos de flores para essa semana.

— O movimento está tranquilo. Se precisar de ajuda, eu grito.

— Mentira. Você é uma *lady*. Nunca grita. Se fosse Gabriela seria um escândalo. — Cíntia caiu na gargalhada no instante que Gabi entrava na floricultura.

— Não está mais sozinha, Cindy. Agora é mais fácil se precisar de ajuda. Só pedir para a louca me gritar.

— Ei, eu não sou louca! Mas gritar é mais fácil. Dá menos trabalho.

— Eu te disse, Cindy. Você é *lady* e ela é maluca.

— Some daqui, Emanuelly. Nate está tentando falar com você. Coloca essa merda desse celular para tocar ou pelo menos vibrar.

— Oh, Deus! Eu tinha colocado no silencioso. Não quis acordar Daniel tão cedo. Vou ligar para o Nathan.

Quase chegando ao escritório, meu celular tocou e meu coração disparou antes de atender.

— Ei, Nate.

— *Oi, cunhada.*

Santo Cristo! Que nervoso.

— Nathan, não me enrole. Fale agora!

— *Eu sou o padrinho. Não abro mão.*

— Jesus, Nate! Deu positivo? Eu preciso ouvir essa palavra. Fala pra mim, por favor.

— *Superpositivo, Nelly. Repeti três vezes o teste. Parabéns, mamãe! E agora, falando sério, esse bebê já é um sortudo. Foi presenteado com pais especiais.*

Assim que ouvi isso, comecei a chorar.

— Obrigada, Nathan, por me dar a melhor notícia de minha vida.

— *Não chore, Nelly. É o seu presente de Deus.*

— Sim. E esse é o motivo das minhas lágrimas. Esse é o meu maior tesouro. Mas, por favor, Nate, não conte a ninguém ainda. Vou pegar o carro de Gabriela. Estou indo às compras. Te vejo no almoço. Passe aqui na loja para buscar Gabi. Beijos.

— *Ok. Se cuida. Mas antes de desligar, é vovó que está cozinhando?*

— Sim.

— *Porra! Teremos o que de almoço?*

— Massas. Lasanha e empadão.

— *Caramba! Vou adiantar o trabalho. Não volto para o laboratório hoje à tarde. Vou para a academia. De redonda lá em casa, já chega Gabriela.*

— Que ela nunca escute isso para o bem de sua integridade física.

— *Amém.*

— Vou desligar. Não se esqueça de buscá-la.

— *Ok. Tchau.*

Eu, mãe? Oh, meu Deus! Isso era real. Que Deus que me orientasse. Ensinasse-me a ser uma boa mãe. E que eu nunca os fizesse sofrer.

Abri a pequena geladeira no escritório e tomei um grande copo de água. Em seguida, me sentei em frente ao notebook e abri no site da loja de minha amiga. E achei o que tanto queria em pronta entrega. Assim que reservei tudo, peguei minha bolsa e fui até a recepção da floricultura.

— Gabi, preciso da chave do carro. Nate vem te buscar para o almoço.

Gabriela passou a me avaliar dos pés à cabeça.

— Ele te disse o resultado, né?

— Disse. Mas não adianta me chantagear. Só vai saber após o almoço.

— Não precisa me dizer com palavras, maninha. Seu sorriso já me deu a resposta.

— As chaves, Gabriela!

Eu sabia que não conseguia disfarçar a minha alegria. Mas o primeiro a saber que dentro de mim estava um tesouro seria o Daniel. Peguei as chaves da mão de Gabriela e fui buscar minhas surpresas.

Demorei um pouco mais do que previa. Tive que rejeitar mais de dez ligações. Daniel, papai e vovó estavam ansiosos e preocupados demais com minha demora.

Estacionei o carro de Gabriela em sua garagem e abri o porta-malas para pegar diversas sacolas. Não consegui abrir a porta de casa por causa das mãos ocupadas. Fui obrigada a tocar a campainha com o nariz.

Logo, Nathan abriu a porta e minha pequena luz, que estava junto, ficou encantada com tantas embalagens de presentes. Seus lindos olhinhos azuis brilhavam.

— Me deixe te ajudar.

— Obrigada, cunhado.

— Se você demorasse mais cinco minutos, Daniel iria cumprir a ameaça do seu Rafael de anos atrás. Ia arrancar minhas bolas. Jesus, mulher! Eu ainda tenho muitos filhos para fazer.

— Sem comentários para isso, Nate. Vamos. Onde estão todos?

— Como sempre, no quintal. A cozinha ficou pequena para tanta gente.

Entreguei uma sacola de presentes para Luísa. Não poderia me esquecer dela, nunca. Ela rasgou rapidinho as embalagens e se encantou com mais uma Barbie para a sua coleção e uma boneca com uma caixa de maquiagens, mesmo eu desconfiando que quem ia sair toda colorida dessa brincadeira era Luísa e não a boneca.

Chegamos ao quintal e Daniel correu para tirar o restante das sacolas de minhas mãos e me abraçar.

— Graças a Deus, Preciosa. Não me deixe nessa aflição nunca mais. Me diz. Só confirme para mim que meu sonho com mamãe foi real?

— Espere.

Fui tirando das sacolas pequenos embrulhos e entreguei a cada um que estava ali presente. E por último entreguei o de Daniel.

— Abra o seu primeiro, amor.

Daniel abriu sem delicadeza alguma, o que me fez sorrir, enquanto olhava com uma ansiedade imensa. Ele encontrou uma caixa, abriu a tampa e seus olhos fixaram no conteúdo. Depois, ergueu sua cabeça e, sorrindo, me olhou.

— É verdade?

— Sim.

— Eu vou ser pai?

— Sim.

— PORRA! Eu vou ser pai. Cadê a tia Ester?

— Estou aqui, querido. — Tia Ester já derramava suas primeiras lágrimas.

— Olhe isso, tia.

Daniel levantou um dos presentes na caixa. Era um *body* branco escrito "Sou do papai" junto com um sapatinho com os mesmos dizeres.

— Nunca mais ficarei só, tia Ester. Deus me deu uma família, só minha. Santo Deus, que alegria!

— Eu sei, querido. Nosso Deus é perfeito. E nunca falharia com vocês.

Dan se abaixou e deu um beijo tão suave e delicado em minha barriga, que fez meu coração saltar algumas batidas mais acelerado. Era real. Nós fizemos isso com amor verdadeiro.

Após me recuperar desse momento, pedi a todos que abrissem suas lembranças.

E os presentes eram iguais. Queria algo que eles pudessem usar diariamente. E que sempre que olhassem lembrassem que em breve nossa família iria aumentar.

Cada um recebeu um chaveiro de *biscuit*. E tinha variações na escrita de acordo com o grau de parentesco. Sou do vovô, da titia, do titio e da bisavó.

Tia Ester e tio Davi vieram ao meu encontro e me abraçaram.

— Obrigada, minha querida. Aqui está escrito: “Sou do vovô e da vovó”.

— E é a mais pura realidade, tia Ester. Sei que seu amor por nossos filhos, não será diferente do que sente por Luísa. E que em seu coração há um grande amor maternal por Daniel.

— Obrigada novamente. Que Deus os abençoe a cada instante, meus amores. Agora entendo porque fui guiada a comprar a casa ao lado para Dan. Era isso. Não conseguiria viver longe de um neto.

E começaram novamente as felicitações. Na mesa ainda restavam duas sacolas, mas uma era especial.

Senti a barriga de Gabriela em minhas costas. O abraço de minha irmã sempre me confortou, e ela sabia que nesse momento eu necessitava disto.

— Aquele presente ali. É dela, não é?

— Sim. De Sara.

— Fez bem, Nelly. Quisera eu poder voltar no tempo e ter este momento com ela. De dividir a minha alegria com a gestação de Luísa. Mas na de Miguel eu não perdi a minha chance. E é único, Nelly! É muito amor envolvido. É a extensão do amor de nossos pais. Hoje, eles não estão mais juntos, mas foi com amor que nos fizeram. E nós aos nossos filhos. Ela merece saber.

— Eu sei. E ela saberá.

Ainda tinha pessoas especiais em minha vida para contar a novidade.

Peguei meu tablet e iniciei uma conversa via Skype.

— *Ei, ruiva!*

— Ei! Caramba, eu acho que usei o número errado! Queria falar com a Gisele.

— *Nelly. É o celular dela.*

— Oh, meu Deus, Levi! Você precisa me contar tudo que está acontecendo aí. Sabe que eu sou extremamente...

— *Curiosa, ruiva. Eu sei.*

Santo Cristo, eu tinha quase certeza de que vi meu amigo corar. Oh, Deus! Ele precisou ir tão longe para se aproximar de seu grande amor. Era muita alegria para um dia só.

— Onde vocês estão?

— *No café de Pietro. Estamos todos aqui. Até Enrico resolveu sair de casa. Também pudera! A afilhada de tia Helena está morando aqui, Nelly, na mesma casa que Enrico. Isso está fazendo loucuras no coração do meu irmão.*

— Jesus! E eu querendo contar uma novidade para vocês e estou sendo bombardeada com notícias da Itália.

— *Que novidade?*

— Olá, Carlinha. Pelo visto, não sou a única curiosa por aqui.

— *Ei, desembucha logo! Espere que vou chamar todos aqui.*

— Ok. Vou pedir para o Daniel segurar o tablet.

Dan segurou o tablet e eu peguei a sacola em cima da mesa.

— *Moranginho, você está mais gostosa. Tem alguma coisa diferente em você.*

De trás do tablet, Daniel gritou:

— Cale a boca, Felipe! Seu idiota!

— *O moço bonito está aí? Preciso voltar para o Brasil urgente. Moranguinho está deliciosa!*

— Levi, seu irmão quer morrer.

— Chega os dois! Onde estão Gisele e Carla?

— *Aqui, atrás de Levi.*

— Certo. O presente é igual. Então, vou desembulhar um só.

Abri o pequeno pacote e virei o chaveiro para a tela do tablet. Gisele começou a gritar e Carla a chorar.

— Agora esse é para vocês, meninos.

Fiz o mesmo processo para Levi, Enrico e Felipe.

— *Eu serei tio?* — A voz e o olhar de Levi mostravam tantos sentimentos. E o maior deles era a sua alegria em me ver tão feliz.

— Sim.

E o mesmo que aconteceu aqui estava acontecendo na Itália. Houve muitos gritos e lágrimas.

E no fundo, eu podia ver o meu amigo. Sabia que estava feliz por mim e por Dan, porém neste momento seu coração estava quebrado. E ali eu decidi. Se realmente tivesse mais de um filho, o que acreditava que aconteceria, ele teria o melhor padrinho do mundo: Enrico.

Daniel colocou o tablet no chão, na sua frente.

— *Ei, menino bonito, eu não quero ver a sua cara, não. Ainda não dei os parabéns para a Moranguinho.*

— Cale a boca, Felipe! O momento agora é meu. Nate, segure o tablet para que eles também possam participar.

Nate segurou o tablet e, pelo sorriso safado em seu rosto, ele sabia o que estava para acontecer.

Daniel olhou para a tia Ester e estendeu a mão. Ela entregou-lhe uma caixa. Ele a abriu e se aproximou de mim, se ajoelhando à minha frente e me mostrou.

Oh, Deus! Oh, Deus! Ele vai fazer isso. E comecei a chorar de emoção.

Era o anel rosa. Eu o conhecia.

— Santo Cristo, Daniel! É o anel de Amanda.



25

Nelly

PISQUEI MEUS OLHOS INÚMERAS VEZES para ter certeza absoluta do que estava enxergando. O amor de toda a minha vida, estava de joelhos na minha frente. Minha vontade era de me jogar em seus braços e gritar para que o mundo ouvisse o meu SIM, antes mesmo dele formular sua pergunta. Mas, como ele mesmo disse, este era o momento dele.

— Preciosa... alguns anos atrás meu pai me disse que eu saberia quando encontrasse a pessoa certa. E eu sei disto desde meus primeiros sonhos de menino. O seu nome me acompanhou todas as noites, Emanuely. Tentava desenhar seu rosto em minha mente e nunca conseguia. Porém, meu coração sabia. Ele te sentia. E no momento em que coloquei meus olhos em você, eu só pude agradecer a Deus. Finalmente, eu tinha encontrado o meu encaixe perfeito.

— Oh, meu Deus, Daniel!

— Chamem de sorte, destino ou do que quiserem. Eu chamo de Amanda. Ela trouxe você para mim, minha menina. Te fez ser cercada de todos que eu tanto amo, ou seja, minha família e meus amigos que cuidaram de você para mim, enquanto estava longe. Agora chegou a minha vez, a minha hora de te fazer completamente minha. E com o anel de minha mãe, eu te suplico: Seja

totalmente minha, Preciosa! Case-se comigo e me faça o homem mais feliz desse mundo.

Todos esperavam uma resposta minha. Pela primeira vez, o silêncio reinou na casa de papai. Mas logo foi quebrado por um impaciente Felipe, pela tela do meu tablet.

— Caralho, moço bonito! Você fala bem pra porra! Moranguinho, aceita logo esse homem. Ele já está velho para ficar de joelhos.

Todos tentaram segurar o riso, mas foi impossível. Até eu me rendi e comecei a gargalhar. Nada era normal na minha família. Enquanto todos tentavam se recuperar das gargalhadas que Felipe nos proporcionou com seu comentário, eu me ajoelhei e, passando a mão no rosto do homem que amava com tudo de mim, falei o que estava engasgado em minha garganta:

— Sim. Infinitamente sim, meu amor! Serei sua para todo o sempre.

Só percebemos que o silêncio havia voltado quando Daniel me soltou de um beijo possessivo e arrebatador e deslizou o anel de Amanda em meu dedo, que se encaixou com perfeição absoluta.

E os gritos começaram novamente. Tanto da casa de papai como na Itália.

Com certeza, meu pai já sabia as intenções de Daniel, pois carregava em suas mãos uma garrafa de champanhe e servia a todos, menos as grávidas da família e minha pequena luz. Nós três brindaríamos com um delicioso suco gelado.

Da Itália, Lipe chamou nossa atenção de novo:

— *Pietro, está esperando o quê? Minha Moranguinho vai casar com o homem que ela ama. Precisamos brindar também.* — Felipe bateu a mão em uma mesa e gritou: — *Não temos champanhe? Então, solte um cappuccino para todos. E é por minha conta, caramba!*

Todos gritavam e festejavam a nossa alegria. Mesmo distante, meus amigos fizeram parte de um dos dias mais importantes de minha vida. O dia que descobri que seria mãe e que fui pedida para me tornar uma só, o encaixe de duas vidas em um só amor: eu e Daniel.

Dan me acompanhou para que encerrássemos a conexão com a Itália. Meus amigos também se afastaram da bagunça e, pelo visto, se juntaram em algum lugar mais tranquilo no café que se encontravam. E a minha primeira lágrima rolou ao ver as minhas duas amigas chorando por mim. Por saberem que, enfim, eu estava quase inteira.

— *Não chore, Nelly. Nossas lágrimas são por não podermos estar ao seu lado, te abraçar e iniciarmos nossos planos malucos para o seu casamento. Nós podemos chorar, mas você não. Hoje é um dia perfeito para você, Moranguinho. Mas nos aguarde que chegaremos em breve.*

Mesmo soluçando, eu respondi:

— Obrigada, Carlinha.

— *Ei, ruiva linda, avise ao seu homem para providenciar um guarda-roupa enorme, que a titia aqui já está correndo em todas as lojas e*

comprando tudo o que encontrar pela frente para o sobrinho ou sobrinha dela. E Nelly... conte até trinta. As passagens já estão compradas, minha amiga. Espere trinta dias, que estaremos chegando para te encher de beijos, abraços e mimos. Agora vá curtir o seu dia que nossos cappuccinos chegaram. E ninguém ignora um cappuccino feito por Pietro.

Meus amigos eram lindos e loucos, mas não sabia se eles sabiam o quanto os amava e que desejava que cada um encontrasse essa felicidade. E tinha certeza de que ela chegaria para todos.

— Obrigada, Gi. Beijos para cada um. E aguardo ansiosa. Ei, espere! — Peguei a mão de Daniel que estava atrás de mim e passei delicadamente em minha barriga. Em seguida, ergui minha cabeça, sorrindo. — E aguardamos vocês, ansiosamente.

Despedimo-nos e encerramos a chamada. E voltamos para a nossa família e o delicioso almoço que vovó preparou atendendo aos meus desejos de grávida: arroz branco, filé à *parmegiana*, batatas fritas, maionese e, para finalizar, a minha sobremesa: pavê de chocolate.

Graças a Deus, eu não estava tendo enjoos. Isso sobrou para a Gabriela. Tadinha da minha irmã! Ainda bem que, com o avanço da gestação, isso já estava passando. Em compensação, a azia chegou maltratando Gabi. E gelo não podia faltar nas geladeiras de papai, tia Ester e até na de Daniel. Como ela abusava das refeições e colocava a culpa de sua comilança em Miguel, seu refúgio depois era o gelo, que era um grande alívio.

Já no meu caso. Era a pressão arterial sempre baixa. Nate ensinou Daniel a usar o aparelho. E acho que ele se apaixonou por aquilo. Manhã, tarde e

noite, eu não tinha como escapar. Ele me colocava sentada e fazia uso do seu mais novo brinquedo e anotava os números para levar ao ginecologista, coisa que ele odiava por ser homem, mesmo sendo um de seus amigos da época de colégio. O que fazia minhas consultas durarem horas. Depois de passar o ciúme de Dan, eles iniciavam a conversa sobre o passado e eu os assistia fascinada. Não me cansava de olhar o meu noivo. Ele teve uma infância e adolescência cercado do mais puro amor.

E durante minhas consultas, eu tomei uma decisão. Não sabíamos ainda o sexo de nossos bebês. Só tínhamos certeza de que recebemos porção dobrada de amor. Teríamos gêmeos. E se um deles fosse uma menina, ela já tinha o seu nome decretado: Amanda.

Hoje eu teria mais uma consulta. Estava quase completando três meses de gestação. E minha barriga estava começando a arredondar para a alegria de Daniel, que não cansava de beijar e acarinhar.

Seria um dia bem corrido. À noite, teríamos o culto de formatura de Paulo. Meu peito encheu de orgulho em ver meu amigo, enfim, formado. Administrador como eu e com emprego garantido, ele tomaria o meu lugar e o de Gabriela na empresa de papai. Não existiria alguém melhor para nos substituir: íntegro, honesto e muito trabalhador. E estaríamos todos hoje à noite na igreja de tio Gabriel para agradecer a Deus por mais essa conquista.

Não amanheci bem, mas não quis alarmar ninguém. Estava meio tonta. Porém, nada que um bom café da manhã não resolvesse.

Tinha dormido na casa de Daniel. Levantei devagar e me dirigi ao banheiro. Fiz minha higiene e coloquei um vestido longo e leve. O dia estava

fresco. Dei um beijo em meu amor e disse que o aguardava na casa de papai. Hoje era dia das panquecas de Luísa e também de vacinas, coisa que ela sempre odiou.

Preparei café fresco, chocolate quente para a minha pequena luz, as deliciosas panquecas e papai trouxe pão fresco da padaria, junto com presunto e queijo para a alegria de Nate, que não iniciava um dia sem um misto-quente.

Bendita genética desses homens de olhos azuis! Comem sem parar, parecem não ter fundo e não engordam. Aleluia!

Preparei uma salada de frutas e, aos poucos, a cozinha foi enchendo.

Minha pequena luz estava igual uma bonequinha de tão linda, mas tão triste. Abri meus braços e ela veio correndo e se aninhou em meu colo.

— Medo, tia Nelly!

— Do quê, minha princesa?

— Da agulha. Ela *fazi dodói*. Eu *num* gosto. — E ela fez a carinha de pirraça mais linda que já vi, trazendo-me um sorriso em meio ao mal-estar que estava sentindo.

— Ei, você é uma mocinha! E moças não podem ter medo disso.

Quem sou eu para dizer isso para a minha afilhada? Morro de medo de agulhas!

— Mas, dinda, moças não tomam vacina. Moças vão passear no shopping. Então, se eu sou moça, eu *quelo* ir.

E ela bateu o pezinho no chão, igual à mãe dela. Tal mãe, tal filha! Pirracentas!

E todos estavam com seus olhares voltados para mim, pois deviam estar pensando como que eu ia sair dessa. Chamei Luísa e sussurrei no ouvido dela:

— Mocinha bonita da tia Nelly, hoje não tem agulha. É só gotinha. Você vai bem bonita com o papai e a mamãe e, na volta, a tia te leva ao shopping para renovar o estoque de Barbie. Fechado?

Luísa saltou do meu colo e começou a pular pela cozinha gritando que estava fechado.

— Nate, abre a carteira logo! Ela convenceu a nossa filha. Usou a palavra secreta: Barbie. Pode ter certeza!

Tive que sorrir.

— E não é só o Nate. Todos os presentes na cozinha. Vamos lá! Cada um vai comprar uma. Andem logo e façam minha afilhada feliz. — Agora com o sorriso de volta ao rosto de minha pequena luz, eu pude tomar o meu café tranquilamente.

Nate e Gabi saíram com Luísa para o posto de saúde enquanto eu, Dan, Luc e papai continuamos na cozinha.

Luc ainda devorava as panquecas, junto com Dan, que não parava de me analisar. Ele sabia que eu estava escondendo algo.

Pedi licença e subi para o meu quarto. Estava suando e com muita tontura.

Cheguei ao banheiro, lavei meu rosto e fui usar o sanitário. E vi meu mundo se abalar novamente quando me deparei com uma pequena mancha de sangue em minha calcinha.

Queria gritar e pedir socorro, mas minha voz não saía. Só clamei em meu íntimo que Deus tivesse misericórdia de mim e preservasse meus bebês.

Só conseguia pensar em minha mãe. *Oh, Deus, como eu preciso dela! De ser acalentada, de poder segurar suas mãos e me sentir protegida.*

Santo Cristo traga-me a minha mãe!

Desço as escadas meio cambaleante e quando estava chegando ao último degrau, senti o cheiro de meu pai e seus braços me segurando e me tomando em seu colo, como quando eu era pequena. E antes de ser tomada pela escuridão, eu chamei por ela:

— Papai. Traga ela para mim. Eu preciso tanto dela. Eu e meus bebês. Ela, papai!

— Sim, Preciosa. Sua mãe virá por vocês.

E, de repente, tudo ficou escuro.



Senti sede, porque minha boca estava seca. Fui abrindo meus olhos devagar e sentindo aquele cheiro desagradável de hospital. Detestava este lugar.

Minha mão esquerda estava dolorida. E ao conseguir abrir meus olhos completamente, pude perceber o motivo. Sara a segurava com tanta força e dormia por cima dela. Fiz o mínimo de esforço possível para não acordá-la, mas falhei ao não conter as lágrimas e deixar escapar um soluço de meus lábios. Ver minha mãe ao meu lado me fez tão bem.

Daniel percebeu a movimentação de minha mão e correu em minha direção. Olhei em seu rosto e tive a certeza de que ele chorou. Seus lindos olhos azuis estavam um pouco vermelhos.

— Oi, minha preciosa. Como você está se sentindo?

Lembrei-me de tudo que aconteceu e do sangue. E levei rapidamente minha mão livre à barriga.

— Eles primeiro, Daniel. Como eles estão? Oh Deus, me diga que nossos bebês estão bem, por favor!

Minhas lágrimas aumentaram, juntamente com os soluços. E ali, eu senti o toque que sempre me trouxe paz.

As mãos de Sara começaram a passear por meu cabelo e desceram por meu rosto. E ela fez o gesto que tanto senti falta todos os dias nesses últimos oito anos. Levou sua mão direita aos lábios, deu um doce beijo e a guiou ao meu coração.

Fechei meus olhos e me deixei viver esse momento.

— As orações de uma mãe e avó aflita chegaram aos céus, minha menina. Eles estão bem. E, antes que eu vá embora, preciso lhe dizer, Nelly. Você já é uma mãe maravilhosa. E eu sinto tanto orgulho da mulher que você se tornou, minha menina. Sei que nós temos muito para conversar, mas eu preciso ir e este não é o local e nem o momento. Vocês precisam descansar. E não tenha receio de chamar por mim. Eu deixo qualquer coisa para estar ao lado de vocês.

Eu não conseguia falar nada. Um bolo se formou em minha garganta, impedindo-me de pronunciar qualquer coisa. Minha mãe estava comigo e meus filhos estavam bem. E isso era o que importava.

Abri meus braços e fiz o que tanto almejava. Abracei-a e me deixei ser abraçada por meu primeiro porto seguro: minha mãe.

— Agora descanse, Preciosa. Nossos bebês estão bem. Seu colo do útero está bem fechado. E ouvir o coração de cada um batendo tão acelerado, trouxe-me tanto alívio. Feche seus olhos e durma, meu amor.

O sono quis me tomar novamente. Tinha certeza de que estava sob o efeito de remédios, mas não queria dormir. Segurei a mão de Sara e disse baixinho:

— Não me abandone novamente. Eu preciso tanto de você. Não posso viver esse momento sem a minha mãe.

Já quase fechando meus olhos, vi as lágrimas escorrendo pelo rosto lindo, porém tão triste, de minha mãe.

— Seu noivo sabe onde me encontrar, minha menina. Eu estou mais perto do que você imagina. E nunca ousaria pensar em não estar com vocês. Obrigada por me fazer tão feliz em meio a um momento de tanta dor em minha vida.

Não entendi o que Sara quis dizer, mas me deixei ser guiada aos meus sonhos. E dormi novamente.

Quando acordei, exigi que Daniel me dissesse o horário. Não queria perder este dia tão importante para Paulo. Mas ainda era cedo, horário de almoço. E meu médico logo me deu alta, pedindo sete dias de repouso. E com a maior cara de sacana nos disse que em hipótese alguma poderíamos ter relações sexuais nestes longos sete dias.

E Daniel me olhou com uma cara que dizia: "Ouviu? Comporte-se!".

Filho da mãe do Dr. Rodrigo! Falou isso com a mulher errada e com hormônios explosivos, piores do que os de Gabriela. Daniel que me aguardasse. *Tenho minhas armas, baby.*

Antes de deixar o hospital, perguntei ao Dr. Rodrigo se eu podia sair hoje à noite. Ele me disse que nada me impedia, mas que não me exaltasse em nada.



Pulei o salão que havia marcado com Ewellyn e as meninas. Titia me atendeu em casa.

Novamente optei por um vestido longo e uma sandália baixa. O cabelo e a maquiagem já estavam prontos. Metade das minhas coisas foram rebocadas da casa de papai para a de Daniel. Meu noivo me proibiu de subir escadas. E me disse para eu ir me acostumando, pois em menos de dois meses seríamos realmente um só, como marido e mulher. Ele se aproveitou do fato ocorrido hoje para me sequestrar de vez para a casa dele. Esses olhos azuis e o sorriso safado não me enganavam nunca. E como eu amava esse seu lado possessivo!

Chegamos à igreja, faltando dez minutos para iniciar o culto. Os formandos ainda estavam na entrada do templo, o que me deu a oportunidade de dar um abraço e um beijo no meu amigo. E ouvir quase um rosnado do meu noivo ciumento. E a gargalhada gostosa de Paulo, rindo do seu amigo.

Entramos no templo e logo o culto iniciou.

Cada louvor entoado chegava ao meu coração trazendo uma imensa paz. Eu precisava disso, mas o momento que tio Gabriel tirou para homenagear os pais dos formandos me quebrou.

Uma das formandas subiu no púlpito e começou a entoar uma canção, que calou profundamente a minha alma.

*“Seu coração é assim
Flor que desabrocha a cada manhã
Fonte de amor que é sem fim
Deus te fez assim pra cuidar de mim”*

Daniel sabia que esse louvor estava mexendo com as minhas estruturas. Meu corpo tremia enquanto lágrimas grossas rolavam por minha face.

Essa menina tão nova havia perdido sua mãe havia uma semana. E eu tinha a minha tão perto e ao mesmo tempo tão longe.

No fim da música, a moça disse algumas palavras:

— Eu não tenho mais a minha mãe para, neste momento, dar um grande abraço e receber um beijo cheio de amor puro e incondicional. Porém, dentro de mim, eu sei que fiz tudo que podia para vê-la feliz enquanto teve vida. E agradeço a Deus por ter tido a chance de poder lhe dizer o quanto a amava, antes de seu último suspiro. Então, não perca mais um segundo. Aproveite este presente que Deus te deu. É único e especial: sua mãe.

Enquanto ela foi aplaudida e voltou ao seu lugar, eu pude agradecer a Deus por ter cuidado de meus bebês ainda em meu ventre. E por agora ter a certeza de que as feridas em meu coração estavam cicatrizadas. E minha mãe estava voltando para mim.

Tio Gabriel logo encerrou o culto e do lado de fora os formandos recebiam seus cumprimentos. O calor era grande e, como eu já estava

cansada, queria voltar logo para casa.

Acho que toda a minha família precisava descansar, inclusive papai. O susto de hoje abalou a todos. Mas, graças a Deus, estava tudo bem. Seguíamos todos juntos para o estacionamento, pois nossos carros estavam um do lado do outro.

Pequena Luz correu e parou na minha frente. E me pegou para abaixar.

— Dinda. Ela precisa de você e da mamãe. Chegou a hora de abrir seu coraçãozinho.

Luísa mal acabou de falar e ouvi gritos. A pessoa gritava o nome de meu pai. Seguimos na direção da voz e meu coração saltou acelerado. Era Sara. Minha mãe corria e gritava por meu pai. Ao nos alcançar, se jogou aos pés dele, chorando e tremendo.

— Me ajude, Rafael. Ele está morrendo. Socorro! Eu estou sozinha.

Papai levantou Sara e a olhou nos olhos.

— Quem?

— Ele, Rafael. Marcos está morrendo.

Mesmo em meio à tristeza e dores, o homem que tirou minha mãe a estava aproximando de nossa família também.



26

Nelly

DANIEL PERCEBEU QUE EU COMECEI a tremer ao ver o sofrimento de Sara, por isso me aconchegou em seu peito e começou a acariciar meus braços.

Sara respirava profundamente, tentando se acalmar para responder às perguntas de papai.

— O que aconteceu, Sara?

As lágrimas ainda rolavam por seu rosto, entristecido.

— A carreta, Rafael. Ele já estava chegando em Rio Doce. Quando se aproximou da antiga balança de caminhões, ele bateu. Oh, Deus! Ele bateu. Capotou muitas vezes. Eu vou perdê-lo. Me leve ao hospital, por favor! João Pedro já está lá. Ele queria vir me buscar, mas não deixei. E quando estava saindo de casa, vi vocês. Por misericórdia, me ajude!

Ela verdadeiramente o amava. Minha mãe amava outro homem. Isso parecia tão injusto. Mas era a minha realidade. E eu precisava engolir minha dor e ajudá-la.

Falei para o meu noivo que estava tudo bem. Mesmo sabendo que ele era conhecedor da minha alma, tinha certeza de que estava deixando meus sentimentos de lado para cuidar de Sara.

Aproximei-me lentamente e toquei os ombros de minha mãe.

— Me deixe te ajudar.

Ela deu a volta e me olhou.

— Você faria isso por mim, minha bebê?

— Sim. Só me diga onde ele está. Eu e Daniel a levaremos.

Sara começou a soluçar novamente.

— Obrigada. Muito obrigada. Ele está no hospital particular de Rio Doce.

Peguei minha mãe pela mão e já estava nos levando para o carro de Dan, quando ouvi a voz de meu pai:

— Ele não parou com os remédios, não é, Sara? Refiro-me aos remédios para ficar acordado.

Mamãe abaixou a cabeça, bastante envergonhada.

— Não, Rafael, ele não parou.

— Maldito idiota! Eu sabia que esse dia ia chegar. Filho da puta! Eu avisei tantas vezes, pedi, cheguei a implorar. Porém, esse infeliz nunca me

escutou. Ele não precisava tomar isso. Se precisasse de dinheiro era só ter me avisado.

— Você sabe que ele nunca faria isso, Rafael. E nossas despesas aumentaram muito. Santo Cristo e a culpa é toda minha! Eu vou perder meu marido antes de... — Minha mãe engoliu suas palavras. Tive certeza de que todos estavam me escondendo algo. Papai olhou com advertência para Sara, Gabi e Nate, que não conseguiram me encarar. Daniel estava mais perdido que eu; e minha pequena luz, mais uma vez, me surpreendeu.

Luísa se colocou na frente de Sara e pediu que ela se abaixasse. Sara abaixou e Luísa começou a acariciar seus cabelos vermelhos.

— Ele ainda não vai embora, vovó. Ele *precisa* ouvir que tá tudo bem, *pimeiro*. Não chore, vovó. A moça do cabelo loiro disse que tudo tem um tempo certo. Eu posso abraçar você? Seu *bilelo* é lindo igual ao da minha dinda.

Sara abriu os braços e recebeu o consolo vindo de uma criança linda, pura e inocente.

— Depois você me conta mais sobre a moça loira, Luísa?

— Pequena Luz conta sim. Ela é tão linda. Tem os olhos *azul* que nem os do tio Dan, ali.

Sara voltou os seus olhos para Daniel. Mais um que estava me escondendo algo. Minha mãe olhava principalmente para os olhos de Dan. Isso era muito estranho.

— Agora eu preciso ir, princesa. Dê-me um beijo e peça a Deus pela vovó em suas orações hoje à noite.

— Eu peço todos os dias. Mamãe ensinou pequena luz a orar. Ela disse que quando era pequenina igual eu, você ensinou ela também. É *verdade*?

Luísa era tão preciosa que conseguiu arrancar um sorriso de Sara em meio à sua agonia.

— Sim, minha linda. E fico feliz dela ter passado isso para você. Falar com Deus é abrir a nossa alma. E é nesse momento que encontramos forças para seguir adiante. Nós encontramos calma e paz. E isso é um privilégio, Luísa!

— Estarei orando por vocês, vovó.

— Obrigada, meu amor.

Sara se despediu de Nate, Gabi e Luísa. Enquanto isso, papai disse que nos encontraria no hospital.

Entramos no carro e seguimos pela estrada em um silêncio que, às vezes, era quebrado pelos soluços de minha mãe.

Assim que chegamos, nós fomos encaminhados para um apartamento no hospital.

Marcos estava em cirurgia na UTI. Seu estado era gravíssimo. Passou por uma traqueostomia, porque teve vários ossos quebrados e estava em estado de coma devido ao grande traumatismo craniano que sofreu.

João Pedro não estava bem. Ver um homem daquele tamanho, totalmente perdido, chorando e falando palavras desconexas era muito difícil. Eu só entendia quando ele sussurrava que não conseguiria viver só.

Queria poder dar um abraço e passar um pouco de conforto. Mas estava dentro dos braços de Daniel, que olhava para JP com cara de poucos amigos. Então, preferi evitar confusão. Porém, ainda bem que logo Cíntia chegou e não saiu mais de seu lado.

Eu estava cansada. Meu dia tinha sido complicado. Precisava me deitar. E mesmo depois de tanto tempo afastadas, Sara me conhecia bem.

Era um vício. Quando o sono estava chegando, eu começava a enrolar meus cabelos em meu dedo. E logo bocejava.

Sara percebeu e me pediu para ir embora e descansar. Disse que eu tinha que cumprir meu repouso. Se tivesse notícias, nos informaria.

Só esperei meu pai chegar. E me surpreendi de ver tia Rachel junto dele. Mas não estava com cabeça para assimilar mais nada. Só queria minha cama. E fui para casa mais tranquila por saber que Sara não estaria só.

Acho que adormeci no percurso do hospital até a casa de Daniel, porque me senti sendo erguida nos braços do meu noivo e logo depois sendo depositada em sua cama.

— Olá, dorminhoca. Vocês precisam descansar. Você quer usar o banheiro antes de se deitar, Preciosa?

— Sim.

Levantei-me e usei o banheiro rapidamente, escovei os dentes e preendi meus cabelos no alto da cabeça.

Cheguei ao quarto e meu pijama da Barbie já estava me esperando em cima da cama. Isso era sinal de que hoje eu não iria desfrutar do corpo gostoso de Daniel.

— Isso é sério? — Apontei para o pijama.

Ele me olhou com um belo sorriso torto e safado no rosto.

— Com toda certeza! Nada de brincadeiras hoje! Deixe-me te trocar e já pra cama.

Comecei a xingar baixinho enquanto ele ria da minha cara.

— Me aguarde, amor.

— Você ouviu o médico. Sem relações sexuais e sem esforços. Cama, mocinha. Agora!

Deitei-me completamente frustrada, mas logo me rendi ao cansaço. Aconcheguei-me a Daniel passando minha perna entre as suas e deitei minha cabeça em seu peito. Dormi ouvindo-o cantando uma música suave, enquanto recebia vários beijos em meu cabelo e era acariciada pelo meu noivo.



Uma semana já havia se passado e Dan evitava meu toque. Mas essa noite ele não me escaparia. Uma ruiva grávida e com tesão era uma mistura muito louca. Liguei para o Dr. Rodrigo e, como havia cumprido meu repouso, já poderia ter a minha vida de volta, normalmente.

Preparei um jantar bem gostoso e, para disfarçar minhas intenções, convidei Gabi, Nate, Luísa e papai. Tivemos uma noite agradável. Logo todos se despediram e eu consegui o que tanto queria. Bendita camisola curta de renda vinda da Itália! Tinha que agradecer minhas amigas por isso.

Acordei cedo e com uma vontade tão grande de comer bolo de fubá cremoso. Oh, Deus, chegava a dar água na boca! Daniel estava cansado e para não acordá-lo, eu me arrumei rápido, deixei um recado ao meu lado da cama, informando onde estava e fui para a casa de papai cozinhar.

Acho que me empolguei um pouco. Além do bolo, fiz dois tabuleiros de *brownies*, pão de queijo recheado – receita da minha amiga Érica –, duas jarras de suco de laranja, café, *cappuccino*, uma travessa de frios e algumas frutas. E não podiam faltar os ovos mexidos com bacon. Santo Cristo! Hoje, eu iria me fartar.

Liguei para Nate me ajudar a buscar os *brownies* na casa de Dan. O fogão de papai não deu para assar tudo ao mesmo tempo.

Ouvi a porta da frente de casa sendo aberta. E logo Nate chegou.

— Ah, porra! Você fez pão de queijo. Senti o cheiro, Nelly. Isso é divino!

Tive que sorrir do meu cunhado esfomeado.

— Prove um.

Nate pegou um da forma e chegou a fechar os olhos se deleitando. Tive quase certeza de que foi o com recheio de goiabada, que era o seu preferido.

— Recheio de goiabada?

— Ah, caramba! Sim. Divino! Nelly, isso é tão bom!

— Ok, cunhado. Vamos lá acordar meu homem e pegar os tabuleiros no fogão. Já está na hora.

Sáímos da casa de papai e alguns passos depois estávamos na de Daniel. Usei minha chave e abri a porta. E a visão que recebi direto do sofá da sala foi espetacular.

Meu noivo estava deitado de bruços no sofá com uma pequena almofada tapando sua cabeça e vestido somente com uma *boxer* branca.

Oh, Deus! Vou atacar ele de novo!

Nate começou a gargalhar.

— Ei, primo! Eu já vi essa cena. Mas que merda você fez? Nelly está de

repouso, porra! Seu louco tarado!

Dan tirou a almofada da cabeça e olhou para a cara de Nate.

— Eu? Louco tarado? Sério? Coloque a culpa na boca, nas mãos e outras partes da mulher que está aí do seu lado. E nas amigas dela lá na Itália, que mandaram uma camisola tamanho bebê para ela. E antes que você me xingue mais, o repouso acabou.

Agora fui eu que me juntei a Nate na gargalhada.

— Sem gracinhas, por favor! Eu preciso renovar minhas forças. Fui dormir às quatro da manhã. — Daniel levantou do sofá e eu acho que não consegui disfarçar meu desejo por ele. — Não me olhe assim. Alimente-me primeiro, mulher. Por favor. Depois, eu sou todo seu de novo.

— Promete?

— Sim. E com prazer, Preciosa. Vem aqui.

Joguei-me em seus braços, enlacei minhas pernas em sua cintura e recebi um beijo delicioso e possessivo.

— Cara, você está mais fodido do que eu! Eu dormi às duas da manhã. Quem mandou fazer dois filhos de uma vez? Agora dá nisso!

— Ei, primo, se você não dá conta, eu não posso fazer nada. Mas da ruiva aqui, eu cuido direitinho.

— Idiota, eu nunca neguei fogo! Nelly, vamos lá! Deixa esse pervertido

colocar uma roupa e ficar decente, eu não sou obrigado a olhar para a bunda feia dele, não!

Sussurrei no ouvido de Dan:

— Sua bunda é linda, amor. E você está tão gostoso de *boxer*. Deixa-me te amarrar na cama de novo e usar o restante do *chantilly*? Estava tão bom. — Lambi meus lábios e senti meu homem estremecer.

— Oh, merda! Lógico, Preciosa! Vamos tomar café logo. E voltar para casa depressa.

Passei minha língua no pescoço de Daniel e lhe agradei:

— Obrigada, amor. Vou ser boazinha. Vou deixar os pés desamarrados para facilitar os movimentos.

Desci do colo de Daniel e o vi correndo para o banheiro. Acho que tinha gente tomando banho frio.

Nate e eu pegamos os *brownies* e voltamos para a casa de vovó.

Daniel chegou logo depois e me acomodei em seu colo em uma das cadeiras.

Aos poucos, a cozinha já estava cheia. Mas ainda não estava completa. Sentia tantas saudades dos meus amigos. Cada coisa que eu preparei para o café da manhã me lembrava de um deles. O *cappuccino*, de Enrico. Rico se perdia em pensamentos sempre quando lhe preparava um. Os *brownies* sempre geravam brigas entre os três irmãos: Levi, Lipe e Carlinha. Nunca

restava nada na forma. E a cara de safado de Lipe me pedindo para limpar sua boca com a língua era hilária. Já minha amiga Gisele me acompanhava no bolo de fubá. Oh, Deus, eu queria todos aqui comigo!

Sem perceber, já estava chorando. E Daniel queria saber o motivo.

Malditos hormônios. Ultimamente estava chorando até para assistir desenho animado com Luísa. E minha princesa vinha em meu socorro trazendo sua toalhinha para enxugar minhas lágrimas.

— Eu estou bem, amor. É só saudades dos nossos amigos. Queria tanto eles aqui conosco.

— Fique calma, Preciosa! Logo eles estarão de volta.

Terminamos nosso café e, como todos os dias, fiz minha visita no hospital. Não houve melhora alguma no estado de saúde de Marcos.

Sara comeu um pouco das coisas que eu levei. Ela estava com uma aparência tão cansada. Tinha medo de minha mãe não aguentar tanta dor.

— Amanhã é aniversário de seu pai, Emanuely. Vocês irão comemorar?

— Papai pediu para que não fizessemos nada.

— Eu sabia que ele faria isso. Não escute seu pai. Marcos está sendo bem cuidado, graças a ele. Sem Rafael, eu não conseguiria pagar tantas despesas. E as nossas vidas não podem parar por isso.

Minha mãe encarou Daniel, que estava sentado em uma poltrona no

quarto do hospital.

— Ajude Nelly a organizar uma pequena surpresa para Rafael, Daniel. Ele merece. E o bolo é por minha conta. Façam algo pequeno, e tenho certeza de que ele vai amar. — Sara segurou minhas mãos. — Ele gosta dos mesmos recheios ainda?

— Sim.

— Então será de nozes, limão siciliano e ganache. Vou fazer hoje e pedir a JP para entregar na casa de seu pai amanhã no horário de almoço. Posso?

— Pode sim. E obrigada por isso. Então, eu já vou indo. Ainda tenho que passar no estúdio de dança, na floricultura e começar a organizar essa pequena festa.

Dei um beijo suave na face de minha mãe.

Acho que nós duas nos surpreendemos, eu levei minha mão em meus lábios e ela a dela em seu rosto.

Dan passou um braço em minha cintura e já estávamos nos aproximando da porta quando Sara começou a falar:

— Cuide bem dela, rapaz. Ela é preciosa. Foi assim que o pai dela a chamou no momento em que colocou os olhos nela.

— Eu sei, dona Sara. Ela é o meu mundo.

— Fico feliz em ouvir isso. Agora vão.

O dia foi corrido, após a visita no hospital. Deixei Dan em casa para descansar e fui comprar ingredientes para o nosso almoço de domingo e presentes para as mulheres da minha vida. Papai tinha que nascer em um dia especial: no dia 8 de março, o Dia Internacional da Mulher.

Passei em uma joalheria e comprei um colar de ouro com um pingente de coração cravejado de lindos brilhantes para cada uma. Mas o de Sara era especial. O único com algo escrito na parte de trás: *Minha mãe*.

Depois que terminei minhas compras, voltei ao hospital para entregar o seu presente, mas encontrei Sara dormindo. Ela estava encolhida na cama do hospital. Abri um dos armários, sem fazer muito barulho e peguei uma manta e a cobri. Por isso, acabei deixando o seu presente junto com um cartão em uma mesinha. Acariciei seu rosto cansado e beijei sua testa. Queria tanto poder expressar ainda mais meu amor por ela, mas ainda não conseguia.

Voltei para casa e iniciei os preparativos de um dia especial para o primeiro homem que amei incondicionalmente: meu pai.

Logo o domingo chegou. Estava um dia ensolarado e muito agradável.

Para papai seria mais um típico domingo em família. Para nós, não. Ele tomou posse da churrasqueira logo cedo enquanto nós preparávamos tudo na cozinha.

Pedi ao tio Davi e aos meninos que distraíssem papai, até que o bolo e os outros doces chegassem.

A campainha tocou e Daniel passou na frente de todos e saiu marchando

para abrir a porta.

Alguns minutos depois, ele retornou com um lindo bolo de dois andares e soltou baixinho alguns palavrões. Colocou o bolo em cima da mesa e me puxou pela mão, levando-me para o quintal.

— O desgraçado ainda não entendeu que você é minha. Infeliz! Ainda vou socar a cara dele!

— O que aconteceu?

— Ele não queria me entregar o bolo. Falou que a entrega era só para você. Não sei como eu não deixei cair o bolo no chão. Puxei da mão dele e o filho da mãe ainda riu da minha cara. Esse JP te quer ainda.

Ri baixinho.

— Não se estresse, amor. — Peguei a mão dele e levei à minha barriga. — Quem fez isso aqui?

— Eu. Vocês são MEUS!

— Ok, homem das cavernas. Sem discussões hoje. É dia de festa.

Cobri meu homem de beijos e servimos o almoço.

Papai se fartou do arroz carreteiro que fiz para ele e passamos uma tarde maravilhosa com a família e os amigos. Ele olhou carrancudo quando chegamos com o seu bolo, docinhos e *cupcakes*. Porém, não havia nada que os beijos e os abraços de suas duas filhas grávidas não conseguissem.

Fizemos seu Rafael se render, sorrir e aproveitar o seu dia.



Marcos já estava há quase um mês internado. Os médicos prepararam Sara e João Pedro para o pior. Ele estava tendo várias infecções, o que dificultava sua recuperação. Porém, assim mesmo, pedíamos por um milagre.

Estava ansiosa e contando os segundos para abraçar meus amigos, que me avisaram que estariam chegando esta semana no Brasil.

Esperava que eles nunca mais fizessem isso comigo. Precisava tanto deles. Queria todos comigo hoje, porque estávamos esperançosos de saber o sexo de nossos bebês. Dan já estava nervoso.

Tivemos uma semana bastante estranha. Quando eu não acordava chorando após ter sonhos de que estava quase me afogando e sempre sendo salva por duas mãos com marcas em seus punhos, era a vez de Daniel acordar todo suado, sonhando com a maldita letra do acidente de seus pais.

Mas, enfim, nada iria tirar a alegria deste dia. Só de pensar que poderia imaginar o rostinho deles... Se fosse menino ou menina, já escolheria as roupinhas, sapatinhos, brinquedos além de decorar o quarto. Meu Deus, que emoção!

Teríamos que sair mais cedo de casa. Papai pediu a Daniel e Samuel que

os acompanhasse à empresa. Ele queria mudar a logomarca dos caminhões e da fachada da empresa que estava praticamente apagada. Desde a época que tio Marcos era seu sócio, ele só mexeu uma vez e não ficou satisfeito com o *design*.

Quando estávamos saindo de casa, Luísa saiu gritando de casa por Daniel. Ela se aproximou e pediu que ele se abaixasse. Minha princesa tocou o peito dele, emocionada, e falou:

— Tio Dan, não esquece. Ouve a voz do seu coraçãozinho. E não essa outra aqui. — Luísa tocou a cabeça de Daniel. — Sabe *po que*, tio Dan? A moça do olho azul disse que os nossos olhinhos, às vezes, nos enganam. Então, escuta o seu coração. Agora eu vou *pa* casa. Tô *fazeno* roupinhas *pa* minha Barbie.

Daniel não entendeu muito bem o que Luísa disse. Confesso que eu também não.

Entramos no carro após nos certificarmos de que ela havia entrado em casa. Gabi estava esperando por ela na porta.

Pegamos a estrada e, quando estávamos chegando perto da empresa, um carro grande com os vidros escuros começou a brincar conosco buzinando direto. Mas nunca nos ultrapassava. Chegava a tentar ultrapassagem, mas voltava para trás do nosso carro. Das duas hipóteses, uma com certeza era correta: ou o motorista estava bêbado ou era louco!

Estacionamos em frente à empresa e Daniel e papai me pediram para esperar que eles saíssem primeiro, pois o carro com os vidros escuros

estacionou duas vagas ao lado.

Quem disse que eu esperei? De jeito nenhum! Era curiosa por natureza.

Coloquei-me atrás de Daniel e observávamos atentos na medida em que a porta do outro carro ia sendo aberta.

E minha hipótese estava certa. Quem dirigia o carro era o louco que mais amava no mundo. Empurrei Dan e papai e saí correndo ouvindo os gritos de Daniel para lembrar que dentro de mim estavam os filhos dele. Joguei-me nos braços de Felipe e o enchi de beijos. Oh, Deus, que saudades eu estava desse moleque!

Ele me afastou e começou a me avaliar dos pés à cabeça.

— Gostosa pra porra, Moranguinho! Você é a grávida mais linda e deliciosa que já vi na vida!

Joguei minha cabeça para trás e caí na gargalhada.

Lipe se ajoelhou e começou a alisar a minha barriga.

— Ei, crianças! Vocês sabem quem é o pai de vocês, né? Sou...

— Se terminar a frase, perde os dentes da frente!

— Chegou o estraga-prazeres, empatador! Vem cá e me dá um abraço. Sei que você estava com saudades de mim, moço bonito.

Daniel sorriu.

— Nem um pouco, seu infeliz!

— Sempre foi um péssimo mentiroso, Dan.

Dan e Lipe se abraçaram e as outras três portas do carro se abriram ao mesmo tempo. E eu comecei a chorar.

Rico, Levi, Carlinha e Gi saíram do carro e vieram correndo me abraçar. Meu dia seria como imaginei. A sala do doutor Rodrigo seria pequena para tantas pessoas assistirem a uma ultrassonografia.

Entrei na empresa de papai abraçada com Carla de um lado e Gisele do outro.

Papai procurou no estacionamento interno se havia algum dos seus carros, mas todos estavam na estrada. Entrou no escritório e pegou uma de suas notas fiscais e mostrou a Daniel e Samuel, que a analisavam minuciosamente, enquanto anotavam ideias para uma nova marca. Porém, logo ele lembrou-se de um dos carros antigos que estava no fundo da empresa. Nele ainda dava para se ver a primeira logomarca da empresa.

Todos nos acompanharam. Eu estava de mãos dadas com Daniel, mas quando nos aproximávamos, ele soltou minha mão. Contudo, na hora não me dei conta de nada. Estava encantada com as conversas sobre a Itália.

Levei um susto quando ouvi um grito de angústia e dor.

— NÃO! POR FAVOR, MEU DEUS, NÃO!

Girei meu corpo e vi o homem da minha vida prostrado no chão, aos

prantos.

Atrás dele estava minha irmã e meu cunhado, mas meus pés pareciam estar grudados no chão. Só consegui me mexer quando Daniel ergueu a cabeça e me procurou. Seu olhar era ferido, como se eu tivesse feito algo que o tivesse magoado profundamente.

Dei um passo e ele gritou, mais uma vez:

— NÃO! NÃO SE APROXIME, EMANUELLY! NÃO ENCOSTE EM MIM. EU PRECISO SAIR DAQUI. A LETRA, NELLY. A MALDITA LETRA QUE LEVOU MEUS PAIS DE MIM ESTÁ ATRÁS DE VOCÊ. MEU DEUS!

Olhei para trás e vi o que nunca imaginei em minha vida que aconteceria.

A carreta vermelha, ainda batida. E a logomarca espalhada por ela toda. Dois esses (S) entrelaçados “§”, que eram as iniciais dos sobrenomes de papai e Marcos.

Meu corpo começou a tremer, enquanto as lágrimas desciam sem parar. Tentei novamente me aproximar de Dan, mas ele me rejeitou. Doeu tanto! Meu Deus, eu não tinha culpa de nada!

Daniel se levantou e tudo passou como um *flash* em minha mente: o pedido de Luísa para que todos estivessem de volta no Brasil, porque ela sabia que eu precisaria deles. E ouvir a voz do coração.

E na minha mente eu comecei a clamar: “Senhor, tendes misericórdia de

mim. Faça com que ele escute com a sua alma e não acredite somente no que seus olhos estão enxergando”.

— Eu vou embora. Cuidem dela. Eu não consigo olhar para ele. — Daniel apontava para o meu pai. — Você tirou os meus pais de mim. Santo Cristo! O pai da mulher que eu amo matou os meus pais.

— Que história é essa, menino? Eu nunca...

— Não fale nada, seu Rafael. Eu...

E Daniel saiu correndo e levou meu coração com ele.

Fui amparada por Levi, que me segurou antes de cair no chão. Papai e Gabriela vieram ao meu socorro, porque já estava com falta de ar.

— Eu preciso dela, papai. Me leve até ela, por favor. E não deixe acontecer nada aos meus bebês. Meu coração dói tanto.

Gabriela segurou minha mão e me revelou:

— Você não poderá vê-la agora, Nelly. Ela... está internada. Quem precisa de você é ela, minha irmã.

— Santo Cristo!

E meu mundo escureceu de novo. O que era para ser um dia perfeito se tornou um dia de dores.



27

Nelly

ACORDEI SOBRESSALTADA E SENTI novamente aquele cheiro insuportável. Odiava hospitais! Tudo veio como um *flash* à minha mente.

Ele não me deixou tocar nele. Fugiu de mim. Nos abandonou.

Eu pedi tanto para não ser magoada. Porém, como todas as decepções que já tive na vida, essa também seria guardada em um cantinho escuro do meu coração. Não podia mexer nele agora.

Precisava pensar neles: em meus filhos e minha mãe. Depois choraria a minha dor e mágoa.

Senti que alguém segurava a minha mão esquerda. Olhei para ele, já que eu conhecia aqueles cabelos claros.

— Acorde, Luc!

Luc despertou e me deu um lindo sorriso.

— Ei, baby. Como você está?

— Bem, eu acho. Não sinto nenhuma dor. E meus bebês, Luc?

— Estão bem e fortes. O médico já sabe o sexo, mas não nos contou de jeito nenhum.

Sorri. Eu sabia o quanto eles estavam curiosos.

— Parabéns para o Dr. Rodrigo. Devo-lhe um presente.

— Médico idiota!

A porta do quarto foi aberta pelo lindo do Dr. Rodrigo. Tinha que arrumar uma das minhas amigas solteiras para esse homem.

— Olá, doutor. Como estão os meus bebês?

— Olá, moça dos cabelos vermelhos. Eles estão muito bem, crescendo fortes e saudáveis. Quer vê-los?

— Com toda a certeza, doutor.

— Vou aferir sua pressão agora e te liberar desse soro.

Ele pediu licença a Lucas, para se aproximar. Luc permitiu, mas não sem antes lhe dar um olhar mortal.

— Estou aqui do lado, baby. Tenho que dar notícias de vocês para o Daniel.

Santo Cristo! Eu senti meu sangue ferver.

— Não se atreva a fazer isso, Lucas, ou não respondo por mim! Ele que quis se afastar. Então, o problema é dele. Ao pedir isso, ele se afastou dos MEUS filhos também.

Luc arregalou os olhos ao ver a minha reação. Se ele soubesse que isso tudo era da boca para fora...

A dor era tão grande. Minha vontade era de sumir, correr para a minha casa e arrumar uma bolsa com coisas básicas e fugir. E era isso que faria. Em breve.

O doutor Rodrigo me disse que a minha pressão estava normal e retirou o soro. E que logo uma enfermeira viria me buscar para realizar minha ultrassonografia. Despediu-se e saiu do quarto.

— Luc, onde está a Gabriela?

— Desceu com seu pai e Luísa. Foram na lanchonete ao lado do hospital, mas já devem estar chegando.

— Você tem notícias da minha mãe?

— Ela está no quarto ao lado, baby.

— Eu quero vê-la, Lucas.

Já ia me levantar, mas Luc se aproximou e me fez deitar novamente.

— Primeiro, você não vai sair por aí mostrando a sua bunda linda para os outros, nesse vestido horrível de hospital. E segundo, seu pai adora ameaçar

as bolas dos outros. E eu tenho um amor muito grande pelas minhas. E ainda quero ter filhos. Então, daqui você não sai de jeito nenhum até ele chegar. Foi o que ele me pediu.

— Onde está Nathan? Mas que merda! Se fosse ele, daria um jeito de me tirar daqui.

— Eu duvido, baby. Ele já fez dois filhos, mas disse que a fábrica não vai fechar ainda. Tem adoração por suas bolas. Então, se aquiete! Ele ia agir da mesma forma.

— Oh, droga! Que nervoso! Eu quero sair daqui. Onde está meu celular?

Luc pegou-o em cima de uma mesa e me entregou. Ele tinha colocado no silencioso. Passei o dedo na tela e tinha mais de trinta ligações perdidas, sendo que do número de Daniel tinham 20. Respondi a dos meus amigos que estavam preocupados e deletei as de Daniel.

Mandeí uma mensagem para Gisele e Levi pedindo-lhes um favor. Eles me responderam que já estavam providenciando tudo.

Só precisava de notícias de Sara e ver os meus bebês. E depois seguiria para o meu refúgio.

Papai e Gabriela entraram no quarto, e logo perguntei onde estava Luísa.

— Cadê minha pequena luz?

— Pedi a Ester que viesse buscá-la. Ela não tem idade para ficar em hospitais.

— É verdade.

Papai sentou-se ao meu lado na cama, segurou minha mão e começou a fazer círculos nela. E eu sabia que logo receberia uma notícia ruim. Foi assim quando perdi meu avô, quando meu cachorro morreu e quando tivemos a certeza de que Sara não voltaria mais para nós.

— Fale logo, papai. Só me deixe respirar profundamente e fale. Não me enrole mais.

Respirei, fechei meus olhos e pedi a Deus que me desse força. Assim que os abri, papai começou a falar:

— Sua mãe está morrendo, Nelly. Ela pediu muito. Aliás, chegou a suplicar que não contássemos para você. Ela queria que vocês se entendessem. Mas que fosse por sua vontade e não devido à doença dela. E eu só estou te contando, Preciosa, por ter a certeza de que vocês estão se reaproximando por causa de um único sentimento que é maior do que tudo: o amor.

Eu estava tão chocada que não percebi que estava chorando. Só vi quando Luc passou sua mão em meu rosto limpando as minhas lágrimas.

— O que ela tem?

— Sua mãe tem um câncer no estômago, Preciosa. Ela descobriu há quatro anos. Deu início ao tratamento. Na época, o médico disse que o câncer havia regredido e que ela podia levar uma vida normal. Mas há pouco tempo

descobriu que ele voltou. E voltou muito agressivo, alastrando-se para outros órgãos. E ela cansou de lutar, minha filha! Marcos e JP fizeram de tudo. Ela teve os melhores tratamentos.

Minhas mãos tremiam. Isso era tão injusto, meu Deus! Agora que eu abri meu coração para ter minha mãe de volta, ela iria me deixar de novo. Só que agora para sempre.

— Há quanto tempo vocês sabem disso?

— Desde que João Pedro me procurou, em dezembro. Na época, eu corri para vê-la. Ela ficou revoltada com ele, porque não queria que nós soubéssemos. Porém, entendeu a intenção dele. Ele não queria que ela morresse sem ter suas meninas de volta, mas pediu para não lhe contar, Nelly. Ela sabia que a sua mágoa era a maior de todos nós. E nós respeitamos o seu desejo — Gabriela me respondeu.

Meu coração doía tanto. Oh, meu Deus!

— Eu quero vê-la agora. E eu só vou dizer isso uma única vez. Eu não sou mais nenhuma criança. Eu tenho 24 anos. Não sou de cristal para se quebrar tão fácil. Vou ser mãe de duas crianças em breve. E, pelo visto, mãe solteira. Então, não me escondam mais nada. Passe-me uma roupa, Gabriela. De agora em diante só eu que vou ver a minha bunda. Vou tirar essa droga de vestido de hospital e ver a minha mãe.

Enrolei-me em um lençol e fui direto para o banheiro. Gabi me entregou uma sacola com calcinha, sutiã e um vestido. Troquei-me e saí. Papai quis me acompanhar, mas pedi para que me esperasse aqui. Agora éramos eu e minha

mãe.

Bati no quarto ao lado do que eu estava e logo a porta foi aberta. JP me disse que podia entrar. Olhei para seu rosto e sabia que havia chorado.

Dei alguns passos e parei. Olhei para aquela cama e vi deitada ali a primeira pessoa que amei incondicionalmente. Ela estava tão frágil, pálida, mas, ao mesmo tempo, tão linda. A mulher que me deu à luz, que passou noites comigo enquanto estava doente, que todas as madrugadas acordava e vinha ver se estávamos cobertas, abriu seus olhos e me encarou. Vi a primeira lágrima descer e ela soluçar. Ela sabia que eu já estava ciente de seu estado. Minha mãe sempre soube reconhecer cada passo que eu dava.

Ela abriu seus braços e, mais uma vez, eu me lancei ali, sem medo algum. Choramos juntas. Sem dizer uma palavra sequer, nos entendemos ali. Eu precisava dela e ela de mim. Eu sei que ela ainda iria abrir o seu coração para mim e estava preparada para ouvir. Mas, enquanto isso não chegava, eu queria tê-la por perto, cuidar dela e amá-la com tudo que havia em mim.

Mesmo sendo um dia tão difícil, eu ainda tinha que agradecer a Deus. Ele me deu uma segunda chance com a minha mãe, mesmo que breve. Mas eu ainda podia dizer para ela a frase que estava guardada em meu peito há oito anos.

— Eu te amo, mamãe.

— Eu sei, minha preciosa. Eu também amo você. Ou melhor, vocês. — Mamãe passou sua mão em meu ventre.

Queria tanto me sentir completa. Mas agora que recuperei Sara, eu perdi o amor de minha vida: Daniel.



Que merda que eu fiz, meu Deus?!

Eu surtei quando vi a porra daquelas letras.

As imagens voltaram tão nítidas à minha memória: meus pais, enquanto ainda sorriamos no carro, e ele veio para levá-los de mim.

Caramba, eu preciso parar e pensar!

Mas que porcaria! O destino só podia estar brincando comigo, rindo da minha cara. Por que isso tinha que acontecer? A morte dos meus pais ser ligada à única pessoa que amei em minha vida.

Estacionei meu carro e corri para dentro de casa. Não era de beber, mas hoje eu necessitava. Abri os armários e não encontrei nada. Na geladeira achei uma garrafa de vinho, abri e comecei a beber ali mesmo. Precisava colocar as ideias no lugar. Liguei a TV da sala e sentei no sofá. Só via as imagens passando e mais nada. Por fim, já havia bebido a garrafa inteira. E caralho! Era a garrafa que iria beber para comemorar hoje.

Porra! Era hoje o exame para saber o sexo dos meus filhos.

Peguei meu celular e comecei a ligar para todos. Nem Levi, Felipe, Enrico ou Nate estavam com ela para me dar notícias.

Tentei por último o meu primo e ele atendeu.

— Luc, você está com a Nelly?

— *Primeiramente, seu idiota, bom dia!*

— Sem gracinhas, Lucas. É sério. Tem notícias da Nelly?

— *Não. Eu estou no laboratório. Vim buscar alguns papéis que meu pai precisa assinar. E você também.*

— Luc, tente contato com ela ou o pai. Eu preciso saber se ela está bem.

— *Como assim? Que caralho você fez, seu imprestável? Porra, Daniel! Eu juro que vou te socar inteiro.*

— Não me julgue, imbecil! Eu surtei. Eu descobri o carro que matou meus pais, Lucas. Foi um dos carros do pai da Nelly. Foi ele, Luc. Ele os tirou de mim.

Ouvi Lucas xingando muito do outro lado da linha.

— *Daniel, eu estou contando muito aqui, sabe? Acho que vou ter que chegar a mil para não entrar no carro e ir à sua casa e bater muito essa sua cabeça oca na parede. Seu otário, burro e imbecil! Ligue os pontos, Daniel.*

Nunca poderia ter sido o Rafael, sua anta! No mesmo instante do acidente com seus pais, ele estava na apresentação de dança com a Nelly, esperando por vocês. Ela mesma nos contou isso. Agora veja o tamanho da merda que você fez. Tenho certeza de que você magoou a mulher da sua vida. E pelo que a conheço, você está fodido!

Ai, cacete! Eu estava realmente lascado. Passei a mão repetidamente nos cabelos e comecei a andar de um lado para o outro, ainda com o celular na mão. Só saí dos meus pensamentos ao ouvir o toque da campainha e do outro lado da linha, Luc gritando que iria atrás da minha menina e que eu não saísse de casa, pois ele tinha certeza de que eu tinha bebido.

Agradei e desliguei o celular. Segui em direção à porta, gritando para que tivessem um pouco de paciência que já estava chegando para abrir. Girei a chave e a porta foi aberta por quem estava do outro lado. E bem, eles não estavam com cara de bons amigos.

Levi, Enrico, Felipe e Nathan me olhavam com ódio.

— Ok, quem será o primeiro? Só aconselho a não bater no... — Não houve tempo de Felipe terminar o que estava dizendo. Nathan avançou e me deu um tremendo soco na cara.

— Certo. Também aconselho a não bater no... — Novamente, Felipe não conseguiu terminar. Levi veio e me acertou no estômago e nas partes baixas. Caralho! Eu caí gemendo de dor no chão.

— Eu ia dizer para não bater nem no rosto do menino bonito e nem no seu brinquedo. Nelly vai ficar revoltada conosco. Agora ele ficou com a porra do

olho roxo e não vai conseguir fazer mais bebezinhos por alguns dias, seus palhaços!

Enrico veio em meu socorro, ajudou-me a levantar e sentar no sofá da sala. Puxou um pouco a mesa de centro, sentou e começou a falar:

— Eu vim com a intenção de te quebrar, Daniel! Mas, pelo visto, você já está quebrado e não é só por fora. Acho que você já viu o tamanho da confusão que criou. E, pelo que eu conheço da Pimentinha, eu sinto lhe informar que não será fácil tê-la de volta.

Eu não conseguia olhar nos olhos do meu amigo de infância. Apesar de ser um homem que foi tão quebrado e com todos os problemas que carregava, ele estava aqui colocando seus problemas de lado e me ajudando.

Lipe deitou no outro sofá enquanto Levi e Nathan andavam de um lado para o outro na sala. Aquilo já estava me deixando tonto.

— Dá pra vocês dois pararem de andar de um lado para o outro?

Levi parou e me encarou. Seu olhar era frio em minha direção.

— Você tem noção do quanto ela já sofreu nessa vida? De quantas noites aquela menina corria para mim, buscando um pouco de conforto para o seu sofrimento? As lágrimas que ela derramou achando que não era uma boa pessoa e que não devia ser amada por ninguém? Ela foi abandonada pela própria mãe. E você fez a mesma coisa. Só que pior. Deixou-a só e com dois filhos na barriga.

Oh, Deus! Esse foi o pior dos socos, porque doeu na minha alma.

Nate se aproximou, pedindo licença a Rico e se sentou na minha frente.

— E agora? Você vai ficar aqui sentado, bebendo e chorando pela burrice que fez, ou vai correr atrás da sua mulher e de seus filhos?

— Eu não sei o que fazer, Nate. Sou a porra de um homem de 30 anos sem noção do que fazer na vida.

Nathan começou a gargalhar. É sério isso? O infeliz estava rindo de mim. E contagiou a todos na sala. Levi, Rico e Lipe se juntaram a ele. Porém, vi que ele tentava respirar fundo para parar de rir.

— Eu daria tudo para vovó assistir a essa cena. Seu neto querido, sentado aqui na minha frente, igual um menino perdido, praticamente nos pedindo ajuda. Você sabe o que ela ia fazer, né?

— Eu sei. Ela iria no quintal da casa dela onde tinha um pé da goiabeira e arrancaria um galho e faria o bichinho vibrar batendo nas minhas pernas. Igual fazia com você quando era pequeno.

— Aquela porra doía! Eu tinha que ir para a escola de calça jeans até que as marcas saíssem.

— Sinto saudades da vovó.

— Eu também, mas como ela não está aqui para te bater, eu fiz do meu jeito. Acho que fiz direito. Seu olho está em um tom muito bonito de roxo.

— Idiota! Isso está doendo. Eu estou todo dolorido. E no meio das minhas pernas está pior.

O celular de Levi tocou e ele se afastou para atender. Porém, assim que ele voltou para a sala, eu ainda pude escutar um pouco da conversa.

— Ok, ruiva. Você tem certeza de que é isso que quer? Certo. Eu vou te buscar. Beijos. — Levi desligou o celular e me olhou. — Você está fodido! Nem tente chegar perto dela, pelo menos agora. Vocês dois acabaram falando e ouvindo o que não queriam. Deixe-a esfriar a cabeça.

— Ela rejeitou todas as minhas ligações. Mas que inferno! Eu preciso saber como ela está. Eu vou lá.

Tentei me levantar, mas Nate me segurou.

— Mas não vai mesmo! Fedendo a bebida, de jeito nenhum. Eu só sinto lhe informar que você vai perder a ultrassonografia dos seus filhos. Ela deve estar fazendo agora.

Eu já estava me desesperando.

— Me deixe ir, Nathan. Ainda dá tempo de chegar lá. Ela é minha. Eles são meus.

Felipe se levantou do sofá e se aproximou, sacudindo-me.

— Daniel, eu juro que não queria fazer isso, apesar de você merecer. Mas vou sentir um imenso prazer. Só assim vou ficar mais bonito que você por alguns dias.

Felipe me deu um tapa na cara no mesmo local que o Nate havia me batido.

Doeu, mas fez a ficha cair. Eu tinha que ter meu mundo de volta e faria de tudo para corrigir o meu erro.

Desabei e chorei. Chorei por não estar ao lado de minha mulher. Chorei de saudade dos meus pais. E chorei por não ouvir o meu coração.

— Precisamos pensar em algo que mexa com as estruturas da Nelly para ela perdoar esse otário. — Levi tentava arquitetar um plano junto com Rico e Lipe para trazer minha menina de volta.

E Nate estava atendendo alguém no celular. Logo, ele retornou com o olhar assustado, fazendo minhas pernas tremerem. Balançou o aparelho na mão e começou a falar:

— Era o Rafael. Ele... ele descobriu quem estava dirigindo a carreta no dia do acidente.

O tempo passava e Nate não conseguia falar mais nada.

— Fale logo, Nathan! Agora!

— Foi o Marcos, Dan. O marido da Sara. Foi ele que matou seus pais.

Santo Cristo!

Desabei de joelhos no chão e chorei ainda mais, porque o homem que

destruiu os alicerces da minha menina foi o mesmo que abalou os meus.



28

Nelly

UMA MÃO GRANDE ACARICIAVA A minha, que era pequena e delicada, e dois olhos azuis carinhosos me encaravam. Mas não eram os olhos de quem me amava. Não era ele que estava ali comigo neste momento especial. Era apenas o Lucas.

— Nelly! — Saí do meu devaneio ao ouvir a voz do Dr. Rodrigo.

— Oi, doutor.

— Seus bebês estão bem. E quanto ao sexo, você quer saber agora?

Não era certo. E não era justo comigo e com Daniel. Eram os *nossos* bebês.

Olhei para o par de olhos azuis ao meu lado e percebi que já sabia a minha decisão, porque ele me conhecia.

— Obrigada por me acompanhar, Luc. Espero que não fique chateado comigo, mas não será hoje que saberemos o sexo das crianças. Eu não consigo, Lucas. Sem ele ao meu lado, não consigo.

— Graças a Deus! Não aguentava mais a porra do meu celular vibrando de minuto em minuto com mensagens do Daniel. Vou ligar para ele e falar o que você decidiu.

Respirei profundamente e assenti para Luc.

— Dr. Rodrigo, não será hoje. Mas só de saber que meus bebês estão saudáveis, já estou bem melhor. Guarde para você a informação. E quando eu voltar com o meu noivo, faça-me ainda mais feliz me dando esta notícia.

— Certo, mamãe ruiva. Vou te passar a receita de mais uma vitamina e estará liberada para ir para casa.

— Obrigada, doutor.

Enquanto Luc estava conversando no celular, eu peguei minha receita e me despedi de doutor Rodrigo e fiz sinal para Lucas, que o esperaria do lado de fora.

Abri a porta do consultório e dei de cara com todos os meus amigos.

Rico passou por todos e abriu os braços para mim. As lágrimas teimavam em querer descer por meu rosto. E com esse gesto de Enrico, eu não consegui contê-las mais. Por isso, o abracei e chorei.

— Ei, Pimentinha. Vamos embora. Mamãe e Nana prepararam um lanche gostoso para você. Levi e Gisele pegaram o que você precisava. Seu chalé já está pronto. E Lipe e Carlinha já escolheram filmes e compraram potes de sorvetes. Está preparada para tudo isso?

Enxuguei minhas lágrimas e fiz sinal que estava pronta. Eu estava novamente com eles, que me ampararam em momentos tão difíceis da minha vida.

Segui abraçada com Enrico para o carro. E graças a Deus não era o louco do Felipe na direção, o que eu até estranhei. Ele sempre adorou dirigir, nunca perdia a chance.

— Lipe, por que você não exigiu dirigir o carro?

Ele me olhou e sorriu com a cara mais sem-vergonha desse mundo.

— Minha mão está doendo.

Segurei suas mãos e não vi muita coisa diferente, a não ser a mão direita um pouco inchada.

— O que você aprontou?

Lipe ergueu as duas mãos em sinal de completa inocência. Coisa que ele não era mesmo!

— Eu sou INOCENTE! Ele pediu por isso. Eu só clareei as ideias dele. E não me julgue. Tô me sentindo ótimo. Pelo menos por hoje, eu sou mais lindo e gostoso que o moço bonito.

Eu praticamente gritei dentro do carro:

— Santo Cristo! O que vocês fizeram com ele?

Carla, que estava no banco da frente, ao lado de Enrico, se soltou do cinto e olhou enfurecida para Felipe.

— Fale agora a merda que você aprontou. Não esqueça que papai está na casa de Levi. Ele acerta o seu passo rapidinho.

Rico começou a rir na direção. E juro que eu tentei segurar. Mas o olhar assustado de Felipe me fez rir também.

— Papai não, merda! A mão dele é pesada. Dói pra porra! E eu sou INOCENTE mesmo. Eu tentei falar, mas eles não deixaram. Nate começou e acertou o rosto de Dan e depois foi a vez de Levi honrar a nossa família. Ele fez a nossa Moranguinho chorar. Merecia outro tapa na cara. E eu só dei porque ele estava surtando. Por culpa dele, agora eu vou ser obrigado a assistir filme de menininha hoje e fingir que não estou chorando. Maldito Sparks!

— Diário de uma paixão?

— É o seu preferido, Moranguinho. Não podia faltar.

Segurei a mão de Lipe e agradeci.

— Obrigada. Vamos de *Velozes e Furiosos* depois, ok?

— Mas é lógico! Aqueles carros são fodas! Só odeio as partes que vocês suspiram pelo Vin Diesel e pelo Paul Walker. Por que ninguém faz isso comigo? Eu sou gostoso também. — Lipe fez um bico enorme, que nos fez gargalhar.

Eu sei que eles estavam tentando me descontrair, mas meus pensamentos estavam em Daniel.

— Ele está muito machucado, Lipe?

Felipe me olhou concentrado por alguns segundos antes de me responder:

— Vocês se amam, Moranguinho. Eu daria tudo para ter alguém que sentisse isso por mim, que enxergasse o meu verdadeiro eu. Não deixe isso escapar de vocês. Não espere tanto para procurá-lo. Ele está bem, só bebeu demais. Nate está com ele.

Eram raras as vezes que vi Felipe falar algo seriamente. E isso mexeu comigo. Ele tinha algo dentro dele tão bem guardado que somente uma pessoa especial seria capaz de desvendar. Passei minha mão sobre a dele e a apertei.

— Obrigada por isso. E eu não vou deixar a minha metade se perder. Eu não suportaria viver incompleta. Só preciso de algumas horas para pensar.

Lipe sorriu e gritou com Enrico:

— Rico, isso não é uma bicicleta, porra! Acelera esse carro que eu estou faminto! Preciso me alimentar. E a torta de Bis da Nana me espera.

Oh, Deus! Meu estômago roncou. Que vergonha! Todos riram.

— Lipe, eu quero. Divide comigo?

— Só com você, Moranguinho. Meus irmãos obesos não podem apreciar

as coisas deliciosas da vida.

Em uníssonos, Rico e Carlinha gritaram:

— Idiota!

Carlinha olhou para Rico, que depois olhou para ela e Lipe. Só faltou Levi, porque estava no outro carro.

— Caramba, parabéns para o papai e a mamãe! Nós somos deliciosos!

— E bem modestos. — Agora foi a vez deles gargalharem com a minha conclusão. E assim, nós seguimos para o lugar que sempre me trouxe tranquilidade: meu chalé e a lagoa.



Fomos recepcionados por tio Lorenzo, que estava sentado em uma cadeira na varanda, folheando um livro.

— Boa tarde, tio Lorenzo.

— Quase noite, pequena Nelly. Você está melhor? Os meninos me falaram o que aconteceu.

— Vou ficar, tio. Só preciso pensar um pouco.

— Vem cá, deixe-me te dar um abraço.

Abracei tio Lorenzo e logo depois ele me pediu para entrar.

Na cozinha, a mesa estava posta. Nana me serviu com muito carinho. Eu e Lipe nos fartamos com a sobremesa e logo depois seguimos para a sala. Levi apagou as luzes e o filme começou em seguida.

Todos ao meu redor estavam concentrados no filme: Gisele, deitada no colo de Levi; Rico ao meu lado; e Carla suspirando com as pernas esticadas em cima de Lipe. Mas eu não conseguia prestar atenção em nada. Já me sentia sonolenta e minha mente estava em um lugar muito diferente.

Meus pés descalços tocaram a areia morna da lagoa.

À frente avistei um banco e decidi me sentar. Fechei meus olhos e tentei ouvir a voz de meu coração, enquanto acariciava minha barriga arredondada. Porém, logo senti alguém se aproximar de mim e sentar ao meu lado.

— *Não precisa abrir seus olhos. Eu só queria saber se vocês estão bem.*
— *A voz suave não me era estranha. Decidi conversar, porque me fez bem e me trouxe calma e serenidade.*

— *Se eu disser que sim, você acreditaria?*

— *Nem por um segundo.*

— *Eu estou péssima, com o coração apertado e com a certeza de que ainda sou uma mulher quebrada. Eu não estou bem.*

— *Queria poder te ajudar.*

— *Eu sei. Eu preciso tanto disso. Sinto-me tão perdida. Tenho tanto medo.*

— *Medo do quê, menina?*

— *De perder o meu grande e único amor.*

— *Oh, não! Ele te amou desde o primeiro instante que te viu. Você nunca o decepcionou.*

— *Como você sabe disso?*

— *Você é especial, menina. E ele sabe disso. Antes dele nascer, Deus já havia escrito a história de vocês.*

Eu estava cansada e com uma vontade imensa de chorar. Mas nem para isso tinha forças. Porém, meu peito doía e eu buscava por ar. Era como se estivesse sufocando.

— *Respire, menina. Vá para a beira da lagoa e dance. Eu estarei ali com você.*

— *Posso abrir meus olhos? Preciso ter certeza de que não estarei sozinha.*

— *Vá agora, menina. Eu nunca menti para você. A cada vento suave que sentir em sua pele, saberá que estarei ao seu lado. — Senti uma brisa suave*

me tocar e minha pele se arrepiar completamente enquanto a voz suave foi se distanciando. — Dance, bonequinha de porcelana, dance. Vá se sentir livre! Eu estarei contigo, assim como estou com ele agora.

Santo Cristo! Bonequinha de porcelana?

É ela, meu Deus!

Senti alguém acariciando meu rosto e sussurrando meu nome:

— Acorde, Pimentinha. Vamos! O filme já acabou, dorminhoca. — Era a voz de Enrico me chamando.

Eu dormi, meu Deus! E tudo não passava de um sonho, um sonho com Amanda. Só ela me chamava assim. Jesus! Eu precisava de ar e dançar.

Levantei-me e fui em direção ao outro sofá e Levi me encarou. O engraçado é que nunca precisava falar nada. Ele sabia quando eu precisava me soltar, me sentir livre.

Ele deu um beijo na testa de Gisele e foi em direção ao seu quarto. E voltou de lá com o violão nas mãos e um sorriso no rosto. Em seguida, fez sinal para que todos o seguissem.

Chegamos às margens da lagoa. A fogueira queimava ao nosso lado, amenizando um pouco o friozinho da noite.

Quando ia pedir uma música, ele começou a dedilhar a canção que estava gritando no meu coração e mente: *Whithout you*.

Fechei meus olhos e me deixei levar no ritmo da canção. Levi tocava especialmente para o momento que eu estava vivendo. Era tudo que eu precisava. A música vinha suave aos meus ouvidos. Sua voz estava mais grave, embargada. Acho que a canção também falava ao coração do meu amigo.

— Dance comigo, Moranguinho. Só assim, eu vou conseguir fazer bonito com as gostosas da Itália.

Abri meus olhos e vi que Lipe me olhava, esperando uma resposta. Estendi minha mão e começamos a dançar juntos.

— Me deixe guiar você agora, Moranguinho. Eu sou o cara aqui, porra!

— Eu não consigo. Só ele fez com que me rendesse. Não dá, Lipe.

Lipe fez sinal para alguém atrás de mim. E Rico apareceu ao nosso lado, entregando a Felipe um tecido de seda vermelho.

— Eu vou te vender, Moranguinho. E enquanto Levi estiver cantando, pense que quem está aqui com você não é esse moço gostoso e sim o seu moço bonito que você tanto ama. Tente, Moranguinho. Sinta isso!

E eu fiz.

As mãos de Lipe se afastaram de meu corpo. Mas logo senti outro toque. E esse queimava a minha pele, me aquecia, me fazia sentir algo único que só quem amou um dia pode definir. Eram as mãos do meu homem me tomando, voltando para mim.

*Não posso apagar, por isso vou assumir a culpa
Mas eu não posso aceitar que estamos afastados
Sem você*

*Eu não posso desistir agora, isso não pode ser o certo
Eu não posso ter mais uma noite sem dormir
Sem você*

Seu cheiro estava me envolvendo. Em poucas horas sem sentir o seu toque, já estava insuportável viver sem ele. E ainda de olhos fechados, eu levei minhas mãos ao seu rosto e ele gemeu ao meu toque. Enquanto Daniel tirava a venda dos meus olhos, ele passou seus dedos em meus lábios e logo me beijou. Um beijo com misto de saudade, necessidade, paixão, amor e desejo. E eu me senti retornando para casa. Afastamo-nos ofegantes e continuamos a dançar, ao som da voz de nosso amigo.

Não eram necessárias palavras. Nós havíamos errado e aqui estávamos nos entendendo. Mas, por fim, ele me surpreendeu mais uma vez. Ou melhor, Amanda me surpreendeu.

Daniel pediu que alguém se aproximasse. E vi Gisele caminhando em nossa direção e entregando uma caixa a ele. Em seguida, ela voltou para junto de nossos amigos enquanto Dan pediu que eu abrisse a caixa.

— Antes que você veja o que tem aí dentro, eu preciso dizer que ela tem razão. Você é uma bonequinha de porcelana. Tão linda e delicada. E merece ser cuidada. E eu sou o homem de sorte a fazer isso.

Abri a caixa e me surpreendi. Nunca encontrei algo igual. Era eu. Uma boneca de porcelana com meus cabelos vermelhos, vestida em minha roupa de balé cor-de-rosa. Oh, Deus! Ela mandou fazer isso.

— Como você sabia?

— Eu não sabia, Preciosa. Ela me disse. Eu sonhei com ela esta tarde. Meu plano e o dos meninos era te levar para a escola de dança e te surpreender. Mas ela me trouxe aqui e me disse somente para sentir. E isso me fez lembrar dessa boneca. Revirei a caixa com suas coisas e encontrei. Era para ser sua, minha menina. Por isso, não me desfiz de nada.

Amanda sempre amou intensamente. E esse presente era mais uma prova disso. De seu amor puro e incondicional.

Levi continuava a cantar. E Daniel envolveu minha cintura e juntos dançamos mais uma linda canção. E o vento suave passou e nos tocou de tal forma que nos arrepiou, nos fazendo sorrir e, ao mesmo tempo, sentir que ela estava feliz por nós. Daniel se ajoelhou e beijou duas vezes a minha barriga.

— Um beijo para cada um.

— Ei, e se forem três, quatro ou mais?!

— Porra! Aí, eu vou rir da cara de Nate. Em um tiro só acertei muito mais que ele. Eu sou foda!

Joguei minha cabeça para trás e gargalhei, mas logo me lembrei de que meu homem estava machucado. Ajoelhei-me também e passei a avaliar seu

rosto.

— Você está ferido. Aqueles idiotas te machucaram!

— Agora eu estou bem, Preciosa. E mereci isso tudo. Eles me avisaram o que aconteceria se eu te magoasse.

Olhei para os meninos sentados próximos à fogueira e eles começaram a rir da minha cara. Merda, eu estava brava! Não era motivo de riso. Os três mandando beijinhos e soprando foi o fim. Mostrei a língua para eles, lógico! E vi que até minhas amigas traidoras riam sem parar. Daniel se levantou e me tomou em seus braços, carregando-me para perto do fogo. Estava ventando bastante próximo à lagoa.

— Levi, já está tudo pronto?

— Sim, tudo como você pediu. E seu burro, ela está grávida! No lugar do vinho, eu coloquei um delicioso suco de uva que o irmão de Pietro me deu na Itália.

— Obrigado. E não me chame de burro, seu imbecil!

Já estávamos quase no chalé, quando Lipe gritou:

— Ei, moço bonito! Se não aguentar o fogo da Moranguinho, é só gritar que corro para o chalé e faço o serviço!

— Eu vou te matar, seu maldito!

— Ele faz para te provocar. Não fique estressado com isso. — Morri de

rir.

— Aquele filho da p...

— Opa, não fale da titia. Ela é uma heroína. Cuidar daqueles quatro deve ser muito difícil. Mas, me diga, o que você vai fazer comigo?

Daniel abriu a porta do chalé e tive uma visão do que me aguardava. A mesa posta com um lindo jantar, bebidas, sobremesa. Mas o que me chamou a atenção foi a lareira da sala queimando e várias mantas e almofadas espalhadas no chão. Velas acesas e a mesma música que dançamos há pouco tempo estava tocando.

Em seguida, senti minhas costas na parede e o corpo de Daniel grudado ao meu.

— O que eu vou fazer com você, Preciosa? Eu vou te amar até o amanhecer, fazê-la gemer e gritar o meu nome. Está preparada?

Gemi apertando minhas pernas e me esfregando em seu membro já pronto para mim.

— Oh, Deus! Me faça sua!

— Você é minha!

E minha noite de reconciliação e prazer só estava começando.



O toque insistente de um celular me obrigava a sair dos braços do meu homem, que se remexeu na cama.

— Não atenda.

— Mas é a terceira vez seguida que ele toca. E se for algo urgente?

— Merda, Preciosa! Queria ficar o dia todo só com você, mas atende isso. Deve ser importante mesmo.

Atendi ao celular. Era minha mãe. Acho que surtei um pouco, porque Daniel me sacudiou perguntando o que estava acontecendo.

— Marcos está morrendo. Minha mãe está muito mal e está sozinha no hospital. Eu preciso ir.

Dan me segurou pelos ombros.

— Espere. Você ainda não sabe, porque pedi para que ninguém te contasse. Já conversei até com seu pai pedindo perdão por minha atitude infantil quando o culpei pela morte dos meus pais. Mas ele descobriu que quem dirigia a carreta que os matou era o Marcos, Preciosa.

Santo Cristo! Mais uma notícia para virar meu mundo do avesso

novamente.

E como em um *flashback*, em um piscar de olhos, eu fui transportada anos atrás.

Marcos estava machucado e sangrava enquanto estava com minha mãe naquela cozinha.

Em um dia ele quebrou dois corações: o meu e o de Daniel, marcando nossas vidas para sempre. E agora estávamos seguindo juntos para o hospital para encarar o que o destino nos proporcionaria. Chegamos à entrada do Hospital de Rio Doce e nos informaram que podíamos seguir para a UTI.

Sara nos esperava do lado de fora. Ela estava sentada de cabeça baixa em uma poltrona. Mas ao ouvir nossos passos, ela nos olhou e ficou pensativa. Levantou-se e passou a caminhar de um lado para o outro. Eu não entendia o porquê de tanto desespero. Minha mãe abriu sua bolsa procurando por algo, porém, logo que o encontrou, retirou-o dali. Em seguida, pegou seu celular e verificou algo como se buscasse por respostas.

Vi seus olhos lacrimejarem e as primeiras lágrimas caírem, seguidas de outras. Sara parou na minha frente e suas pernas cederam, mas eu consegui ampará-la e a coloquei sentada na poltrona. E mesmo nervosa e desesperada, ela conseguiu falar conosco:

— A data e as horas marcadas na carta estão corretas. E me dói tanto ter que fazer isso. Não consigo acreditar que era você naquele carro, Daniel. Eu só sabia do acidente, mas nunca soube com quem tinha sido. Marcos sofreu tanto e os sonhos constantes aliviavam a sua dor. A sua vida e a de Nelly

sempre esteve ligada, e essa carta que vou lhe entregar comprova isso. — Minha mãe estendeu a mão e entregou a carta ao Daniel.

Ele procurou uma cadeira e se sentou. Pelo visto, leu e releu a carta várias vezes. Sua expressão era de choque, mas logo se levantou e pediu para que pudesse entrar e ver o Marcos.

Sara lhe deu permissão e chamou a enfermeira. Do vidro podíamos ver os dois. Meu homem estava tão ferido e perdido. Porém, como sempre, o amor dentro dele gritou e falou mais alto. Dan se aproximou e sussurrou algo no ouvido de Marcos e logo saiu.

Ouvimos os sons dos aparelhos e, em seguida, vimos os médicos e enfermeiros se movimentando. Contudo, era chegada a sua hora e tio Marcos partiu logo após ouvir a voz de Daniel.

Aproximei-me do Daniel, que me estendeu a carta. Nela, só estava escrito poucas palavras:

“Daniel,

Eu e seu pai o amamos mais do que todas as estrelas do céu multiplicadas por mil. É um amor infinito, meu filho. Sem medidas ou barreiras. Então sinta, ame e perdoe.”

Rapaz, essas foram as palavras que uma moça loira me disse em um sonho para serem transmitidas a você. Ela me disse também que o seu nome

era Daniel.

Eu só preciso ouvir uma palavra para ter paz e descanso: o seu perdão.

Perdoe-me por fazê-lo sofrer, por tirar as pessoas que lhe deram a vida. A minha foi perdida ali também. Nunca me perdoei por isso até ouvir da moça em meus sonhos que ela estava bem, feliz e que não me culpava por nada.

Tire essa dor de mim, Daniel.

Só preciso ouvir o seu perdão.

Marcos

Eu li e ouvi da boca de Daniel o que meu coração já havia me dito:

— Eu o perdoei, Preciosa.

E meu homem chorou. Me abraçou em busca de um lugar seguro. Lágrimas de libertação e recomeço, rolavam por sua face. Ao perdoá-lo, ele estava em paz com seus sentimentos.

E em meu coração, eu perdoei o homem que do outro lado do vidro tinha acabado de encontrar tranquilidade para sua alma aflita.



29

Daniel

ESCUTANDO O BIPE CONSTANTE DO aparelho do outro lado do vidro e vendo o corpo inerte de Marcos, eu vi como meu mundo mudou em menos de 24 horas. Encostei minha testa no vidro gelado, fechei meus olhos e relembrei o dia atribulado que passei...

Eu senti o chão embaixo de meus pés sumir ao descobrir a origem da maldita letra. Eu afastei a minha mulher por não ouvir a voz de meu coração. Foi um dia muito intenso.

Senti a água fria batendo no meu corpo e minha vontade era de socar o idiota do meu primo.

— Nate, seu imbecil! Tinha que me jogar de roupa e tudo no chuveiro? E ainda com água fria, porra!

— Mas é lógico. Meus olhos não são obrigados a enxergar essa merda que você carrega no meio das pernas.

Um sorriso largo surgiu nos meus lábios.

— Isso que você está sentindo, Nate, se chama inveja. Isso aqui embaixo fez em Nelly o que você não conseguiu fazer na sua mulher. Gêmeos, caramba! Eu sou foda!

— Você é a porcaria de um bêbado neste momento, isso sim. Termina esse banho para que possa descansar e corrigir a burrice que você fez com seu Rafael e Nelly.

Continuei a rir. Nate me deixou sozinho no banheiro e saiu murmurando, como é que eu consegui isso de primeira e ele não.

Meu sorriso sumiu. Neste momento, eu só olhei para o alto e agradei por não estar mais sozinho e ter a quem entregar esse amor que existia em mim e que estava guardado há tanto tempo. Deus foi generoso comigo e eu só podia glorificar por isso. E fazer de tudo para ser o melhor marido e pai do mundo.

Tirei minhas roupas, terminei meu banho e minutos depois já estava caído em minha cama e adormeci sendo guiado para um sonho lindo onde podia ouvir a voz doce de minha mãe e sentir o seu amor sem medida por mim.

Acordei renovado. A tarde estava um pouco fria. Vesti-me, precisava comer algo e logo procurar por seu Rafael. Cheguei à sala e encontrei meus dois cães de guarda me esperando: Nate e Lucas.

Ao sentir a minha presença, Luc deu um pulo do sofá e veio em minha direção como um leão na captura de sua caça.

Jogou-me na parede e apertou o meu pescoço. Eu podia muito bem revidar, mas eu sabia que ele precisava fazer isso. Até pouco tempo atrás, eu

via nos olhos de meu primo o quanto ele amava Emanuely. E, hoje, Lucas a via como uma amiga, uma irmã. Porém, sabia que se sentia protetor em relação a ela. Eles viveram muitas coisas juntos.

Lucas apertava o meu pescoço e consegui folgar um pouco na medida em que ele desabafava comigo:

— Nunca mais, Dan! Você entendeu o que estou te dizendo? Não a faça sofrer nunca mais! Ela se fechou, porra! Do mesmo jeito de quando a conheci, quando aconteceu aquilo tudo com a mãe dela. E você é um imbecil por ter feito isso com Nelly! Eu passei essas últimas horas com ela. Sabe por que, seu idiota? Porque ela confia em mim. E olha que eu fui a segunda opção. A primeira foi Levi. Mas ele tinha que te encontrar e descontar toda a raiva que estava sentindo por você. E vejo que fez um trabalho muito bonito. Olha o seu rosto. Está horrível!

Enquanto Nate estava esparramado no meu sofá, rindo sem parar, consegui afastar a mão de Lucas do meu pescoço e respondi:

— Não foi Levi que fez isso. Ele me bateu também, lógico! Mas o estrago no meu rosto foi obra do otário que está esticado ali no meu sofá.

Lucas olhou incrédulo para o próprio irmão. Porém, logo um sorriso de orgulho surgiu em sua boca.

— Parabéns, irmão mais velho. Tenho certeza de que se contar esse seu feito para a louca da sua mulher, vai ter uma noite de sexo fantástica.

Nate deu um pulo do sofá e gritou na mesma hora:

— *Meu celular. Onde está?*

Olhei para a mesa de centro na sala e as coisas de Nate estavam todas ali. Chamei-o e apontei. Ele pegou o celular. Deslizou o dedo na tela e seus olhos se arregalaram.

— *Caralho! Trinta ligações de Gabriela. Eu estou fodido, isso sim. Casinha do cachorro para mim é pouco, hoje. Vou ter que dormir na barraca da Barbie rodeado de bonecas. Oh, merda! Vou embora. — Porém, antes de sair, ele parou na minha frente e analisou meu rosto. — Cara, eu sou foda! Eu consegui te deixar menos bonito. Porra, que eu estou com orgulho de mim mesmo! — E abriu a porta de casa e foi embora gargalhando da minha cara.*

Luc estava agora sentado na minha poltrona e me encarava.

— *Eu mereci isso tudo, não foi?*

— *Daniel, se fosse eu, você não estaria nem andando. Agradeça aos céus por isso.*

— *Como ela está?*

Luc respirou profundamente e seu olhar era de dor.

— *Ela está tentando ser forte. Foi um dia de dores para Nelly. Esse surto que você teve e o seu afastamento, a descoberta real da doença de Sara machucou-a demais. Mas ela é uma guerreira e, como sempre, vai se erguer, se levantar. E espero que você esteja ao seu lado.*

Abaixei minha cabeça e senti meu peito doer. A minha mulher precisava

de mim e eu estava aqui totalmente perdido.

— Eu preciso agir. Vou conversar primeiro com o pai dela e depois vou atrás da minha vida, do meu coração, da minha Emanuely.

Luc se levantou do sofá fazendo cara de nojo.

— Que foi, Lucas, alguma coisa errada? Acha que devo dar espaço para ela? Eu não aguento, Luc. Eu preciso olhar, sentir, tocar nela.

— Não há nada errado. É só que Nate tem razão. Você é nojento. Um homem grande, apaixonado e meloso. Bléca para você!

— Vai se lascar, Lucas! Eu ainda vou te ver maluco por uma mulher.

O corpo de meu primo chegou a tremer na minha frente. Ele tentou disfarçar, mas eu pude ver a dor passando por seus olhos. Ele estava sofrendo. Depois sussurrou, mas eu pude ouvir enquanto ele se afastava indo em direção à cozinha:

— Isso se um dia eu encontrá-la. Minha Rubi.

Lucas pegou dois copos, colocou gelo e nos serviu um suco de laranja. E pegou em cima da mesa um prato com alguns sanduíches.

— Coma. Tome esse suco e o remédio que a avó de Nelly mandou para você. E depois suma daqui e conserte sua merda. Mostre que você é merecedor da bela mulher que te ama tanto.

— Eu mostrarei.

Sentamos em silêncio e comemos. E pouco tempo depois, eu já estava na porta da casa de seu Rafael, pronto para colocar meu mundo nos eixos de novo.

Toquei a campainha e aguardei. Para minha surpresa, quem abriu a porta foi a tia de Nelly, vestida em um enorme roupão. E ao olhar para mim, percebi que ficou bastante envergonhada.

— Er... Olá, Daniel! Nelly não está em casa.

— Boa tarde, Rachel. Eu sei que ela não está, vim conversar com o pai dela.

A porta foi aberta por completo e atrás de Rachel apareceu o pai de Nelly me encarando muito sério. Esse homem era assustador. Agora eu entendia o pavor de Nathan em relação a ele.

— Vá para o quarto, Rachel. Eu e esse menino precisamos conversar.

A tia de Nelly me deixou surpreso ao sorrir, me abraçar e, em seguida, falar baixinho em meu ouvido:

— Não tenha medo. Rafael é um bom homem. Mas, acima de tudo e de todos, ele ama e protege as suas filhas e seus netos. Então, seja sincero. Abra seu coração e tudo dará certo. Fico feliz por você não esperar para ter a sua metade ao seu lado de novo. Eu esperei mais de vinte anos, Daniel, para ser inteira novamente.

Rachel se afastou e subiu para um dos quartos, deixando-me sozinho com

um Rafael bastante intimidador, que apontou para o sofá da sala.

— Sente-se.

Sentei-me e o encarei. Sei que ele esperava que eu iniciasse a conversa, mas as palavras estavam presas em minha garganta. Nada saía. Fechei meus olhos e lembrei da última frase que minha mãe me disse esta tarde no meu sonho.

— Tenha fé, meu filho.

Respirei várias vezes e, então, comecei a falar:

— Bom, seu Rafael...

— Só Rafael.

— Ok, Rafael. Eu vim lhe pedir perdão pela atitude infantil que tive hoje pela manhã. Eu não conseguia pensar. Ao ver as imagens do acidente passando diante de mim, aquilo mexeu comigo de tal forma que me fez perder a razão. Fez-me perder o chão. Eu sonhei com aquelas malditas letras por oito anos, Rafael. Eu acordava com meus próprios gritos de dor de ter visto o carro dos meus pais explodindo na minha frente e não poder ter feito nada. Eu me assustei como uma criança, eu sei que, de certa forma, até esse meu momento de dor me liga à mulher que eu amo, mais que a mim mesmo. Só lhe peço que me perdoe, Rafael.

— Eu não tenho nada que lhe perdoar, menino. E fico feliz em constatar, mais uma vez, a escolha perfeita que minha filha fez para seu companheiro.

Você é um homem honrado, Daniel. E eu não estou aqui para julgar sua atitude. Já tenho meus próprios erros para conviver. Só não faça a minha menina sofrer. Há anos eu a vejo acordar todos os dias fazendo de tudo para superar seus traumas e dores. E desde que você chegou à vida dela, eu vejo o mesmo sorriso puro de quando ela ainda era uma menina inocente. Não tire isso dela. Fazendo a minha preciosa feliz, você me faz feliz também. Não perca seu tempo se lamentando comigo. Vá atrás do que te pertence: sua mulher e seus filhos.

Acho que só nesse momento que eu constatei que tinha prendido minha respiração. Soltei o ar do meu peito e respirei aliviado.

— Obrigado, Rafael.

— Vá. E nenhuma palavra sobre Rachel. Você não viu nada. Esse é um assunto que não envolve só a mim, tem Rachel e Sara também. Vai chegar a hora de todos saberem sobre isso.

— Pode ficar tranquilo, Rafael. Daqui não sairá nada. — Estendi a mão para o pai da minha noiva e me despedi. E segui para a casa de Levi, indo atrás do que era meu: minha mulher e meus filhos. E graças a Deus consegui. Minha Preciosa estava ao meu lado novamente.

Mesmo sendo um momento delicado, onde acabei de presenciar a morte do homem que, mesmo sem querer, tirou os meus pais de mim, o importante era que agora nós estávamos juntos e passaríamos por mais essa prova. Pedia a Deus que não nos faltasse fé e amor para prosseguir. Por nós dois e pelos nossos filhos.



Eu me perguntava se em momentos difíceis, as pessoas sentiam vontade de correr, sumir e se isolar de tudo. Isso era o que eu queria fazer neste exato momento.

Meu homem estava em paz após perdoar Marcos. Porém, ainda assim estava sofrendo por vê-lo praticamente morrer na sua frente. Por outro lado, minha mãe, ainda doente, acabou de perder o homem que amava.

Mesmo querendo desaparecer, aqui estava eu abraçada a Sara, tentando amenizar a dor em seu coração e enxugando suas lágrimas de saudade. Nós ouvimos um barulho vindo pelo corredor de passos rápidos. E logo conseguimos enxergar João Pedro.

Ele olhava para Sara, paralisado. E minha mãe sinalizou afirmativamente com a cabeça. Em seguida, eu vi aquele homem grande desmoronar no chão daquele corredor e urrar de dor. Dor por perder seu amigo e companheiro; por ver o seu pai partir.

Ajudei Sara a se levantar e a levei perto de João Pedro, que se ergueu e a abraçou, buscando na fragilidade dela o conforto para sua própria tristeza. Ela acariciava o cabelo dele e sussurrava palavras de conforto:

— Ele descansou, querido. E foi em paz. Ele ouviu o que precisava para

poder partir. — Segurou o rosto dele e o fitou nos olhos. Porém, em meio às suas próprias lágrimas, continuou a falar: — Ele te ensinou a ser um bom homem. Você sabe que não estarei aqui por muito tempo, não é?

João Pedro soluçava. Por isso, só acenou afirmando com a cabeça, pois as palavras não saíam de sua boca.

— Então, querido, chegou a hora de você abrir o seu coração. Eu não quero deixá-lo sozinho.

Sara olhava por cima do ombro de JP. E eu vi que Cíntia estava encostada na parede de cabeça baixa.

— A felicidade está batendo na sua porta, João Pedro. Deixe-a entrar, meu menino. Nem todas são como aquela mulher. Me prometa que vai tentar. Por favor?

Novamente ele acenou com a cabeça, afirmando sua decisão.

Sara chamou Cíntia e entregou JP em seus braços.

— Cuide dele. Eu preciso resolver as coisas com o hospital e preparar o velório de Marcos.

— Sim, senhora. Eu cuidarei.

Sara segurou minha mão e, quando estávamos nos dirigindo à procura do médico para saber qual passo tomar em relação ao corpo de Marcos, nós ouvimos a voz de Daniel:

— Esperem, eu vou cuidar de tudo. Se precisar de alguma coisa, eu entro em contato com Rafael. — Dan segurou meu queixo. Em seguida, deu um leve beijo nos meus lábios e depois em minha barriga. — Cuide da sua mãe, minha preciosa. E descanse também. Leve João Pedro com vocês. Ele não está em condições nenhuma de dirigir. Já estou ligando para um dos meninos vir buscar vocês. Leve todos para a nossa casa. Quando tudo estiver encaminhado, eu entro em contato.

Oh, Deus! Se tivesse como amar alguém ainda mais, eu estava fazendo neste momento. Eu vi Daniel ali na minha frente enterrar toda sua dor, mágoa e raiva e dar lugar a sentimentos sublimes. Senti a primeira lágrima descer por minha face e cair na minha blusa fina. Dan levou suas mãos ao meu rosto e as enxugou.

— Eu amo você, Daniel.

— Eu também amo você, minha preciosa.

O celular dele tocou. Era Levi, que viria nos buscar. Dan desligou e ligou para o papai para dar a notícia da morte de Marcos.

— Levi estava por perto. Já podem descer e aguardar na entrada do hospital. Em poucos minutos, ele já deve estar chegando.

Despedimo-nos de Daniel e poucos passos depois ouvimos a voz de João Pedro:

— Obrigado, cara! Eu não saberia o quê ou como fazer nada neste momento. Você é um bom homem. Obrigado novamente.

— Eu somente sei o que você está sentindo.

— Assim mesmo. Obrigado.

Sussurrei um “obrigada” para o meu noivo e voltamos a caminhar para a saída do hospital.

Levi foi rápido e já nos esperava encostado em seu carro.

— Ei, Lê.

— Oi, ruiva. Você parece cansada.

— Um pouco, mas estou bem. Porém, acho que nossa reunião na Páscoa terá que ser cancelada. Eu vou ficar com a minha mãe.

Sara apertou o meu braço.

— Não. Eu já perdi muitas datas especiais com as minhas filhas. E eu sei que você quer cancelar por causa de Marcos. Ele descansou, Nelly. E eu preciso preencher o vazio do meu coração. Eu vou cozinhar com você. Nós duas juntas. Assim como fazíamos quando você era uma adolescente. Não tire isso de mim.

Olhei para João Pedro. E assim como Dan acabou de fazer por ele, ele estava fazendo pela minha mãe. Guardou a sua dor para ver um sorriso nos lábios de Sara.

— Está tudo bem, Nelly. Isso nos fará bem.

— Então faremos algo simples e pequeno.

Minha mãe sorriu.

— Nada é simples e pequeno nessa família, minha menina. E seus amigos ainda não provaram da minha torta capixaba.

Oh, Deus! Minha boca salivou.

— Isso é injusto, mãe! Não se faz isso com uma grávida. Ou melhor, com duas. Exijo um tabuleiro gigante para mim e Gabi. Pensando bem, acho que passaremos muito tempo na cozinha. Olha a cara de faminto do meu amigo.

— Será um prazer, minha filha. E a propósito... — minha mãe entendeu a mão para Levi — eu sou Sara. Mãe de Gabriela e Emanuely. E sei quem você é, Levi. Eu só preciso lhe dizer obrigada. Obrigada por cuidar dela enquanto eu não podia fazer isso e, quando eu não estiver mais aqui, continue ao lado dela.

— Muito prazer, dona Sara. Eu nunca me afastarei dela. Nelly é especial demais em minha vida. E eu sempre estarei aqui, para seus momentos de alegrias e tristezas. Assim como sei que ela sempre estará presente para mim. Amigos se apoiam. Sempre.

— Obrigada, menino.

Ajudei minha mãe a entrar no carro e sentamos eu, Cíntia e João Pedro na parte de trás.

Pouco tempo depois, já estávamos estacionando em frente à casa de

Daniel.

Acomodei Sara em um quarto e João Pedro e Cíntia em outro. E voltei para a cozinha com o intuito de preparar algo rápido para que pudéssemos comer.

Comecei a procurar nos armários e decidi fazer um macarrão à bolonhesa.

Levi estava encostado na bancada da cozinha e me observava.

— Vem aqui, ruiva. Me dê um abraço.

Deixei a massa cozinhando e me aproximei dele. Eu sabia que se o abraçasse, iria desabar. E foi assim que aconteceu. Abracei meu amigo e chorei. Levi passava sua mão nas minhas costas e tentava me acalmar.

— Eu vou perdê-la de novo, Levi. Ela voltou para mim agora, mas está tão frágil, que vai embora logo. Eu preciso ser forte por ela. Por isso, quero aproveitar todo o tempo que puder ao seu lado.

— Eu sei, pequena. Então, aproveite essa chance que Deus está dando para vocês. Abrace e agarre essa oportunidade com todas as forças.

— Eu farei isso. E você está preparado para usar um terno e ser um lindo padrinho de casamento?

Os olhos do meu amigo brilharam.

— É sério isso, ruiva?

— Com toda certeza. Você e todos os nossos amigos.

— Será uma honra, minha linda.

— Então, já deixe a data reservada. Primeiro fim de semana de maio.

Ouvimos um soluço e um choro. Era da minha mãe, que estava encostada na porta da cozinha.

— Eu vou ver a minha preciosa de noiva. Oh, Deus! Obrigada por este presente.

Dei alguns passos e a abracei. Seus braços sempre me deram a sensação de voltar para casa.

— Verá e passará este dia especial comigo. Meu dia de noiva será ao seu lado. E você estará linda, sentada no primeiro banco da minha igreja, dando-me a sua bênção para o meu dia perfeito.

— Faremos isso juntas, minha menina.

O almoço ficou pronto rápido e mesmo não querendo, eu insisti para que eles se alimentassem. Servi um café e pedi que descansassem até a chegada de papai e Daniel. Porém, até eu me rendi ao sono no sofá da sala.

Levi não me deixou só em nenhum instante. Só foi embora para se trocar e voltar com Gisele e seus irmãos para o velório.

O corpo de Marcos foi levado para a igreja de tio Gabriel. Passamos a noite toda acordados. Todos insistiam para que eu fosse descansar, mas não

saí um instante sequer do lado de Sara. Gabriela e Luísa estavam descansando no anexo da igreja. Passamos a noite com os instrumentistas tocando louvores bem suaves que acalmavam e confortavam os corações dos que estavam ali presentes.

Logo pela manhã, tia Rachel e vovó chegaram com o café da manhã completo. Alguns se deslocaram para a cozinha da igreja e se alimentaram e outros preferiram não deixar o templo.

Às dez da manhã, tio Gabriel realizou o culto de sepultamento. Mamãe estava sentada no primeiro banco enquanto eu e Gabriela estávamos ao seu lado, segurando cada uma a sua mão. Mamãe tremeu e quase desmaiou no momento em que o caixão foi lacrado. Mas foi amparada por João Pedro. Era o momento deles dois agora. A dor deles não era comparada a de ninguém que estava ali presente. Sara realmente o amava. Era um amor puro e verdadeiro. Porém, agora só restou em seu coração a saudade. Marcos foi enterrado no cemitério central de Rio Doce.

Eu já não me aguentava mais em pé. Estava cansada e Daniel percebeu. Pediu-me para irmos embora, que ele precisava cuidar de mim e de seus bebês. Despedi-me de Sara e de João Pedro, que me prometeu que cuidaria dela.

Cheguei na casa de Daniel tirando meus sapatos. Meus pés já estavam um pouco inchados. Minha vontade era de me esparramar ali mesmo no sofá e dormir dois dias seguidos. Mas Daniel insistiu em um banho, que ele mesmo me deu. Em uma das gavetas de seu armário, escolheu uma de suas camisetas e me vestiu. Como ele também havia tomado banho, colocou apenas uma *boxer* e se deitou ao meu lado. Esticou o braço e eu me aconcheguei em seu

peito.

— Agora durma, minha preciosa. Descanse. E tenha bons sonhos. — Deu um beijo em meus lábios e com suas mãos acariciando meus cabelos eu adormeci.



Os dias passaram voando e já estávamos na manhã de domingo de Páscoa.

A cozinha da casa de papai, de tia Ester e até de Gabriela estavam trabalhando sem cessar. Lógico que na de Gabriela quem estava cozinhando era mamãe. O cheiro vindo de lá era perfeito, porque ela estava fazendo a torta capixaba. Na casa de tia Ester era moqueca de pitu. Santo Cristo, que hoje eu iria me esbaldar! Vovó cozinhava várias panelas de arroz e sua moqueca de robalo, que era um pedido de Gabriela. Porém, Gabi saiu correndo da própria casa e se escondeu em meu quarto depois de tanto vomitar pelo cheiro perfeito da torta que mamãe estava preparando.

Eu fiquei encarregada das sobremesas. Receita de família nunca faltava em nossas reuniões. O famoso *Sonho de Valsa* de Amanda, cuja receita foi triplicada em duas formas; e também o ovo de Páscoa na bandeja, que foi duplicado.

O quintal de papai estava cheio novamente. Com boa música sendo tocada e cantada pelos meninos; e comida servida com fartura, porém, meus olhos

não saíam de minha mãe. Seu corpo estava ali presente. Contudo, seus pensamentos estavam bem distantes. João Pedro não a deixava, estava sempre presente ao seu lado. E eu admirava isso nele, pois encontrou em Sara o amor que a sua própria mãe não lhe deu.

Quase no fim de nossa festa, eu percebi que minhas amigas haviam sumido. Saí em direção à cozinha, sala, banheiro e cheguei até a subir as escadas e nada de encontrar Carlinha e Gisele. Quando voltei ao quintal, as duas estavam uma ao lado da outra grudadas e com cara de meninas levadas, de quem tinha acabado de aprontar alguma coisa.

Levei um tremendo susto quando elas gritaram:

— SURPRESA!

E, em seguida, o Dr. Rodrigo, meu médico, surgiu de trás das duas, carregando em suas mãos um lindo bolo cheio de pontos de interrogação azul e rosa.

Daniel se aproximou e se ajoelhou na minha frente, beijando a minha barriga. E como nos últimos dias, os nossos bebês se mexeram ao sentir o toque do pai. Dan me olhou e perguntou:

— Pronta para saber o sexo dos nossos bebês?

Eu gritei de surpresa:

— Oh, meu Deus!

Daniel se levantou e perguntou novamente:

— Pronta?

— Sim. Vamos saber agora quais os presentes que Deus reservou para nós dois.



30

Nelly

DANIEL SE COLOCOU ATRÁS DE mim e me abraçou.

Todos os olhares estavam voltados para o Dr. Rodrigo. E meu coração e minha respiração estavam totalmente acelerados.

— Pode começar, Rodrigo.

— Tenha calma, Daniel. Antes, as amigas de Emanuelly precisam que vocês façam algo.

Gisele e Carlinha saíram de trás de Levi e Rico. Cada uma tinha um bloco e uma caneta nas mãos e entregaram para o Dr. Rodrigo.

— Escrevam em folhas individuais o nome de um menino e de uma menina. Os nomes que vocês desejam dar aos seus filhos.

Aquilo estava me deixando cada vez mais ansiosa. Minha vontade era de sacudir o meu médico e gritar para que ele abrisse logo a boca e falasse o sexo dos meus bebês. Oh, Deus! E eu que falava que minha irmã era louca. Estava surtando como a Gabriela.

Porém, eu sabia aqui dentro de mim. Foi logo ao descobrir que estava grávida. Os nomes já estavam gravados em meu coração.

Peguei a caneta tremendo e escrevi o nome da menina. Era o nome dela. Da mulher que, quando me viu pela primeira vez, já me amava incondicionalmente. E o nome do menino seria o de alguém que, se tivesse nascido, seria um homem lindo e perfeito.

Ao meu lado, Daniel já havia anotado os seus nomes também.

Depois entregamos nas mãos do Dr. Rodrigo e aguardamos sua resposta.

Ele leu as nossas escolhas e sorriu.

— Nomes lindos. Parabéns aos dois.

— Rodrigo, fala agora, porra!

— Calma aí, grandão! Vamos ver se esses bebês mexem para o tio Rodrigo, aqui.

Rodrigo se ajoelhou na minha frente e tocou minha barriga. Passava a mão por cima da minha blusa e nada. Meus bebês se recusavam a mexer.

Ele bufou e se levantou. E Daniel gargalhou.

— É sempre assim. Eles se recusam a mexer comigo. Agora esse idiota encosta a mão e eles fazem a festa! E sou eu que vou ver o rosto deles primeiro que todo mundo.

Daniel ainda sorria.

— Eu sou o pai, seu imbecil! Eu que fiz. O que você queria?

— Que me ajudassem pelo menos hoje, né? Mas ok. Coloca a mão na barriga dela, grandão.

Daniel levantou minha blusa, tocou a minha barriga e conversou com nossos filhos. Eu levei um susto e sorri com a bagunça que eles faziam se mexendo dentro de mim.

O Dr. Rodrigo destacou uma das folhas do bloco e colocou do lado direito da minha barriga.

— Apresento para todos os familiares e amigos a linda Amanda. A escolha de Emanuelly.

Olhei para o meu noivo. Ele estava emocionado. Levantou-se e me deu um beijo tão delicado, encostando sua testa na minha.

— Obrigado. Isso é tão perfeito e importante para mim. Muito obrigado.

— Para mim também, amor. Ela nos lembrará a cada dia de nossas vidas de uma linda mulher que vivia seus dias intensamente, sorria fácil e amava sem medidas. E a nossa menina sentirá um grande orgulho em ter o nome de sua amada avó.

Sáímos de nosso momento e olhamos todos ao nosso redor. A emoção não era só nossa. Era deles também. Tia Ester soluçava de tanto chorar. E meus pais, um ao lado do outro, estavam felizes. Minha mãe olhava para o alto e

agradecia. E eu sei que era pela oportunidade de estarmos ali, juntas novamente.

— Ok. Vamos continuar. — O Dr. Rodrigo destacou a folha do bloco que Daniel escreveu e colou do meu lado esquerdo.

— Apresento para vocês a doce Sara. A escolha de Daniel.

Eu gritei:

— Oh, meu Deus!

Minha mãe começou a chorar e foi amparada por papai, que a colocou sentada em uma cadeira.

Eu precisava agradecer a Daniel por isso. Porém, ele sabia que eu precisava estar com ela agora. Ele acenou para mim e eu corri para os braços de minha mãe, que me apertava e não cansava de dizer:

— Obrigada.

Mamãe acariciou meu rosto e estendeu a outra mão para Daniel, que se aproximou e a tocou.

— Obrigada, menino. Você me fez muito feliz. Eu não tenho palavras para expressar o que estou sentindo neste momento. Cuide das suas princesas. Seja um bom pai e o melhor marido. Eu confio em você para isso.

— Eu viverei por elas, dona Sara.

Rodrigo se aproximou de onde nós estávamos e disse:

— Por eles, companheiro. Você viverá por eles.

Como assim eles?

Daniel me olhava espantado. Não estávamos entendendo nada. E, por fim, fomos surpreendidos outra vez. E, como eu estava com a blusa ainda levantada. Rodrigo destacou outra folha e colou no centro da minha barriga.

— Matheus, que significa “Presente de Deus”. A escolha de Nelly, porque Daniel escreveu que se tivesse um menino era a sua noiva que decidiria.

Um menino. Ai, caramba! Um garotinho lindo que eu esperava que se parecesse com o meu grande amor, meu Daniel, que nesse momento estava parado como uma linda estátua de boca aberta. Enquanto ele estava completamente em estado de choque, eu estava me desmanchando ainda mais em lágrimas, pois me lembrei do porquê da escolha deste nome.

Virei para a minha direita ao ouvir um soluço. Agora quem chorava era a minha tia Rachel. Esse era o meu presente para ela. O nome do seu bebê que nem chegou a nascer, mas que foi e ainda era muito amado.

Quase ninguém sabia dessa história. Somente nossa família. Era doloroso para a tia Rachel. E eu sempre quis amenizar um pouquinho a sua dor. E, pelo brilho em seus olhos e as lágrimas que não cansavam de rolar, acho que consegui.

Levantei-me e andei até tia Rachel. Toquei em seu coração, como fazia

quando era adolescente e tinha um pesadelo. Sentir as batidas do coração dela sempre me acalmava.

— É para você, tia Rachel. Ele é a nossa dádiva. O nosso pequeno presente que nos trará grandes alegrias. E veio para completar a nossa felicidade. — Peguei a sua mão e levei-a ao meu ventre. — Matheus, tia Rachel, que junto com Amanda e Sara vieram para iluminar e tornar nossas vidas ainda mais perfeitas.

— Obrigada, minha princesa. Você alegrou a minha alma. — Minha tia sorriu. Um sorriso de saudade, mas também de esperança por mais uma vida que ia nascer.

Chegou a hora de comemorar. Agora que eu compreendi que tinham três vidas dentro de mim. Santo Cristo! Era muita felicidade de uma vez só.

Procurei o meu noivo, e o avistei ainda ao lado de minha mãe. Fiz sinal com minha mão. Levantei três dedos e sorri. E ele explodiu, gritou de felicidade e pulou como uma criança quando ganhava chocolate. Pelo visto, ele também se deu conta agora de que seríamos país de três crianças. Oh, Deus! Isso era incrível!

— Nathan! — Dan gritou, e nada de Nate aparecer. — Nathan, cadê você? Aparece, seu cretino!

A voz suave e doce de Luísa saiu por trás de nossos amigos.

— Papai tá aqui, tio Dan. *Bincando* de Barbie com eu. Olha que lindo o cabelo e a *maquiage* dele. — Luísa apontou para o pai e a casa inteira

explodiu em gargalhadas.

Nate estava cheio de presilhas espalhadas por seu cabelo loiro e até na sua barba. Estava todo borrado de maquiagem: sombra, batom, *blush*. Teve direito a tudo.

Em seguida, ele apontou para Dan e começou a falar:

— Não ria, cara! Eu só tenho uma. Você que está fodido. Duas. Você fez duas de uma vez.

Dan sorriu.

— Isso. Eu fiz de uma vez. Duas meninas e um garotão. O que eu sou, Nate?

— Um otário!

— Não. EU SOU FODA!

— Merda! Eu sei. Parabéns, primo! Tô com uma inveja roxa e filha da puta de você! Mas tô feliz pra porra! Vocês merecem. Cuide bem deles. — Dan e Nate se abraçaram e depois recebemos os cumprimentos de nossos familiares e amigos.

O dia foi especial, de festa e alegrias.

Faltava uma pessoa para eu contar as minhas bênçãos: minha prima Adriana.

Quando éramos meninas sonhávamos com o dia em que estaríamos casadas e que veríamos nossos filhos brincando juntos. E o meu dia estava cada vez mais perto.



Os dias se passaram rapidamente. E, hoje, eu estaria ocupada do amanhecer ao anoitecer: fazendo compras de enxoval com as amigas, provando meu vestido de noiva com mamãe, participando uma sessão de fotos de gravidez com Paulo e, para fechar a noite, iria a um luau à beira da lagoa com os amigos.

Graças a Deus, não estava engordando tanto. Meus exercícios durante as madrugadas ajudavam bastante. Não mandei Daniel ser tão gostoso. Ele que aguentasse meus hormônios malucos sem questionar. Sorri e olhei para o meu lado na cama e vi o meu lindo homem adormecido. Nossa madrugada foi intensa!

Levantei devagar para não o acordar. Fui ao banheiro, fiz minha higiene e corri para a cozinha. Como meu homem estava desmaiado na cama, eu precisava extravasar de outra forma: cozinhando. Acho que hoje eu usaria os três fornos — o daqui, o de papai e o de Gabi.

E comecei meus trabalhos: fiz bolo de milho cremoso no forno de Daniel, bolo de queijo e goiabada no forno de papai e pão de pizza no de Gabi.

Nate estava na mesma situação de Daniel, ao atender a porta. Acabado e quase dormindo em pé. Minha irmã devia ter abusado do coitado essa noite.

— Faz uma vitamina para mim, por favor. Eu estou podre, Nelly! — E meu cunhado caiu no sofá e voltou a dormir.

Encostei a porta da cozinha para abafar o barulho do liquidificador e fiz uma vitamina de banana para ele. Deixei um copo na mesinha da sala. Balancei um pouco o ombro de Nate.

— Nathan, sua vitamina está aqui. Tome e durma mais um pouco. Volto logo para olhar o bolo que deixei no forno. Vou fazer um chocolate quente e um leite com canela. Vou levar tudo para a cozinha de papai.

Nate gemeu.

— Hum-hum... Ok.



Uma hora depois, estávamos todos reunidos na casa de papai.

Preparei um *cappuccino* na máquina para mim e fui me sentar. Todas as cadeiras estavam ocupadas. Então, acomodei-me no colo de Daniel. E ele gemeu. Eu olhei apavorada para ele.

— Eu estou pesada? Gorda?

Ele gemeu de novo e remexeu tentando se endireitar na cadeira e foi aí que eu o senti. Ele estava totalmente duro.

— Não me culpe, Preciosa. Seus seios estão maiores com esse decote gigante e sua bunda está gostosa pra caralho nesse *short* curto! Eu sou inocente aqui. A culpa é toda sua!

Respirei aliviada.

— Graças a Deus! Pensei que estava pesada e tinha te machucado.

— Nelly, você está grávida de três bebês e com quatro meses de gestação. Sua barriga está tão linda e no tamanho ideal. Você só engordou o necessário. Só o que os nossos filhos estão precisando para se desenvolver. Deliciosa, Preciosa! É isso que você está.

Quem gemeu agora fui eu.

— Acabou de tomar seu café?

— Sim. Tudo está delicioso.

— Então, vamos.

— Pra onde?

— Casa, cama e morangos com chocolate. Que tal?

— Agora.

E fui arrastada para casa e só saí da cama ao meio-dia sob as ameaças de Gisele e Carlinha de derrubar a nossa porta.

Fomos ao shopping acompanhadas de Daniel, Levi, Rico e Lipe.

Entramos em uma loja que tinha de tudo para bebês. Cada coisa era tão pequenina, delicada e linda, que eu ficava perdida no meio delas.

E eu fui receosa pelos meninos estarem nos fazendo companhia e eles eram o que mais estavam se divertindo e se tornaram a atração da loja. Também pudera! Quatro homens altos, lindos e gostosos!

Eu era agraciada por ter amigos especiais. E saber que o amor que sempre sentiram por mim estava sendo passado para os meus filhos era algo único. E só havia uma forma de agradecer, e eu faria isso ainda hoje.

Afastei-me um pouco deles e fiz uma ligação.

— Alô, Dr. Rodrigo. Pode ser hoje aquilo que havia mencionado com você?

— *Ok, combinado. Às 17h.*

— E vão caber todos na sala? — Enquanto escutava as respostas de Rodrigo, eu percebia os olhos de Enrico passando por todas as roupinhas lindas e cheirosas de bebê. — Fechado, doutor. Obrigada por tudo isso. Até daqui a pouco. — Desliguei o celular e me aproximei de Rico.

— São lindas, né, meu amigo?

— Sim. Muito belas.

— Olhe essa, Rico. Tão pura e branca com a neve. Ficaria esplêndido em qualquer bebê.

As mãos de Rico passeavam quase em adoração por aquele pequeno pedaço de pano.

— Pede para embrulhar para mim, Nelly. Eu vou levar.

— Alguma amiga grávida, Rico?

— Sim. Alguém especial.

— Ok. Vou pedir para colocar em uma embalagem de presente.

Eu só esperava que esse alguém especial trouxesse somente alegrias ao coração ferido de Enrico. Dei um beijo no rosto de meu amigo e saí procurando uma vendedora.

Quase fui rebocada por um Felipe totalmente eufórico:

— Moranguinho, o meu presente. O carrinho de bebê das crianças. Mas olha esse, Nelly. É para o Matheus. O meu “filho”, lógico. Essa porra só falta voar. Tem de tudo.

Era um carrinho para gêmeos todo rosinha e um só para o Matheus. Lipe parecia uma criança mexendo em tudo quanto era botão, roda e utensílios.

Dan se aproximou dele e o puxou pela gola da camisa.

— MEUS! Entendeu, Felipe?

— *Sorry*, moço bonito. As meninas são suas. Mas o garotão é arte minha. Conforme-se com isso!

— Seu abusado! Eu vou te...

Carla veio socorrer o irmão e saiu arrastando-o pela orelha.

— Quer morrer, sua anta?

— Ei, sonhar não custa nada!

— Mas falar besteira pode custar seus dentes, imbecil!

— Merda! Tudo estraga-prazer. — Lipe me arrancou uma baita de uma gargalhada e nem imaginava que, querendo ou não, ele teria um pouco de Matheus só para ele mais tarde.

No final das compras, tivemos que pedir para entregar tudo em casa, porque não caberia em nossos carros. Lipe deu os carrinhos, Levi os confortos para bebês, Gisele as cadeiras de alimentação, Rico as banheiras e Carlinha o restante do enxoval quase completo.

Da loja, fomos direto para o estúdio de Paulo. Fizemos algumas fotos internas.

Daniel surtava a cada comentário de Lipe ao me ver com a barriga de fora

ou de biquíni. Lipe adorava vê-lo maluco, quase rolava no chão de tanto rir do coitado do meu noivo.

As fotos estavam ficando maravilhosas. Todos participaram da sessão, inclusive Gabi, Nate, Luísa e meus pais.

As fotos que mais me marcaram foram: primeiro, a de minha mãe tocando o meu rosto com uma mão e alisando o meu ventre com a outra. Ela me olhava como eu esperei por tantos anos: com amor de mãe, único e verdadeiro. A segunda, foi no colo de meu lindo pai com suas mãos protetoras ao redor de minha barriga. A terceira, foi a de minha pequena luz beijando o meu ventre arredondado e dizendo que amava seus priminhos. A quarta, de todos os nossos amigos com uma mão na minha barriga. Meus bebês mexeram sem parar nessa hora. E meu sorriso de alegria ficou registrado naquele momento. A quinta, a de duas barrigas se tocando enquanto nossas mãos estavam entrelaçadas. Eu e Gabriela. Amor fraternal, intenso e inquebrável. E, por fim, a do amor de homem e de pai. Daniel ajoelhado na minha frente e sua testa colada na minha barriga enquanto suas mãos acariciavam os lados e uma lágrima de amor rolava onde os nossos três presentes estavam bem guardados.

Deixei combinado com Paulo de nos encontrarmos à noite na lagoa. E lá terminaríamos de tirar as fotos com os demais.

Em seguida, seguimos para a prova do vestido. Não sei de onde saíram tantas lágrimas da minha mãe. Mas dividir esse momento com ela era realmente mágico. Ficamos de voltar uma semana antes do casamento. Provavelmente teria que ter ajustes no vestido, devido ao crescimento da minha barriga.

Minha surpresa seria agora. Rico já seria dono da minha história. Aliás, de toda a minha vida e de Daniel. Ele conversou conosco há alguns meses e nós autorizamos. Nosso amor seria descrito em palavras no próximo livro de Enrico. Então, ele entendeu a minha escolha deste momento.

Lucas seria nosso padrinho no casamento civil junto com minha prima Adriana. E para os demais amigos, eu entregaria outra parte de mim: meus bebês.

Pedi a todos que me acompanhassem ao consultório do Dr. Rodrigo. Levaram-nos para uma sala mais espaçosa.

Daniel me ajudou a subir na maca e logo o barulho dos corações começou a fluir pelo ambiente.

Rodrigo mostrou a primeira menina: Amanda.

Daniel pediu que Levi e Gisele se aproximassem.

— Estão vendo aquela pequenina ali dentro? — Os dois somente acenaram com a cabeça. — Vocês não imaginam o quanto ela é importante para mim e Nelly. Ela é um pedaço de nós dois. A união do nosso amor. E não existiria ninguém melhor que vocês para dividirmos a Amanda. Vocês aceitam serem os padrinhos da nossa princesa? Segundo pai, meu amigo Levi. Segunda mãe, querida Gisele. Amanda será de vocês também para amar, confortar, corrigir e se encantar. Vocês aceitam?

— Meu Deus! Quer me matar, cara? Com a certeza mais absoluta do mundo, eu aceito! E ai do infeliz que se aproximar da nossa menina! Eu

acabo com a raça dele em um piscar de olhos!

Daniel sorriu e me olhou.

— Eu disse, Preciosa! Essa foi a melhor escolha, viu? Amanda será bem protegida.

Cheguei a bufar na hora.

— Que pena da minha menina! Não vai poder nem sonhar com um menino bonito que, sem dúvida, os dois trogloditas, ou seja, o pai e o padrinho, irão invadir seus sonhos e ralar a cara do menino no asfalto quente.

— Bem por aí, ruiva!

Gisele sussurrou no meu ouvido:

— Nada que uma boa madrinha não possa remediar.

Pisquei para a minha amiga e companheira de crime.

— Obrigada, minha amiga. Sempre estarei ao lado de Amanda. Obrigada por nos confiar o seu presente precioso.

O Dr. Rodrigo continuou e foi a vez da minha doce Sara aparecer no monitor.

Não precisei dizer nada. Gabi e Nate sabiam que ela seria um pouquinho deles.

— Princesa — Gabi sussurrou emocionada o significado do nome da minha bebê.

— Sim, Gabi. A nossa princesa. Promete me ajudar a cuidar dela?

— Com todo o amor que existe em mim, Nelly. Eu farei de tudo por ela. Menos cozinhar, lógico!

Eu sorri.

— Dessa parte, cuido eu.

— Aleluia!

Nate abraçou Dan.

— Eu faço ovo cozido das bolas do infeliz que se aproximar dela. É só um aviso! Nem livros do Dr. Garanhão antes dos trinta ela vai ler.

Coloquei a mão no rosto e gemi. Mais um louco para cuidar da minha filha!

Rodrigo continuou e meu lindo garotinho apareceu se mexendo na tela.

Lipe e Carlinha estavam de mãos dadas. Ao encará-los, eles tiveram a certeza de que Matheus também seria um presente em suas vidas.

— Eu disse, moço bonito, ele também é meu!

— Palhaço!

— Aceita que dói menos, homem!

— Vai ensinar coisas boas para o menino?

— Mas é lógico! Ele vai crescer pegador. O delírio das gatinhas.

Santo Cristo, outro maluco!

— Você não vai fazer o meu filho virar um galinha, Felipe! — berrei no quarto.

— Sem estresse, Moranguinho. Tio Lipe vai colocar o menino no bom caminho. Vai crescer bonito, cheiroso e gostoso. Tendo a quem puxar, evidentemente. — Lipe olhou Daniel da cabeça aos pés e soltou sua pérola. — Puxar o padrinho dele, é claro!

— Cale a boca, infeliz! Me deixa abraçar a minha amiga. Obrigada, Moranguinho. Serei a dinda mais boba e orgulhosa desse mundo e juro que protegerei nosso menino das loucuras de Lipe.

— Ei, eu sou normal, porra!

Levi e Carlinha gritaram juntos:

— Mas não é mesmo!

— Bando de gente lesada! Depois o incompreendido sou eu.

O Dr. Rodrigo encerrou o exame e disse que nossos três bebês estavam perfeitos. Crescendo lindos e saudáveis. Convidei o doutor bonitão para o

nosso luau e nos dirigimos para a lagoa de Levi.

Terminamos de tirar as fotos. E nos juntamos aos demais com boa música e comida. E meu dia de alegrias foi fechado dançando nos braços do homem de minha vida cantando no meu ouvido: *Thinking out loud*.

Então, querida, agora.

Me abrace com seus braços de amor.

Beije-me sob a luz de mil estrelas.

Coloque sua cabeça em meu coração que bate.

Estou pensando alto.

Talvez tenhamos achado o amor bem aqui, onde estamos.

E depois de algum tempo nos deslocamos para o chalé que Levi havia preparado para nós dois. Ali, eu fui desejada e amada intensamente.

E o fim de semana passou à beira da lagoa.

E, enfim, chegou a minha semana especial. Faltavam seis dias para o meu casamento: o meu dia perfeito.



31

Nelly

FOI UMA SEMANA ESPECIAL E muito corrida para toda a minha família e amigos.

Não queria que fizessem isso por mim e por Daniel, mas Gabriela, como uma boa teimosa que era, bateu o pé e decretou que a festa de aniversário de Luísa não seria na data de seu nascimento, que era no dia 10 de maio, porque eu e Daniel estaríamos viajando em lua de mel.

Então, ela adiantou tudo para a semana de meu casamento. Me disse para não ficar preocupada com nada. Ela contratou decoradora, *buffet*, pula-pula, carrinho de pipoca e algodão-doce e tudo que era necessário para uma bela festa de criança.

Mas eu era a madrinha e não abria mão de alegrar ainda mais o dia especial de minha pequena luz. Tive que ligar para a minha amiga e pedir que adiantasse em duas semanas os pedidos de lembrancinhas que havia feito.

Pedi que fizesse uma caixa de madeira que serviria como um porta-joias. Na tampa de cada caixa havia uma boneca de *biscuit* com um vestido cheio de rosas. A boneca era a cópia fiel de Luísa.

Enviei para a minha amiga a foto que tirei dela no fim de ano. Linda e sorridente. A caixinha foi pintada toda de branco, o que destacou as flores delicadas do vestido da boneca. Também encomendei chaveiros com o mesmo rostinho de Luísa em *biscuit* e mandei fazer uma lembrança especial para Gabriela, as avós, bisavó e tias, ou seja, eu, tia Rachel e minhas amigas: um porta-retratos com a arte feita também em *biscuit*, de um jardim lindo e com uma foto de Luísa para cada uma que seria presenteada.

Peguei na terça pela manhã e passei a tarde com Gisele e Carla embrulhando tudo em sacolas transparentes e fechando com laços de fitas rosa, e com um cartão que Daniel e Samuel fizeram com muito carinho. No cartão tinha uma foto de Luísa, a data de seu aniversário, sua idade e um versículo bíblico que minha mãe escolheu.

*"Eis que os filhos são herança do Senhor...
(Salmos 127.3a)"*

Só me dei por satisfeita quando todas as lembranças estavam embrulhadas e prontas para serem colocadas nas cestas de vime que peguei na floricultura.

Vovó Laura decorou cada cesta com o tema da festa de Luísa: flores. Fez tudo em tecido e a ajudamos a colar nas cestas.

Ao anoitecer, eu já estava quase caindo por cima das lembranças de tanto sono.

Nem percebi que, por estar tanto tempo sentada, meus pés estavam enormes de tão inchados. Só senti quando fui levantar para abraçar o meu

noivo que havia chegado da agência. Senti a dormência na hora e fui amparada por Dan, enquanto deixei as meninas finalizando os trabalhos.

Daniel me pegou no colo e levou para o sofá da sala, não sem antes me olhar de cara fechada em total reprovação por não ter tirado um tempinho durante o dia para descansar.

Daniel foi ao seu quarto e pegou o hidratante que eu estava usando para passar em minha barriga para tentar evitar as malditas estrias. E graças a Deus, o corpo estava cooperando. Colocou meus pés em cima de uma almofada em seu colo e começou a massagear. Ah, caramba, como foi bom! Cheguei a gemer de alívio e prazer pelo que estava sentindo. E o safado sorriu, pois sabia que não era só no meu pé que estava causando efeito.

Tomamos um banho juntos, mas não demoramos muito, porque a casa já estava cheia, pois os sofás e as poltronas da sala ficaram pequenos para acomodar os amigos. Dan foi no quarto de visitas e pegou um colchão de solteiro e colocou no chão da sala.

Lipe se esticou nele e tomou posse do local junto com Carlinha. Levi pediu pizzas e, enquanto esperávamos chegar, assistimos a um filme de ação, ainda bem. Isso afastou um pouco o meu sono. Lipe locou “Os Vingadores” e se arrependeu amargamente por isso, porque cansou de ouvir as meninas dizendo que queriam pegar no martelo do Thor, puxar o seu cabelo e fora as outras coisas com o escudo do Capitão América e até com a armadura do Homem de Ferro.

— Me lembrem da próxima vez de pegar filme de vampiros, lobisomens ou até de zumbis. Mas nunca a porra de super-heróis!

Bati no braço dele, inclinei-me porque estava sentada no sofá logo atrás e sussurrei no seu ouvido:

— Se os lobos forem iguais aos dos livros que eu leio, pode locar na hora. Lindos, sexys, possessivos e cheios de amor para dar. Se é que me entende.

Lipe me olhou com os olhos arregalados.

— Esqueçam tudo que eu disse. Vamos de desenho animado e filme de bicho que é melhor.

Eu gargalhei e Daniel me olhou querendo saber o motivo. Subi em seu colo e falei baixo no seu ouvido direito:

— Cenas de livros, amor. Colocaremos em prática ainda hoje.

Daniel remexeu no sofá e gemeu em meu pescoço.

Tivemos que dar uma pausa no filme para receber as pizzas que tinham chegado.

Enquanto os meninos abriam as embalagens, eu e Gisele pegávamos pratos e talheres, e Carla e Rebeca os copos.

Antes de me sentar, eu fui segurada pelos ombros por Lipe. Ele se ajoelhou e tocou minha barriga. E depois colocou o ouvido nela.

— E aí, garotão? Vamos de moda da casa? — Deu uma pausa e voltou a falar. — Ou vamos de italiana? — Lipe recebeu um belo de um chute na cara e ficou todo bobo com isso. Olhou para todos e disse que Matheus sabia das

coisas, que o menino era esperto e puxou ao padrinho.

Dei um beijo da testa de Lipe e já ia me sentar, mas o infeliz tinha que provocar Daniel. Passou a mão no local e colocou na boca.

E antes que Daniel avançasse nele, Rico o arrastou pela orelha e o colocou do outro lado da mesa. E ele sentou passando a mão no local para aliviar a dor enquanto murmurava que ninguém o compreendia.

Servimos a todos e comemos em meio às piadas e sorrisos. E os malditos hormônios tinham que agir logo naquele momento.

Coloquei meu garfo no prato e olhei cada rosto lindo ao meu redor. E meu peito apertou com saudades antecipadas. Logo, Rico, Lipe e Carlinha iriam embora. Levei minha mão à boca para segurar o soluço, mas foi em vão. As lágrimas desceram e eu comecei a tremer. Daniel me olhou apavorado.

— Santo Cristo, mulher! Você está passando mal?

Eu não conseguia falar. Carla me encarou e já sabia o motivo. Saiu de sua cadeira e ficou de joelhos ao meu lado.

— Você não ficará só, Nelly. Terá um marido lindo e que te ama ao seu lado. Levi, Gisele, Samuel, Rebeca e todos os outros também.

Respirei profundamente e as palavras começaram a fluir:

— Eu não quero ter meus filhos longe de vocês três. Isso eu não aceito, Carlinha! Eu preciso de vocês aqui.

Carla passou a mão em meu rosto e senti duas mãos me acarinhando. Era Rico que alisava meu cabelo e Lipe que me confortava segurando minha mão e depositando beijos suaves nela.

Quando me acalmei, eu levantei e abracei cada um dos três, que me prometeram voltar ao Brasil semanas antes de meu parto para participarem do meu dia abençoado.

Lipe passou por trás de Daniel e gritou correndo em direção à sala para terminarmos de assistir o filme:

— Viu, moço bonito? Ela me ama.

Daniel quase rosnou para Felipe.

— Imbecil!

E voltamos a assistir “Os Vingadores”. Mas logo o sono me pegou. Porém, quando despertei já era de madrugada e não resisti ao homem gostoso ao meu lado na cama e só faltou ele uivar como os lobos dos livros com o que fiz com ele. E eu sorri com a mordida que dei em seu ombro e vibrei internamente. *Sim, ele era MEU!*

Acordamos quase meio-dia de uma quarta ensolarada em que eu faria a última prova de meu vestido de noiva. Tentei sair do aperto dos braços de Daniel, mas foi impossível. Meu celular vibrou na mesa ao lado da cama. Estiquei minha mão e consegui pegá-lo. Visualizei a mensagem e meu estômago roncou na hora.

Senti o riso de Daniel em meu pescoço. Logo, ele se levantou e começou a tocar em minha barriga e os chutes começaram.

— Fome, bebês do papai?

— Com certeza, amor. Olha a mensagem de Gabriela no celular.

Dan pegou o aparelho e chegou a lamber os lábios em sinal de fome também.

— Sua mãe está nos mimando muito, Preciosa. Ela é uma boa mulher.

Eu não iria chorar. Minha mãe merecia que fôssemos fortes e estivéssemos bem, ao seu lado. Eu sabia o esforço diário que ela estava fazendo para se manter em pé e estar presente a cada instante de nossas vidas. Que fosse cumprida a vontade de Deus na vida de Sara. Mas eu seria grata eternamente pela segunda chance que Ele nos deu.

— Sim, ela está. E ela é especial, amor. Agora, vamos nos levantar porque o pão caseiro de mamãe nos espera e depois o empadão de camarão para o almoço.

Daniel se levantou, abriu os braços e me segurou no colo, e seguimos para o banheiro. Tomamos um banho gostoso e nos arrumamos. Optei por um vestido verde em tecido leve, que ganhei de mamãe, que era bem confortável e que ela usou em minha gestação. Moldava lindamente a minha barriga. E ficava quatro dedos acima do joelho. Perfeito para o dia fresco que estava fazendo.

Encontrei Daniel já arrumado me esperando na sala. Hoje, ele só trabalharia com Samuel na edição do vídeo de aniversário de Luísa. E estava lindo e delicioso em uma calça jeans, tênis, uma *T-shirt* preta e uma camisa de botão azul aberta por cima. Simplesmente gostoso. Ele pegou a chave do carro, carteira e o *pen drive* com as fotos de minha pequena luz. Tranquei a casa e andamos de mãos dadas até a casa de Gabriela.

Comi uma fatia pequena de pão e meia hora depois mamãe serviu o almoço.

Almoçamos rápido e seguimos logo para a prova do meu vestido e o de Luísa. Minha princesa seria a minha dama de honra, junto com o pequeno príncipe de Paulo. E o filho de Adriana entraria levando a Bíblia branca que papai nos deu, para que, quando estivéssemos fazendo nossos votos de casamento, nossas mãos estivessem tocando-a.

Queria muito que tio Gabriel celebrasse a nossa união, mas eu nunca abriria mão de Adriana e do pequeno João por ele. Como ele conseguia se manter longe de algo tão lindo, eu não entendia! João era uma criança iluminada. De sorriso fácil e palavras doces. E quem era o meu tio para julgar Adriana? Era o direito dela. Ela escolheu João e decidiu criá-lo sozinha. E não nos interessava quem era o pai. João nunca foi um erro, mas sim um presente! E tio Gabriel tinha que entender isso.

Por causa disso, quem celebraria meu casamento era o pastor de tia Ester, e que também foi de Amanda, da igreja do antigo bairro em que eles moravam.

Meu casamento seria na casa de tio Lorenzo. Quando ele soube que

queríamos alugar um local para a cerimônia e festa, eu o vi nervoso pela primeira vez. Estávamos em um jantar na sua casa e ele gritou para Daniel olhar o tamanho do quintal da casa dele e disse que, se fizéssemos essa desfeita, nos colocaria em seu colo e sentiríamos o peso da sua mão.

Carlinha chegou a estremecer ao nosso lado e falou que era melhor obedecer porque tio Lorenzo tinha a mão pesada. Aceitamos e ele disse que a decoração era por sua conta também, assim como a nossa lua de mel.

Chegamos à loja e meu vestido não precisou de grandes modificações, pois não tinha engordado muito. Luísa saiu do provador com seu vestido de princesa. Ajoelhei para ficar à sua altura e a chamei:

— Minha pequena luz está linda!

Luísa dava voltas para ver o vestido rodar no ar.

— Viu, dinda? Pequena Luz é *pincesa* igual à Barbie, amiga da Pop Star.

Sorri e concordei com ela, lembrando-me das inúmeras vezes que assistimos a esse filme juntas.

Oh, Deus, eu nunca imaginei que esse dia chegaria para mim!

Luísa acariciou meu rosto.

— A moça bonita de olhos azuis disse que daria tudo para estar com vocês nesse dia, dinda. Mas ela está feliz. Tudo está se cumprindo. Ela disse que essa é a vontade de Papai do Céu.

— Obrigada, meu amor. Ela me deixou o que tinha de mais precioso na vida. Um pedacinho dela. O seu filho. Agora, vamos tirar o vestido e buscar o outro que você vai usar no aniversário.

Luísa relutou. Não queria largar o seu vestido de princesa. Seria só um aluguel, mas mamãe viu os olhinhos de sua neta brilhando, conversou com a dona da loja e conseguiu comprá-lo. Após o sábado, ele seria de Luísa.

Passamos na costureira e o vestido de flores de Luísa estava pronto. Pegamos e passamos na loja de doces e compramos tudo para encher as sacolas de lembranças para o aniversário.

E, por fim, chegamos à floricultura. Gabi conferiu que todas as flores da decoração do casamento já haviam chegado e Cíntia já havia organizado tudo em um *freezer* separado. Ela nos disse que sábado não precisaríamos nos preocupar com nada. A floricultura seria fechada e que somente passaria na loja para liberar as flores e folhagens para a decoradora que foi contratada por tio Lorenzo. Agradecemos Cíntia e ficamos de nos encontrar na quinta, à noite, na casa de papai para comemorar os cinco aninhos de Luísa.

Deixamos mamãe em casa para descansar. E chegando à casa de Gabi, embalamos os doces nas sacolas. Agora sim, estava tudo pronto e organizado.

O dia de Luísa não poderia ser diferente. Dia de sol, o vento soprando suave e, mais tarde, a lua chegando linda para iluminar a noite da minha pequena luz. Nem precisamos de tendas. As mesas foram organizadas na enorme varanda da casa de papai e algumas ao ar livre.

Luísa se divertiu muito com seus amiguinhos e se encantou a cada

presente que recebia. Minha amiga Brisa enviou pelo correio uma bolsa com a boneca Polly e várias roupas e calçados para ela trocar. Tirei fotos para que visse a alegria da Pequena Luz ao receber seu presente. Arrastou o pai e a mãe para a grama do jardim e iniciou a sessão de moda de Luísa. Criou vários modelitos para a sua nova boneca e não cansava de dizer que ganhou o *pesente* da tia Brisa.

Logo depois, o que chamou a atenção dela foi a TV de tela enorme que Daniel e Samuel colocaram no jardim e que passava fotos de Luísa desde a barriga da mãe, o parto, até os dias de hoje. A música de fundo do vídeo era a que definia a minha pequena luz. *Aos olhos do Pai*, de Diante do Trono.

*“Você é linda demais
Perfeita aos olhos do pai
Alguém igual a você não vi jamais
Princesa linda demais
Perfeita aos olhos do pai
Alguém igual a você não vi jamais”*

Deliciei-me em meio aos salgados e doces e matei meu desejo por docinho de leite Ninho. No fim da festa, distribuímos as lembrancinhas e tivemos a certeza de que nós tínhamos conseguido o mais importante da noite: Luísa estava radiante, feliz e se sentindo ainda mais amada por todos.



A sexta chegou e meu casamento no civil seria em menos de uma hora. Novamente a sala seria pequena para muitas pessoas. Tia Rachel fez minha maquiagem e escovou meu cabelo enquanto mamãe me ajudou a vestir um vestido em renda azul-claro.

Nós três seguimos de carro para o centro da cidade. Logo, chegamos ao cartório e todos já estavam nos esperando. Até o meu futuro marido, que, como sempre, estava lindo!

Ao lado de Gabi, estava a minha prima Adriana, que, assim que me viu, se emocionou. Falávamo-nos muito por celular, mas pessoalmente quase não nos víamos. Dri se afastou da família, após a atitude que tio Gabriel tomou ao descobrir que sua menina seria mãe e, além disso, solteira. Em poucos passos, nós estávamos uma nos braços da outra. Eu tocava sua face e ela a minha.

— Chegou, Nelly, o dia que você sempre sonhou desde menina. E Deus foi grandioso! Trouxe-te o homem que sempre amou.

— E fará o mesmo por você, Dri. Seu dia chegará e eu sinto que está mais perto do que imagina.

— Não, prima. O homem que me deu a luz da minha vida não tem olhos para a Adriana. Mas me deixou parte dele, sem ao menos ter noção disso.

— Tenha fé, Adriana.

— Eu tenho, Nelly, mas aprendi a conviver com minha realidade. Nesta vida, somos eu e meu pequeno João.

Um carro estacionou ao lado do meu. E Luc saiu dele. Adriana, que segurava minha mão, começou a tremer.

— Está sentindo alguma coisa, Dri? Olha o seu braço. Está toda arrepiada.

— Não... É... Não é nada — Adriana gaguejava. E no mínimo tinha esquecido que eu a conhecia muito bem. Ela nunca soube mentir.

— Mentira, Dri. Você gaguejou. Sinal de que está me escondendo algo. Porém, antes da minha viagem de lua de mel nós vamos conversar.

Adriana baixou o olhar. Depois ergueu e encarou Lucas, que estava fascinado, observando-a. Luc deu dois passos, fechou os olhos e era como se estivesse respirando profundamente.

Dri soltou minhas mãos e disse que me procuraria antes da minha viagem e foi correndo para o lado de papai.

Luc sacudiu a cabeça como se estivesse tentando se livrar de alguns pensamentos e me abraçou.

— Pronta para se tornar a Senhora Oliveira?

— Definitivamente pronta.

Luc deu um beijo em minha testa e entrou no cartório.

Logo fomos chamados. E Daniel e eu entramos para dar mais um passo em nossas vidas. Porém, dessa vez juntos.



32

Nelly

JÁ ESTÁVAMOS TODOS REUNIDOS NO CARTÓRIO.

Mamãe pegou Gabriela em uma de suas mãos e eu na outra. E nos levou para o canto da sala. Passou suas mãos trêmulas no rosto de cada uma.

— Eu daria tudo para ter participado do seu casamento, Gabriela. Mas nunca me perdoaria se não tivesse em minhas lembranças o seu olhar de felicidade. E vou levar para sempre comigo o seu sorriso iluminado ao dizer sim para o seu esposo. — Ela abriu sua bolsa e tirou duas fotos. E, em seguida, entregou para Gabi, que viu que as duas: foram nos momentos em que ela dizia "eu aceito" ao homem de sua vida.

Gabi estava sem entender como mamãe havia conseguido essas fotos.

— Como, mamãe? Quem tirou essas fotos? Eu não tenho nenhuma das duas no meu álbum.

— Rachel.

Eu e minha irmã olhamos para tia Rachel, que estava linda ao lado de papai e Adriana, e sua emoção era visível ao nos encarar. Gabi sussurrou um

“obrigada” para a nossa tia, enquanto ela somente colocou a mão em cima de seu coração e acenou.

Tia Rachel sabia que ao fazer aquele gesto estava dando mais um empurrão no destino para ter sua família unida novamente.

Gabi abraçou mamãe e a agradeceu por isso. Pois, mesmo distante, ela pôde vivenciar através de algumas imagens, a sua filha mais velha se unir ao homem que Deus lhe reservou.

— Agora você, minha preciosa. Seus olhos já me disseram o quanto está feliz. Ele é a sua alma gêmea, não é?

— Emanuely não existe sem Daniel. Como Daniel não existe sem Emanuely. Ele me completa. E eu sei que ele sente o mesmo.

— Graças a Deus, minha filha! — Mamãe me abraçou e acariciou meus longos cabelos. Porém, agora respirava mais aliviada.

Afastei-a um pouco e a observei.

— Por que mamãe?

— Porque amar e ser amado, Nelly, é algo que poucos conseguem vivenciar hoje em dia. E muitos não acreditam mais no amor verdadeiro. E saber que as minhas duas meninas estarão ao lado de homens bons, e que as amam mais que a si mesmos, traz paz para a minha alma.

Mamãe estava cada dia mais debilitada. Procurei e encontrei João Pedro, entre os rostos amigos, que a observava, preocupado. Pedi que se

aproximasse. Abracei mamãe e a entreguei a JP, para que ficasse ao seu lado.

Em seguida, o juiz pediu para que nos aproximássemos e iniciou a cerimônia. E depois eu assinei, tornando-me a Sra. Oliveira. Logo foi a vez dos padrinhos assinarem. E poucas foram as vezes em que vi Adriana corar. Porém, quando Lucas passou a caneta para as mãos dela parecia que havia levado um choque. E seu rosto de pele clara se tornou de um rosado tão visível, que nem a maquiagem conseguiu disfarçar. Ela tentou disfarçar abraçando e dando os parabéns para Daniel. Porém, quando chegou a minha vez, eu a surpreendi. Abracei-a e tive certeza de que Lucas e Adriana já se conheciam quando falei baixinho em seu ouvido:

— Por que você mentiu para mim? Nós sempre fomos mais que primas, Dri. É ele, não é? Lucas é aquele homem? Fala para mim que é mentira, prima.

Adriana me apertou mais em seus braços e disse:

— Nelly, hoje é o seu dia. Recuso-me a falar sobre mim. Agora desfaça essa ruga na sua testa e coloque um sorriso nesse rosto lindo e vamos comemorar.

Concordei com a cabeça e senti o toque tão conhecido e esperado em minha mão: Sara. E ao erguer minha cabeça, eu encontrei as duas pessoas que me deram a vida. Meus pais amados. E recebi um abraço carinhoso dos dois.

E iniciaram-se as felicitações. Parentes, amigos e até funcionários do cartório. Acho que eles nunca viram tantas pessoas em um casamento civil.

Gisele e Carla me entregaram um buquê de flores do campo e me entregaram uma caixa de presente. Pedi a Gabriela que segurasse as flores e a Pequena Luz tirou uma rosinha do buquê e colocou no cabelo dizendo que queria se casar também, o que fez Nathan olhar apavorado para sua princesinha e dizer que, por enquanto, estava ótimo o casamento das Barbies. O dela poderia esperar mais uns 25 anos.

Ri e voltei para junto das minhas amigas, que me esperavam perto de uma pequena mesa no canto da sala e me pediram para abrir o presente. Abri e encontrei o que sempre sonhei fazer para nós três. Um colar de ouro em formato de coração dividido em três partes. Na primeira parte estava escrito: *Best*. Na segunda, *Friends*. E na terceira, *Forever*. E em cada uma das partes havia um pequeno coração de pedra vermelha.

E, pela primeira vez no dia, eu chorei. Chorei por ter a certeza absoluta de que seríamos melhores amigas para todo o sempre. Mas também por, neste momento único de minha vida, sentir-me finalmente inteira. De saber que eu estava completa e segura ao lado do homem que amava.

Sáímos do cartório direto para a casa do papai, porque vovó nos esperava com comida para um pequeno exército. Tio Lorenzo e tia Ana também estavam presentes e correram para nos abraçar.

— Nossa menina cresceu, Lorenzo. Agora é uma linda senhora e logo será mãe. Já estou sentindo saudades das noites regadas a pipoca e guaraná que ela passava com nossos meninos lá em casa. Oh, Deus! Eu vou chorar. Todos eles cresceram!

Tio Lorenzo abraçou e acariciou os ombros de Ana, tentando acalmá-la.

— Mulher, daqui a pouco seremos nós dois no lugar de Rafael e Sara. Veremos nossas crianças se casando e nos dando netos.

Tia Ana se afastou de Lorenzo e seus olhos idênticos aos de Levi brilharam de ansiedade.

— Netos. Ah, eu quero! Mas enquanto isso não acontece serei avó adotiva de três. — E se inclinou beijando minha pequena barriga redonda.

— Adotiva não, tia Ana. Real. A senhora sempre me tratou como uma filha. E ensinarei os meus filhos a verem-na assim também. Como a linda vovó Ana.

— Eu amo você, Moranguinho. E sempre que precisar... meus braços, minha casa e meu coração estarão abertos para você, Daniel e seus filhos.

Lipe se aproximou e fixou o olhar em tia Ana.

— Mamãe, por que não me disse que queria tanto alguns netos? — Lipe ficou na ponta dos pés e, enfim, achou o que tanto procurava e gritou: — Levi, seu frouxo! Faz logo um filho na Gi! Se não conseguir dar conta do serviço, eu estou aqui totalmente à disposição. Mamãe quer um neto, porra! Seja um bom filho mais velho e honre o desejo dela, seu idiota!

Tio Lorenzo acertou com força na nuca de Lipe três tapas seguidos.

— O primeiro é por envergonhar Gisele na frente de todos. O segundo é pelo palavrão número um. E o terceiro pelo palavrão número dois. Agora corra para Nathan e tome um remédio. Eu já tinha pedido antecipadamente.

Sabia que viria gracinhas de você.

— Você me ama, né, pai?

— E tem outro jeito? Olho para você e me vejo mais novo.

— Não tem jeito. Sou o seu filho mais lindo e você é obrigado a me amar mais. Sou gostoso igual ao papai. — Lipe sorriu e saiu segurando a cabeça com as duas mãos.

— E ele será padrinho do meu filho, meu Deus!

Tio Lorenzo começou a gargalhar.

— Não podia ter feito melhor escolha, Nelly. Felipe é uma caixinha de surpresas. Aparenta ser esse menino descontraído, brincalhão, mas é super-responsável e sério com os negócios que destinei a ele na Itália. E nesse último ano foi um verdadeiro herói na vida de Enrico. Felipe é meu tesouro. Só não deixe que ele saiba disso. Jogará isso na cara dos irmãos a cada segundo para o resto de suas vidas.

— Eu sei, Lorenzo. Lipe é especial.

Tia Ana tinha saído e voltou rápido trazendo em suas mãos uma grande taça redonda coberta por um pano.

— Adivinha?

Eu tinha certeza de que tinha as mãos de Nana naquilo.

— Merengue de morango e chocolate feito por Nana.

Tia Ana dava pulinhos em minha frente.

— Isso, querida. E essa taça é só sua. Nana fez especialmente para você. As dos demais estão na geladeira.

Minha boca encheu-se de água. Que delícia! Sabia que tinha que almoçar primeiro, mas não resisti. Tirei o pano e enfiei o dedo no doce. Oh, Deus! Divino!

Daniel se encaixou atrás de mim e tomou a taça de minhas mãos.

— Vamos almoçar primeiro, minha preciosa esposa. Tem três crianças dentro de você e sei que estão famintos. Vamos lá que vovó fez *parmegiana* e o cheiro já está por toda a casa. As mesas já estão postas no quintal.

— Sim, senhor, meu lindo marido!

Dan entregou a taça para Gisele colocar na geladeira e passou o braço em minha cintura, levando-nos para o quintal.

E como tinha feito todos os dias em que tive o privilégio de estar rodeada de pessoas que tanto amava, eu fechei os olhos e agradei a Deus em silêncio por ser tão maravilhoso comigo. Minhas lágrimas e orações não foram em vão. E tudo em nossas vidas acontecia no tempo de Deus. Ele nunca falhou e não falhará. Dias difíceis poderão vir, mas meu amor e fé nunca serão abalados. Despertei de meu momento sozinha com Deus quando papai tocou meu braço e me olhou preocupado.

— Que aconteceu, papai?

— É a Adriana. Fiz de tudo para que viesse almoçar conosco e ela, como sempre, inventou as desculpas mais descabidas possíveis. Essa menina me preocupa.

— Ei, papai, ela está bem e vamos conversar ainda essa semana, antes da minha viagem de lua de mel. Agora me sirva churrasco. Minha barriga está roncando.

— Também pudera! São três crianças, minha filha. Mas eu ainda não entendo como Gabriela está mais redonda que você, carregando um filho só na barriga.

— Que ela não te escute, papai. Senão haja pote de sorvete para a crise depressiva dela.

Papai riu e nos levou para a mesa. Almoçamos em família. A família que Deus me presenteou. E logo após o almoço, eu fui obrigada a me despedir do meu marido. Passaríamos essa noite separados. Ele e os rapazes teriam uma noite de meninos em nossa casa. E eu e as meninas ficamos com o chalé na lagoa de Levi. Deixei bastante comida pronta para eles. O que me deixou mais tranquila era saber que eles estariam confortáveis e satisfeitos.

Porém, antes de entrar no carro, minha pequena luz gritou para esperar que ela queria falar. Entrou na casa de papai e saiu arrastando Daniel e tia Ester pelos braços, o que gerou curiosidade dos demais que não resistiram e já estavam do lado de fora também.

— Vovó, a moça bonita dos olhos azuis disse que, enfim, chegou o dia. Que era *pa* lembrar a senhora. Hoje é o dia da SURPRESA da dinda. Corre lá, vovó, e traz um lencinho também *poque* a tia Nelly vai chorar *mutu*.

— Oh, meu Deus! Eu tinha esquecido.

— Eu sabia, né, vovó? Pequena Luz é sabedoria pura.

Tia Ester abraçou a neta e sorriu carinhosamente.

— É sim, minha princesa. Como era a minha linda Amanda.

Tia Ester atravessou a rua, entrou em sua casa e em menos de dez minutos retornou. Ela já estava emocionada. Estendeu sua mão e me entregou um envelope amarelado.

— Abra, querida. Ela me entregou isto um dia antes de sua morte e me pediu para guardar até o dia de seu casamento. E que este seria o seu primeiro presente.

Olhei para o meu marido, que fez sinal para eu prosseguir. Abri o envelope e foi como sentir o perfume doce de Amanda saindo daquele papel. Senti-me tonta e fui amparada por Daniel, que me levou para sentar no banco em frente à casa de papai. Reconheci a letra linda e arredondada de Amanda. E suas palavras iniciais já trouxeram lágrimas aos meus olhos.

Minha pequena bailarina,

Lembro-me dos seus olhinhos brilhando ao chegar à minha escola de dança. Tão pequenina e assustada.

Mas você era minha para amar e cuidar. Você habitou meus sonhos de criança.

E meu amor por você sempre foi incondicional, mesmo antes de te conhecer.

Deus me deu o meu bem maior. O meu filho Daniel. E me mostrou desde cedo que vocês dois eram o complemento um do outro. O encaixe perfeito.

Nunca quis interferir nos seus destinos e pedi a Ester que também não fizesse.

As linhas escritas e traçadas por Deus são sempre perfeitas, Nelly. Nunca se esqueça disso.

Se você está lendo as minhas palavras neste momento é porque o projeto de Deus se cumpriu na vida de Daniel e na sua.

Oh, minha pequena bailarina! O que eu daria neste momento para poder sentir o cheiro de morangos dos seus cabelos, ver seus pés em sapatilhas e dançando lindamente uma coreografia ensaiada para chegar à perfeição!

Queria poder tocar a sua pequena barriga cheia de vida. Meus netos. Um pedacinho de mim em você, Nelly. Mas meu menino fará isso por mim. Cuidará de vocês com todo o amor que existe dentro dele. Eu confio em Daniel.

Agora enxugue as lágrimas que descem por seus olhos encantadores e receba o meu presente. A minha primeira SURPRESA para você.

Brilhe, minha estrela Emanuelly.

Com muito amor e carinho,

Amanda.

Eu sentia meu corpo tremer e ouvia o som de meus próprios soluços. Ao mesmo tempo que queria Daniel me abraçando e acalentando, esse era um momento meu e de Amanda. E ele respeitou isso. Manteve-se perto, mas me deu o espaço que precisava.

Beijei delicadamente o papel e o coloquei de volta no envelope. Tia Ester sentou ao meu lado e me entregou uma caixa vermelha com um laço dourado.

Passei a carta para que Daniel pudesse ler também e fui abrir o meu presente. Novamente senti o perfume de Amanda. Doce, mas tão suave.

Dentro da caixa havia uma chave em um chaveiro prateado em formato de estrela.

Peguei a chave nas mãos e girei o chaveiro. Na parte de trás estava gravado em vermelho a palavra *Stars*.

Não entendia o que poderia ser aquilo. Mas tia Ester sabia. Seu sorriso largo dizia isso.

— *Stars*, Nelly. A partir de hoje é seu. Tudo está em seu nome. A escola de dança dos sonhos de Amanda. O lugar onde ela te ensinou os primeiros passos, as primeiras coreografias. Tudo isso agora pertence a você. E este é o nome que ela escolheu. Esse é o lugar onde você brilhará, minha querida. Passará os ensinamentos que ela deu a você. Parabéns, meu amor! Finalmente ela entregou a você os seus bens mais preciosos.

Tia Ester agora me acompanhava no choro.

Ela me deu o que tanto amou. E eu não tinha palavras para expressar o que estava sentindo.

Luísa me entregou um lenço para tentar conter as minhas lágrimas. O que estava sendo muito difícil, no momento.

Daniel já tinha terminado de ler a carta e vi que seus olhos estavam marejados. Em seguida, ele me estendeu sua mão e eu a tomei, levantando-me. Ele me abraçou e cheirou meus cabelos. Depois sussurrou em meu ouvido com a voz embargada:

— Ela é única. A presença dela em nossas vidas será eterna!

— Será, meu amor.

— Eu vou cuidar de vocês.

— Eu sei, Daniel. Eu confio em você também.

— Eu amo você, Preciosa.

— Te amo mais, meu marido.

— Isso é impossível.

Sorri e Daniel me girou em seus braços e vários olhos curiosos me encaravam.

Balancei o chaveiro e gritei que a escola de dança agora era minha. A *Stars* sempre seria dos Oliveira. Eu faria de tudo para manter o sonho de Amanda vivo.

Como ainda estava cedo, eu não poderia ir embora sem antes tocar o meu mais novo presente.

Minha mãe estava na porta da casa de papai. Caminhei em sua direção e vi que ela também se emocionou com o gesto de Amanda. Mamãe tocou suavemente o meu rosto.

— Eu fiz a melhor escolha aquele dia, não foi, Preciosa? Olha o que Deus reservou para você, minha menina. A porta da cor de seus cabelos te direcionou para seu futuro.

— Sim, mamãe. A porta vermelha da escola de dança me trouxe amor e amigos. Bens valiosos demais. Sempre mantereí a porta de entrada da cor vermelha. Quem sabe novos destinos sejam selados ali também.

— Vá. Eu sei que você não sossegará até que seus olhos vejam e seus pés sintam que aquele lugar te pertence. Eu vou pedir a Gabriela para me ajudar a separar suas coisas para esta noite. Não demore. Você precisa descansar para

amanhã. O seu grande dia.

— Obrigada por me conhecer tão bem.

Despedi-me de Sara. E segui com meus amigos para a *Stars*.

Daniel estacionou em frente à porta de entrada. Saiu do carro e veio abrir a minha porta, ajudando-me a descer. Em seguida, ele apontou para cima e meu coração acelerou, quase não acreditando no que via.

A placa havia mudado.

O nome *Stars* agora brilhava na fachada. E embaixo dele, o meu novo nome: Emanuely G. S. Oliveira.

Daniel segurou em minha mão e me girou em um delicioso passo de dança.

— Vamos entrar, Preciosa. E dar os primeiros passos na dança da vida. Juntos.

— Então me guie.

E de mãos dadas, nós dois abrimos a porta vermelha e entramos com nossos amigos para o sonho de Amanda, que agora também era o meu.



33

Nelly

NOSSO MOMENTO NA STARS PASSOU rápido. E antes de seguir para a lagoa de Levi, eu tirei uma foto da placa que tia Ester e Davi mandaram fazer para a fachada da escola de dança.

E sem eu saber de nada, foi o Daniel que havia criado a marca para a *Stars* a pedido de Ester. E isso me deixou ainda mais emocionada. Em mais um pedaço da minha vida, tinha uma parte de Dan. Despedimo-nos e seguimos para o chalé.

Trinta minutos mais tarde, já estávamos estacionando na garagem de Levi. Pedi que me dessem alguns minutos sozinha. Minhas amigas concordaram e eu segui para a beira da lagoa. Tirei minhas sandálias e meus pés tocaram na areia morna. Comecei a caminhar e logo um vento gostoso e suave tocou a minha pele. Eu sabia quem era. A presença dela era constante. E ela me conhecia, como uma mãe a um filho.

Ela estava sentindo minha insegurança, meu medo de que algo ou alguém destruísse meus sonhos, temor de que algo acontecesse aos meus bebês, que eu não conseguisse ser uma boa mãe, ou até mesmo ser a melhor esposa para o seu filho, Daniel.

Mas eu estava sentindo o seu toque me acalutando e passando segurança. Não era à toa que esse era o meu lugar seguro. E na véspera do meu dia perfeito, Amanda não me desamparou.

Limpei as lágrimas que rolavam por minha face e iniciei minha caminhada de volta para o chalé, firme e segura de que nada abalaria minha fé e meu amor.

Subi os degraus do chalé e o cheiro divino das comidas de Nana chegou até as minhas narinas, fazendo os meus três presentes na barriga reclamar de fome na hora.

Eu e minhas irmãs de alma passamos uma noite agradável. Logo o dia amanheceu e o nervosismo já estava tomando conta de mim.

Nada nesse mundo me acalmaria como a dança e a cozinha. Mas, como queria meus pés bem lindos para essa noite, eu escolhi a cozinha. E saí acordando todas as meninas. Precisava passar no supermercado antes de chegar à casa de papai. A tradição da família não poderia ser quebrada: a moqueca capixaba sempre estava presente em todo almoço de casamento.

Às nove da manhã, Carla estacionou em frente à casa de papai. E, como não poderia ser diferente, o movimento já era grande por ali. Luc saiu pela porta da frente e parou quando me viu. Deu um sorriso lindo e abriu os braços para mim. Depositei as sacolas que havia pegado dentro do carro, no chão. E corri para o seu abraço.

— Você está feliz? — Luc falou suavemente no meu ouvido.

— Como nunca estive na minha vida.

Luc beijou minha testa.

— Era isso que eu precisava ouvir. — Lucas acariciou minha face. — Eu te amei, baby. Do meu jeito torto, mas te amei. E você sempre será a parte especial de mim. Ensinou-me que o amor verdadeiro não tem medidas, que os nossos sonhos podem se tornar reais e que nunca podemos perder a fé. E são nessas pequenas coisas que estou me agarrando para prosseguir.

— Quem fica feliz em ouvir isso, sou eu, Lucas. Você só não sabe, meu amigo. — Levei minha mão ao peito dele. — Mas aqui dentro desse coração, já habita um amor verdadeiro e incondicional. Abra não só os seus olhos, Luc, tente enxergar com sua alma. A felicidade está tão perto de você. Somente sinta.

— Ela vai chegar, baby. Afinal, não sou tão ruim assim, né?

— Não, meu amigo. Você é especial. E Deus reservou o melhor para você.

— Obrigado, baby. Hoje é dia de festa e não de falarmos de meu coração sofrido. Deixe-me ajudar com as sacolas.

Lucas me soltou de seus braços, mas antes dele chegar à frente do carro, eu gritei:

— Luc, a ova do peixe é só sua, hoje.

— Ah, porra! E vamos começar a festa, então.

Levamos todas as sacolas para a cozinha, porém, antes de iniciar o almoço, eu tomei um belo de um café da manhã reforçado, sentada no colo do meu marido enquanto recebia diversos beijos dele. Logo em seguida, mamãe chegou acompanhada de João Pedro.

Quando íamos iniciar o preparo do almoço, ouvimos uma buzina de caminhão ao longe. Ninguém sabia o que iria acontecer. Somente eu e ele. O som foi ficando mais perto e forte. E meu coração cada vez mais acelerado. O caminhão estacionou em frente à casa de papai e começou a buzinar sem cessar.

Todos me olhavam sem entender o que estava acontecendo.

— Me deem cinco minutos, por favor.

Daniel já ia se levantar para me acompanhar, mas fiz sinal para que me esperasse.

Abri a porta da sala e meus olhos foram de encontro aos de meu pai. Sei que eu sairia do padrão de qualquer noiva, mas era meu coração que me guiava. Papai deu alguns passos em minha direção e me tomou pelas mãos.

— Tem certeza, minha preciosa?

A resposta já pulsava dentro de mim:

— Sim.

— Mas você poderia ter escolhido o mais caro, o mais chique para o seu

dia. Por que isso, Nelly?

Puxei papai e paramos em frente à carreta vermelha.

— Sabe o porquê, seu Rafael? Isso aqui me deu uma casa, educação, comida e me ajudou a realizar todos os meus sonhos. Foi o seu suor, papai. Em cada caminhão que você passou, nós éramos moldadas: eu e Gabriela. E nós somos eternamente gratas por isso. E eu me orgulho tanto de você, papai. E nada mais perfeito do que chegar vestida de noiva, na carreta vermelha do meu pai, guiada por ele.

— Oh, minha menina! Não me arrependo um dia sequer desses mais de 30 anos de estrada. Mesmo os dias e as noites que passei longe de vocês valeram a pena. Vocês cresceram lindas, inteligentes, saudáveis e cada vez mais, deixam este velho aqui, orgulhoso das filhas que tem. Agora, eu vou deixar essa carreta brilhando para hoje à noite.

— Não quero você cansado, papai. Ela já está limpa, para quê mexer mais nisso?

— Para você sempre o melhor, minha preciosa. E olha o tanto de braço forte para ajudar ali atrás.

Papai me rodopiou e eu vi todos nos olhando encantados e sem acreditar no que estava acontecendo.

Felipe foi o primeiro a se pronunciar:

— Irado, Moranguinho! Você, toda gostosa de noiva, chegando nessa

carreta vermelha. Isso é sexy pra porra! — Lipe encarou papai. — Tio, passa a chave que vou dirigir a poderosa aí.

Papai fechou a cara e somente deu um olhar de reprovação para Lipe, que saiu resmungando de volta para junto de nossos amigos.

— Seu Rafael, eu vou ajudá-lo a encerrar a carreta. Isso faz lembrar-me dos momentos que passei com meu pai. — João Pedro passou por mim, e junto com papai, estava deixando o caminhão ainda mais lindo.

Deixamos os dois do lado de fora e, antes de voltarmos para a cozinha, Daniel me segurou na porta de entrada.

— Não sei se é possível amar você ainda mais. Mas neste momento eu sinto isso, Preciosa. A sua essência é o amor por todos ao seu redor. Você colocou um sorriso de orgulho no rosto de seu pai. Ele vai levar você até a mim nesta noite, passando por todas as fases de sua vida. Recordando que, através do trabalho dele, ele moldou a linda bebê de cabelos vermelhos em uma mulher valorosa, única e especial.

— Não me faça chorar, Daniel. Eu só fiz o que meu coração me disse.

— Então, está explicado.

— O quê?

— Seu coração é puro, forte, intenso, amoroso, verdadeiro, honesto, amigo e, acima de tudo, guiado por Deus! Não poderia vir outra coisa de você.

— Vamos entrar, homem! Eu tenho um almoço para fazer e preciso ficar apresentável nesta noite e não de olhos inchados de tanto chorar.

Sorrimos e entramos abraçados na casa de papai, enquanto ele e JP trabalhavam na carreta. Vi que mamãe e vovó já estavam na cozinha iniciando o almoço. Até tentei ajudar, mas fui praticamente expulsa.

Por isso, tia Rachel me levou para o meu quarto e passou a colocar meus longos cabelos lisos em rolos. E os deixou fixados para que os cachos durassem bastante tempo. Só iria tirá-los para ajeitar na tiara mais tarde.

Descemos e ajudamos a separar pratos, talheres e copos para o almoço enquanto os meninos montavam as mesas do lado de fora, pois o dia estava ensolarado e agradável.

Almoçamos todos juntos e, sem dúvida, a moqueca de mamãe tinha algo a mais. Estava deliciosa! As panelas logo estavam vazias e ver o prazer no rosto de Sara ao ver a minha satisfação e dos demais era realmente maravilhoso. Vovó fez uma sobremesa leve, com morangos picados regado com leite condensado e *chantilly*.

Como ainda era cedo, eu e Daniel subimos para o meu agora, antigo quarto, e tiramos um cochilo gostoso.

O culto estava marcado às 19h30. E queria ser pontual. Esperava conseguir, por isso pedi a Gisele que me acordasse às 14h. E no horário certo, eu fui despertada. Despedi-me do meu homem e seguimos para o salão de tia Rachel, onde Paulo já me esperava com a câmera vermelha nas mãos.

— Com a Nelly, Paulo?

— Ordens do seu marido. E o filho da mãe acertou em cheio! A câmera é maravilhosa.

— Sim. Ela é.

— E ruiva, eu vou registrar com muito amor e carinho o seu dia. Fique tranquila.

— Eu sei, meu amigo. Não perca nada de minha mãe. Quero poder guardar cada detalhe dela, neste dia.

— Ok. Agora relaxe e esqueça que eu estou aqui. Viva cada segundo de seu momento de princesa.

— Sim, senhor!

Entramos e o som de risos e secadores de cabelos tomava todo o ambiente do salão. Meu vestido estava pendurado em um cabide de madeira branco e rosa escrito "Dan & Nelly". Logo em cima era para estar a minha tiara, mas o local estava vazio.

Tia Rachel estava escovando os cabelos de minha mãe, que, por sinal, estava com a pele corada, linda e com um sorriso que iluminava o seu belo rosto.

— Mamãe, eu pedi que entregassem a minha tiara e não a encontro por aqui. Você a viu?

Mamãe e tia Rachel trocaram olhares. Gabi levantou-se de sua cadeira e entregou uma caixa para Sara. Mamãe se levantou e colocou-a em minhas mãos.

— Abra.

Com minhas mãos trêmulas, eu a abri e a reconheci de fotos que não cansava de olhar em minha infância.

— É a sua tiara, mamãe!

— Sim, e agora é sua. Se for da vontade de vocês, ela passará para Luísa e também Amanda e Sara.

Ela era tão linda, em pedras rosa como o anel que Daniel me deu de noivado. Segurei a tiara perto de meu peito e praticamente mordi os lábios na tentativa inútil de não chorar.

— Não chore, minha menina. Tragam água para ela, por favor!

Enquanto respirava profundamente, eu ouvia as palavras doces de minha mãe. Do quanto ela estava feliz e realizada em passar esse dia conosco e de ter uma parte do seu dia especial no meu. E isso me fez conter as lágrimas e agradecer o seu carinho.

Tia Rachel voltou ao seu trabalho com mamãe enquanto minhas amigas estavam sendo tratadas por outras funcionárias do salão.

Minhas unhas foram pintadas de rosa, em um tom semelhante ao anel e a tiara.

Gabi chegou com meu buquê. Deixei à escolha dela. E não me decepcionei. Ele era redondo, feito em rosas, tulipas e lisiantos em tons de rosa e branco e pouco verde. Com algumas pedras rosadas e pérolas, ele era romântico e elegante, como sempre sonhei. E Pequena Luz ganhou uma miniatura dele.

Logo, titia começou a trabalhar em mim. Meu cabelo foi preso aos lados enquanto os cachos caíam sobre meus ombros.

O tempo estava passando rápido. Antes da maquiagem, mamãe trouxe um pedaço de bolo de laranja e suco.

Minhas amigas já estavam em seus vestidos. Deixei-as livres para escolher o que elas quisessem vestir. Estavam em belos vestidos longos. Gabriela usava um vestido dourado deixando a barriga de sete meses destacada, e tentava a todo custo ajeitar os seios no busto do vestido.

— Eu não consigo. Desisto! Mesmo que Nathan surte, eu não posso fazer nada. Eles cresceram, porra! E querem saltar do vestido.

Mamãe disse que ela estava linda e que não se preocupasse porque nesse quesito também tinha concorrência. Nate não surtaria sozinho, porque Dan o acompanharia, pois os meus seios estavam enormes.

Paulo não parou um segundo. Registrou um brinde entre todas as mulheres. Eu, Gisele e Carla, uma ao lado da outra, enquanto nossas unhas eram feitas. Gabriela colocando colar e brincos em mim. Tia Rachel me maquiando.

Mas o momento que tocou a minha alma foi ao olhar nos olhos da minha mãe e vê-la realizada. Não era preciso palavras para expressar o que estávamos vivendo. Sara estava participando do dia que sempre idealizei em meus sonhos de menina. E cada detalhe do dia de hoje foi feito com o toque de amor por todos os lados.

Mamãe segurou meu vestido.

— Minha pequena bebê de cabelos vermelhos. Minha preciosa. Hoje você se tornará uma única pessoa. Vocês serão, como diz a palavra de Deus, um corpo só. E sei que esse é o seu felizes para sempre, daqueles que eu lia todas as noites, esperando seu sono chegar. E agora eu vou vesti-la pela última vez. — E minha mãe deslizou por meu corpo o vestido que escolhemos juntas.

E no fim do meu dia de princesa, eu havia escolhido as fotos que estariam espalhadas por minha nova casa: tia Rachel passando um batom rosa em meus lábios; minhas amigas e eu, segurando juntas o buquê; vovó colocando em meu pulso a pulseira que Daniel havia enviado, que fazia par com o anel que foi de Amanda. E finalmente a minha preferida: eu e Gabriela de mãos dadas e mamãe acariciando nossas barrigas com Luísa em nossa frente, segurando o seu pequeno buquê. Havia muito amor envolvido nesse momento. E foi registrado para a eternidade em uma foto como também em minha mente e coração.

Papai estacionou a carreta e, como já estávamos todas vestidas, ele entrou no salão. Meu pai estava lindo. Era raro vê-lo vestido tão socialmente, mas Daniel o ajudou. E o terno feito sob medida o deixou ainda mais bonito.

Mamãe o auxiliou com a gravata, que estava torta. O sentimento entre eles

hoje em dia era diferente. Havia amor, sim. Mas fraternal. De quem se queria bem.

Todos nós sabíamos que esse dia era difícil para o papai, porque mais uma menina sua estaria indo embora, mesmo que fosse para a casa ao lado.

Ele pegou os sapatos da mão de tia Rachel, ajoelhou-se na minha frente, e me calçou com delicadeza. Em seguida, ele ergueu-me da cadeira e tocou o meu rosto.

— Mais uma vez, eu pergunto: Está pronta?

— Sim.

— Então vamos. Hoje não será a boneca de sua infância que dirá o “sim”. Finalmente, chegou o seu dia, Preciosa.

Aceitei o seu braço estendido e caminhamos juntos para a carreta. Mamãe e Gisele me ajudaram a erguer um pouco meu vestido e não foi tão difícil de subir os degraus.



Seguimos em três carros.

Ao chegar à rua de tio Lorenzo, papai começou a buzinar o caminhão sem

cessar. E eu comecei a gargalhar ao ver os curiosos correndo portão afora para saber o que estava acontecendo.

Havia seguranças no grande portão da garagem de tio Lorenzo. Papai entrou com a carreta e estacionou. Desceu e foi para o outro lado abrir a minha porta.

Paulo, que já estava nos esperando, pediu para descer devagar enquanto fotografava.

Havia uma cerimonialista contratada por tia Ana, mas em cada detalhe dessa noite havia um pouquinho de mim. E deleguei a Cíntia a função de ser os meus olhos em tudo enquanto eu não podia estar presente, já que ela era a sombra da cerimonialista.

Minhas mãos estavam suando. E meu buquê parecia pesar mil quilos. Atrasamos quase meia hora e eu tinha certeza de que Daniel estava nervoso.

Cindy chegou e me levou para uma tenda, próxima ao local onde estava montado o altar.

— Ele está nervoso e quase arrancou a orelha de Felipe quando ele lhe disse que ia brochar essa noite e que ia ter que correr para salvar a sua lua de mel.

— Oh, meu Deus! Felipe não tem filtro entre a mente e a boca.

— Não tem mesmo e muito menos amor à vida. Chamou-me de gostosa e disse que, hoje, nossa noite será inesquecível. E ainda na frente de João

Pedro. E olha que eu gostei de ver a reação dele. Finalmente, senti um pouco de ciúmes da parte dele. Ele me agarrou pela cintura em sinal de posse. Espero que até o fim dessa festa, ele tome uma atitude e me leve para a cama.

— Santo Cristo! Você bebeu?

— Me deram uma taça de champanhe, mas eu estou bem.

— Vou matar, Felipe! Como ele pode pensar em embebedar a minha madrinha de casamento?

— Ei, como você sabe que foi ele?

— E podia ser outro?

Cíntia começou a gargalhar.

— Eu gosto dele, ele é divertido. Pena que tenho um coração burro que ama quem não me quer.

— E quem disse que ele não te quer? Ele só tem medo, Cindy. Eu não posso entrar em detalhes da história de João Pedro, mas ele teme passar por tudo que seu pai passou. Porém, vai chegar a hora dele abrir seu coração. Então, esteja preparada para ser amada intensamente.

— Assim seja, minha amiga! Mas vamos lá. A sua hora chegou. Seus padrinhos já estão posicionados. Só está faltando eu. — Cíntia me deu um beijo leve na face e disse para eu esperar a cerimonialista vir me buscar, e saiu.

A música instrumental que Dan e eu escolhemos juntos iniciou. Enquanto isso, eu abri um pouco da tenda para enxergar o meu homem andando em direção ao altar de braços dados com tia Ester e ao som de *Essência do Amor*, do Grupo Logos.

O que Deus reservou para mim estava se cumprindo.

Ao longe, vi tia Ester beijar as mãos de Dan e depois sua face. E se posicionar ao lado de tio Davi no banco da frente.

Logo após, os nossos padrinhos começaram a caminhar pelo tapete vermelho que poucos minutos me levaria para junto do homem que sempre amei.

Levi e Gisele estavam tão lindos! Esperava que logo eles entendessem que o destino deles também foi traçado. Era para ambos estarem juntos, antes mesmo deles nascerem.

Meu cunhado me fez perder um pouco do nervosismo. A cara dele olhando para os peitos de Gabriela reprovando o decote e ao mesmo tempo observando a sua filha de braços dados com um pequeno príncipe atrás deles, quase em desespero, me fez gargalhar.

— Está observando Nathan também, Preciosa?

— Sim. Ele está hilário.

— Isso é só o começo. E ele não pode fazer nada. São as estradas que a vida toma. Ele não levou minha filha de mim? Luísa não será só do papai a

vida inteira. Um dia, um homem honrado irá fazer morada permanente no coração da nossa pequena luz. E Nathan terá que aprender a conviver com isso.

— Sim, terá. E posso até estar enganada. Mas creio que Nate terá o filho de Paulo como genro.

— Nossa história é escrita e selada por Deus antes mesmo de nascermos, minha filha. Então, está tudo nas mãos dele. Só nos resta esperar.

— Essa é a mais pura verdade, papai.

Fui abraçada por meu pai e continuamos a ver os meus amigos seguindo rumo ao altar: Enrico e Cíntia, Felipe e Carla, Samuel e Rebeca e, por último, Lucas e Adriana.

Enquanto se posicionavam em seus lugares, eu e papai caminhávamos para nossas posições em frente ao corredor com pequenas pilastras com arranjos de copos de leite.

A música mudou e a marcha nupcial iniciou. Minha pequena luz e o pequeno príncipe de Paulo entraram de mãos dadas.

Enxerguei neste instante o que sonhei desde pequena, o que me deu ainda mais a certeza de que nossas histórias estavam entrelaçadas desde sempre.

Eu vi nos olhos de Daniel o que meu coração sempre almejou: amor. Amor puro, sincero, incondicional e inigualável. E tinha certeza de que ele enxergou o mesmo nos meus.

Caminhei de braços dados com meu pai. O primeiro homem que enxerguei e amei. E que em poucos passos estaria me entregando ao homem que veio completar a minha alma. Meu companheiro. Meu amado. Pai de meus três filhos. Meu amor maior.

Paramos em frente ao altar e Dan veio me receber. Papai o cumprimentou e disse que ali, ele estava entregando o segundo tesouro que Deus lhe presenteou. E assim como ele cuidou e zelou com todo o amor de sua alma, ele esperava que Daniel também o fizesse.

Dan assentiu e disse que não tinha outra forma diferente para isso. Ele era parte de mim, como eu era parte dele. E se um se ferisse, o outro sentiria. Então, ele cuidaria de mim com todo o amor que havia dentro dele.

Como eu estava entrando no quinto mês de gestação e um culto de casamento era um pouco longo, foram colocadas duas belas cadeiras decoradas e acolchoadas em frente ao altar para nos acomodar e evitar qualquer cansaço e inchaço nos meus pés. Por isso, sentamo-nos e o pastor deu início ao culto de glorificação.

Foram cantados alguns louvores e a mensagem lida e explicada, foi em I Coríntios 13.

A troca de alianças iria acontecer agora. Vi alguns movimentos entre nossos padrinhos. E do meu lado esquerdo estava Levi sentado em um banco com seu violão e Enrico ao teclado. E ao lado deles com um microfone, estava a minha irmã. Gabi sussurrou que esse presente era para nós dois. E os toques da melodia suave chegaram aos meus ouvidos.

Mais uma canção de Amanda e seu marido. Lembro como se fosse hoje dos seus ensaios para seu aniversário de casamento. Ela dançou esse louvor para Arthur: *Amar você*, de Fernanda Brum, que traduzia tudo o que estava sentindo. Realmente não havia nada melhor do que amar Daniel.

A voz doce de Gabriela se juntou à melodia. No meio do louvor, o pequeno João caminhou sobre o tapete vermelho segurando uma Bíblia branca aberta. Os olhos azuis de João eram tão intensos que revelavam as dores que um ser tão pequenino já estava passando. E em pé ao meu lado esquerdo, eu podia ouvir os soluços de Adriana. Era o seu menino caminhando em nossa direção. Ela perdeu sua própria vida para ressurgir após o nascimento dele. E o olhar desse menino me lembrava alguém.

*“Quando o amor toca o coração.
O tempo para, a vida vira uma canção.
E não há nada melhor do que amar você.
Eu nunca vou te perder.
Foi Deus quem me deu você.
É como poder sonhar
E nunca acordar.”*

E Adriana não era a única emocionada. Tia Ester não conseguia conter suas lágrimas ao ver aquele menino loiro e de olhos azuis entregar a Bíblia para Daniel.

Daniel sussurrou para mim o que também respondi para ele: “Foi Deus quem me deu você”. E nada abalaria este alicerce.

Logo, voltei minha atenção para o olhar de tia Ester, que seguia de João para o seu próprio filho.

E o seu choro incessante tinha um motivo: ela viu em João o que eu demorei três anos para enxergar.

Ele era parte de Lucas. E Adriana não podia ter feito isso com ele.



34

Nelly

APÓS ENTREGAR A BÍBLIA NAS MÃOS de Daniel, João não sabia mais para onde ir. Olhou para Adriana, que abriu os braços, chamando-o para seu colo. E ele correu em direção a ela, mas surpreendeu a todos.

Parou em frente a Lucas, que estava ao lado de Adriana e atento às palavras do pastor, e puxou a barra de seu terno. Lucas o olhou e sorriu o sorriso que sempre amei ver no rosto de meu amigo. Ele estava desarmado, rendido aos olhos azuis do pequeno João.

João abriu seus bracinhos e Luc o ergueu, abraçando-o com amor e carinho, sem ao menos ter a mínima noção de que aquele menino lindo era dele.

Meu coração se apertou ao ver minha prima tremer ao seu lado. Ela fez sinal de que iria ficar bem.

O pastor continuou a pregação e logo estávamos de joelhos, com nossas mãos estendidas sob a Bíblia e recebendo as bênçãos de Deus através da oração de todos.

E, mais uma vez, Amanda se fez presente em minha vida. A aliança que

recebi era dela. A aliança que selou seu amor com Arthur era agora a mesma que selava o meu e de Daniel.

A única diferença eram as três pedras que Dan mandou colocar, simbolizando nossos três tesouros: Amanda, Sara e Matheus. E na parte interna estava gravado os nossos nomes.

Agora éramos uma só carne, uma só alma perante Deus e os homens.

Sáímos ao som de Levi, Enrico e Gabriela.

No final do corredor de flores, Daniel tomou-me em seus braços e me beijou suavemente enquanto tocava a minha face. E seu toque era delicado e carregado de amor incondicional.

Em seguida, começamos a receber as felicitações. Primeiro de nossos familiares. Meus pais estavam visivelmente emocionados. Tia Ester ainda estava aos prantos. E Daniel se preocupou ao abraçá-la.

— Ei, tia, tente se acalmar. Hoje é um dia de festa.

Dan passava suas mãos nos braços dela, enquanto conversavam.

— Eu estou bem, filho. Um pouco emocionada. Nada em nossas vidas é por acaso. Os planos de Deus são sempre perfeitos. Seu amor por nossas vidas é imensurável. E Ele acabou de me mostrar isso.

Tia Ester contornava o rosto de Dan com a ponta de seus dedos e o admirava com um amor tão grandioso. Porém, eu sabia que suas palavras não eram só pelo nosso casamento. A extensão de seu amor e de Davi agora era

maior. E estava nos braços de seu filho Lucas.

— Vamos comemorar, tia. Essa mulher preciosa aqui, agora é toda minha.

— Ela sempre foi sua, querido.

Ester me abraçou e sussurrou em meu ouvido:

— Ele é de Lucas. Meu coração já me disse.

— Nossos corações estão em sintonia, tia Ester. O meu também me disse a mesma coisa.

— Vamos orar para que Lucas receba bem esta notícia.

— Tudo tem dois lados, tia Ester. Minha prima não esconderia a paternidade de seu filho sem motivos.

— Eu sei, querida. E espero ouvir a história dela em breve.

— Eu também.

Tia Ester beijou minha testa e saiu. Continuamos a receber os cumprimentos quando uma vozinha suave pronunciou o meu nome:

— Tia Nell.

— Ei, meu pequeno príncipe, cadê meu abraço apertado?

João saiu dos braços de Lucas para os meus.

— A tia está muito orgulhosa de você. Não tropeçou e deu o sorriso especial só para mim, como te pedi.

— *Mim* ser inteligente, tia.

Sorri de sua fala.

— Sim, você é um pequeno príncipe.

Agora eu conseguia enxergar a semelhança, que era gritante. Ele era a minicópia de Lucas.

— Venha, garotão! A tia Nelly Não pode pegar peso.

Sem medo algum e com total confiança, ele se jogou no colo de Lucas. E João não fazia isso. Ele não confiava facilmente. Enquanto ele brincava com a gravata de Lucas, minha prima se aproximou. E eu a abracei, sussurrando:

— Por quê? Só me diga o porquê.

— Porque eu me vi perdida, sozinha, rejeitada por meu pai e me encontrando às escondidas com minha mãe. E o pai de João amou a Rubi, a misteriosa e sexy dançarina ruiva, não a Adriana. Eu não aguentaria outra rejeição ou ser humilhada novamente.

— Você não o conhece, prima. Fui eu que vi o sofrimento nos olhos dele durante esses anos. Ele descobriu o amor em você. E a dançarina que eu não conheço, está aí dentro da Adriana. Elas são uma só. Não prive Lucas da presença de seu filho por mais tempo. Ester já sabe.

— Eu percebi.

Tínhamos muito para conversar ainda. Mas Adriana tinha razão. Esse não era o momento e Daniel já estava ciente de que algo errado estava acontecendo.

Após os cumprimentos, todos se dirigiram à área reservada para a festa. Enquanto os garçons circulavam de um lado a outro, Daniel me puxou para um canto.

— Fale agora o que está a incomodando.

O segredo não era meu, mas Daniel não conseguiria aproveitar a festa se não soubesse.

Tomei sua mão e o levei onde podíamos observar sem sermos vistos por ninguém. E aponteí na direção que Luc estava.

— Amor, olhe para o menino no colo de Lucas. Tente enxergar com seu coração.

Daniel me abraçou por trás e logo encostou sua cabeça em meu ombro.

— É dele, não é?

— Sim. O mesmo sorriso, os olhos azuis, os cabelos. Luc precisa dele, Daniel. Eu sinto. Um pode curar a tristeza do outro. Ele e Adriana são as partes que faltam em Lucas.

— Espero que ela não o deixe no escuro por mais tempo.

— Eu também.

Ainda abraçados, nós vimos Luc colocar um guardanapo em João e lhe dar de comer. Lucas gargalhava ao fazer aviãozinho com a colher. Oh, Deus! Que saudade de ouvir esse som!

Nossa pequena luz se aproximou e pediu que abaixássemos. Tocou com cada mão a nossa face e sorriu.

— Ele vai perder tudo. E vai *precisar* de todos nós para se reencontrar. *Principalmente* de você, dinda. Ajude tio Luc a encontrar novamente o seu coração.

— Eu sempre estarei aqui para ele, minha princesa. Para todo o sempre.

— Ele vai se lembrar disso, dinda. — Luísa nos abraçou e voltou para a mesa de seus pais.

— Me arrepio todas as vezes que Luísa fala essas coisas. A sensibilidade dela é algo inexplicável.

— Como diz tia Ester, não tente entender, amor. Vamos sentar que eu estou com fome.

— Hora de alimentar vocês quatro.

Dan deu três beijos na minha barriga e um selinho em meus lábios.

Quando já estávamos chegando à mesa, Felipe gritou para não sentarmos, que eles tinham uma surpresa para nós dois. E junto com Levi e Carla, ele

nos arrastou até a garagem.

E meu casamento nunca seria normal mesmo. Primeiro foi o segredo de Adriana e agora isso.

Minha amiga estava com as pernas envolvidas na cintura dele e suas costas tocavam a parede da garagem. Os dois se beijavam com um intenso desejo. A mão dele tocava o rosto dela com imenso carinho. E todos nós estávamos estáticos e sem reação alguma ao ver a cena. Fomos despertados ao ouvir o sussurro de Levi:

— Eu sempre te amei, Gisele.

— E eu sempre quis escutar isso.

Felipe começou a gritar e a erguer os braços:

— Aleluia, aleluia e aleluia! Meu irmão não é frouxo!

Gisele escondeu seu rosto na curva do pescoço de Levi. E Lê começou a gargalhar.

— Ei, pequena! Nós não podíamos nos esconder deles.

— Mas não precisava ser desse jeito, com esse louco gritando.

Lipe colocou a mão na cintura e abria e fechava a boca, sem sair som algum. Até que não aguentou e gritou de novo:

— Cunhadinha, eu sou NORMAL!

Rico respondeu ao meu lado:

— Mas nunca foi mesmo, Felipe! E Gisele, seja bem-vinda oficialmente à família.

— Obrigada, Rico.

— Pimentinha, agora vamos ao seu presente. Foi comprado com os nossos pensamentos neles. — Rico acariciou meu ventre.

Levi deu um leve beijo na minha amiga, que ainda estava com a face corada de vergonha, e foi ajudar os irmãos.

Eles se aproximaram de um carro coberto e retiraram o tecido. E agora quem gritou fui eu.

— SANTO CRISTO!

Era um carro grande e lindo. Um Chevrolet Captiva. Vermelho. Oh, Deus!

— Todo seu, Moranguinho.

Lipe me entregou a chave do carro. E ao me deparar com o chaveiro, eu deixei as lágrimas descenderem, sem me preocupar um segundo com o que viraria o meu rosto com a maquiagem.

Daniel não estava surpreso com este presente. Tinha certeza de que ele sabia. E antes mesmo de lhe perguntar, ele começou a falar:

— Respondendo a pergunta que está gritando na sua cabeça. Sim. Eu

sabia. E o chaveiro, eu e o Samuel que criamos.

Eram as iniciais dos nossos filhos entrelaçadas: A, S e M.

— Veja a traseira do carro, Preciosa.

E ali estava adesivado a minha família. Eu, Daniel e nossos três bebês. Mas ao lado tinha um cachorro. E a minha pequena bolinha de pelos morreu atropelada há pouco tempo.

— Por que esse cachorro adesivado no carro? Nós não temos um.

— Não tinham — Gisele dizia enquanto caminhava com uma caixa nas mãos. E ao parar em minha frente, eu o encontrei. Era outra bolinha de pelos. Tão branco como a neve.

— Ei, menina linda!

— Não ofende o cachorro, Moranguinho. Ele é macho. E macho alpha. Não é, *Superman*?

— *Superman*, Lipe?

— Ele precisava de um nome de super-herói para poder defender as minhas sobrinhas. E Carlinha disse que o *Superman* é mais gostoso que o Thor. *Blécaaa* por isso! Preferia a cara de mau do *Batman*. Então, para os íntimos ele é Kent. — Lipe me fez sorrir e parar de chorar.

— Ok. Olá, menino lindo! Você será o companheiro inseparável dos meus bebês. E eu já te amo muito. — Acariciei a bolinha de pelos que já estava

com seus olhos fechados. — Isso mesmo, safado! Aprendeu direitinho. Quando a Moranguinho fizer carinho, você faz charme. Mas quando o menino bonito chegar perto de você... MORDA!

— Felipe, seu idiota!

— Ei, não brigue comigo! Vai sentir minha falta quando eu for embora essa semana.

— Nunca.

— Não sabe mentir. Me ama.

— Imbecil!

— Certo. Chega de declarações de amor, os dois. Queremos saber se gostou, Pimentinha.

Lógico que eu amei o presente, mas eu estava diante do que era essencial em minha vida: os meus amigos.

— Eu amei, Rico. Obrigada por mais este gesto de amor. Mas vocês sabem que o meu presente especial são...

— Nem precisa completar, Moranguinho. Somos nós. Eu sei e eles também sabem. E isso nos torna especiais. Perto ou longe, não importa. Somos mais que amigos. Somos uma família.

— Disse tudo, mana. Agora chega de melação. Vamos aos comes e bebes. Ainda estou em crescimento.

Carla colocou as duas mãos na cintura e olhava Felipe, como se estivesse avaliando o seu corpo todo.

— Praga de menino que não engorda! Enquanto eu tenho que ficar na base da alface e gelo.

— Genética de papai, mana. Fez o Lipe delicioso igual ele.

Gisele levou o Kent para dentro da casa, acompanhada de Levi. E depois de muitos risos com as pérolas de Lipe, nós voltamos para a festa.

A banda tocava músicas suaves enquanto os convidados eram servidos. Daniel e eu passamos de mesa em mesa agradecendo a presença de todos. Comemos um pouco e quando eu ia trocar o meu vestido por algo mais leve, Adriana chegou para se despedir.

— Vim te dar um abraço, prima. João está caindo de sono no colo de seu Davi. Vou chamar um táxi para nos deixar em casa.

— De jeito nenhum. Tio Lorenzo deixou dois carros e motoristas à disposição dos convidados. Espere um pouco.

Pedi ao Daniel que procurasse Lorenzo e reservasse um carro para Adriana.

Nós duas caminhamos até a mesa onde eles estavam. Cheguei e passei a mão nos cabelos lisos de João.

— Com sono, pequeno príncipe?

— Tô cansado, tia Nelly. O *papato feizi dodói* no meu pezinho.

Os olhos de tio Lorenzo brilhavam ao observar João.

— Tia Nelly vai tirar seus sapatos agora. — Retirei devagar o calçado para não machucá-lo ainda mais.

— Ufa, que delícia! Olha os meus dedinhos mexendo. É *gotoso*.

João arrancou gargalhadas de todos na mesa.

— Ei, Preciosa, o carro já está pronto.

Lucas estremeceu na cadeira ao ouvir a voz de Daniel. Ele não queria que eles partissem.

— Se quiserem ficar mais um pouco, eu deixo vocês em casa mais tarde.

Agora foi a vez de Adriana tremer.

— Oh, não! Seria um incômodo. Obrigada a todos pela companhia esta noite. Mas o meu pequeno já está cansado. Hoje, ele não tirou um cochilo sequer.

Adriana fez um sinal para João a acompanhar. Mas ao descer do colo de Davi, ele sentiu dores nos pés e gritou:

— Dói, mamãe! João não consegue andar.

Lucas o pegou no colo.

— Eu levo você, campeão! Deita a cabeça aqui e descanse.

João se aconchegou no colo de Lucas.

Todos se levantaram para levá-los até o carro.

Adriana sentou no banco de trás e, antes de colocar João no colo de minha prima, Lucas deu um beijo na testa dele e cheirou seus cabelos. Meu amigo não queria se despedir. E, em seguida, Lucas acomodou João com Adriana.

— Foi um prazer te conhecer, pequenino. O seu nome é lindo. Meu pai entende de significados de nomes. Quer descobrir o significado do seu?

João afirmou com a cabeça.

— Fale, papai.

Tio Davi respondeu a pergunta de Lucas:

— João significa agraciado por Deus.

Todos que um dia conheceram esse menininho, já sabiam que ele era especial. E seu nome só veio oficializar isso.

— Dê tchau para todos e agradeça pela companhia, meu filho.

— *Obrigado*. Eu gostei de todos. Mas *maisi* dele. — João apontou seu dedo para Lucas.

O coração de uma criança não se enganava. Reconhecia a ligação. Ali

eram pai e filho se entendendo.

Adriana fechou a porta, mas João baixou o vidro.

— Eu gosto do meu nome. *Maisi* o meu nome número dois é *maisi* bonito. Eu me chamo João Lucas. Eu tenho o nome do meu papai.

O carro seguiu para fora da casa de Lorenzo, levando dentro dele o coração de Lucas, que perdeu as forças de seu corpo ao compreender as palavras de João. Luc se encontrava de joelhos e as lágrimas desciam pelos olhos azuis de meu amigo. Seu corpo tremia e ele soluçava, prostrando ainda mais seu corpo no chão.

Dan me ajudou, e me ajoelhei também.

Lucas ergueu sua cabeça e mesmo com a voz embargada, conseguiu pronunciar um nome:

— Rubi.

— Sim, meu amigo. É ela. Eu soube hoje também.

— Eu sabia, baby. O cheiro dela. Seu sorriso lindo. Minha alma não podia estar enganada. Eles são meus, Nelly. E eu vou buscá-los.



35

Nelly

DANIEL ME AJUDOU A LEVANTAR. Já estava louca para trocar o calçado por um mais confortável. Estendi minha mão e Luc a aceitou, logo se levantando também. Assim que me aproximei, eu enxuguei suas lágrimas. Olhei nos olhos azuis e tristes do meu amigo, e segurei seu lindo rosto.

— Você quer ser feliz?

— Sim, baby.

— Adriana e João Lucas são a sua felicidade?

— São a minha razão de existir.

— Me prometa que vai amar a minha prima, Luc. Não a faça sofrer mais. Adriana perdeu tudo na vida. Foi tirado dela o que mais amava: a sua família. E ela só voltou a sorrir no dia que escutou o choro de seu filho. Cuide bem deles, Lucas. Escute primeiro, porque tudo que ela fez, com certeza tem um motivo.

— Eu estou indo de coração aberto, baby. Pronto para ouvir tudo. E espero que ela também me ouça. Eu fiz de tudo para encontrá-la, durante

quase quatro anos. Ela era um sonho. E hoje é a minha realidade.

Abracei Lucas e sussurrei em seu ouvido:

— Eu não conheço a Rubi, Luc. Mas a Adriana sim, eu sempre enxerguei o mais profundo de sua alma. E ela não aceitaria que enxergassem nela outra mulher. Você tentou encontrar a Nelly na Rubi, mas faça diferente agora. Não busque a Rubi na Adriana, enxergue nela a mulher que batalhou sozinha e deu amor incondicional ao seu filho. Vá atrás da Dri, a mulher doce, delicada e guerreira. Faça-os feliz.

— Obrigado, baby. Eu farei.

Lucas me deu um abraço apertado e um beijo delicado na testa. Despediu-se de seus pais e de Daniel. Mas antes de entrar em seu carro, ele apontou o dedo para meu esposo.

— Cuide bem dela. Ame-a mais do que tio Arthur amou tia Amanda. Era isso que eles te pediriam. Nunca caminhe na frente ou atrás dela. Ela é sua companheira, sua amiga, sua amante, o seu encaixe perfeito. Mantenha-a sempre ao seu lado. Caminhem juntos. E nada abalará o amor de vocês.

— Um lar de fé. Você não esqueceu os ensinamentos de papai. Obrigado, Luc. Agora corra atrás da sua família. O endereço está no seu terno.

Lucas enfiou a mão no bolso e encontrou o papel. Sorriu ao ver o que estava escrito e partiu.

A festa continuava sem que todos ao menos imaginassem que a história

que Deus escreveu para Lucas estava apenas começando.

Estávamos todos voltando para a mesa onde nossos familiares se encontravam. Mamãe estava feliz, sorrindo ao ver Luísa brincar com Kent. A minha bolinha de pelos já havia acordado. Gisele chegou com um prato de comida e me sentei ao lado de mamãe. Enquanto me alimentava, eu me questionava quem havia dado o endereço para Daniel.

— Amor, quem te deu o endereço de Adriana? Ela sempre escondeu o seu paradeiro. Da família, somente eu sei onde eles moram.

Daniel apontou o garfo que estava utilizando no jantar para Sara.

— Mãe?

— Fui eu, Preciosa. Eu sempre soube onde eles estavam, mas pedi que ela não falasse nada para ninguém.

— Por que, mamãe?

— Adriana foi rejeitada, Nelly. Naquele instante ela não confiaria em ninguém. E foi em busca de alguém que já passou por isso. E eu a amparei. Dei casa para aquecê-la em dias frios, dei comida e bebida para saciar a sua fome e sede. Mas o mais importante e o que ela mais precisava, eu concedi: amor. E hoje, assim como Deus me deu a chance de recomeçar, Ele está entregando nas mãos dela também.

Os sentimentos bons nunca morrem em uma alma iluminada. E essa era a minha mãe.

— Está chegando a hora, não é, mamãe?

— De abrir o meu coração?

— Sim.

— Está, Preciosa. Você conhecerá o que está guardado em minhas memórias. Ouça com carinho tudo que irei lhe dizer. E nunca esqueça que Deus tem um propósito em tudo nas nossas vidas. Mas hoje é o seu dia. Dia que você esperou por muitos anos.

— Eu sei. E está sendo perfeito. — Levantei-me e estendi a mão para Sara. — Me ajude a trocar de vestido?

— Com prazer, minha princesa.

Mamãe me acompanhou até o meu quarto. À medida que minha amizade com Levi, Enrico, Felipe e Carla ia crescendo, as minhas idas à casa de tia Ana também aumentavam. Por isso, eu acabei ganhando um quarto só meu. E já fazia muito tempo que não entrava aqui. A placa rosa com o meu nome ainda estava na porta. Toquei-a com carinho, lembrando-me do primeiro dia que a vi. O quarto ficou pequeno para tantas pessoas. Mas nós cinco dormimos ali, naquele dia especial.

Assim que abri a porta, eu recebi mais um presente.

O quarto, que até poucos dias era meu, agora era nosso. Uma cama de casal com lençóis brancos e bordados, e três berços com os nomes dos meus filhos ocupavam o meu antigo quarto. Na parede havia uma pintura de um

maravilhoso céu estrelado com três crianças dançando sob a luz da lua.

Tia Ana estava ao lado de minha nova cama me esperando. Abriu seus braços e eu me joguei neles, sentindo o calor e aconchego que sempre me proporcionou.

— Gostou?

— Muito.

— Eu disse que minha casa sempre seria sua. Ou melhor, de vocês.

— Meus bebês serão muito mimados nessa casa, tia.

— Nada disso, mocinha! Eles serão amados.

— E muito felizes.

Se eu fechasse meus olhos, poderia contemplar os meus bebês neste quarto, correndo pelos corredores, pulando na piscina e crescendo tanto em altura como em sabedoria. Minha única tristeza era de saber que minha mãe não estaria junto a mim. Eu precisava dizer o que estava guardado em meu peito antes de vê-la partir.

Agradei tia Ana por todo seu amor e carinho.

Meu vestido vermelho estava pendurado em meu armário, que se encontrava com a porta aberta.

Tia Ana tirou meus sapatos e eu sorri ao lembrar do rostinho de alívio que

João Lucas fez quando tirei os seus.

Mamãe abria delicadamente cada botão. Mas parou e ficou na minha frente. Tocou meu rosto com leveza e carinho e esse era o meu momento.

— Eu te amo, mamãe. Amor pleno, inteiro e ilimitado.

— Eu sonhei ouvir isso, minha bebê. E eu te amo mais. Um amor sublime, profundo, forte, intenso e duradouro. O amor de mãe é simplesmente isso.

Não importaria em nada o que Sara e eu ainda iríamos conversar. Isso era o que eu clamei a Deus por anos. Queria que toda a tristeza, decepção, raiva e angústia fossem retiradas de meu peito.

E pelo tempo que ainda tiver ao lado de Sara, eu vou amá-la. Como a amei ao ouvir sua voz pela primeira vez, quando meus pequenos olhos a enxergaram e encontraram segurança. Como a cada ferida em minha pele, que ela estava ali para tratar; a cada noite de febre, em que ouvia sua voz doce voz cantando e me fazendo ninar; e como vibrava ao ver cada centímetro que crescíamos, marcando na parede da cozinha.

— Eu vou cuidar de você, mamãe.

— Até o fim?

— Sim. Sempre estarei ao seu lado.

Mamãe me abraçou e, como fazia quando éramos crianças, beijou a ponta do meu nariz. Chamou tia Ana e saíram. E, em seguida, meu esposo entrou e me despiu.

Deitou-me na cama e em silêncio massageou meus pés. Pouco tempo depois, vestiu-me com um vestido longo, vermelho. Calçou meus pés com uma sapatilha confortável. Presente de Gisele. Logo após, retoquei minha maquiagem no banheiro. E ao voltar para o quarto, Daniel já não se encontrava. Encostei a porta e, quando cheguei ao jardim, minhas duas amigas me esperavam bastante sorridentes.

Carla ficou na minha frente e Gisele atrás.

— Feche os olhos, Nelly.

— Pra quê, Carlinha?

— Não seja teimosa e feche agora.

Fechei meus olhos e tentei relaxar.

Senti o toque suave da seda em meu rosto. Eu estava sendo vendada.

— Pronto. Agora me dê a mão e me acompanhe.

— Pra onde?

— Cale a boca, Emanuely! E viva esse momento lindo.

Dei minha mão para Gisele e fui guiada. Ela me ajudou a subir três degraus e a me sentar em uma cadeira.

Já estava ficando nervosa e louca para tirar a venda, até que um som

gostoso chegou aos meus ouvidos. Quando ia colocar as mãos para tirar a venda, Gisele a desamarrou e falou suavemente no meu ouvido:

— Divirta-se.

E ao som de *Marry you*, do Bruno Mars, eu vi meu marido e meus padrinhos de casamento dançando para mim. Houve muitos gritos das mulheres presentes a cada rebolada que eles davam.

Estavam muito bem ensaiados e logo descobri o motivo. Ao lado do palco estavam Paulo e Ewellyn os incentivando.

Meu amigo gritava e sorria a cada passo perfeito que eles apresentavam. Quase no fim da apresentação, eles pegaram das mãos de Ewellyn uma rosa branca. E passaram me entregando.

Lipe tinha que ser abusado. Levantou-me, segurou minha mão e me fez dar um giro. Deitou-me em seus braços e quando ia me beijar, foi puxado pela orelha por tia Ana, arrancando gargalhadas de nossos convidados.

Por fim, foi a vez de meu marido me entregar a sua rosa. A única vermelha. Coloquei no centro das flores e as entreguei a Gabriela, porque agora era a minha vez de surpreendê-lo.

Dei um beijo delicado em seus lábios e me dirigi ao centro do palco. Posicionei-me com a perna um pouco erguida e a fenda de meu vestido se tornou bastante visível.

Paulo colocou para tocar o som da primeira música que dancei para

Daniel. Fechei meus olhos e segui o toque ao ritmo das batidas da kizomba.

Você realmente sabia que amava a dança, quando o seu corpo falava por si só. O meu gritava, falava, questionava e sentia a liberdade em cada passo dado com perfeição e a sensação de estar em paz. Dançar era sentir... e sentir cada vez mais.

Hoje meus passos eram dados para ele. Meus movimentos eram para Daniel. Sentia seu toque em meu corpo. E juntos nos deixamos ser levados pela magia da música. Ele entendia o que eu sentia. Via em mim o mesmo brilho que via em Amanda. Nossos quadris se encaixavam e ele me conduzia. Daniel dominava meu corpo e minha alma. Suas mãos passeavam por meu corpo, aquecendo-o.

Nossos passos eram mais lentos, suaves e sensuais para que nada acontecesse aos nossos tesouros, que começaram a se mexer ao sentir a mão de seu pai sobre eles, na minha barriga, o que fez Daniel sorrir.

— Abra os olhos, Preciosa.

Eu abri. E novamente me perdi ao me encontrar no azul dos seus olhos.

— Você foi feita para mim, Nelly.

— Estava escrito, Daniel.

— Sim, Preciosa. Por Deus.

Não estávamos mais sozinhos. O palco era de casais, agora. E eles também estavam sentindo. Em cada passo que davam dava para sentir o

amor. Daniel e eu dançamos essa noite o mais intenso e verdadeiro amor.

— É mágico. Assim como diz a canção.

— O que, amor?

— O que estamos vivendo. É mágico.

— As linhas traçadas por Deus, Daniel, são para mostrar que seu amor é incondicional e que a felicidade, pode ser real, sim. Seu amor é grande por nós dois.

— Sem medidas, Preciosa.

Ele girou-me em seus braços e me beijou ao fim da canção, que embalou a dança do casamento de Gabi e agora o meu.

Recebemos aplausos e várias músicas suaves nos acompanharam o restante da noite.

Às três da manhã, começamos a nos despedir de todos. A festa continuaria madrugada adentro. A mesa de café da manhã já estava posta, esperando os convidados.

Mamãe já havia ido embora. Durante todo o dia, ela manteve o sorriso em seus lábios, mas eu sabia que as dores estavam aumentando. Por isso, pedi a João Pedro que a levasse para casa. Em seguida, despedi-me dos amigos e familiares. E de mãos dadas seguimos para o carro que tio Lorenzo reservou para que nos levasse à lagoa.

Nossa lua de mel seria na Itália, mas resolvemos esperar. A cada dia, o estado de saúde de mamãe se agravava. Por isso, cada segundo ao seu lado era especial.

Quando estávamos chegando ao carro, Luc estacionou ao lado. Saiu rapidamente do carro e veio em minha direção.

— E a minha dança?

Luc sorria. Era um sorriso diferente, iluminado, de plenitude.

— Você já deu o primeiro passo, Lucas. Não precisa mais de mim.

— Eu sempre precisarei de você.

Luc pediu licença ao Daniel e me rodopiou pela grama. Dançamos poucos passos, mas que me deram a certeza de que Lucas nunca mais estaria só na dança da vida. Ele encontrou seu bem maior: sua família. Depois, meu amigo me devolveu ao seu primo.

— Que nunca falte para vocês o que senti hoje ao colocar o meu filho para dormir pela primeira vez: amor e esperança.

Lucas se despediu e disse que nos contaria em outro momento a sua conversa com Adriana.

Seguimos para a lagoa para passar uma semana inteira. E ali demos início ao nosso felizes para sempre. Juntos.



Pensar no que presentear Sara no Dia das Mães foi algo complicado. Nada material lhe faria tão feliz neste dia, porque ela estava cansada devido às dores que estavam quase insuportáveis. O Dr. Giulio, amigo de João Pedro, aumentou sua dose de medicamentos para ajudá-la a se sentir mais confortável.

Hoje seria um dia diferente. Meus amigos já haviam retornado a Itália e nosso Dia das Mães seria como o de nossa infância. Na casa de papai estávamos eu e Dan, Nate, Gabi e Luísa, e meus pais. Durante o dia, eu preparei as refeições. Ao anoitecer, nos juntamos na sala, nos servindo das pizzas que Nate havia encomendado. E juntos assistimos ao filme que mamãe havia escolhido: *Corajosos*, que contava a história de um homem que perdeu alguém a quem tanto amava, que era a sua filhinha. Mas ele buscou forças para prosseguir em sua fé.

Ela estava nos preparando. Eu sentia. Seria em breve. Sara partiria definitivamente, e eu nada podia fazer. Mamãe estava sendo vencida pelo cansaço. Papai a tomou nos braços e estava levando-a para o quarto que estava usando nos últimos dias, para que eu pudesse cuidar dela. Era o meu antigo quarto. Mas ela o fez parar.

— Esqueceu a minha dança de Dia das Mães, Preciosa?

Eu nunca esqueci. A cada ano que passamos distante uma da outra, eu

dediquei uma coreografia para a minha mãe.

Daniel ligou seu aparelho de som da sala e selecionou a música que havia reservado para este dia. E ao som de *Amor de mãe, Quatro por um*, minha mãe, mais uma vez, se orgulhou de ter passado pela porta vermelha e por ter me concedido o dom de expressar com meu corpo, os sentimentos de minha alma. Eu dancei para ela.

*“Me sinto num jardim
Guardado no seu peito
Teu amor de mãe protege o meu coração
Às vezes sem querer percebo no seu jeito de ser
Um cuidado mais que especial
Um jeito de amar tão sem igual”*

Hoje, eu dancei a lembrança de um tempo que havia perdido e que tive a chance de reencontrar. Dancei a saudade que sentirei em breve e que meus pequenos tesouros sentirão, sem ao menos olhar nos olhos dela. Eu dancei para Sara, que dormiu tranquilamente nos braços do homem, que lhe deu a razão de existir: suas filhas.



36

Nelly

OS DIAS FORAM PASSANDO CADA VEZ mais rápidos e a minha barriga e de Gabriela, aumentando.

Nessa última semana, após o Dia das Mães, tentamos de tudo para ensinar Gabriela a cozinhar. E chegamos à conclusão — após o arroz queimar diversas vezes, a tampa da panela de pressão quase explodir no teto da cozinha e o café que Nathan disse que foi feito, não com duas colheres de pó de café, mas sim com duas medidas de concha — de que Gabi e o fogão seriam eternamente inimigos.

Mamãe me fez prometer que sempre cuidaria dela e de sua família. Sara precisava ouvir isso de mim. E eu prometi. Mas só continuaríamos o que sempre fizemos desde pequenas. Juntas, seríamos sempre a base uma da outra.

Agora minhas horas se resumiam a estar ao lado de Sara, além de sentir suas dores e temores. E não me cansava de agradecer a Daniel por sua compreensão. Estávamos casados há poucos dias e quase não tivemos momentos nossos.

Minha mãe estava se despedindo aos poucos. E cada dia ela escolhia um

momento que marcou as nossas vidas e juntas lembrávamos.

Uma noite, nós resgatamos os vídeos de nossa infância e com muita batata frita e guaraná assistimos em família. E em um deles, estava Amanda, segurando minha mão e me ensinando a rodopiar, dizendo-me que um dia eu estaria no lugar dela, dando vida aos sonhos de várias crianças. Acho que naquele momento, nem prestei atenção em suas palavras. Era tão pequena e não imaginaria que elas ganhariam vida.

Daniel olhava fascinado para Amanda no vídeo, enquanto alisava a minha barriga, e dizia que nossas meninas nasceriam com os cabelos vermelhos da mãe.

Foi um dia gostoso e cheio de recordações, mesmo em meio a tantas dores. Não lembrava que já tinha vivido momentos felizes.

No decorrer da semana, nós tivemos a noite das meninas. Papai, Nate e Dan juntaram os sofás e poltronas da sala, e conseguiram montar uma cabana. Colocamos colchões lá dentro, e com chocolate quente e bolo quase tivemos a noite só das mulheres da família, pois de madrugada a cabana foi invadida por dois homens desesperados sem conseguir dormir longe de suas mulheres: Dan e Nate.

Papai aproveitou a movimentação e carregou minha mãe nos braços e a levou para o quarto para descansar melhor, já que as visitas do doutor Giulio se tornaram constantes. A única coisa que ele podia fazer era tentar aliviar as dores de Sara, para que não sofresse tanto.

Oh, Deus! Ver a pessoa que me deu à luz, que sempre foi tão cheia de

vida, deitada em uma cama e perdendo o seu brilho, era doloroso demais.

Às vezes, eu fugia para minha casa e chorava nos braços de meu esposo, pedindo a Deus que as lágrimas levassem embora a minha tristeza, pois precisava ser forte por ela.

Sabia que Gabriela estava passando pelo mesmo. A dor sempre fez Gabi se isolar e seu sorriso lindo desaparecer.

Não estava sendo um momento fácil. Acho que ninguém de nossa família estava realmente preparado para ver Sara partir, mas ela estava feliz e dizia que Deus ouviu suas orações. Hoje, nós estávamos realizando mais uma de suas vontades.

— Vamos, Preciosa. O dia está gostoso. E Luísa quer brincar de castelo de areia. E Nate é uma negação para isso e a barriga de Gabriela não coopera para ela sentar no chão. — Assim que Daniel disse isso, eu saí do quarto, amarrando os meus cabelos.

— Amor, não mencione o tamanho da barriga de Gabi. Você não conhece o peso da mão dela. Pergunte ao Nathan. O coitado já sentiu.

— Ela é louca!

— Se ela te ouvir dizendo isso, aí você sentirá o soco dela. Nate já passou por isso.

— Ok, isso já me deu medo. Quero distância da sua irmã enquanto ela estiver com Miguel na barriga.

Passei por Dan e dei um leve beijo em seus lábios.

— Você é um homem sábio.

Dan fechou a porta de casa e entramos no nosso carro, pois ficamos de encontrar todos na praça, que ficava no centro da cidade. Vovó havia preparado três cestas com diversas guloseimas. Precisávamos de muita comida e bebida. A família estaria completa neste dia.

Em dez minutos, Daniel já estacionava ao lado da praça. De longe já avistamos todos, que estavam próximos à primeira biblioteca da cidade, que ficava no centro da praça.

Daniel abriu a porta do carro para mim, ajudando-me a descer. Peguei uma cesta na mão, sob os seus protestos de que ela estava pesada. Deixei-o resmungando que a sua mulher era a teimosia em pessoa e, sorrindo, caminhei para junto de minha família.

Gabi estava esticando uma toalha sobre uma das diversas mesas espalhadas na praça, e deposei a cesta ali. Com isso, se iniciou o nosso dia em família, ou quase, pois nossos amigos foram chegando ao decorrer das horas.

Às 15 horas, eu já não estava aguentando mais ficar em pé. Por isso, deixei Dan brincando de areia com Luísa e me juntei à mamãe em um banquinho. Hoje, ela estava aparentemente melhor, mas não conseguiu comer nada, o que já me deixou extremamente preocupada.

— Como você está, mamãe?

— Feliz. — Mamãe sorria. Eu podia sentir seu amor e carinho, enquanto tocava meu rosto. Era como se ela quisesse guardar em sua memória cada pequeno detalhe meu.

— Você não comeu nada hoje. Tem que se alimentar, mamãe.

— Eu tomei um suco esta manhã, minha preciosa. Eu estou bem. Mas olhe. Veja isso. — Sara apontava em cada direção onde nossa família e amigos se encontravam. — Isso é difícil de descrever, a não ser com uma simples e forte palavra: é amor, Nelly. Viva seus dias intensamente por eles. Lute por cada um deles. Você nunca entendeu o quanto você é especial, minha menina. A Emanuely é o alicerce de todos eles, assim como eles são os seus. Cada sentimento entre vocês, mantém a sua base firme. Seja amor, amizade, carinho, esperança, afeto. E tantos outros.

— Eu não sou tudo isso, mamãe.

Enquanto conversávamos, Sara não deixava de passar a mão sobre meu ventre.

— É sim, meu amor. Veja. Nathan e Gabriela formaram uma família linda. E Deus usou a sua vida para isso. Você os apresentou e os aproximou. Agora, olhe ao lado e veja Levi e Gisele. Observe como se olham com paixão. Ali tem um dedinho seu. E eles só estão começando. Lutas virão e você estará pronta para ajudá-los.

Mamãe apontou para a nossa esquerda, na caixa de areia.

— Não será fácil para o Lucas chegar ao coração de Adriana. Ela o

trancou e esqueceu onde escondeu a chave. Mas você o ajudará a descobrir, para que esse sorriso iluminado, quando vê o João Lucas brincar de bola, nunca saia do rosto de seu amigo. Os que estão distantes terão suas aventuras na vida. Mas nos momentos difíceis, eles saberão a quem procurar, e essa pessoa é você, minha menina. A começar por Enrico. Ajude-o a não perder a fé novamente. E agora, ele...

Mamãe apontou para Daniel.

— Você trouxe luz para o seu esposo, Emanuelly. Fez desaparecer as noites de tormenta. Tirou a tristeza que habitava sua alma e trouxe um novo sentido de viver. A mesma carne, o mesmo espírito. A união de duas almas, antes perdidas, e que nos braços um do outro puderam recomeçar. E por fim, eles.

Sara estava cansada. Mas não deixava de tocar os netos na minha barriga e nem de falar. Ela apontou na direção onde estavam o meu pai e a tia Rachel. Os dois estavam apoiados em uma cerca de madeira, conversando e sorrindo.

— Observe os dois, Nelly.

Passamos alguns minutos em silêncio, observando-os. E vi o momento em que meu pai tomou a mão de tia Rachel na sua e a beijou. E logo a abraçou e ficaram admirando o lago à sua frente. A voz suave e cansada de mamãe me fez desviar o olhar de papai e titia.

— Preciosa, aquilo é amor verdadeiro. Assim como o seu e de Daniel.

— Como assim, mamãe?

— A minha missão nesta Terra, Nelly, foi dar à luz a Gabriela e a você. Eu conheci quatro amores neste mundo: o de família, com meus pais e Rachel; o amor de amigo através de Rafael; o amor incondicional como mãe; e, por fim, o amor de um homem que foi o meu primeiro amor, Marcos.

— Eu estou confusa, mamãe.

— A minha história é longa, Nelly. E sua tia contará tudo, em breve. Eu só vou lhe contar o essencial.

— Chegou a hora da nossa conversa.

— Chegou. Agora, apenas ouça.

Em silêncio, eu ouvi os relatos de minha mãe:

— Rachel conheceu Rafael na mesma época em que conheci Marcos. Pouco tempo após começarem a namorar, ela engravidou. Nossos pais os apoiaram. Eles venderam seu próprio carro na época para construir uma pequena casa no fundo do quintal para que os dois pudessem iniciar a vida. Lembro como se fosse hoje. Em um sábado, Rafael estava viajando e sua tia receberia a chave da pequena casa que, em breve, habitariam. Ela amanheceu feliz. E terminou o dia quase morta, porque perdeu o filho. E com ele foi embora o que ela achava que poderia fazer Rafael feliz. Rachel nunca mais poderia gerar uma criança, porque as complicações do aborto levaram embora o seu útero. Isso fez com que a minha amada irmã fugisse da cidade deixando Rafael completamente perdido em meio a sua dor. Porém, na mesma época, eu descobri que Marcos seria pai. Terminei o nosso namoro, pois não queria ser a mulher que destruiria um lar que poderia estar

começando. E em uma noite que eu e o Rafael — que nos tornamos dois bons amigos — choramos nossos sofrimentos, Gabriela foi concebida. Eu tirei toda a responsabilidade de seu pai, Nelly. Não queria que casássemos. Mas não existia alguém mais íntegro e correto neste mundo. E a pequena casa que seria de Rachel passou a ser minha. Um ano mais tarde, minha irmã voltou, guardando profundamente em seu coração o seu amor por Rafael e me ajudou a criar vocês.

— Santo Cristo, mamãe! Como eu não soube disso antes?

— A história não é só minha, Nelly. E para ter essa conversa com você, eu pedi autorização a eles. Eu precisava que entendesse o meu lado, minha menina.

— Continue. Mesmo que eu esteja atordoada, continue.

— Logo você chegou para completar a nossa alegria. E os anos passaram comigo e com seu pai lutando para preservar a nossa família. Ele se esforçou, Preciosa, mas nossos corações não nos pertenciam. Rafael nunca daria o primeiro passo para viver o amor perfeito. Ele nunca esqueceu Rachel, como eu nunca esqueci Marcos. Porém, seu pai se manteve fiel até o fim.

— E você não.

— Nunca acredite somente no que seus olhos enxergam, Nelly. Marcos e seu pai se tornaram sócios e ele sempre se manteve distante e nos respeitou. João Pedro é fruto de uma noite que ele teve com uma mulher em um posto de gasolina, na estrada. Ela somente deu à luz a ele e fugiu levando as economias de Marcos e deixando um filho para que ele criasse sozinho.

Aquele menino ali... — mamãe apontou para um banco onde JP e Cindy estavam conversando — só conheceu o amor de mãe há quase nove anos. Quando eu escolhi ser amada e deixar seu pai livre para ser amado também, eu entreguei a João Pedro tudo que eu queria ter proporcionado a vocês. E em troca ele me fez acreditar que poderia ter uma segunda chance. E todos os dias, nós orávamos, pedindo a Deus, por isso. Aquele dia que você nos flagrou na cozinha foi a primeira vez, após muitos anos, que estive nos braços do meu único e verdadeiro amor.

— E por que me deixaram acreditar que estava traindo meu pai e nos abandonando? Eu sofri tanto, mamãe. Eu me senti rejeitada. Não me achava digna de ser amada.

— Tudo na vida tem uma razão, minha filha. Desde o começo, Deus tinha um propósito. Eu pude dar ao seu pai e a Rachel algo que, juntos, eles não conseguiriam. Você e Gabriela são a essência da vida de Rafael. Ao sair de casa, eu pude dar a um adolescente algo que ele não conhecia: o carinho e um coração de mãe. Hoje, ele está se permitindo ser feliz ao lado de uma boa moça. João Pedro está amando. O acidente de Marcos e Amanda te tirou algumas coisas. Mas em troca te trouxe amigos e o príncipe de seus sonhos de menina. Então nunca se esqueça, Emanuely: “Deus tem um propósito em tudo”.

Entender os planos de Deus, às vezes, era muito difícil. Mas eu nunca iria questioná-los. E em lágrimas, eu abracei a minha mãe, que me ensinou, mais uma vez, a amar sem limites. Sua mão delicada não cansava de acariciar minha barriga. E meus bebês sentiam seu toque, pois se mexiam sem parar a cada segundo.

Luísa saiu correndo de onde estava construindo seu castelo com Daniel e parou em frente à mamãe.

— Ei, vovó! A *senhola* está cansada. Pode descansar agora. Vai ficar tudo bem. — Luísa deu um abraço em mamãe e um beijo em seu rosto, voltando em seguida correndo para o tio Dan.

Juntas, nós apreciávamos os presentes que Deus nos deu: bens que dinheiro algum poderia comprar.

— Nesse mesmo lugar, eu perdi você ainda bem pequena, em meio a uma grande multidão, e um homem enviado por Deus te trouxe de volta para mim. Anos atrás, eu também te perdi. Mas, hoje, Ele próprio me fez te reencontrar.

— Se sente inteira novamente, mamãe?

— Completa, minha filha.

— Eu também.

— Eu amo você, minha preciosa.

— Eu amo mais, mamãe.

Sara sempre seria parte de mim. Acho que nunca teremos um adeus. Sei que a sentirei caminhar ao meu lado, a cada instante. Minha mãe estava feliz. Ela registrou a visão da perfeição, porque sua família estava vivendo o tão esperado “felizes para sempre”.

Naquele momento, eu não precisava de uma fotografia, pois o sorriso

cheio de amor da minha mãe ficaria para sempre gravado em minha alma. Encostei minha cabeça em seu ombro e deixei as lembranças da Emanuely criança, adolescente e mulher passarem lentamente por minha mente. E a herança mais preciosa que Sara me deixou foi a de nunca desistir do amor.

E ao lado da mulher que me deu a vida, eu vi a tarde passar. De olhos fechados, eu já sentia a brisa suave que começava a soprar, eu a sentia suave em meu rosto onde as lágrimas escorriam. Porém, ao meu redor, eu ouvia os risos porque todos estavam completamente alheios ao que estava se passando. Eu não sentia mais o seu toque leve e constante. Até os meus bebês já sabiam, pois silenciaram. A mão que antes me acariciava, agora estava estendida no meu colo. Inerte.

Bastava somente abrir os meus olhos, mas eu não podia. Eu não queria um adeus. Eu não queria enxergar que a minha mãe havia partido. Porém, só me restava agradecer... por ter dito, pela última vez, um *eu te amo*.



37

Daniel

ESTAVA UM DIA LINDO E agradável, até que um soluço alto cortou o som das risadas e fez meu coração acelerar.

Olhei na direção onde estava a minha mulher. E a encontrei de olhos fechados. Era dela que vinha o som de agonia, dor, perda e saudade, enquanto as lágrimas desciam pelo rosto delicado de Emanuely.

Levantei-me e acenei para que JP me acompanhasse. E juntos seguimos ao encontro delas. João Pedro tomou o corpo de Sara nos braços e eu envolvi a minha mulher nos meus.

— Me tire daqui, Daniel. Eu preciso...

— Eu sei, Preciosa. Mantenha seus olhos fechados. Eu vou te levar para lá.

Rafael já estava com o celular nas mãos tomando todas as providências. João Pedro tocava a face ainda quente de Sara e chorava em silêncio por perder a única mãe que conheceu. Nathan abraçava uma Gabi inconsolável. Quando estávamos quase chegando ao carro, Luísa gritou por Emanuely.

Rachel, que a acompanhava, levantou a pequena luz em seus braços. Luísa tocou o rosto de Nelly e disse:

— Pode abrir os olhos, dinda. A moça dos olhos azuis tá cuidando dela. Ela está tão feliz. E pediu *pa* te dizer que nunca estará só. Quando sentir a brisa tocar sua pele, saberá que é ela e quando sentir como se os raios de sol estivessem te aquecendo, saberá que é a vovó. Para elas nunca haverá um adeus, tia Nelly.

Nelly abriu seus olhos tristes.

— Para mim também, minha pequena luz. É só um até logo.

— Agora pode ir, tio Dan. Minha dinda é forte. Mas ela ainda *precisa* chorar.

Rachel voltou com Luísa para junto das demais. E eu coloquei minha esposa sentada no carro. Logo partimos para o lugar que sempre a fez se sentir bem. Assim que estacionei em frente à casa de Levi, vi que Lorenzo e Ana estavam sentados na varanda.

Abri a porta do carro e ajudei Nelly a descer. E ela não precisou dizer uma palavra. Bastou somente um olhar para Ana, que a conhecia tão bem, descer as escadas apressadamente e abraçá-la.

— Minha Moranguinho. Ela descansou, né?

— Sim, tia Ana.

— Me deixe olhar para você. — Ana afastou Nelly de seu corpo e

começou a observar. — Ficaré sempre a saudade, minha menina. Mas eu sinto que você está mais leve. A dor que sempre esteve presente em você se dissipou.

— Sim, tia Ana. Nós conversamos. Minha mãe era dona de um grande coração e eu só fui descobrir poucos minutos antes dela partir.

— Você disse que a amava, Nelly?

— Disse.

— Ela guardará para sempre as suas palavras, meu amor. Agora vá. Caminhe próximo às águas da lagoa. Sente naquele banco que foi feito para você. E tome o tempo que precisar, estaremos aqui te esperando.

— Obrigada. — Nelly deu os primeiros passos e girou à minha procura.
— Você não vem, amor?

— Pensei que queria um momento sozinha, Preciosa.

— Somos um só, Daniel. Esqueceu?

— Nunca.

— Então me dê forças, por favor.

Caminhei para junto de minha mulher e passei meu braço por seu ombro. E caminhamos pela beira da lagoa. Chegamos a um banco de madeira e nos sentamos. Nelly se aconchegou em meus braços e chorou baixinho em meu peito.

Eu sabia a dor que ela estava sentindo. Com o tempo, ela se amenizaria. Mas nunca iria embora de vez. Então, comecei a cantar bem suave a música que Levi me ensinou na noite dos meninos, antes de meu casamento. E Nelly me abraçou, apertado. Continuei a cantar, mas minha voz estava embargada pelas lágrimas que não deixei caírem.

Os dias serão difíceis para minha esposa, pois tudo a fará lembrar-se de sua mãe, seja de um biscoito que compravam juntas no supermercado ou até mesmo a flor que ela mais amava.

Outra voz se juntou à minha: Levi. Terminamos a canção. E eu queria que, assim como a letra da música, ela acreditasse que era forte, que podia voar e tocar os céus, deixar os medos e temores de lado, e prosseguir... Por ela, por mim e por nossos filhos.

— Eu perdi tanto tempo. Fui tola. Infantil. Só vi o que meus olhos enxergaram naquele dia horrível. E ficamos oito anos afastadas. Eu não quis ouvi-la e ela só quis ser amada. Ela abriu mão de si mesma por tanto tempo, por mim e por Gabriela.

— Não estou entendendo, Preciosa.

— Ela me contou muitas coisas sobre a história dela. Mas houve tempo. Sara encontrou seu amor real. E tivemos a nossa segunda chance. Um dia, eu contarei tudo para vocês.

— Você está bem, ruiva?

— Vou ficar, Lê. E obrigada por ensinar a minha música para o Daniel.

— Quando eu não puder cantar para você, ele o fará.

— Eu vou precisar de você hoje.

— Eu sei. Já estou pronto. Vou tomar um banho e vou direto para a igreja com Gisele. Meus pais também irão.

— Queria que eles estivessem aqui.

— Felipe e Carla estão vindo.

— Enrico?

— Ele está te esperando lá, ruiva. Vai deixar tudo organizado para a chegada de vocês dois.

— Meu presente de casamento. Minha lua de mel. É verdade. Acho que me fará bem.

— Nos fará.

— Como assim?

— Daniel pediu que todos nós fôssemos. Conversei com meu pai e ele liberou Gisele. E o hotel estará nas boas mãos de Nana.

— Obrigada.

Depois nós três permanecemos em silêncio. Só se ouvia o barulho das águas. E senti a presença delas. Primeiro a brisa e, em seguida, o calor. Eu e

Nelly sorrimos. Era um toque de amor. De um amor que ultrapassava barreiras.

O anoitecer já estava chegando. Voltamos para a casa de Levi. E fomos para o nosso chalé ao lado, e tia Ana ajudou Nelly a se arrumar. Tomei um banho demorado. E pedi forças a Deus porque seria uma noite longa e difícil.

Nana conseguiu que Nelly tomasse um prato de sopa e preparou uma cesta de comidas e bebidas para que passássemos a noite.

Preocupado com Nelly, Rafael ligou me avisando que o corpo de Sara já estava na igreja de Gabriel.

O coração da minha menina estava despedaçado, mas, hoje, eu sabia que ela seria a fortaleza dos demais. E quando ela desabasse, eu estaria ali para ampará-la.



Seguimos em direção à igreja e em todo o trajeto, Nelly se manteve calada com a cabeça encostada no vidro e os olhos fechados. Ela recolhia as lágrimas que involuntariamente desciam.

Deixamos o carro no estacionamento da igreja. E vimos que já havia muitas pessoas no templo. Gabi e Nelly passaram a noite de mãos dadas, próximas ao caixão de Sara. Eu e o Nathan estávamos nos sentindo

impotentes naquele momento, porque as mulheres que amávamos, grávidas de nossos filhos, choravam a perda da mãe.

O dia amanheceu e com ele estava chegando a hora da despedida. Gabriel subiu ao púlpito e deu início ao culto fúnebre de Sara. O versículo que ele leu me fez refletir: “Preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos” (Salmos 116:15).

Acho que nunca estaremos preparados para a morte. Para nós, aos nossos olhos, com todas nossas limitações, nunca, em nenhuma circunstância, a morte parecerá uma coisa preciosa. Mas temos que tentar enxergar com os olhos de Deus. Os planos Dele para nossas vidas são sempre perfeitos.

Gabriel já estava no fim de seu sermão, quando Nelly se levantou e deu um beijo na testa de Gabriela. Levi se aproximou e lhe deu a mão.

E subiram no púlpito. Levi se sentou em um banco que foi improvisado por Gabriel e Nelly segurou o microfone, que lhe foi entregue com as mãos trêmulas. Assim que ela viu em meu olhar a preocupação por ela e nossos filhos me sussurrou que estava tudo bem.

As notas do violão de Levi preencheram o silêncio do ambiente. E a voz triste de minha esposa entoou a canção, em um lamento de tristeza e saudade.

As lágrimas banhavam a minha face e a dela, pois dividíamos a mesma dor. Eu não sabia de onde ela tirou forças para isso. Mas se, um dia, eu pensei que seria o sustento dela, certamente me enganei. Nelly era o meu abrigo, o meu refúgio e o meu alicerce. Ela era o melhor de mim.

O som de sua voz foi diminuindo ao fim da canção, assim como suas forças. Aquele era o momento que eu sabia que chegaria. E quando dei por mim já estava com minha esposa em meu colo e Levi continuou a cantar sozinho:

*Eu nunca vou te esquecer
Algum dia eu verei você novamente
Eu sinto você andar ao meu lado
Nunca deixarei você, yeah
Ausente mas não esquecido
Eu sinto você ao meu lado
Não, isso não é um adeus...*

Voltei com Nelly próximo ao corpo de Sara e Rafael me pediu que o ajudasse. Era hora de fechar o caixão.

Sons de lamento e de dor ecoaram pelo templo através do choro de três filhos por uma mãe. Duas de sangue, um de coração e todos de alma.

A seguir, fechamos o caixão e seguimos a pé para o cemitério, que era a três quadras atrás da igreja. Rafael escolheu. E Sara foi enterrada junto de Marcos.

Na porta do cemitério, a minha menina parou e olhou para trás.

— Nunca será um adeus, mamãe. Eu verei você novamente. E outra vez, direi o quanto a amo. Até um dia.



Enquanto Nelly tomava banho, assim que chegamos em casa, eu liguei para o doutor Rodrigo, que me passou um leve medicamento para que ela pudesse descansar. Quando desliguei, pedi a Rafael que comprasse e preparei algo leve para que ela comesse.

Passamos a tarde no sofá da sala, assistindo filme e séries. Em nenhum momento, vi seu sorriso. E isso doía demais. Nelly não quis jantar. Por isso, preparei um suco e coloquei o remédio nele. Pouco tempo depois, ela já estava cochilando em meus braços. Levei-a para nossa cama e a ajeitei ao meu lado. Fiquei velando o seu sono aflito a noite inteira, mas na certeza de que, como dizia o louvor que ouvimos neste mesmo dia: “o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem de manhã bem cedo...”.

Não foi bem assim que aconteceu, pois ela demorou uma semana para chegar. E chegou com olhos azuis, cabelos dourados e gritos ensurdecedores tanto da mãe como do filho. Miguel nasceu trazendo o recomeço para a família Silva Oliveira.

Eu e Nelly estávamos quase babando no nosso belo afilhado, que começou a chorar, fazendo escândalo de fome. Nathan ajeitou Gabi na cama do hospital. E Nelly entregou Miguel a Gabriela, que sem cerimônia alguma foi sedento de encontro ao seio da mãe.

Abracei a minha mulher pelas costas e ficamos observando mãe e filho em

seu momento especial. Por isso, não me dei conta de que a porta do quarto foi aberta. Só ouvi a voz do infeliz bem próximo do meu ouvido, me assustando:

— Olá, moço bonito. Saudades de mim?

— Seu filho da...

— Sem palavrões na frente do meu bebê, senão já vou ter que começar a encher um porquinho de moedas e o menino não tem nem doze horas que nasceu. Luísa já tem três. E cheios.

— Nathan, você é um cretino!

— Eu sei. E não sou sozinho. Você é da família, moço bonito. Ah... e bem-vindo, Felipe.

— Obrigado, Nate. Deixa-me dar um cheiro na minha Moranguinho e depois vou olhar de perto o mais novo membro da família. — Felipe abraçou Nelly com cuidado. Nossos bebês cresciam cada vez mais, em sua barriga. — Deixa eu olhar para você.

Nelly se afastou e sorriu para o nosso amigo.

— Tão linda a minha Moranguinho. Pensei que Sienna era a grávida mais bonita que já vi, mas ela perdeu por dois bebês. Sua barriga de trigêmeos está maravilhosa. — Como sempre, ele não perderia a chance de me provocar, então rodopiou Nelly e assobiou. — Ainda mais deliciosa.

— Cachorro! Coitado do homem dessa Sienna na Itália. Deve ter vontade de te socar em cada gracinha que sai de sua boca.

— Oh, mas ele não ficou só na vontade, moço bonito. — Felipe apontou para uma pequena mancha roxa em cima do seu olho.

— Quero conhecer esse cara. Já virei fã dele.

— Vai se surpreender, moço bonito. Vou ter o prazer de te mostrar quem é...

Felipe foi interrompido por Luísa, que entrou no quarto acompanhada de Carla.

— Eu encontrei essa princesa perdida na porta do hospital junto com o avô e subornei aquele médico italiano gostoso para que ela entrasse rapidinho comigo.

Carla abraçou a minha preciosa e eu pude ouvi-la sussurrar que agora estava bem.

— O que você fez com o doutor Giulio?

— Vou ter que fazer o sacrifício de dar um beijo naquela boca suculenta, Moranguinho.

— Santo Cristo! E ele aceitou?

— Pelo gemido que ouvi, ele deve estar me esperando do lado de fora do quarto.

— Bandida!

— Sempre.

— Não mereço ouvir isso, Carlinha. Me poupe, porra!

— Papai, dinheiro no meu cofrinho e no de Miguel, agora. Tio Lipe disse palavra feia.

— Meleca! Eles fazem a merda e eu que tenho que pagar?

Ouvi gargalhadas no quarto. Eu estava com saudades desse som. De riso leve. De sorriso gostoso. De ver minha preciosa se iluminar.

Felipe se aproximou da cama e passou a observar o pequeno Miguel. O olhar de Felipe no bebê era intenso, como se tivesse saudades de algo que ainda não podia ter.

— É lindo, né, tio Lipe?

— Sim, Pequena Luz.

— Então, nunca esqueça, tio. É isso que vai tocar aqui. — Luísa levou sua mãozinha delicada ao coração de Felipe. — O sorriso mais puro e inocente de uma criança vai mudar a sua vida.

— Para melhor?

— Sim, tio.

— Vou esperar ansioso por esse dia. — Felipe pegou Luísa no colo e lhe agradeceu.

Gabi gemeu com Miguel em seu peito.

— Nathan, você me deve uma cirurgia plástica. Pode abrir a carteira. Meu peito não ficará caído nunca. Esse menino é mais guloso que você, caramba!

Nate tocou a cabeça do filho, todo orgulhoso.

— Bom menino. Já sabe das coisas.

— Idiota!

— Mas você me ama.

— Ainda mais agora. Você me deu eles. — Gabi apontou para Luísa e Miguel.

Aquilo era felicidade plena. Era uma família. E eu estava contando os segundos para a chegada dos meus tesouros.



38

Nelly

DOIS DIAS APÓS O PARTO, Gabriela já estava em casa com Miguel. Eu não queria deixá-los, mas tia Rachel insistiu para que eu viajasse e disse que cuidaria deles.

Como já estava com quase 26 semanas de gestação, o doutor Rodrigo pediu que eu fizesse uma bateria de exames antes de embarcar para a Itália. Ele me liberou depois de avaliar todos os resultados e exigiu-me que não fosse trocado por um médico italiano galanteador durante essa semana que passaríamos fora.

Daniel deixou a agência nas mãos de Samuel e de meu amigo Thiago, o que o deixou mais tranquilo. Sam estava preocupado com o silêncio e a tristeza de Rebeca. Minha amiga sumiu por quase uma semana e quando voltou não era mais a mesma pessoa. O brilho dos olhos de Rebeca se apagaram. Tentei de todas as formas que ela falasse comigo, mas sempre me dizia que eu já tinha os meus próprios problemas e não tinha o direito de colocar os seus em minha vida.

O problema era que Rebeca ainda não tinha entendido o sentido de amizade: “Amizade é quando a gente esquece completamente de si para se doar por inteiro ao outro. É quando você pode até estar com o seu coração

dilacerado, mas respira e coloca um sorriso no rosto para ter o prazer de ver o seu irmão de alma sorrir também”. Eu ainda a faria entender que ela era amada pelo simples fato de existir e que me fazia bem.

Daniel deixou tudo organizado para facilitar o trabalho da semana para eles, porque, além de Thiago ser um administrador, ele era modelo da agência. E tinha fotos essa semana. Tive que passar essa sessão para o Paulo fazer. Seriam fotos para a campanha do Dia dos Namorados. E eu não queria algo comum. Então, seria feito por casais reais que mostrassem, até mesmo por um pequeno olhar, o imenso amor que os uniu.

O problema era que Thiago estava sem namorada, mas ele era o modelo oficial do hotel de Levi. E eu não conseguia achar uma moça que tivesse uma boa química com ele, até o momento que chegamos juntos na recepção da agência de Dan.

Era isso que eu queria. Sem palavras, somente sentimentos. E ali eu via desejo, admiração e sintonia. Tive quase que implorar, mas nada que uma boa tontura de uma grávida de trigêmeos não resolvesse. Mesmo que ela tivesse completamente a certeza de que eu estava fingindo, Aline ia fotografar com Thiago, e esse era meu casal jovem. Meu casal maduro seria tia Ana e tio Lorenzo e, claro, não podia faltar Gabriela e Nathan, um casal com filhos.

Deixei tudo nas mãos de Paulo e parti para a minha lua de mel aliviada em saber que minha pequena luz não ia viver de congelados, porque tia Rachel agora era a nossa mais nova vizinha, além de dona do coração, da alma e da casa de papai. E cuidaria de todos com o amor incondicional que sempre habitou em seu coração.

Com a minha autorização médica para viajar, nós embarcamos. E, enfim, estávamos em solo italiano. E encontrei meu amigo, que estava acompanhado de um homem imensamente lindo. Não sabia qual beleza era maior. Porém, no momento que ele abriu os braços, eu larguei minha pequena bolsa no chão, e corri no limite que podia para os seus braços.

— Que saudade, Rico! Eu quero olhar para você. — Afastei-me e vi algo diferente nele. — Você está sorrindo, Enrico. Ela te faz bem?

— Ela me faz sonhar. Inspira-me. Faz-me querer ser a cada instante a razão de vê-la feliz.

— Preciso agradecê-la por isso. Ela trouxe o nosso Rico de volta.

— Não, Pimentinha. Ela...

— Ela fez nascer uma versão mais linda e melhorada de Enrico, Moranguinho. Ei, mano, cadê meu abraço? — Carla estava com um sorriso lindo nos lábios e de braços abertos, esperando por seu irmão.

— Oi, pequena. — Rico abraçou Carla e tocou sua face com carinho. Entre os dois existia uma cumplicidade, que era algo exclusivo deles.

— Como ela está?

— Bem. Teve algumas tonturas essa semana, mas foi atendida pelo médico novo da vila. Acho que você vai gostar dele.

— Italiano?

— Sim.

— Maravilha. — Carla saiu batendo palmas e trouxe o homem que veio acompanhando Enrico para nos apresentar. — Pietro, essa é a nossa Moranguinho. Nelly, a esposa de Daniel.

— Olá, Pietro! — Dan cumprimentou-o.

— Nelly, já ouvimos muito sobre você. Sejam bem-vindos a belíssima Itália! Tenho um delicioso *cappuccino* à espera de vocês no nosso Café.

— Tem *brownie*?

Pietro sorriu.

— Temos sim. E com o toque brasileiro. Feito pelas mãos de fada de Sienna.

— O que estão esperando? Tenho três crianças na barriga me chutando. Isso é fome, gente.

— Ninguém deixa meu afilhado faminto. Vamos embora. Ah... Rico. Meu rostinho já está pronto para outra. Estou louco para abraçar Sienna por trás. A bunda dela cresceu, porra! Tá mais gostosa! — Felipe nunca perdia a chance de provocar. Sorriu sarcasticamente e fez de Enrico a sua nova vítima.

— Seu idiota! Eu vou te...

Lipe saiu correndo e rindo em direção aos carros. E lógico que ele foi junto com Pietro. Pelo menos, um dia, ele tentaria ficar com o seu rosto e

orelha intactos.

Carlinha foi conosco no carro de Enrico e ia me apresentando as belezas da pequena cidade à medida que passávamos. Chegamos em frente a um belo casarão, um café e restaurante. Pelo visto, ali era o *bed e breakfast* de Pietro e seus irmãos. E onde Lipe trabalhava, pois era sócio deles.

O carro seguiu mais à frente um pouco e pude finalmente ver cada detalhe do que vi até hoje somente por fotos. *Villa De Angeli*. Não tirava a razão deles de não quererem voltar para o Brasil. Esse lugar era mágico e, para completar, cheirava a uvas. Perfeito!

Enquanto meu marido me ajudou a descer do carro, Enrico buzinou e duas lindas mulheres saíram da casa. E logo identifiquei quem era Sienna, porque sua barriga redonda e linda no vestido azul lhe entregavam. Mas o que me surpreendeu foi quem estava atrás delas. Enrico deu alguns passos e chamou Sienna, sorrindo, que para sua surpresa e não a minha, passou por Enrico e se jogou nos braços de Felipe.

— Isso não é justo, anjo!

— Ei, mas é claro que é, Rico! Eu sou irresistível, lindo e gostoso!

— Me deixa ver seu rosto. — Sienna olhou com atenção o rosto de Felipe.
— O roxo saiu. Se ele sequer ameaçar te bater, me conte tudo. Ele vai fazer companhia para o Bob no quintal.

— A casa do Bob é confortável, Sienna.

— Quem disse que ele vai dormir com ele? Ninguém tira o cachorro que ele mesmo me deu da casinha dele. Vai ficar no colchão do lado de fora.

Eu comecei a gargalhar e acho que contagiei a todos. Era a mulher perfeita para sacudir o mundo de Enrico. Depois que consegui respirar, eu me aproximei dela.

— Muito prazer, Sienna. E já posso dizer que gostei de você.

— Oh, meu Deus! Desculpem-me por isso e pela minha indelicadeza de nem me apresentar. Mas é que...

— Lipe é Lipe. Eu sei. É especial demais. E se a sua saudade tem o mesmo tamanho da que eu sinto quando ele está aqui, eu sei que é grande demais.

Daniel deu dois tapinhas nas costas de Enrico.

— Você sabe que está fodido, né, amigo?

— Eu sei. Sorte sua que mora longe dele. Já pensou viver embaixo do mesmo teto que ele e ver a sua mulher preparar ovos com bacon para o café da manhã, só porque o idiota está com vontade?

— Bendita seja a distância que nos separa.

Enrico sorriu e convidou a todos para entrar na casa. Ao passar por eles, pude ouvir Sienna sussurrar:

— Eu não sou sua mulher.

— Ainda, anjo. Ainda.

Abaixei a cabeça para que eles não me vissem sorrir, mas o meu homem percebeu.

— Mais calma agora? Ela parece ser uma boa moça.

— Sim, parece. E espero que ela nunca o faça sofrer.

— Só o tempo nos dirá isso, Preciosa.

— É verdade. O jeito é esperar. Mas vamos entrar logo, que eu estou louca para saber o que o doutor Giulio está fazendo aqui.

Ao entrar na casa, fomos apresentados para a governanta. Uma moça muito linda chamada Juliana. Pude matar a saudade de anos sem ver Giovanni e Vincenzo. E a minha curiosidade falou mais alto e perguntei a Giulio o que fazia ali. E só tive como resposta que era uma longa história e que com o tempo ele me contaria.

Tivemos um dia superagradável, mas, à noite, Pietro e seus irmãos fizeram um pequeno banquete para nos recepcionar em frente ao lago da Villa.

Eu podia dizer que meu coração estava em paz. Me vi rindo com as brincadeiras de Lipe, com as histórias dos irmãos deliciosos, como eles diziam se chamar. Das danças desengonçados de Giovanni. Mas, ao fechar meus olhos naquela noite estrelada, eu só tinha certeza de que estava no melhor lugar do mundo: nos braços de Daniel.

Levi e Gisele estavam sentados ao nosso lado. E como sempre, ele me conhecia somente no olhar. E sabia do que eu precisava. Pegou seu violão e começou a dedilhar a canção *Love me like you do*.

— Dance, ruiva. Eu quero te ver leve.

Levi não precisou repetir. Levantei do banco onde estava com Daniel e fui para a beira do lago.

A melodia chegou à minha alma. E ao fechar meus olhos, eu me entreguei. A cada passo, fiz um agradecimento. Eu nunca fui desamparada. Nunca estive só, mesmo nos momentos mais sombrios de minha vida. Eles estavam comigo. E ter amigos era ser presenteada por Deus. E eu fui em abundância.

Hoje eu dançava por mim. Pela Emanuelly que estava vendo a sua vida seguir os traços que Deus desenhou com perfeição.

Eu fui agraciada. Quem amava e era amado sabia o que era isso, pois tinha ao seu lado quem o fazia completo porque nunca estaria só. E eu senti mais uma vez isso, quando as mãos de Daniel envolveram a minha cintura. Éramos dois corpos e almas em perfeita sintonia. Fomos aplaudidos ao final de nossa dança. E eu nem imaginava que minha noite estava apenas começando.

Daniel se despediu de todos e me levou para um lugar que ele dizia ser especial. Era um caminho ladeado com várias pedras brancas que nos levaram a uma tenda, mas não era algo simples. Era um lugar que foi planejado e criado com muito amor. E pelo visto tinha o dedo e a mente brilhante de Gisele naquilo.

Do lado de fora havia uma pequena fogueira para ajudar a aquecer a noite fresca que estava fazendo. Do lado de dentro, uma cama com lençóis brancos e almofadas coloridas cobriam tanto a cama quanto o chão; havia também uma pequena mesa com vinho, suco de uva e alguns petiscos, além de uma música suave tocando.

Daniel me abraçou por trás e me aconcheguei em seus braços fortes.

— Rico pediu para Gisele desenhar esse lugar. Seria o seu recanto enquanto a casa de seus sonhos está em construção.

— A casa ao lado é de Rico.

— Sim, mas eu não quero falar de Enrico. Eu te trouxe aqui, Preciosa, para te mostrar mais uma vez que você foi desenhada por Deus especialmente para mim. — As mãos de Daniel passeavam por meu corpo, agora mais arredondado. A prova real de nosso amor era o que estava ali: os nossos filhos. Já estava ofegante, e ele sabia disso.

— E como você vai fazer isso, amor?

— Te amando como um homem que ama verdadeiramente a sua mulher deve fazer. Adorando cada parte de seu corpo, te dando prazer e te mostrando que és somente minha.

— Então faça, por favor.

E como a canção que dançamos no lago dizia, ele me tocou e me amou como somente ele sabia fazer. Ele é meu e eu sou dele. Para sempre.



Acordamos cedo com um escândalo feito por Felipe:

— Tá na hora de acordar, pombinhos! Café da manhã está servido. Minha Moranguinho precisa renovar as forças.

— E eu?

— Precisa perder peso. Tá gordo. Quem engravidou foi ela, moço bonito. Entenda isso.

— Idiota!

— Eu sei, moço bonito. Mas sou um idiota que as mulheres amam. Eu sou foda!

— Lindo e convencido.

— Viu? Ela me acha lindo. Vou ignorar a parte do convencido. Sou apenas realista.

— Abusado! Me ajude a levantar. Eu estou vestida, mas ele não. Porém, se você quiser, eu posso pedir para ele tirar o lençol...

— Misericórdia! Não quero traumatizar a minha mente. Essa porra fez

três filhos de vez!

— Agora você entendeu quem é o foda! — Dan estava deitado com os braços atrás da cabeça, evidenciando os músculos naquela região. E somente um lençol branco cobrindo até a sua cintura. Santo Cristo, eu não queria sair daquela tenda! — Preciosa, acho melhor você ir com Felipe. Se continuar me olhando desse jeito safado, vou ter que fechar a tenda e só abrir na hora do jantar. — Daniel pegou uma almofada caída no chão e cobriu o grande volume abaixo da cintura, sorrindo maliciosamente.

— Filho da mãe! Não acredito! Você poluiu minha mente inocente. Vamos embora, Moranguinho. Que ele se alivie sozinho. Eu vou alimentar meu afilhado. E só saia daí quando essa porra baixar! — Lipe me ajudou a levantar e o acompanhei gargalhando para o casarão.

Levi estava na porta da frente comendo uma fatia de pão.

— Rindo de que, ruiva?

— Sem perguntas, mano. O moço bonito já me traumatizou demais por um dia.

Saí praticamente arrastada e rindo de Felipe para a cozinha.

Nossa temporada na Itália só nos trouxe coisas boas. Novos amigos, boa comida, o que me rendeu um quilo a mais, lindas fotos de lugares encantadores e novas memórias de momentos românticos, únicos e especiais com meu esposo.

Passamos uma semana cercada de amigos e muito carinho. E não seria uma despedida à moda italiana sem muito drama e choro.

Voltamos para o Brasil com a promessa de que voltaríamos em breve. Mas, dessa vez, com os nossos presentes de Deus junto.

Daniel não queria voltar ao trabalho logo. Assim que voltamos, ficou os dois primeiros dias, mas depois foi a vez de Samuel se ausentar.

Fiquei apreensiva com a discussão que presenciei entre ele e Rebeca. Não conseguia esquecer a última frase que Samuel disse antes de bater a porta do escritório com muita raiva:

— Você não pode fugir dele a vida inteira, Rebeca!

No outro dia, eles viajaram. Não entendemos muito o que aconteceu. Thiago só nos disse que ele e Rebeca saíram da cidade e não tinham previsão de voltar. Tranquilei-me quando ela ligou e disse que estavam bem. Por isso, passei duas excelentes semanas sendo a secretária de meu marido. E, além disso, a mesa, o sofá e as paredes do escritório foram usadas de diversas formas diferentes e deliciosas por esses dias.

Os dias foram passando cada vez mais rápidos e eu já estava com 34 semanas de gestação.

Meus bebês estavam bem e saudáveis. Mas o que me incomodava era o medo constante. Medo de ter complicações no parto. Ou que algo acontecesse a um de meus bebês.

Daniel esteve ao meu lado em cada sonho ruim que tive, porque acordava quase todas as noites completamente suada. Os mesmos sonhos de meses atrás estavam se repetindo. A sensação de estar me afogando era terrível. Mas o alívio ao ver aquelas mãos me puxando das águas escuras era maravilhoso. E o brilho que enxergava todas as vezes que submergia estava gravado em minha memória. Eram como brilhos de uma estrela.

Depois do dia 20 de agosto, eu já estava muito ansiosa. Não sosseguei enquanto o quarto dos bebês e a casa não estivessem preparados para a chegada deles. Levamos dois dias para organizar tudo. Depois de tudo pronto, eu consegui relaxar. Mas não imaginava que um dia depois, nossas vidas dariam uma reviravolta tão grande.

Estávamos reunidos na casa de papai para um almoço em família, porém uma frase de Luísa tirou por completo a minha paz:

— Tia Nelly, chegou a hora. Você está pronta pra ajudar o meu dindo?

Meu corpo todo se arrepiou. Uma sensação ruim tomou conta de mim. E eu precisava ver com meus próprios olhos que Luc estava bem.

— Eu sempre estarei, minha pequena luz. Sempre estarei pronta para amparar Lucas.

— Eu não gosto da história da Branca de Neve. Ela dorme e fica sozinha. Não quero tio Luc sozinho.

— Ele não estará, minha pequena.

Eu tinha que ter certeza de que ele estava bem. Por isso, pedi licença a todos na mesa e segui em direção à porta da frente da casa.

Abri-a e a visão que tive alegrou meu coração, mas não fez a angústia ir embora.

Lucas jogava bola com o João no quintal da casa de sua mãe, e minha prima Adriana, junto com tia Ester e tio Davi, sorriam em ver a alegria de pai e filho.

Era muito amor que cercava essa nova família. Naquele momento, pedi a Deus que preservasse este novo lar.

A bola caiu na rua, mas antes de Luc sair para pegá-la, ele levantou o filho em seus braços rodopiando com ele no ar, fazendo João dar gostosas gargalhadas. Deixou o pequeno no chão e deu um leve beijo nos lábios de minha prima. Eles estavam felizes, mas tudo desmoronou em poucos minutos.

Meu amigo me viu do outro lado da rua e acenou, mandando um beijo e dizendo que me amava. Eu sorri, mas logo vi meu mundo desabar.

O corpo de Lucas foi lançado no ar ao ser atropelado por um carro e sua cabeça colidiu com a frente do carro de tio Davi, que estava estacionado na calçada.

O ar me faltava e não sei se ouvia os gritos de Adriana ou os meus próprios, antes de cair no chão ao perder as forças das minhas pernas. Podia ver tudo acontecendo ao meu redor, mas não conseguia me mexer.

A imagem de meu amigo caído no chão, coberto de sangue, passava como pequenos *flashes* a cada instante em minha mente. Luc nasceu para sorrir, não para sofrer. Isso era injusto. Ele tinha o dever de estar bem. Lucas não podia fazer isso com Adriana e João, e nem comigo. Daniel me tomou nos braços e quando senti o meu corpo voltar a responder, já estava no hospital.

Acordei na manhã do dia 24 de agosto. Lucas estava internado no mesmo hospital que eu. Estava em coma induzido para poder reduzir o inchaço no cérebro. No seu corpo, o único vestígio do acidente era uma perna quebrada. O médico disse que ele teve sorte. Poderia ter sido algo mais grave. Mas ele não sabia como Lucas acordaria. Se alguma área cerebral foi afetada, só o tempo diria. E eu estaria ao seu lado e da minha prima para o que precisassem.

E nesse mesmo dia os meus presentes de Deus chegaram. Tão pequenos e tão lindos. Descrever a minha emoção só em ouvir o choro de cada um, acho que seria quase impossível. Eles eram partes de mim e de Daniel. E nossa missão era amá-los incondicionalmente.

Matheus foi o último a ser descoberto na ultrassonografia, mas foi o primeiro a nascer, logo após veio Sara e, por último, a nossa caçula, Amanda.

Matheus era a nossa mistura perfeita. Os cabelos dourados. E... oh, Deus! Os olhos eram azuis e intensos como os do pai. Já as nossas meninas realizaram o sonho de Daniel. Tinham os cabelos vermelhos e os olhos cor de mel. Eram muito parecidas. Sara era doce e delicada, e Amanda tranquila, mas com apenas um olhar ela parecia enxergar a sua alma.

Não foi fácil deixá-los no hospital e retornar para casa, mas eles

precisavam ganhar peso. E em casa eu tentava ser forte. A cada despedida, todos os dias no hospital, era como ferir meu coração. Mas o amor e carinho de Daniel foram o que me sustentaram por longos 45 dias.

E, hoje, era o dia de trazer vida para nossa casa. Era isso que eles eram: luz, alegria, amor e vida.

Estávamos esperando no consultório do doutor Rodrigo, onde eu tinha ido mais cedo para uma consulta de rotina e, graças a Deus, estava tudo bem comigo.

Daniel estava sentado ao meu lado. Seus pés batiam sem cessar no chão e suas mãos tamborilavam em suas pernas. Levantei-me e segurei em seu rosto, e ele parou os movimentos.

— São só os nossos bebês, amor.

— Eu sei, Preciosa. Mas agora é real, sabe? Eles estão indo para casa conosco. E eu tenho...

— Medo?

— Sim.

— Eu também tenho. Mas não estamos só, Daniel. Temos nossa família e amigos para nos ajudar. E o mais importante está aqui. — Toquei levemente em seu peito. — Amor de pais. E isso, meu querido, temos de sobra. O restante, nós iremos aprendendo com o tempo. Mas eu não tenho dúvida alguma de que, se eles tiverem um sonho ruim, um de nós dois estará ao lado

deles para tranquilizá-los; se tiverem febre à noite, nós perderemos as noites de sono que precisar, só para ter a certeza de que eles estarão melhor. Faremos de tudo para que não falte nada aos três. E ser pai, meu amor, é aprender algo novo a cada dia.

Daniel enlaçou minha cintura, me fazendo sentar em seu colo. Aproximando-nos, ele levou uma mão à minha nuca e me beijou. Foi um beijo carregado de amor, ternura e cumplicidade.

Logo ouvimos a porta ser aberta. E meu coração estava a ponto de saltar do peito tamanha era a minha alegria. E, em seguida, o doutor Rodrigo me entregou Matheus.

— Olá, meu pequeno tesouro. Está pronto para conhecer a sua casa?

Meu filho dormia profundamente em meus braços. Peguei sua mãozinha e toquei minha face. Sempre imaginei que eu fosse recolher as lágrimas de um filho quando se machucasse ou até mesmo quando se assustasse no primeiro dia de aula na escola. Mas não. Era ele que enxugava o meu rosto. Mas eram lágrimas de gratidão a Deus por finalmente tê-los junto a mim.

A doutora Bárbara² entregou Amanda nos braços de Daniel. A pediatra de meus filhos era uma linda mulher. E foi escolhida por tio Davi, que sempre dizia que um médico devia amar a sua profissão. E nesta jornada que passamos nos últimos 45 dias, confirmamos a boa escolha de tio Davi. Bárbara amava o que fazia. E era nítido em cada olhar ou toque de suas mãos em meus filhos o quanto essa mulher era especial.

Papai entrou junto com a enfermeira que trazia Sara.

A enfermeira Vanessa auxiliou Rodrigo no meu parto e, a pedido dele, ela esteve presente quase todos os dias acompanhando o desenvolvimento de meus filhos.

Tornamo-nos grandes amigas. A alegria de Vanessa, a cada telefonema ou mensagem, contando as novidades de meus pequenos, era contagiante. Ela era mais um presente especial que ganhei na vida que Deus me presenteou.

Vanessa depositou com carinho a minha pequena Sara nos braços de papai, mas nem o senhor Rafael conseguiu conter as lágrimas.

Estávamos prontos. E completos.

Entreguei um presente especial a cada um e nos despedimos. Hoje era dia de festa, porque finalmente meus filhos estavam chegando em casa.

Papai chegou no carro da frente, buzinando, o que levou todos para o lado de fora de sua casa. Daniel estacionou logo atrás.

Não precisei me apressar para tirar cada um dos meus filhos de seu bebê-conforto.

Levi e Gisele já estavam com Amanda, Nate com Sara e Lipe com Matheus, em seus braços.

Enquanto todos estavam reunidos na sala, tia Rachel e Carla pediram que as acompanhassem. Afastamo-nos um pouco dos demais e Carlinha me entregou um presente.

— Abram juntos.

Daniel me ajudou a abrir o pacote. E era o que eu menos imaginava.

— Santo Cristo! Já está pronto, amor. É a nossa história.

Daniel analisava cada detalhe do livro escrito por Enrico.

— Ele acertou.

— O quê?

— O título do livro, Preciosa.

Em seguida, foi a vez de minha tia me entregar um presente.

— Não foi ele que acertou. Foi ela. Sara. Foi ela que pediu ao Enrico que colocasse esse nome. Foi um sonho que Sara teve quando Luísa dormiu abraçada com ela em uma tarde de domingo. Ela sonhou com a linda moça de olhos azuis. E, juntas, elas definiram com amor, o título do livro que retrataria suas vidas. Abra o presente dela, Nelly.

Eu abri. E encontrei uma linda pulseira de ouro com três estrelas em pedras vermelhas. E ao lado delas, a definição perfeita para o que Deus preparou para nós. Ao lado das estrelas, na pulseira, estava gravado o título do livro que Enrico escreveu: *Alicerce do Amor*.

Era isso. Eu finalmente pude compreender, como no meu sonho. Eram eles que me salvavam. Nossas três estrelas. Os frutos de meu amor e de Daniel.

Dan colocou a pulseira em meu braço. Mais uma vez, faltou-me as palavras e me sobrava as lágrimas. Carla me abraçou e tia Rachel me deu um beijo na testa. As duas se afastaram. E Daniel me abraçou por trás, fazendo-me sentir segura e amada em seus braços. E, juntos, nós contemplamos o que Deus reservou para nós: família e amigos. Amor puro e incondicional. O verdadeiro alicerce do amor.



39

Nelly

PASSAMOS OS ÚLTIMOS SETE MESES, em meio às fraldas e muitas mamadeiras. Mas não tínhamos do que reclamar. Nossos presentes de Deus eram especiais.

Matheus, Amanda e Sara eram muito tranquilos. E sempre tivemos ajuda de todos. Até mesmo de nossa pequena luz.

Fiquei afastada de meu trabalho os primeiros cinco meses, tanto na floricultura como na *Stars*. O máximo que Daniel me deixava trabalhar era como fotógrafa em suas campanhas na agência. Mas isso sempre acompanhada de Paulo, para que eu não me sobrecarregasse.

Eu sempre amei tudo que me dediquei: flores, dança e fotografia. Mas não senti falta de nenhum deles durante os últimos meses. Porém, o meu maior prazer nesses pequenos momentos de trabalho na agência era ver a dedicação, amor, carinho e cuidado de Daniel com nossos três filhos.

O seu sorriso e vibração a cada movimento das crianças era maravilhoso. Se algum dia o meu marido sentiu medo de não ser um bom pai, ele errou. Ele era o melhor.

Ainda me lembro da primeira noite em casa. Pensei que ele se desesperaria ao ouvir o choro de uma das crianças, mas como sempre ele me surpreendeu. Enquanto eu amamentava Matheus, ele acalentava e ninava Amanda e Sara com seus braços grandes e fortes. Totalmente sereno e tranquilo.

Até mesmo em momentos mais complicados, como a primeira febre ou o primeiro dentinho apontando na boca, Daniel foi o meu herói. Enquanto eu fazia de tudo para não chorar ao ver os meus bebês sofrendo, ele vinha com um beijo e um simples “*Vai ficar tudo bem*”, e me acalmava.

E hoje seria mais um dia que precisaria de seus beijos e dessa frase tão doce para me manter centrada e segura.

A *Stars* teria a sua apresentação especial do Dia Internacional da Mulher e, como todos os meses, também iríamos comemorar mais um mês de vida dos trigêmeos. Não podia faltar bolo, *cupcakes*, salgadinhos e muitos docinhos, mesmo que não fosse na data exata. Mas hoje era um dia especial. Todos os nossos amigos vieram da Itália para passar esse dia lindo com tia Ana. E eu não poderia perder a chance de ter os padrinhos de meus bebês reunidos.

A apresentação seria rápida, e pela manhã, para que não tomasse muito tempo do dia especial de cada mulher.

Gisele, Levi, Lipe e Carlinha chegaram logo cedo para me ajudar com as crianças. E eu pude tomar um banho relaxante, escovar o cabelo e me arrumar tranquilamente.

Do meu quarto, eu podia ouvir suas conversas e risadas. Era sempre assim. Por mais tempo que demorasse para estarmos todos reunidos, nunca faltava assunto, risos e muito carinho.

Cheguei na sala e fui surpreendida por um grandioso silêncio, que logo foi quebrado pelo escândalo de Felipe:

— Moço bonito. Você é um cretino sortudo. Olhem aqui. — Felipe levantou do sofá e pegou a minha mão, rodopiando-me no meio da sala. — É muito injusto isso ser só seu. A mulher pariu três filhos e está ainda mais gostosa.

Daniel encarava seriamente Felipe, o que fez Levi entregar Amanda para Gisele, se levantar e puxar o irmão pela orelha.

— Você não aprende mesmo, não é, idiota?

— Eu não fiz nada. Sou inocente, irmão mais velho. Ele foi avisado. Se casasse com a Moranguinho levaria o pacote completo. Família e amigos. E eu faço parte dos dois. Me agunte. — E o infeliz ainda gargalhou e mostrou a língua para o Daniel, como uma criança birrenta.

— Filmou tudo, Gi? — questionou Daniel.

— Com certeza, Daniel.

— Obrigado. Passe por *WhatsApp*. Vai chegar mais rápido na Itália.

— Cretino, você não fez isso?

— Eu fiz sim, seu abusado! Aquela moça ingênua tem que saber com quem ela está se metendo, seu cantador de mulher alheia.

Felipe deu um sorriso tão safado que eu não contive uma gargalhada. Não só eu, como todos na sala. Até Daniel foi falho ao tentar esconder o sorriso.

— Ela não tem nada de ingênua, sabe? Senta aí que vou te contar o que ela fez comigo antes de embarcar...

— Oh, Deus, cale a boca! Sem detalhes, por favor.

— Mas os detalhes que são os melhores, moço bonito.

— Quer que eu te relembre os meus detalhes também?

— Misericórdia! De jeito nenhum. Aquela porra me assombrou por dias. Ainda não entendo como aquilo não fez quíntuplos. Sério, gente! Me traumatizou.

Em meio a risos, eu tive que apressar todos para sair de casa. Hoje, eu fazia questão de abrir a *Stars* e receber todas as mulheres.

Enquanto eu trancava a casa, Daniel, Levi e Lipe, acomodavam os trigêmeos no carro. Cada um em seu bebê-conforto.



Em pouco tempo já estacionávamos em frente à escola de dança. Era sempre uma emoção colocar a chave na porta vermelha, e abrir o presente que Amanda me deixou. Era um pedacinho dela, que eu cuidaria durante toda a minha vida.

Abri a porta e os meninos, Gisele e Carla entraram com as crianças. Mas logo, os braços que eu conhecia tão perfeitamente envolviam a minha cintura.

— Posso te fazer companhia, Preciosa?

— Deve.

Aconcheguei-me nos braços de meu marido. Mas logo as mães, filhos e alguns familiares estavam chegando. Cumprimentamos todos, enquanto os demais professores de dança os direcionavam ao local que separamos para a apresentação. A minha finalizaria o nosso evento.

Papai, tia Rachel e o pequeno Ian, meu novo e lindo irmãozinho, juntamente com Gabi, Nate, Luísa e Miguel, foram os últimos a chegar.

Ian foi adotado por papai e tia Rachel. Eu o conheci em algumas visitas que fiz com mamãe. Ele sempre foi um menino quieto e receoso. Não eram todos que conseguiam chegar ao coração de Ian. Mamãe chegou e fez morada naquele coração puro, para toda a vida. Sua intenção era de adotá-lo. Mas não houve tempo. E esse presente chegou para preencher a vida de tia Rachel e papai de mais amor. No dia que se casaram, Ian foi apresentado para toda a família. Papai e titia estavam cada dia mais orgulhosos de seu menino.

— O que você está aprontando, Nelly? Minha maquiagem não é à prova

d'água.

— Relaxe, Gabi. Entre e divirta-se. E receba com carinho o meu presente para vocês.

Minha pequena luz esperou que todos entrassem e veio em minha direção.

— Ela vai gostar, não é, dinda?

— Ela vai amar, minha princesa. Será lindo. Agora entre e me espere.

Meu irmão mais novo, como um perfeito cavalheiro, abriu a porta da *Stars* para que Luísa passasse.

— Amor, lembra que eu te disse que essa porta vermelha ainda veria muitos novos amores passar por ela?

— Lembro, mas nem sonhe em falar isso para o Nathan.

— Ele não tem como ir contra o que Deus reservou para Luísa. O coração de minha sobrinha já está preparado para passar por todas as provas até chegar o dia de viver o seu amor real. Ela é conhecedora de tudo.

— Seus sonhos? Ian estava em seus sonhos?

— Sempre esteve. Papai e tia Rachel não o escolheram como filho à toa. Ele é o destino de Luísa. E somente eu e agora você sabemos disto.

— Ela nunca sonhou com os nossos filhos não, não é?

Eu não precisava nem responder, ele saberia só de ver o meu olhar.

— Oh, Deus! Minhas meninas, não!

— Mas você ama João Lucas, amor.

— Filho da mãe! Lógico que eu o amo. Ele é filho de meu primo. Mas isso não significa que vou amar ver o infeliz com as mãos em cima de uma das minhas meninas.

— Conforme-se! Você também fica com as mãos e outras partes desse corpo delicioso em cima da filha de seu Rafael.

— Você gosta.

— E tem dúvidas de que ela vai gostar também?

— Oh, merda!

Consegui tirar o estresse de Daniel, com beijos quentes e gostosos.

Dei início à comemoração do Dia Internacional da Mulher. E classe por classe foi se apresentando, até chegar a apresentação final.

Paulo soltou *Mulheres Virtuosas*, de Diante do Trono, que foi a música que escolhemos.

E eu iniciei meus movimentos, e logo na segunda estrofe, a minha pequena luz me fez companhia.

Eram as duas gerações do que Sara deixou nesta Terra.

Esta canção e esta dança eram para as duas mulheres que me ensinaram a beleza, inteligência, garra, delicadeza e amor, para que meus filhos me enxergassem como eu sempre as verei. Grandes mulheres! Isso era para Sara e Amanda e para todas as outras que não estavam mais entre nós. Eu só esperava que assim como eu, todos que estavam ali presentes, e que não tinham mais esse ser tão especial ao seu lado, tivessem tido a chance de dizer um último “*eu te amo*”.

*“Eu sou
Amada do coração do Pai
Cuidada pelo Seu amor
Com todas as bênçãos me abençoou”*

Terminamos a nossa apresentação em meio a muitos aplausos e lágrimas.

Cada mulher, mãe, esposa, filha, irmã, recebeu uma linda rosa vermelha simbolizando todo o grande amor que sentíamos por elas. Eu recebi as minhas quatro de meu esposo e meus pequenos.

Despedimo-nos de todos e Paulo ficou para fechar a *Stars* e nos encontrar na lagoa em breve.



Chegamos em meia hora na lagoa. Nossos amigos e familiares já estavam todos presentes.

A mesa preparada por Nana, como sempre, estava impecável com comida e bebida farta. E no centro o delicioso bolo feito por tia Ester com recheio de nozes, ganache e limão siciliano, que eram os preferidos de Daniel.

Amanda estava nos braços de Levi. Essa menina sempre era muito mimada pelos carinhos excessivos desse padrinho babão.

Felipe me dava um susto cada vez que jogava meu Matheus para cima, que soltava gostosas gargalhadas para o seu dindo louco.

Já a minha pequena Sara estava tomando a sua mamadeira, aconchegada no colo do vovô Rafael.

Estava de pé, observando como minha vida mudou nos últimos meses. Eu encontrei o amor dos meus sonhos e tive três lindos filhos.

— Tem certeza de que os três não são meus? — Eu sorri. Ouvir essa voz depois de todo o medo que passamos era maravilhoso.

— Tenho. O seu está correndo ali, junto com Luísa e Ian.

— Obrigado por não me abandonar em um momento tão difícil de minha vida.

— Eu nunca faria isso.

Luc deu um beijo tão leve em minha face e saiu correndo, agarrando seu

filho e o rodando no ar.

Cantamos parabéns pelos sete meses dos nossos trigêmeos. E, discretamente, saímos para o lugar que foi feito para a nossa família.

Sara e Amanda dormiam tranquilamente.

Daniel e eu nos sentamos em nosso banquinho e observávamos o sono tranquilo de nossas meninas. Porém, logo fomos interrompidos:

— Ele está caindo de sono, mas quer uma coisa que eu não tenho.

— O que, Lipe?

Lipe apontou em minha direção.

— Peitos.

Sorrindo, eu peguei o meu príncipe no colo. Levantei a blusa e Matheus já estava sugando avidamente.

Lipe ainda estava na minha frente.

— Vai ficar babando nos peitos da minha mulher, seu idiota?

— Observando é diferente, moço bonito. Esse meu afilhado é um menino muito esperto. Vai treinando aí, Matheus! Daqui uns anos, tio Lipe te ensina outras técnicas.

— Tem certeza de que fez a melhor escolha de padrinho, amor?

— Ele é idiota, mas é o melhor.

— Você me ama, eu sei. E sou foda! Agora vou me alimentar, família. Tenho uma ligação para a Itália daqui a pouco e acho que vou queimar algumas calorias ali.

— Sexo por telefone, Lipe? Eu não precisava ouvir isso, sabia?

Lipe gargalhou e se aproximou beijando a cabeça de Matheus, que soltou de meu peito e sorriu para o seu dindo.

— Mais uma coisa que vou te ensinar, garotão.

— Pervertido!

Felipe saiu rindo e correndo.

E, em seguida, voltamos a um momento só nosso. Enquanto sugava, o meu menino me acariciava com uma mãozinha, e com a outra enrolava os dedinhos em meu cabelo comprido. Já estava quase pegando no sono.

Os laços de amor entre mãe e filho iam além de um toque, um beijo, um abraço ou um cheiro. Era uma ligação eterna. Era o amor mais puro e incondicional. E sem medidas.

— Feliz, Preciosa?

— Muito.

— Eu te amo, Emanuely.

— Ama muito ou pouco?

— Mais que as estrelas do céu, multiplicadas por mil.

— Então é muito. Eu também te amo, Daniel. O nosso amor é escrito por Deus. Este incrível e eterno amor.

Daniel me aconchegou em seu peito e deu um beijo leve e carregado de amor, em meus cabelos.

— Posso te contar um segredo, amor?

— Sempre, Preciosa.

Sorri com carinho.

— Eu pensei nisso poucos dias antes de te conhecer. Eu odiava contos de fadas. Não podia ouvir falar o *Era uma vez*.

— Por quê?

— Me lembrava de tudo que havia perdido, de quando tinha meus alicerces erguidos, sabe? A minha família unida era algo inabalável. E, de repente, havia perdido tudo. E que bom que você chegou, amor. Você foi a minha salvação.

Com lágrimas nos olhos, Daniel ergueu a minha face e deu um beijo tão suave e delicado em meus lábios, e logo estava sorrindo com a curiosidade de Matheus em meu colo, nos olhando.

— Podemos dizer que finalmente nós tivemos o nosso felizes para sempre, Preciosa.

Oh, Deus! Meu conto de fadas agora era real. Mesmo após todas as lutas e provas, eu estava ali com meu esposo e meus filhos.

Minha vida e meu lar eram a minha família e amigos. Meus verdadeiros alicerces do amor.

Desejava que eles estivessem sempre guardados nas mãos do Senhor.

— Sim, amor, nós podemos dizer: *Felizes por toda a eternidade.*



EPÍLOGO

Nelly

VINTE E UM ANOS DEPOIS...

O pincel deslizava delicadamente sobre minhas pálpebras. Tons de dourado e verde se misturando para combinar com todo o visual montado para uma noite tão sonhada e especial.

Quando o trabalho em meus olhos foi concluído, eu os abri e encontrei minha tia Rachel fitando diretamente o espelho à nossa frente e a observar-me com imenso carinho.

Os anos foram realmente bons para ela. Sempre bela e radiante. Brilhava ainda mais quando estava cercada por meu pai e Ian.

— Sua mãe estaria tão orgulhosa de você, Nelly.

Sim, ela estaria. Isso era algo que sabia com certeza absoluta. Ela sempre acreditou mais nos meus sonhos do que eu mesma. Sua fé em suas filhas era inabalável. Nunca duvidou que poderíamos realizar tudo que um dia almejamos. Ainda mais se o coração fosse o guia.

E sem dúvida poderia afirmar que ele era. Eu tinha me entregado por

completo na realização desse trabalho. Foram anos colecionando memórias. Momentos especiais de pessoas que amava incondicionalmente.

Minha primeira exposição. A que participei direta e indiretamente de cada uma das lembranças que seriam expostas essa noite.

Fixei meu olhar no espelho, indo de encontro aos olhos nublados e emocionados da minha tia, que assumiu também a função de minha mãe e de Gabriela com a morte de Sara.

Muitas vezes, eu disse a tia Rachel que ela amou a irmã mais do que a si mesma. E ela nunca negou e também nunca se arrependeu de abrir mão, por muitos anos, do seu grande amor, para proporcionar a mim e Gabi um lar.

Minha tia foi a primeira inspiração para essa noite especial. Ela plantou e colheu amor. Independente de quanto tempo isso demorou para acontecer.

A história de tia Rachel e papai deu nome para minha exposição. Ela nunca deixou de acreditar que um dia a vida voltaria a sorrir para eles. E ela fez e os recompensou imensamente pela espera para viver esse amor.

Ergui minha mão e aguardei que a de tia Rachel a tocasse. Quando ela o fez, eu girei e deposei um beijo leve e repleto de carinho e gratidão sobre seu pulso.

Voltei a olhar para o espelho.

— Deixe que Amanda termine.

As rugas ao redor de seus olhos tornaram-se ainda mais acentuadas com o

franzir de sua testa e a irritação visível em sua face.

— Eu estou aposentada, mas não inútil, Emanuely!

Eu sorri e, no reflexo do espelho, vi minha filha se aproximando. Pairando atrás de tia Rachel e tomando o pincel e a cartela com várias tonalidades de sombras de suas mãos.

Amanda piscou para mim e dirigiu-se diretamente a sua tia-avó absurdamente teimosa.

— Quem você escolheu para assumir sua função e seus negócios?

Os olhos de tia Rachel ficaram ainda mais estreitos.

— Você.

Sim, há exatamente um mês com a formatura recente de Amanda, tia Rachel enfim encontrou alguém em quem pudesse confiar seus salões de beleza e seus clientes fiéis.

Eu imaginava que, com a escolha de faculdade da minha filha, ela fosse optar por trabalhar diretamente com seu tio Nathan. Mas o campo de Farmácia cada vez mais amplo lhe levou para o outro lado: o da estética. E o pouquíssimo tempo de trabalho já mostrou para todos que os anos vindouros seriam prósperos para o legado de tia Rachel. Minha garotinha já era bem-sucedida com suas ideias inovadoras. Sua dedicação extrema e profissionalismo brilhante eram os fatores essenciais para o sucesso do negócio.

Amanda meneou levemente a cabeça e deu um largo sorriso.

— Então seja uma boa moça e dirija-se ao quarto ao lado e não ouse tocar em seus cabelos e rosto, ou serei obrigada a pedir para vovô lhe colocar em seus joelhos e lhe conceder algumas boas palmadas.

O olhar de tia Rachel suavizou, a expressão fechada deu lugar a um sorriso malicioso e Amanda gemeu ao seu lado, percebendo nitidamente que sua tia-avó não via a sugestão sob o seu ponto de vista, fazendo-me gargalhar, levando embora um pouco da ansiedade que estava me consumindo.

— Deus, somente vá, vovó.

Tia Rachel piscou para nós duas e se afastou em passos rápidos enquanto murmurava:

— Com prazer, querida.

Amanda fechou os olhos, balançou a cabeça de um lado a outro, como se pudesse limpar sua mente com esse gesto e estremeceu levemente.

Eu ri baixinho lembrando da mesma reação por parte de Felipe há vários anos em minha lua de mel. Bem, essa não foi a única vez. Ele já era *expert* na arte de bloquear imagens que denominava como visões do inferno.

A porta pesada do quarto rangeu levemente anunciando que tínhamos companhia.

Passos pesados foram se aproximando e Daniel entrou em nossa linha de

visão.

Tantos anos juntos e ele sempre tinha nas mãos o poder de me roubar o fôlego. Seus cabelos claros, levemente acinzentados nas extremidades, estavam espalhados em inúmeras direções, a camisa clara agora estava manchada de poeira, sua bermuda ostentava um buraco logo acima do joelho esquerdo e sua bochecha tinha respingos do que eu poderia supor ser tinta branca, mas ainda em completo caos, ele era o homem mais lindo do meu mundo.

Chegou ao lado de nossa filha, envolvendo-a em seus braços, e beijou seus cabelos.

— Ei, querida.

Amanda se sacudiu, resmungando até ser solta pelo pai, que agora sorria largamente.

— Você está suado. Nojento, papai!

Daniel deu de ombros, tinha trabalhado sem cessar durante toda a tarde no salão do hotel De Angeli, para que tudo estivesse perfeito nesta noite. Voltando-se para mim, seu sorriso ampliou e ele lançou sua mão para cobrir os olhos de Amanda, inclinou minha cabeça no encosto da cadeira e selou meus lábios, em um beijo doce e intenso.

Afastou-se rindo ao som do falso engasgo de nossa filha. Tirou a mão dos olhos de Amanda e uma vez mais a porta foi aberta, dessa vez com um ranger mais alto e bruscamente batendo na parede.

Não precisava nem ver para saber quem estava chegando. Sara era sempre assim, explosiva, transbordando energia. Nossa caçula e secretamente o orgulho de Daniel. A única a seguir seus passos.

Com um notebook nas mãos, o olhar centrado na tela, ela se jogou na cama, levando os óculos bonito aos olhos. Seu cabelo longo e vermelho estava amontoado no alto da cabeça, preso por uma caneta esferográfica, para o completo desespero de Amanda.

— Sara.

Minha caçula ergueu a cabeça e seus olhos encontraram os da irmã.

— Eu.

A mão de Amanda apertou fortemente o encosto da cadeira. Respirou fundo e soltou sua frustração, apontando na direção da bagunça de cabelos de Sara.

— Quase duas horas para lavar, hidratar e escovar e você enfia meu trabalho perfeito em uma caneta velha e mordida?

A boca de Sara abriu-se em um “O” mudo e seus olhos caíram mostrando um arrependimento sincero. Mas logo deu de ombros e sussurrou antes de voltar a se perder na tela do notebook:

— Trança e pedrinhas bonitas resolvem tudo.

Amanda gemeu irritada e eu sabia que sua mente já estava viajando e passando por uma seleção de diversos tipos de penteados para conter o

estrago que a irmã tinha causado.

— Veremos, pingo de gente!

Sara era praticidade; Amanda, perfeição. Opostos que se completavam.

Engoli meu riso e Daniel fez o contrário. Rindo alto, ele caminhou até Sara, sentou-se ao seu lado e se concentrou na tela colorida.

— Terminou?

— Sim, pai. Entreguei a gravação para o tio Sam. Mas salvei o arquivo e trouxe para você aprovar ou não. Ainda temos uma hora e meia para o início da festa. Posso fazer modificações se assim desejar.

Daniel puxou o notebook para o seu colo e logo o quarto foi preenchido por uma música conhecida. A nossa canção. *I believe I can fly*.

Amanda retomou o trabalho que tia Rachel tinha iniciado no meu rosto e Dan e Sara passaram os próximos minutos assistindo o que eu sabia ser uma montagem do meu trabalho que estaria sendo exposto em pouco tempo.

Com a aprovação de Daniel, nossa caçula saiu para o banho no banheiro do corredor do chalé e Dan ocupou o do nosso quarto.

Amanda terminou minha maquiagem e passou a trabalhar meu cabelo em um penteado luxuoso e intrincado, finalizando com pequenos e brilhantes adornos, espalhados, que se destacavam na vastidão ruiva em minha cabeça.

Girou minha cadeira de frente para ela e admirou com carinho seu

primoroso trabalho.

— É a mais bela peça de sua exposição, mamãe. Eu te amo tanto e sinto um orgulho imenso de você.

E prevendo que se continuasse ali, logo eu cederia às lágrimas, ela saiu para terminar seus outros trabalhos, deixando um beijo rápido em minha face.

Como ainda estava à espera do meu vestido, eu apertei o laço do roupão felpudo sobre meu corpo e segui descalça para a varanda do meu chalé, na lagoa De Angeli.

A brisa soprava suave, a lua já brilhava em um céu limpo e estrelado. Eu fechei meus olhos e tirei um momento para refletir o que os últimos anos me trouxeram.

O tempo tinha passado, dificuldades iam e vinham, mas eu sempre senti o vento soprar e levar meus problemas para longe, deixando somente o amor em mim.

Murmúrios baixos, estalar de pequenos galhos e folhas secas me levaram a olhar na direção da escada de pedras, que levava direto a varanda onde eu me encontrava de pé e sorrindo para a pessoa desesperada que vinha ao meu encontro.

Minha irmã Gabriela buscava por ar, sua respiração era pesada, jogou uma mão no joelho procurando apoio e com o outro braço esticou para mim o que eu supunha ser a minha encomenda e a dela em uma imensa sacola do ateliê mais requintado de Rio Doce. Tirei o pacote de suas mãos e ela literalmente

se jogou no chão lustroso de madeira da varanda.

— Eu preciso de um milagre. Onde está Amanda?

Eu sorri e apontei para dentro do chalé.

— Graças a Deus! Ninguém teria prazer ao ver um leão assustado chegando de vestido longo e salto alto em uma festa chique. Cristo, ela precisa domar meu cabelo!

Levantou em um pulo e correu para dentro em busca de socorro.

Ainda me restava meia hora para colocar o vestido e calçar meus sapatos, era o tempo exato para o que precisava.

Entrei, fechei a porta da frente, deixei a sacola no sofá da sala e caminhei para o último quarto no corredor. Dei três leves batidas na madeira; e, com o consentimento da voz rouca e amorosa, eu adentrei. Ele parecia sempre prever meus passos e já estava à minha espera.

Com seus braços abertos, eu fui em busca de abrigo. E encontrei. Meu pai nunca precisou de palavras nesses momentos, eu só carecia de sua segurança. E ele sempre me concedeu.

Eu não sabia quanto tempo havia passado. Só percebi que a casa já se encontrava em um grande e absoluto silêncio.

Afastei-me dele e acariciei seu rosto bonito e bronzeado, traçando as linhas ao redor de seus olhos, as quais eu chamava de marcas de absoluto amor.

Papai já havia passado dos setenta anos e nós praticamente o obrigamos a recuar em sua rotina e aprender a aproveitar um pouco mais da vida.

Como seus filhos já estavam criados e netos bem encaminhados, ele relaxou. Fez do que sempre conheceu como trabalho, agora um prazer. Ele passou a levar tia Rachel em viagens e a colecionar novas e belas memórias juntos.

— O Nordeste lhe fez bem, papai. E uma semana distante deixou saudades. Pensei que não teria você aqui, nesta noite.

Eles tinham chegado em casa, nesta madrugada. Fui puxada novamente para seus braços e senti seus lábios roçarem levemente minha testa.

— Eu nunca te decepcionaria, Preciosa.

Eu sabia. Sempre soube.

Uma batida na porta roubou nossa atenção. Tia Rachel entrou com um longo vestido rose. Seu olhar pousou em mim e meu pai e um sorriso bonito surgiu em seus lábios.

— É hora. — Seus olhos fixaram rapidamente no celular em sua mão e a testa franziu levemente. — Bem, já passou da hora.

Eu sorri e me coloquei na ponta dos pés, deixando um beijo rápido no rosto de meu pai.

— Obrigada pelo colo. Tem uma bonita dama de olho em você, senhor —

agradei, inclinando-me e dando um beijo também em tia Rachel.

— Disponha. Nunca esqueça que aqui é lugar de conforto, carinho e puro amor. E quanto a dama, concordo, realmente bela! Acho que ela terá sorte essa noite — disse docemente.

Sorri e encostei a porta do quarto, seguindo diretamente para o meu e encontrando meu marido terminando de ajeitar seu terno em frente ao espelho.

— Estamos atrasados — sussurrei para Dan, vendo que meu vestido já estava esticado sobre a cama, os sapatos ao lado e um par de brincos e um colar delicado descansando na cabeceira da cama. Gabi tinha passado por aqui, com certeza.

— Eu sei, Preciosa. Me atrasei quando Matheus precisou de ajuda com o nó de sua gravata.

— Onde ele está?

— Por aí.

Daniel aproximou-se e puxou o laço do roupão, expondo meu corpo somente de lingerie escura e delicada.

Gemeu baixo e me fez girar lentamente, parando somente quando minhas costas estavam diretamente a sua frente. Aproximou nossos corpos. Suas mãos grandes e quentes tocaram meus quadris e sua voz surgiu suave enquanto seu nariz deslizava devagar na lateral do meu pescoço:

— Linda. Já disse hoje que te amo?

— Uma vez. Mas não me oponho em ouvir a segunda ou um pouco mais.

Senti seu riso em minha pele, seguido de um beijo demorado e o afastar de seu toque. Ele apontou para onde Gabriela tinha deixado meu vestuário.

— Precisa de ajuda?

— Não.

Foi se afastando devagar e ao chegar na porta fixou seus olhos nos meus.

— Mais que as estrelas no céu, multiplicadas por mil.

Eu sorri e lancei um beijo no ar para ele.

— De volta para você, querido.

— Não demore. Vou na frente para receber os convidados e estou enviando sua condução.

— Obrigada.

Eu e meus sapatos novos estávamos demasiados gratos. Areia e salto alto terminantemente não combinavam.

Ele encostou a porta e eu passei a chave, terminando em poucos minutos de me arrumar e retocar o batom.

Com o chalé vazio, eu segui para a varanda da frente a fim de aproveitar um pouco do silêncio da noite, mas não houve tempo, o brilho de faróis e a chegada do pequeno veículo motorizado me pôs em movimento.

Desci as escadas sorrindo. Uma carreta no casamento e um quadriciclo na exposição. Bem, Nelly, seria outra chegada inusitada. Parei no último degrau e observei meu condutor de pé, ao lado do veículo.

Jovem, alto, ombros largos, cabelos dourados em um corte moderno, curto nas laterais e volumoso no topo da cabeça, bem-vestido, terno sob medida, mas o que mais lhe chamava a atenção era o olhar: intenso, penetrante. A impressão que dava era dele ser capaz de enxergar de alguma maneira a alma de outra pessoa.

— Senhora, estou ao seu dispor.

Bem, outro ponto acrescentado à sua beleza.

— Você é muito educado e simpático, querido.

Seus braços vieram para frente, cruzados rente ao seu peito e ele inclinou a cabeça tentando esconder um bonito sorriso.

— Minha mãe ficará feliz ao ouvir isso.

— Ela parece ser uma boa mulher.

Dando alguns passos em minha direção, ele parou a poucos centímetros de mim.

— Ela é a melhor, senhora!

Em segundos, risos altos saltaram da minha garganta e eu já não me encontrava mais de pé e sim nos braços do jovem rapaz, sendo levada sem demora para o pequeno veículo.

— Olá, mãe.

Passei a ponta do meu nariz no dele. Algo que se tornou um hábito assim que o tive em meu colo após o nascimento.

— Olá, meu filho.

Matheus me colocou sentada de lado e assumiu a direção. Girou um pouco a cabeça e sorriu.

— Passando devagar e perto das águas da lagoa, mãe?

Acenei e aproveitei o pequeno passeio sentindo o sussurro do vento leve, trazendo consigo doces saudades de minha mãe e da de Dan. E pedi aos Céus que ele levasse meu pedido a elas. Que ambas pudessem ver nessa noite a família linda que formaram. Onde o amor tinha início e nunca um fim.

Matheus estacionou em frente ao hotel De Angeli. Ajudou-me a descer, segurou minha mão e logo na entrada, um dos meus compromissos para esta noite, já estava à minha espera: a bela repórter trajando um longo vestido em tons de azul, com aplicações de renda e transparências, e uma fenda na altura de seu joelho esquerdo, tornando o vestido mais leve e elegante.

Ao seu lado, um homem que aparentava estar perto dos 30 anos, com uma

câmera fotográfica maravilhosa. Tinha suas mãos postas sobre ela com imenso cuidado e carinho, fazendo com que eu me identificasse com ele imediatamente. Fotografia nunca seria só trabalho, mas amor e prazer.

Subimos os degraus e soltando a mão do meu filho, eu os cumprimentei:

— Boa noite. Bem-vindos!

A repórter sorriu timidamente e o homem nos saudou com voz firme e direta:

— Boa noite e obrigado por nos permitir participar deste momento especial.

Sim, eles eram os únicos que concedi esse pedido.

A exposição era para amigos e familiares que foram a minha verdadeira inspiração. Então cedi somente a resposta de algumas perguntas e fotos à vontade.

Acenei para a entrada e eles seguiram na nossa frente. Passamos pela recepção e Gisele, minha amiga de longos anos, após um abraço demorado e apertado, direcionou-nos para o salão de festas onde minhas fotos estavam expostas nas paredes, espalhadas em suportes pelo ambiente, em retratos e outras penduradas desde o teto em fios iluminados.

Gisele os levou para dentro e eu e Matheus paramos na entrada movimentada onde a foto de meu pai e tia Rachel era a primeira exposta.

Foi no dia de seu casamento no corredor da casa, onde juntos eles

contemplavam o sono do meu irmão mais novo, Ian.

Foi a única imagem que defini em palavras. Elas estavam gravadas em letras cursivas logo abaixo da foto:

O destino os separou e, anos mais tarde, os uniu novamente; e logo se deram conta de que sempre estiveram à espera do amor.

Matheus tocou meu braço e apontou para o nosso lado direito; e a visão fez meu coração bater acelerado.

— Acho que aquele cara gosta de você, mãe.

Senti minhas bochechas aquecerem.

— Você acha?

Meu filho afastou as pernas e levou a mão ao queixo, como se estivesse analisando minuciosamente a situação.

— Sim.

O homem que tinha os olhos fixos em mim, deixou a taça ainda meio cheia na bandeja de um dos garçons e caminhou vagarosamente em nossa direção.

Matheus endireitou a postura e tomou minha mão na sua, levou ao seu peito e cravou os olhos estreitos nos do homem, que sorriu zombeteiro para ele.

Meu filho aumentou seu tom de voz, com a intenção nítida de que fosse ouvido pelo homem.

— Gostei dele. É ousado, corajoso. Tem foco. Corre atrás do que quer. E bem... — Ele esperou o homem estar diante da nossa presença para continuar: — Ele é boa-pinta. Bonito para um cara velho. Pode investir nele, mãe.

Daniel avançou e agarrou o pescoço de nosso filho, acertou sua orelha com um tapa e bagunçou seu cabelo, fazendo Matheus gemer e gargalhar ao se afastar do pai.

— Onde está o velho, garoto abusado?

Matheus ajeitou o terno e o cabelo, encarou o pai seriamente e murmurou sua resposta antes de sair correndo e rindo:

— Bem na minha frente.

Daniel balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Eu disse que sua decisão era duvidosa. Por que não escolheu Levi para ser o padrinho dele?

Envolvi meus braços ao redor de sua cintura e encostei a cabeça no peito largo.

— E deixar uma de nossas meninas para Felipe apadrinhar?

Sua resposta veio baixa e feroz:

— Mas nunca!

Meu corpo tremeu com o riso.

Ao nosso redor as pessoas circulavam, conversando entre si, admirando as imagens expostas e era minha hora de passar e cumprimentá-los, antes de ter o meu tempo com a repórter e seu assistente.

Com meu marido sempre ao meu lado, chegamos primeiro aos nossos familiares, o que foi um pouco difícil, pois estavam em diversos pontos do salão, em torno de suas próprias fotos.

Uma sessão em especial era destinada aos casais que foram se formando no decorrer destes últimos 21 anos. Fazia jus ao nome da exposição, com certeza.

Após transitar e falar praticamente com todos os presentes, eu e Daniel estávamos no centro do salão e minha entrevista prestes a ser iniciada, quando um silêncio tomou conta do ambiente.

A porta dupla de entrada tornou-se pequena para os três homens altos e elegantes e a mulher bonita e encantadora. Deus, até em torno dos cinquenta anos Levi, Rico, Lipe e Carla roubavam a atenção de todos e, o melhor, nunca se deram conta disso! Atrás deles, seguia toda a prole De Angeli. E caramba, era grande!

Os olhos dos quatro irmãos percorreram o grande salão até chegarem a mim e Daniel. Levi acenou com a cabeça, Rico sussurrou um “olá”, Carla jogou um beijo e Lipe abriu os braços, e com um sorriso imensamente largo,

veio caminhando rápido e gritando para Dan:

— Moço bonito, cheguei! Onde estão minhas flores e bombons?

Seus irmãos reagiram na hora. Um jogou as mãos no rosto, o segundo lançou as dele para o alto e a terceira praguejou alto e Sienna, esposa de Enrico, tomou a frente da situação.

Ergueu o vestido e correu, seus saltos batendo forte no piso limpo. Chegou quase ao mesmo tempo que Felipe na nossa frente. E antes dele abrir a boca novamente, ela o arrastou pela orelha. Ele olhou para as mãos vazias de Daniel e seus lábios cederam formando um grande bico. Levou as duas mãos ao coração e jogou elas para frente ao som de um sonoro “BOOM!”, como se seu coração tivesse sido ferido, estraçalhado. Logo o bico cedeu lugar a um sorriso safado, quando seu olhar me percorreu da cabeça aos pés. Focou em Daniel novamente e com o polegar para cima, sussurrou uma única palavra:

— Gostosa.

Eu gargalhei, Dan não. Eu gargalhei mais, Daniel murmurou:

— Será que um dia ele cresce?

Enxuguei as lágrimas causadas pelo riso e respondi:

— Espero que não. Qual seria a graça nisso?

Dan meneou a cabeça e falhou ao tentar esconder um pequeno sorriso.

— Isso é uma verdade, Preciosa.

Um limpar de garganta chamou nossa atenção. Era o assistente. Ele e a repórter ainda ostentavam um sorriso grande no rosto. Efeito Felipe De Angeli. Definitivamente.

Logo ela deu início a entrevista, com uma foto minha, de Dan e nossos filhos, que seria a capa de sua reportagem no site oficial da prefeitura de Rio Doce e uma revista local também, e sem dúvida eu pedi uma cópia. Ia direto para a estante da sala.

Percorremos diversos pontos da exposição e paramos no meu local preferido, onde cada imagem em si mostrava a profundidade de sentimentos entre o homem e mulher de cada foto.

As quatro primeiras eram dos meus amigos e seus amores.

A repórter me pediu para descrever as imagens. E eu fiz, apontando para cada uma delas.

— Enrico: um homem que matou uma paixão e renasceu para o amor; Felipe: ele descobriu que o amor é fogo e não teve medo de ser queimado por ele; Carla: preencheram um lugar no seu coração, que nem sabia que estava vazio; Levi: quando tudo é arrancado de você, é a fé e o amor que lhe resta para recomeçar.

A repórter estava emocionada. Seus olhos claros brilhavam de lágrimas não derramadas. Antes de seguir para as últimas fotos, ela fez uma pergunta interessante:

— Por que o nome da exposição é *Amor*?

— O fundamento da vida é o amor e tudo que se sustenta e se ergue sobre seu alicerce — respondi rapidamente.

Enquanto anotava minhas palavras, ela murmurou algo bastante conhecido:

— Alicerce do Amor.

Oh, ela tinha lido a minha história! Toquei seu ombro e seguimos para as últimas imagens.

— Essas, eu particularmente participei um pouco mais de perto. Veja essa foto. É de Lucas, primo do meu esposo. Ele estava dançando. Se eu fechar meus olhos, eu posso visualizar nitidamente este dia. Chovia, e ele sorria, bailando na rua, tendo nos braços o amor de sua vida.

— Como você descreveria a história deles?

Passei a mão na moldura da imagem e, com os olhos cerrados, foi como voltar no tempo. As palavras fluíram facilmente de meus lábios:

— Cada passo na dança da vida era um resgate. Um encontro com um pedaço de si. Para no fim da canção, todos os fragmentos tornarem-se um só: uma única história de amor.

A repórter fungou. As lágrimas ganharam a batalha, finalmente caindo.

Passei rapidamente pela imagem de Samuel e sua amada, deixando para a

repórter uma pequena declaração:

— Ele resgatou sua alegria, sua alma de menina. Despertou seu coração e apresentou-lhe o amor.

Chegamos na que sempre me arrancava risos: Nathan e Gabriela.

Meu cunhado tinha minha irmã deitada em seu colo no sofá da casa de papai, seus dedos na cintura dela, fazendo cócegas. As pernas de Gabi no ar, a cabeça jogada para trás, a boca aberta em uma gostosa gargalhada e a melhor parte era o olhar de Nate brilhando com o mais puro e genuíno amor por sua esposa.

Essa eu não tinha muito a dizer, ela falava por si só, mas deixei minha impressão:

— Eles foram capazes de cometer loucuras em nome do amor.

Os dedos delicados da repórter traçaram a moldura escura da imagem. Seus olhos marejados voltaram-se para mim.

— Eu gosto dessa. Está à venda?

Flashes brilhavam ao nosso redor. Minha cabeça gesticulou que não e meus lábios expressaram o porquê.

— Eu não posso. Cada uma delas é um presente para eles. — Apontei para cada um de meus amigos nas fotos. — É parte deles.

Ela assentiu e sorriu.

— Eu entendo. E posso fazer uma última pergunta antes de terminar a entrevista?

Senti os braços do meu marido envolvendo minha cintura. Aconcheguei-me ao seu corpo e permiti que a bela repórter prosseguisse.

— Sim, querida.

Com uma caneta azul na mão, ela circulou como se estivesse mostrando cada ponto do salão.

— Você me disse que capturou a primeira imagem desta exposição há quase 22 anos. Por que expor tudo agora?

Foi difícil encontrar uma resposta. Eu sabia a importância de tudo, só não conseguia me expressar. Senti o abraço de Dan se intensificar e um beijo demorado ser deixado nos meus cabelos. E tudo se tornou simples. Veio facilmente.

— Eu não quis deixar belas histórias de amor caírem no esquecimento. Essa foi a minha forma de contá-las.

O murmúrio baixo do meu marido mostrou sua aprovação do meu retorno à indagação da repórter.

— É isso.

Seguimos para o último momento que tinha registrado para essa noite. Foi há tão pouco tempo. Estava fresco, muito recente na memória de todos.

Era minha sobrinha, minha para sempre: Pequena Luz.

A rua de casa estava silenciosa, um raro anoitecer frio. Ela tinha seus braços erguidos, o olhar fechado, voltado para o alto, sorriso leve, tão linda! Do outro lado da rua a olhavam encantados. Eles a amavam. Foi ali quando tudo mudou, para ela, para nós.

O soluço da repórter juntou-se ao meu. Sim, era uma bela e incrível fotografia e eu a descrevi com perfeição.

— A escolha de alguém mudou seus dias. Resgatou seu coração. Deu-lhe luz.

A repórter colocou a tampa na caneta, guardou suas anotações, o assistente fechou a lente de sua câmera. Missão quase cumprida.

Com o auxílio de meu esposo, nós tiramos a imagem de Luísa da parede. E eu caminhei lentamente até a bela e eficiente repórter.

— Você esqueceu isso.

Seu gemido foi alto. As lágrimas dela desciam rápidas, quentes, grossas e intensas.

Entreguei a fotografia para o bonito e conhecido assistente, que me agradeceu com um silencioso “obrigado” e uma piscadela.

E voltei para a minha sobrinha: minha pequena luz. Envolvi-a em meus braços, segurando forte sua emoção, sentindo-a intensamente na minha alma. Ela era a bela repórter que registrou em uma noite, diversas histórias.

— Eu te amo, querida. Agora enxugue as lágrimas e aproveite o restante da noite.

Ela fez, mas não saiu antes de me emocionar.

— Obrigada. É uma pequena palavra, dinda. Mas você sabe o tamanho do seu significado. — Eu realmente sabia. — E eu te amo muito mais. Mais que as estrelas do céu, multiplicadas por mil.

Ela se afastou e abriu os braços, fazendo-me lembrar de quando era pequenina e se expressava dessa forma, mostrando como sempre foi grande o seu amor. Soltou um beijo no ar para Daniel, que o agarrou e levou ao peito. Sorrindo, ela tomou a mão do bonito assistente e partiu para junto de seus pais e irmão.

A noite prosseguiu repleta de conversa leve, risos alegres e boas recordações.

À meia-noite, as luzes foram diminuídas, uma tela grande desceu na parede do fundo do salão e momentos que capturei durante toda a minha vida foram expostos ao som da minha canção e de Dan. O vídeo parou em uma única imagem que não era minha e a música continuou.

Eu tinha minha antiga câmera vermelha nas mãos, um sorriso imenso se estendia no meu rosto. A foto que eu registrei nesse dia foi o aniversário de um ano dos meus filhos. Era no quintal do meu pai. Daniel estava deitado no chão, nossas três crianças jogadas em cima dele, todos sujos de bolo, rindo, felizes. Só que nesta imagem, eu estava presente e não fazia a mínima ideia

de quem tinha capturado aquele instante, mas logo identifiquei o autor da façanha: Nate. Seu dedo batendo rápido, apontando para o peito e o sorriso bobo o entregaram. Melhor presente da noite e eu seria eternamente grata a ele por isso.

Levei minha mão aos lábios e apertei, mas quando estava prestes a lançar meu beijo para Nathan, Dan segurou meu braço.

— De jeito nenhum! Não vou ter o idiota se gabando por isso.

Nate mostrou língua para o primo. E eu fui arrastada para o meio do salão, gargalhando. Meu esposo guiou-me nas últimas notas da canção.

As luzes voltaram. Aplausos foram ouvidos, mas, para mim, o que chegou ao meu coração foram os sussurros do homem que me tinha nos braços:

— Alguma coisa me diz que eu te amarei para sempre.

Eu sentia o mesmo.

Na ponta dos pés, eu deixei um beijo doce em seus lábios, com os braços ao redor de seu pescoço eu falei baixinho o que sempre soube desde muito pequenina:

— Meu destino sempre foi você.

Ele se afastou, olhou-me com paixão e eu desejei que nossos filhos um dia encontrassem esse tipo de amor.

Eu girei nos braços de Daniel e de frente para amigos e familiares fechei

os olhos e fiz meu pedido aos Céus, para os dias que ainda viriam:

— Que nossos destinos sejam sempre amor intenso, que não caiba no peito.



*Eu sempre achei difícil entender,
Como duas vidas podem se tornar apenas uma
Mas quando eu te encontrei, eu te amei
E um milagre aconteceu, e então eu entendi
Que Deus tem sempre um plano pra nós
É preciso ter paciência e ouvir Sua voz
(Quando Deus criou você – Leonardo Gonçalves e Tatiana Costa)*

EU NUNCA DUVIDEI QUE DEUS tinha algo especial reservado para mim, mas sequer imaginaria que, nesta mesma data, 26 anos depois, eu estaria me casando com o único homem que amei na vida.

Eu amei e fui amada. Eu o perdi e o encontrei novamente. Claro que sofri muito, mas finalmente chegou o momento de me alegrar. Vejo meu vestido prateado pendurado em um cabide no quarto que, um dia, foi de minha sobrinha Nelly e que em breve terá três lindos berços para acomodar os seus

bebês quando nos visitarem, mesmo que eles morem na casa ao lado.

Sara, a minha irmã mais nova, faleceu há um mês. Eu não queria que isto tivesse acontecido tão cedo. O homem com quem vou me casar foi seu marido por 15 anos. Ela lhe deu duas filhas lindas e isso é algo que eu nunca poderia dar a Rafael. Meu sonho de ser mãe acabou quando perdi o meu bebê. E naquele dia eu só não morri por um milagre.

E sentada aqui nesta cama, olhando o vestido de noiva que minhas sobrinhas, Gabriela e Emanuelly, me deram, a minha história passa como um filme em minha mente. E ela começa no dia em que conheci a minha metade.

— *Vamos, Rachel. Eu não quero me atrasar para a festa da igreja. E nós precisamos ajudar mamãe na barraca. Trabalhamos o dia inteiro, preparando comidas para vendermos essa noite. E hoje é Dia dos Namorados. Eu ainda quero encontrar aquele menino novo que chegou de outra cidade. Ele tem olhos tão lindos.*

Eu estava me maquiando no banheiro de nosso quarto e Sara estava encostada à porta, com um sorriso bobo nos lábios.

— *Você, pelo menos, já sabe o nome do rapaz e se é de boa família?*

— *Eu não sei, Rachel. Mas eu sinto que ele é especial e que foi enviado por Deus pra mim, sabe? — Sara falava do rapaz com tanto carinho em cada palavra, que por um pequeno instante senti inveja de nunca ter passado por isso.*

Eu já não era tão nova. Tinha 24 anos e nunca havia conhecido o amor, a

não ser o de nossos pais e avós. Mas aquilo que minhas amigas sempre falavam de sentir a mão suar, o coração acelerar e aquele arrepio gostoso passar por seu corpo, ao simplesmente olhar para um rapaz, eu nunca havia sentido.

Eu só esperava não envelhecer solitária. Mas, sim, que algum dia o amor batesse em minha porta e entrasse. E que fizesse morada ali. Pois se chegasse para me fazer sofrer, eu preferia estar só.

A batida na porta do quarto me fez voltar à realidade.

— Entre!

A porta se abriu e Nelly passou sorrindo por ela.

— Está tudo bem, tia Rachel?

— Sim, meu amor. Eu só estava perdida em pensamentos, lembrando-me do dia que conheci o seu pai.

Nelly sentou-se ao meu lado na cama e começou a bater palmas.

— Oh, tia Rachel. Não se pode deixar uma grávida curiosa.

Ouvimos um barulho vindo da porta do quarto.

— Imagina deixar uma grávida e uma que acabou de ganhar um bebê lindo curiosas. Isso é pecado, tia. — Gabi estava em pé com as duas mãos na sua cintura. Ela tinha a boa genética de Sara. Fazia quinze dias que Miguel tinha nascido e ela já estava voltando à boa forma.

— Ok, meninas. Eu vou ajeitar as almofadas e vocês vão deitar na cama, igual fazíamos quando eram pequenas e contávamos histórias para as duas dormirem.

Coloquei travesseiros e acomodei as minhas princesas, peguei uma manta e as cobri.

Oh, Deus! Que saudade de quando eram tão pequeninas. Eu contei tantas histórias para as duas dormirem. E, em breve, estarei contando para os bebês que estão na barriga de Nelly, e também para Luísa e Miguel, os filhos de Gabriela.

— Bom, vamos lá. Eu conheci Rafael no Dia dos Namorados.

— Oh, meu Deus! Meu pai é rústico, mas sabe ser romântico também. Por isso escolheu esta data para o casamento.

Sorrindo, respondi a Gabriela:

— Seu pai é especial, Gabi. Você vai conhecer dois lados diferentes dele nesta história.

— Continue, tia, porque daqui a pouco os três aqui dentro vão começar a me chutar de tanta fome.

Olhei em meu celular e vi que realmente o horário do almoço estava se aproximando.

— Bom, naquele dia, eu e a mãe de vocês tínhamos uma festa em nossa igreja. Foram montadas várias barracas no estacionamento e cada família da

congregação seria responsável por uma. Nós duas ajudamos mamãe a preparar docinhos, tortas, salgados e cachorro-quente o dia todo. E o dinheiro das vendas seria usado para terminar o berçário e a sala de crianças, no templo.

“Nós fazíamos aquilo com muito amor, meninas. Ver cada mãe, chegando cansada de um dia de trabalho, às vezes no lar ou em uma empresa, e ter um lugar onde deixar o seu bebê e poder participar do culto tranquilamente, sabendo que seu filho estava sendo bem cuidado, era gratificante.”

“A nossa congregação era pequena, composta praticamente por famílias vizinhas no bairro. Conhecíamos todos. E nesse dia, Sara estava bastante animada, porque veria o rapaz que roubou seu coração com apenas uma semana que havia chegado à vizinhança.”

— Era o papai?

— Não, Gabi. Era o Marcos. Ele e seus pais se mudaram para o nosso bairro e passaram a se reunir em nossa igreja. E sua mãe se apaixonou perdidamente por ele.

— Por que complicaram tanto a história de vocês, tia Rachel? Se a mamãe conheceu o Marcos primeiro que o papai, e ele era seu verdadeiro amor, qual o motivo de terem ficado 15 anos juntos?

— Eu estou olhando para ele agora mesmo, Gabriela. Vocês duas são o motivo de Sara ter escolhido guardar no fundo de seu coração o amor por um homem e viver o amor incondicional que uma mãe sente por um filho.

— E a escolha dela tem a ver com você, tia? Ela me contou antes de morrer.

Fechei meus olhos um instante e lembrei-me de Sara com saudades.

— Sim, Nelly. Eu vou chegar nessa parte em breve. Mas vamos continuar. Bom, eu já estava um pouco atrasada para as festividades. Nossos pais já haviam saído de casa há mais de uma hora e Sara estava reclamando sem parar para que eu me adiantasse. Terminei minha maquiagem rapidamente e trancamos a casa. Chegamos em menos de dez minutos na festa. O templo ficava a dois quarteirões de onde morávamos. Passamos pelo grande portão e encontramos vários amigos. Cumprimentamos todos e nos dirigimos para a nossa barraca. O movimento era intenso, e as guloseimas de mamãe foram as primeiras a acabar naquela noite. Papai nos liberou para aproveitarmos a festa, que eles ficariam por conta da limpeza. Então, eu e Sara passamos a circular entre as pessoas. Logo a mãe de vocês encontrou o Marcos e sumiu. E eu passei por um carrinho de pipoca, comprei um saquinho e fui para um dos lugares que mais amava: o parquinho das crianças, que ficava atrás do templo. Sentei-me em um banco sozinha. Mas não fiquei assim por muito tempo. Logo, um rapaz alto, forte e de olhar muito intenso, sentou-se ao meu lado e me perguntou por que estava sozinha. Lembro-me de que girei um pouco o corpo para poder observá-lo melhor. Ele era tão lindo! E ali, eu senti o que sempre almejei: os arrepios pelo corpo, minhas mãos suaram... e eu devo ter feito papel de boba para Rafael, pois tenho praticamente certeza de que corei e fiquei de boca aberta ao olhá-lo.

— Oh, sim, meu amor. A luz da lua me fez enxergar esse rosto lindo, todo corado de vergonha ao conhecer esse homem gostoso aqui.

Jesus, que susto! Rafael abriu a porta e entrou no quarto tão silenciosamente que eu e as meninas nem percebemos.

— Quer me matar do coração, homem?

— De jeito nenhum, mulher. Mas não perderia a chance de vê-la corada de novo, como naquele dia perfeito.

— Eu não estou corada.

— Mas vai ficar em breve. Vamos descer, mulheres da minha vida, e almoçar. Depois você continua a nossa história para as meninas. Ah, garotas... eu a tornei *minha* mulher naquele dia.

Santo Cristo, eu senti o sangue do meu corpo ir quase todo para o meu rosto.

— Eu disse. Linda e vermelhinha.

— Vá embora, Rafael. Logo nós descenderemos.

Rafael saiu do quarto, rindo de mim, como fez anos atrás.

— Ok. Vamos finalizar essa parte da história. Eu conheci o pai de vocês na festa da igreja e, pela primeira vez em 24 anos de vida, eu não voltei para casa. Eu conheci o amor naquela noite. Rafael me fez mulher. E ali, um até então estranho passou a ser a minha razão de respirar.

— Eu preciso comer bastante. É muita informação sobre meu próprio pai para uma mulher que acabou de parir.

— Eu estou grávida de três, Gabriela, e não estou tão apavorada como você.

— Ei, mamãe preparou seu coração. E eu tenho a mente muito mais fértil que a sua. E não estou com nenhum pingo de vontade de visualizar papai pegando tia Rachel.

— Ok, meninas. Vamos descer. Eu tenho uma surpresa para vocês após o almoço.

Ajudei as duas a se levantarem da cama e descemos as escadas. Vários cheiros se misturavam vindo da cozinha, mas o que eu havia preparado iria fazê-las lembrar-se de minha doce irmã.

Em seguida, nos dirigimos para o quintal, onde todos os nossos amigos já se encontravam. O *freezer* estava cheio de bebidas, a carne na churrasqueira e havia muita comida nas mesas. E eu ainda não conseguia enxergar essa casa como sendo minha.

Rafael passou seus braços por minha cintura, e eu me aconcheguei em seu peito.

— Isso é seu sim, minha pequena. A minha família é sua. Não duvide. Foram vários anos de espera. Mas, enfim, chegou a hora de vivermos o que Deus preparou para nós dois.

— Eu não quero tomar o lugar dela, Rafael.

— Não irá, Rachel. Sara cumpriu a sua missão na Terra. E o lugar dela

estará sempre guardado em nossas vidas. Ela me deu o sentido de acordar todos os dias e dirigir meu caminhão para trazer o sustento para casa: as minhas filhas. E se eu disser que não a amei, eu estaria mentindo pra você. E isso eu nunca faria. Era um amor diferente, um amor amigo. Ela me amparou quando você foi embora.

— Me perdoe, Rafael. Eu não devia...

Rafael me girou em seus braços, nos colocando um de frente para o outro.

— Ter ido embora? Não devia mesmo. Eu nunca a teria abandonado. A dor de ter perdido o nosso bebê foi enorme, mas a de você ter duvidado do meu amor foi ainda maior.

— Eu não podia mais realizar o seu sonho, Rafael. Você não seria pai. E eu não conseguiria viver, olhando em seus olhos, e sabendo que estava falhando com você. — As lágrimas já rolavam por meu rosto. Falar de Matheus sempre foi muito difícil.

— Eu sofri muito, pequena. Nós teríamos conseguido passar por aquele sofrimento juntos. Mas como o seu pai sempre dizia...

— Deus tem um propósito em tudo.

— Isso. E eu não mudaria nada do que vivi. Demorou muitos anos, mas hoje eu estou vivendo o meu amor verdadeiro e tendo ao nosso lado os presentes que Sara nos deu: Gabriela e Emanuely.

Rafael enxugou meu rosto. E me beijou com carinho.

Eu estava nervosa. A surpresa que tínhamos preparado para a nossa família já estava perto de chegar. E iria mudar, mais uma vez, as nossas vidas. Passei a minha mão trêmula no rosto de Rafael.

— Será que irão gostar de nossa surpresa?

— E tem como não amar?

Eu sorri. Pois não tinha mesmo. Era um presente especial demais.

— Não. Não tem. É amor à primeira vista.

Rafael beijou meus lábios e seguimos juntos para o almoço em família e amigos. Depois de vários papos e sorrisos, eu me levantei e fui até a geladeira. Em seguida, voltei com algo que faria as minhas sobrinhas se lembrarem de sua infância ao lado de Sara. Quando coloquei na mesa, Gabriela gritou e Nelly chorou: mosaico de gelatina com bastante leite condensado e creme de leite.

— Verde e amarelo. As minhas prediletas. — Gabi chegou a bater palmas de tanta alegria.

— Vermelho e roxo são as minhas. — Nelly enxugou uma lágrima e começou a falar: — Você lembrou, tia Rachel? Mas nós preparávamos cada gelatina juntas. E você fez isso sozinha. Está errado.

— Não, minha princesa. Essa era uma tradição de mãe e filhas. Não incluía uma tia.

— Qual a parte do “cuide bem delas”, você não entendeu, tia Rachel? A

nossa mãe entregou o que mais amava em suas mãos antes de partir. E no pacote incluía as duas filhas dela, os genros e os netos.

— Ei, e um ex-marido também! — Rafael deu um sorriso safado, sentado à cabeceira da mesa.

— Viu? Até o papai concorda. Agora eu vou saborear essa delícia, porque eu estou grávida e posso. E da próxima vez, faremos juntas. — Nelly se levantou e me abraçou. — Eu te amo, tia Rachel. E obrigada por estar sempre presente em minha vida.

Abracei a minha afilhada e sussurrei em seu ouvido:

— Não fale nada para Gabriela, mas o que me fez ficar novamente em Rio Doce foi você. Quando a segurei em meus braços e vi os seus olhos dourados e os cabelos idênticos aos de minha irmã, eu vi refletido em você a primeira pessoa que amei depois dos meus pais. Eu vi Sara em você. Mas aqui, Nelly — toquei seu peito com minha mão —, aqui em seu coração, você é inteiramente Rafael.

— Então, eu tenho a metade das pessoas que você mais amou na vida?

— Sim, minha princesa.

— Você vai estar comigo, tia Rachel, quando os meus bebês chegarem?

— Oh, com toda a certeza deste mundo. Eu estou louca para vê-los crescer e me chamar de vovó.

— E verá.

Terminamos de comer a sobremesa. E enquanto os homens foram para a cozinha lavar as vasilhas, eu subi com Nelly e Gabriela ao quarto. Acomodei as duas novamente na cama e continuei a minha história:

— Bom, pouco tempo depois eu descobri que estava esperando um filho. Não foi fácil a aceitação de minha mãe. Para ela, só podíamos ter filhos após o casamento. Mas, com todo o carinho do mundo, meu pai sempre esteve ao meu lado. Não sei se era porque ele e Rafael se deram bem logo ao se conhecerem, pois dividiam a mesma paixão, que também era a sua profissão: caminhoneiros. Ou se meu pai já enxergava o que nem eu mesma tinha percebido: que Rafael era o que Deus tinha destinado para mim.

— Tenho saudades do vovô. Enquanto ele era a atenção e o carinho em pessoa, vovó era a sabedoria.

— Isso é verdade, Gabi. E foi essa sabedoria que fez minha mãe escolher o que era melhor para mim. A avó de vocês trabalhava na recepção do hospital de Rio Doce. Ela via novas vidas chegando e outras dizendo adeus diariamente. E foi naquela recepção que Rafael pediu a minha mão em namoro logo na primeira semana que nos conhecemos. E mamãe lembrou-se disso. Ela sabia que ele era um homem honrado. Eles conversaram e marcaram a data de nosso casamento, mas antes papai queria nos dar um teto. Ele dizia que não estávamos mais sozinhos: tinha uma criança inocente para nascer.

— E ele se desfez do próprio carro para construir um lugar para vocês morarem.

— Isso, Nelly. Sara te contou?

— Algumas coisas. Mas ela disse que a história era sua e de papai.

— Sara foi a personagem principal dessa história, Nelly. Mas eu vou chegar nessa parte.

Ouvimos um choro gostoso de bebê. E Nathan entrou no quarto com Miguel no colo.

— Ele está faminto, Gabi.

— Não sei a quem esse menino puxou, Nathan. Ele é guloso.

— Oh, mas eu sei! Os dois. E agora, além da comida de Nelly, ele terá a minha para saborear todos os dias.

Eu tive que conter uma gargalhada. Ele era a cópia dos pais, que também eram famintos. Em seguida, Nate entregou Miguel a Gabriela e já ia saindo do quarto, sorrindo, quando escutou Gabi dizer:

— Vou me matricular na Stars. Vou fazer aula de dança com o gostoso do Paulo, senão vou descer rolando as escadas de casa de tão redonda que vou ficar. E a culpa será de vocês duas.

— Eu ouvi, Gabriela.

— Ok. Sem Paulo, Nathan. Vou ter que ver a bunda durinha do Luís remexendo, e saber que aquele homem delicioso gosta da mesma fruta que eu é muito injusto!

— Mulher sábia.

— Some daqui, Nathan!

Nate soprou um beijo e, enfim, saiu gargalhando.

— Vamos continuar?

— Pode continuar, tia. Esse mocinho vai demorar bastante no meu peito.

— Nos fundos da casa de papai, tinha um quarto e um banheiro que minha mãe usava para fazer arcos, tiaras e outros artesanatos para ajudar na renda da casa. Eles sempre fizeram questão de nos dar uma boa educação. E o dinheiro extra de mamãe era usado para pagar a nossa escola. Eles sentaram e conversaram. E juntos decidiram vender o carro e aumentar a casa. Construíram outro quarto, uma sala e uma cozinha. E eu não cheguei a morar um dia sequer no que meus pais nos deram.

— Isso é triste, tia Rachel.

— Não enxergue assim, Gabriela.

— Mas você perdeu tudo, tia Rachel.

— Perdi. No dia que iam entregar a chave de minha casa e que, finalmente, eu poderia me mudar e esperar o meu casamento, eu acordei passando mal. E ao anoitecer, eu não tinha mais o meu filho e nunca mais poderia ter nenhum.

— E por que foi embora, tia?

— Porque quando se ama, Nelly, você quer realizar todos os sonhos de seu companheiro. E naquele dia, o sonho de Rafael tinha morrido para mim.

— Ele sofreu, tia.

— Eu também. E por isso eu não aguentaria olhar nos olhos dele e ver a dor estampada no rosto de quem sempre vi sorrir. E decidi ir embora. E no tempo que estive fora, eu tentei de todas as formas amenizar um pouco a dor e a saudade. Fiz um curso de cabeleireira e, com a ajuda de minha tia, eu montei o meu primeiro salão na capital do Estado.

— E foi quando mamãe precisou de você.

— Foi, Nelly. Ela estava grávida de Gabriela. E o pai era o homem que eu amei e amo incondicionalmente. Sara sofreu ao saber que Marcos tinha engravidado uma mulher em um posto de gasolina em uma de suas viagens. E, em meio à dor que ela e Rafael estavam passando, eles tiveram uma noite de amor juntos. E ela não queria se casar por minha causa.

— E como você fez, tia Rachel, para suportar tudo isso?

— Eu guardei bem escondido dentro de mim todo o amor que sentia por Rafael, e apoiei Sara para formar uma família com aquele homem íntegro e maravilhoso. Trouxe o meu salão para Rio Doce e me dediquei ao trabalho. Mas sempre estive presente junto a Sara nos momentos de ausência de Rafael devido às viagens que fazia como caminhoneiro.

— Nós nunca percebemos nada, tia.

— E não era para se perceber nada. Eles viveram 17 anos juntos. Foram fiéis um ao outro. E quem decidiu dar um fim ao casamento foi Sara.

— Ela quis amar e ser amada, como um homem deve amar a mulher de sua vida.

— Sim, Nelly. Vocês já não eram mais crianças. Ela só errou ao não dizer a verdade. Vocês sofreram por oito anos separadas. Ela nunca imaginou que você a encontraria junto de seu suposto amante.

— Ela me disse.

— Mas até aquele dia, ela foi fiel ao seu pai. Sara foi embora para ser feliz e esperava que Rafael também fosse.

— E por que demoraram tanto para viver esse amor?

— Porque ele precisava primeiro ver as suas duas razões de respirar, felizes e seguras. E, finalmente, quando Daniel apareceu, ele pôde cuidar da própria vida.

— Papai deixou tudo por nós duas.

— Não, Preciosa. Eu só precisava ter certeza de que as minhas duas razões de viver iriam encontrar o seu par perfeito. Só assim o meu coração poderia sossegar e viver a paixão de uma vida inteira por essa linda mulher que está na frente de vocês. — Rafael estava encostado no batente da porta e olhava encantado para as mulheres de sua vida.

— De novo, Rafael? Esse é um momento de meninas!

— Eu sei, meu amor. Mas o nosso presente chegou.

— Oh, Deus! Ele já está aqui?

Ele era a nossa nova razão de viver. Ele precisava de mim e de Rafael. E eu estava pronta para me dedicar, amar e o guiar nessa nova vida. Eu sabia que iria chorar. Só de pensar que agora ele era todo meu. Ou melhor, nosso! Era inevitável tentar conter as lágrimas, mas agora elas eram de realização.

— Não chore, minha pequena. Vamos descer.

Enxuguei minhas lágrimas e ajudei Nelly a se levantar da cama, Rafael pegou o neto no colo e Gabi se arrumou para que pudéssemos descer.

— Que presente é esse, papai?

— É um presente muito especial, Preciosa. Desçam na frente. Eu, Miguel e Rachel iremos logo atrás.

Nelly e Gabriela desceram as escadas e lá de cima eu já podia contemplá-lo. Ele era tão pequeno e tão lindo. Eu viveria meus dias em favor dele. Faria de tudo para vê-lo sorrir. Ele estava de mãos dadas com João Pedro.

— IAN! — Nelly gritou.

— Tia Nelly! — Meu pequeno tesouro soltou a mão de João Pedro e correu para os braços de Nelly.

Ela tocava seu rosto e seus cabelos dourados.

— O que faz aqui, pequenino?

— Eu ganhei um papai e uma mamãe, tia Nelly. Eles gostam de mim, de verdade, sabe, tia? Eu não vou mais para a escolinha sozinho. Ninguém mais vai rir de mim. Eu não sou mais sozinho.

— Santo Cristo! — Nelly olhava com os olhos marejados para mim e seu pai. — E se eu te contar que, além de um papai e uma mamãe, você ganhou duas irmãs e cinco sobrinhos?

— Isso é muito legal. Mas eu vou continuar a te ver, tia? Eu não quero ficar longe de você e do tio JP. Tia Sara já foi embora.

— Deixa eu te abraçar, pequenino. — Nelly chorava abraçada a Ian.

— Ian, você acabou de ser abraçado por sua nova irmã. Nós sempre estaremos juntos.

— Não acredito. É verdade, mamãe?

Ajoelhei-me e abri meus braços. Ian correu e se jogou neles. Acariciei seus cabelos e beijei sua face.

— Sim, meu pequeno tesouro. A sua família é bem grande e muito amorosa. Agora, venha comigo. Vamos nos sentar aqui, que eu vou te apresentar cada um.

Antes de me sentar no sofá, alguém tocou em meu braço fazendo com que eu me virasse.

— Não o afaste de mim, Rachel. Por favor. Ele é o que me sobrou de Sara. Só ele me restou do que ainda posso chamar de família.

Minha irmã tinha razão. João Pedro era uma criança carente em um corpo enorme de homem. E eu continuaria a fazer o que Sara começou. Daria amor e uma família a ele. Então, pedi a Rafael que segurasse Ian e chamei JP para se sentar ao meu lado.

— Você não está só, querido. Esse lar também é seu. Não fui eu que construí tudo isso. Foi a sua mãe de coração. Sara te deixou irmãs e sobrinhos. E se precisar de conselhos de uma mãe inexperiente, eu estarei aqui. Sempre ao seu dispor.

João Pedro me surpreendeu ao me abraçar. Ele chorava. Eu sei o tamanho da dor que ele estava sentindo. Saudade machuca. E a dele era ainda maior que a minha. Perder um pai e a única referência de mãe que ele teve, era angustiante.

— Me desculpe. Eu molhei a sua blusa.

— Não se preocupe. Fique para almoçar conosco.

— Obrigado, Rachel. Por me acolher também.

— Sempre, querido.

Como os nossos amigos já tinham ido embora, só estávamos em família. E apresentei cada um deles para Ian. Era difícil chegar no coração dele. Ainda bem que não estava só. Nelly seria fundamental na adaptação do meu

pequeno. Sentamos todos na sala e resumi a história de Ian.

— Sara me apresentou Ian há dois anos. A princípio, quem o adotaria seria ela. No orfanato ele sempre foi um menino solitário e só mantinha contato com poucas pessoas. Mas, com poucas visitas, Sara alcançou seu coração ferido. Porém, ao descobrir a sua doença, ela ficou receosa em relação à adoção. E eu fui apresentada a esse pequeno tesouro. No início foi difícil, mas também consegui chegar ao coração dele.

Ian acariciou meu rosto e sussurrou:

— Eu te amo, mamãe.

— Eu também te amo, minha vida.

Coloquei Ian em meu colo e continuei a história:

— Decidi entrar com o processo de adoção após alguns meses. E, mais de um ano depois, a guarda dele me foi concedida. E isso aconteceu há exatamente três dias.

— Eu ganhei uma nova mãe e um irmão. Isso é meio que surpreendente. — Gabriela estava um pouco chocada com os novos acontecimentos. — E acho que Nathan vai ganhar um genro.

Rafael e Daniel já estavam gargalhando. E Nathan resmungando.

Luísa chamou Ian para ser o príncipe dela em sua brincadeira com as Barbies.

— Mantenha o seu pequeno tesouro longe da minha pequena luz, Rafael.

— Mas de jeito nenhum! Deixa ele crescer e chegar dirigindo a carreta maravilhosa que eu vou dar para ele. Aí sim, você vai ter que se preocupar. Um homem bonito e um carro grande é um pacote completo para a felicidade de uma mulher, não é, Rachel?

— Com certeza, querido. Mas é lógico que ele vai ter o diploma de médico junto.

Nathan resmungava ainda mais:

— Mas por que você vai ensinar ele a dirigir e eu não posso?

— Porque ele é meu filho. Você é um agregado da família, Nathan.

— Isso é injusto!

— Não é. Filho *versus* agregado. Ian ganha em disparado.

— Vou jogar isso na cara dele daqui a uns bons 25 anos.

— Eu daria no máximo doze ou treze.

— Mas de jeito nenhum!

— Veremos. Agora vamos adiantar as coisas aqui. Eu me caso daqui a poucas horas, família.

Gabriela saiu discutindo com Nathan, falando que não estava criando filha

para ir ao convento, enquanto Nelly subiu com Daniel para o seu antigo quarto.



Minhas funcionárias do salão chegaram para arrumar nossos cabelos e maquiagens.

— Eu não sabia sobre Ian, tia Rachel. Obrigada por proporcionar a ele o que desde muito pequeno ele sempre sonhou: uma família. Eu o conheço há poucos meses. Mamãe me levava no orfanato e eu o amei desde que o vi.

— Ele me escolheu, Nelly. E eu não poderia perder a nova chance que Deus me deu de ser mãe. Ele só foi gerado de forma diferente. Não no meu útero. Mas sim, no meu coração.

— Vocês se escolheram, tia. E isso é especial.

Resolvemos todas nos arrumar ali. E Rafael e Ian seguiram para a casa de Daniel para o banho e depois se prontarem.

Nosso casamento no civil tinha sido no dia anterior. E hoje nós só teríamos um culto de glorificação a Deus pela nossa união. Por opção minha, tudo aconteceria aqui: no nosso lar.

Cíntia e Ester ficaram responsáveis de organizar o ambiente. Deixei a

critério delas. Só exigi que a minha flor predileta estivesse presente no local: rosas brancas. Do mesmo tipo que Rafael roubou do jardim da igreja para me presentear quando nos conhecemos.

Eu pensei que estaria nervosa. Porém, em vez disso, eu sorria. Era um sonho de mais de vinte anos se concretizando. Em seguida, minhas meninas me ajudaram a colocar o vestido e era chegada a hora de dizer o tão esperado “sim”.

— Está faltando algo.

— Faltando o que, Nelly?

— Isso. Abra o estojo, tia. — Peguei o estojo de joias azul em minhas mãos e o abri. E com carinho me lembrei da pessoa que iluminou meus dias desde o momento que nasceu: a minha Sara. — Ela pediu para te entregar. Mamãe tinha certeza de que esse dia chegaria em breve.

Dentro do estojo tinha um colar e um brinco de brilhantes, que Sara usaria em seu casamento, mas que preferiu guardar. Ela sempre dizia que seria usado para a união de duas almas destinadas ao felizes para sempre. As joias passaram de nossa avó para nossa mãe, e dela para mim.

Minhas mãos tremiam. Fechei meus olhos e lembrei de seu sorriso encantador, sua voz delicada e seu toque carinhoso. Eu nunca me esqueceria de Sara.

— Posso colocar, tia?

— Sim, Gabi.

Gabi colocou as joias em mim. E segurou minhas mãos, dando um leve beijo em cada uma.

— Faça meu pai feliz.

— Sempre, Gabriela.

Minhas sobrinhas deixaram o quarto. E sozinha eu fiz a minha retrospectiva da semana.

Rafael marcou todas as minhas manhãs destes últimos dias. Desde segunda-feira. Antes de sair para trabalhar, ele deixava uma rosa branca onde dormiu. Em cada rosa, havia um bilhete amarrado com fita vermelha. Segui para nosso quarto e abri a primeira gaveta da cômoda e comecei a reler os bilhetes que havia guardado.

Primeiro dia.

Beije-me ele com os beijos da sua boca, porque melhor é o seu amor do que o vinho. Cantares 1.2

"Nós dois agora somos um..."

Rafael

Segundo dia.

Quão formosa e quão aprazível és, ó amor em delícias! Cantares 7.6

"E bate um só coração..."

Rafael

Terceiro dia.

Eu sou do meu amado, e ele me tem afeição. Cantares 7.10

"Juntos sempre viveremos..."

Rafael.

Quarto dia.

E sou do meu amado e o meu amado é meu... Cantares 6.3

"Para sempre amaremos..."

Rafael

Quinto dia.

As muitas águas não poderiam apagar esse amor nem os rios afogá-lo...
Cantares 8.7

"E assim eu posso perceber..."

Rafael

Nosso amor foi mais forte que tudo. Passamos por tantas coisas. Não há nada mais belo que a expressão do amor entre um homem e uma mulher que estão comprometidos um com o outro. E isso ele me mostrou em palavras, em toques, em beijos e em atos. Era incondicional, intenso e duradouro.

Deixei todos os bilhetes em sequência em cima da cômoda e enxuguei duas lágrimas teimosas que insistiram em cair.

Já podia ouvir as vozes vindas do quintal. Só tínhamos convidado os nossos funcionários e a família de Ester e Davi, Lorenzo e os filhos. Era algo bem íntimo.

Descemos as escadas e Cíntia veio nos dizer que dariam início a cerimônia. Com um toque instrumental, Rafael entrou pelo corredor criado com rosas brancas, com dona Laura. Logo em seguida, Nelly e Gabi também entraram. As duas estavam lindas usando o mesmo modelo de vestido, em tom de azul-claro. Para não criar brigas, eu entraria de braços dados com Nathan e Daniel.

E ao iniciar a marcha nupcial, nós seguimos juntos até o altar. E Daniel me entregou a Rafael, dizendo:

— Cuide bem dela.

— Mais do que a mim mesmo.

Mas, como sempre, Nathan não perderia a chance de implicar:

— Olhos de águia em cima de você, sogrão. Faça-a sofrer que eu

encomendo uma boa surra para o senhor.

— Babaca!

— Rafael, respeito! Isso é um culto. E se ele ousar me fazer sofrer, eu tenho ótimas frigideiras na cozinha, Nate. Elas vão adorar dar um beijo na cabeça dele.

— Tia Rachel, agora eu sei a quem Gabriela puxou.

Gabi saiu arrastando Nate pelo colarinho e o pastor deu início à cerimônia.

Foi algo bem rápido. Ele explicou o texto escolhido da Bíblia e era chegada a hora da troca de alianças. Pensei que somente eu iria surpreender a minha família neste dia. Mas foi a vez deles me deixarem sem palavras. Levi pegou seu violão e se sentou ao lado de Dan e Nelly. Os dois estavam com microfones nas mãos.

Uma canção que não conhecia foi iniciada. E a voz rouca e afinada de Daniel invadiu o ambiente e tocou profundamente em meu coração.

*“Eu sempre achei difícil entender,
Como duas vidas podem se tornar apenas uma
Mas quando eu te encontrei, eu te amei
E um milagre aconteceu, e então eu entendi
Que Deus tem sempre um plano pra nós
É preciso ter paciência e ouvir Sua voz...”*

E a voz suave e delicada de Nelly se juntou a melodia. E sem querer eles

me deram a canção que definia o meu amor e de Rafael em palavras.

*“... Nós dois agora somos um,
E bate um só coração.
Junto sempre viveremos
Para sempre amaremos
E assim eu posso perceber,
Não sou nada sem você”*

E foi o momento mais especial de nosso dia quando vi Ian entrando junto com Luísa, carregando nossas alianças. Sussurrando em meu ouvido, Rafael disse que Ian era nosso. E que ele era o que o nome dele significava. Deus é gracioso. Nosso pequeno tesouro era a graça do Pai em nossas vidas.

Enquanto a canção prosseguia, Ian entregou as alianças a Rafael. E de joelhos nós as trocamos, após uma oração abençoando nosso lar.

— Os bilhetes, Rafael. Era a canção. Foi você...

— Sim, pequena, eu escolhi a canção do nosso amor. Deus me deu você, meu amor. E é para vida toda. — Rafael me puxou pela cintura e tomou os meus lábios. Sedento, necessitado. Mas também foi um beijo carregado de ternura, paixão, promessas e muito amor.

Fomos aplaudidos. Recebemos os cumprimentos de nossos convidados e demos início à festa. Quase uma da manhã, Ian já estava aninhado no peito de Rafael. Eles estavam trajando roupas iguais. Pai e filho. Perfeito!

Pedimos licença aos convidados que ainda estavam presentes e subimos

para colocar nosso pequeno tesouro para dormir.

O antigo quarto de hóspedes, agora um quarto infantil, estava decorado com vários carros. Enquanto Rafael cuidava da higiene de Ian, no banheiro, eu ajeitei a sua cama.

Logo eles voltaram e nosso menino vestia um lindo pijama. Deitou no meio da cama e pediu que nós o abraçássemos. Rafael deitou na sua frente e eu nas suas costas. Ian deitou no braço forte de seu pai. E eu acariciava seus cabelos sedosos.

— Feliz, minha pequena?

— Muito.

— Esse é o nosso felizes para sempre?

— Para todo o sempre, Rafael.

Pai e filho já estavam quase dormindo. E a voz que me trouxe riso aos lábios, aqueceu meu coração com uma simples frase:

— Eu amo vocês, papai e mamãe.

— Nós também te amamos, pequeno tesouro.

A visão da felicidade estava à minha frente: a minha metade e a extensão de nosso amor.

Ian estava agarrado em Rafael. Eu tinha certeza de que nesta noite o nosso

menino teria sonhos bons, repletos de amor e felicidade.

Levantei-me devagar, porque precisava trocar o meu vestido.

Caminhei para nosso quarto. E ao acender a luz eu encontrei o último bilhete e algo a mais.

Sexto dia e o início de um amor a dois. Ou melhor, de uma família.

...tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. I Coríntios 13.7

"Não sou nada sem você"

Rafael e família.

Ao lado do bilhete havia um envelope. E, claro, que ela não podia faltar no meu dia especial. Sara estava ali de uma forma ou de outra. Abri o envelope e peguei um pequeno cartão. Era a caligrafia de minha irmã.

Ele está voltando para o lugar onde pertence.

Amo vocês. Eternamente.

Sara.

E ali dentro daquele envelope ela me devolveu algo que pensei ter perdido há anos: meu anel de noivado. O símbolo do nosso amor e que havia deixado para trás ao abrir mão da minha felicidade. Quando achei que havia perdido tudo, junto com meu filho, eu entreguei a ela para que devolvesse a Rafael. E ela o guardou.

Minhas mãos tremiam. E o choro não cessava. Queria poder abraçá-la. Eu perdi tudo e ela me devolveu. Meu amor por Sara sempre será eterno.

Em seguida, coloquei o anel junto de minha aliança de casamento.

Era o passado, o presente e um futuro por diante. Todos juntos.

Tirei o meu vestido. E quando ia colocar a camisola branca que minhas sobrinhas deixaram separada no armário, Rafael entrou no quarto sem o terno. Com suas mãos calejadas, mas com o toque suave, ele me ajudou a me vestir. Em seguida, beijou minhas mãos e nos guiou para o quarto de Ian.

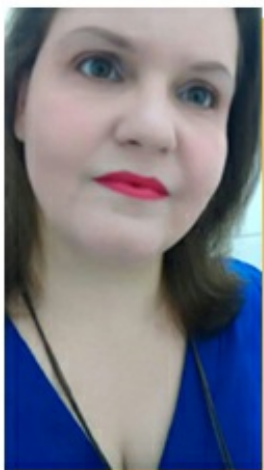
Paramos na porta, e Rafael me abraçou. Juntos contemplamos o sono tranquilo e sereno de nosso filho.

Nós trilhamos caminhos difíceis durante muitos anos. Nos conhecemos, nos amamos. Nos separamos e nos reencontramos. Era o que Deus tinha nos reservado. A mim e Rafael.

Mas Ele nos deu o que sonhamos há exatamente 26 anos: uma família abençoada que uniu os laços de sangue e de coração.

Realmente, a espera do nosso amor valeu a pena. Enfim, nossos corações

nunca deixaram de se amar. Só esperamos o tempo de Deus para o nosso amor acontecer.



BIOGRAFIA

Lenny Silva



Capixaba, leitora compulsiva e completamente apaixonada por livros, que encontrou na escrita uma forma de extravasar suas emoções e dar vida aos seus sonhos. Casada, vive com o marido e os dois filhos em Linhares, no Espírito Santo.

Alicerce do Amor, primeiro volume da *Série Destino*, seu romance de estreia na literatura, foi postado no Wattpad e atingiu a marca de 296 mil leituras.

Autora de *Renascer para Amar*, primeiro volume da *Série Irmãos De Angeli*, publicado Editora Planeta Literário, e *Sempre em meu Coração*. Também participou de várias antologias com os contos *Uma Noite de Luz*; *À Espera do Amor* (Spin-off de *Alicerce do Amor*); *Marcas de Sangue*; *Reencontro*; e *Conectados no Amor*.

Seus romances são ricos em personagens, com forte presença de laços e princípios familiares. A fé e a superação estão sempre presentes em suas

histórias. Reflexo de uma autora doce, humana, que valoriza a amizade e a família, e que é otimista com a vida.

REDES SOCIAIS

Facebook: Lenny Silva

FanPage: Autora Lenny Silva

Grupo no Facebook: Delírios da Lenny Silva

Instagram: @lennyesilva

E-mail: lennyesilva@gmail.com

OBRA



À venda em e-book na [amazon](https://www.amazon.com.br).

1)

This Little Light of Mine é uma música interpretada por Addison Road, uma banda cristã de pop rock e rock alternativo vinda de Dallas, no Texas. ↵

2)

A história da doutora Bárbara está no romance *Conectados no Amor*, da mesma autora. ↵